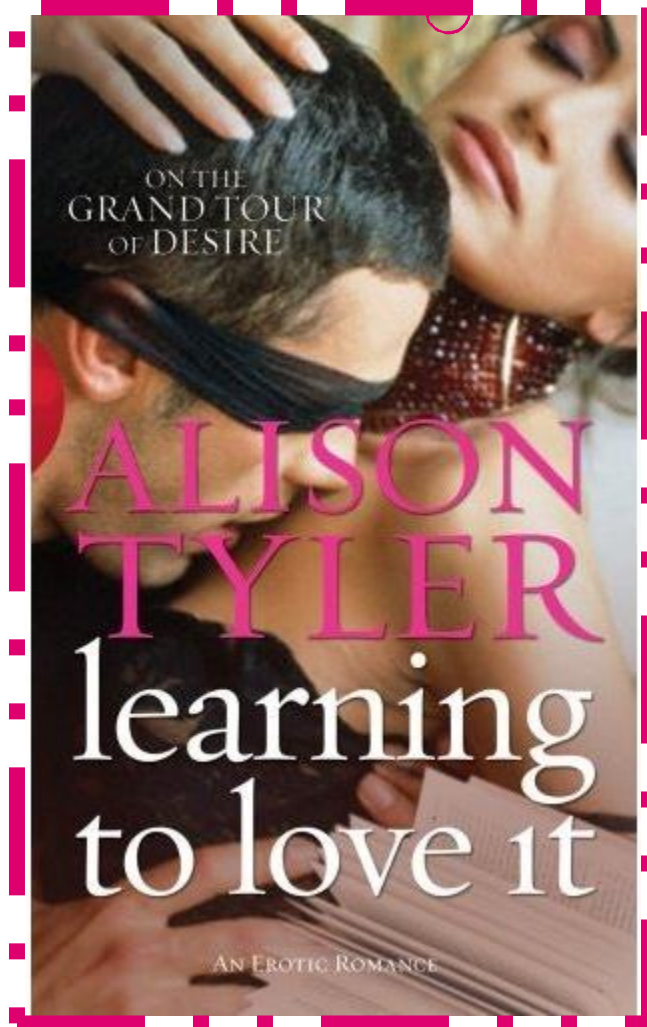


A arte de Agradar

Alison Tyler



A historiadora de arte Lissa, e o Dr. Colin se conheceram na feira do livro de Frankfurt, onde estavam ambos promovendo seus últimos livros. Na feira, e depois através da Europa, os dois amantes embarcaram numa exploração de suas fantasias sexuais, jogando intensos jogos de bondage, spanking e vestimento. Lissa ama humilhação, e Colin é o homem perfeito para provê-la com o prazer que ela deseja. Sem o conhecimento de Lissa, seu encontro não foi acidental, mas planejado adiante por um misterioso patrono das artes eróticas.



Revisoras Avisam...

Bem pra quem gosta do tema sadomasoquismo esse é o livro, tem de tudo sexo em publico em grupo, mulher com mulher é bem hot a historia de um marido desesperado pra ter sua mulher de volta fala pro amigo realizar as fantasias da esposa. Assim ele acha que ela volta pra ele O (amigo) faz de tudo com a mulher. Bom é interessante no minimo instrutivo leiam vocês vão ler coisas impressionantes

Vanía

O livro é mais que hot é hotãoooooooo se é que vocês me entendem... Moças têm ménage, tem mordaca e diversos brinquedos, um Dom tdb e um ex marido que faz de tudo para que sua mulher se realize sexualmente, então abram suas mentes e descubram a arte de agradar...as desavisadas cuidado rsrs

Lu Machado

Meninas leiam como ventilador ligado, ar condicionado e uma água bem gelada o livro é fogo, Pensem em um homem que para sentir prazer tem que te amarrar e te castiga por cada coisinha, e pensem em uma mulher que ama apanhar e ser possuída em qualquer lugar, ah também tem trio, mulher com mulher, e toda sacanagem que vocês imaginarem.. Mas lembrem esse livro é Sadomasoquista então quem não gosta de mordaca, correntes e chicote não leia kkkkk bjs

Lu Avanço



Quem Fez...

Disp. /Tradução: Karyne Nobre

Revisão Inicial: Vanía

Revisão Final: Lu Avanço

Revisão Final: Lu Machado

Formatação: Dyllan Lira

ÍNDICE

[Prólogo](#)

[PRIMEIRO LIVRO: Adultérios da arte](#)

[SEGUNDO LIVRO: O cúmplice](#)

[TERCEIRO LIVRO: Mas é arte?](#)

[QUARTO LIVRO: Engano](#)

[QUINTO LIVRO: Ciúmes](#)

[SEXTO LIVRO: Obras de arte](#)

PRÓLOGO

— São açoites — disse Colin brandamente à mulher que estava arremessada sobre seu colo — Supõe-se que os açoite têm que doer.

Lissa sabia que Colin estava sorrindo. Não podia ver a expressão de seu rosto, não na posição em que estava, com a cabeça penduranda para o chão e a larga cabeleira loira lhe cobrindo o rosto. Mesmo assim, sentia como seus olhos a observavam, podia imaginar um sutil sorriso brincando em sua boca. O sorriso do Colin trocava seu rosto, suavizava os ângulos de seu rosto de beleza austera.

— O que te disse esta manhã? — perguntou ele com o mesmo tom de tranquilidade na voz. Lissa não respondeu. Apesar de que seus soluços eram já mais espaçados, ainda não tinham desaparecido por completo. Saboreou o sal das lágrimas que penetravam entre seus lábios abertos.

Por uma vez, Colin lhe permitiu livrar-se de responder e respondeu pacientemente a sua própria pergunta.

— Disse-te que se o fazia de novo, o resultado seriam uns açoites. — deteve-se e ela estremeceu. A forma em que dizia aquela palavra fazia que algo em seu interior se retorcesse. Açoite, com um ç sibilante ao princípio. Quando era ela quem dizia «açoite» ou «açoitar», sua voz se arrastava em sentido ascendente, como se estivesse fazendo uma pergunta. Mas não havia interrogação alguma no uso que ele fazia da palavra. Seu objetivo era provocar no estômago de Lissa uma sensação de debilidade insuportável. — E quando eu açoito — continuou — sempre há lágrimas.

Como se quisesse provar, Colin golpeou com sua poderosa mão, as nuas nádegas de Lissa cinco vezes, um golpe atrás de outro em rápida sucessão. A dor se propagou através de seu traseiro como uma corrente. Lutou inutilmente sobre seu regaço, golpeando o ar com os pés, o cabelo lhe cobrindo o rosto e escondendo suas ruborizadas bochechas. Era como se Lissa acreditasse que seus frenéticos movimentos fossem aliviar a dor de sua pele em chamas, ou a ajudá-la a escapar. Não ocorreu nenhuma das duas coisas. Colin a tinha imobilizada, sujeitando-a firmemente com um braço ao redor da cintura e seus delicados pulsos apanhados em uma só mão. Esperou até que ela deixou de retorcer-se, e só voltou a falar quando Lissa se acalmou.

— Começaremos pelo princípio, parece-te, amor? — perguntou Colin. Sua voz seguia sendo suave, quase tranquilizadora. Nunca gritava. Jamais amaldiçoava ou jurava. De fato, mostrava-se mais calmo à medida que seus encontros iam sendo mais intensos. Lissa era incapaz de reconhecer seu descontento só pelo tom de sua voz — Começaremos do um.

Lissa não podia acreditar.

— Colin, não. Do um, não.

— Desculpa?

Estremeceu-se, apesar de que ainda não tinha começado a açoitá-la de novo, e permaneceu em silêncio. Como tinha podido lhe dizer que não?

—Disse algo? — perguntou Colin. Pelo tom de sua voz, parecia que aquilo lhe divertia.

— Sinto-o — respondeu Lissa rapidamente — não queria dizer isso.

— O mau comportamento tem um preço — lhe recordou Colin. Era uma de suas máximas favoritas — Tudo o tem, verdade, Lissa?

Sim, era certo, e ela estava pagando-o com sua própria dor. Podia sentir o calor que irradiava de seu corpo. Tratou de imaginar que aspecto teriam suas nádegas nesse instante, a forma em que as marcas de sua mão ressaltariam na palidez de sua pele em um relevo marcado, de cor púrpura, como flores exuberantes e obscenas. Retorceu-se para tratar de olhar por cima do ombro, mas foi incapaz de ver as marcas que Colin acabava de deixar em seu traseiro. Entretanto, sim pôde formar uma imagem mental com relativa facilidade. Não em vão, em numerosas ocasiões se postou frente a um espelho depois de uma de suas sessões, admirando os resultados.

— Como um tecido — lhe havia dito Colin uma semana antes, depois de segui-la até o lavabo e olhar-se no espelho, de pé junto a ela. Lissa imaginou que talvez pensava arreganhá-la por admirar seu reflexo durante tanto tempo, mas não foi assim. Em seu lugar, parecia como se Colin aprovasse o interesse em seu trabalho, orgulhavas-se dele, como um artista ante sua obra — Sua pele é meu tecido — lhe havia dito — Eu lhe pinto, converto-te em uma obra de arte.

Os dois juntos, um ao lado do outro, tinham observado como as cores foram perdendo intensidade, do ameixa escuro passavam à framboesa, até chegar a um rosa pétala. Logo Colin a tinha obrigado a retroceder até o espelho e lhe tinha feito amor, deixando que a frieza do vidro penetrasse no calor de sua carne. Tinha sido tenro ao princípio, mas, ao gozar, seu lado animal tinha emergido à superfície, apertando sua boca contra a da Lissa, mordendo seu lábio superior, machucando seu corpo com a intensidade de seu beijo.

— Conta para mim — lhe dizia Colin agora, enquanto a devolvia ao presente, preparava-a com suas palavras. Seu corpo ficou tenso, mas ele nunca reagia quando ela estava preparada para isso. E desta vez não foi distinto. Assim que Lissa começou a relaxar, ele a golpeou. O forte peso da palma de sua mão aterrisou sobre a nádega direita. Deixou repousar a mão sobre a marca, fazendo que sentisse a pressão. Lissa exalou a palavra «um» com uma baforada de ar de seus pulmões. Como podia ser só um, quando já tinha suportado tanto?

Tal pensamento lhe fez recordar uma imagem que Colin lhe tinha mostrado. Era de um livro de arte erótica. O fundo estava iluminado por espirais de vermelhos, azuis e dourados, como em um quadro de Klimt. Em primeiro plano, uma moça jazia sobre seu estômago em um sofá de tato aveludado, olhando por cima do ombro. O espectador podia ver a parte traseira de suas largas pernas, o traseiro e as costas, os ombros esbeltos, o queixo, desenhada com traços duros, inclinada para baixo. O cabelo cobria parcialmente o rosto da mulher, mas sua boca era perfeitamente visível. Os lábios estavam um pouco separados, generosos e escuros, como cerejas. Nas coxas e as nádegas da modelo havia marcas que, a primeira vista, a Lissa tinham parecido os delicados rastros das asas de uma mariposa. Em uma inspeção mais detalhada, deu-se conta de que as formas eram marcas de mãos, de um rosa pálido em alguns lugares, de um cru carmesim em outros. Apesar de que o cabelo da mulher caía como uma cascata sobre seu rosto, podia-se adivinhar o azul brilhante de seus olhos através das mechas de cabelo loiro platino.

Lissa tinha observado a imagem durante muito tempo, tratando de decifrar a mensagem oculta naquele rosto desenhado. Seu olhar não era fruto só da dor, e tampouco mostrava unicamente culpabilidade ou vergonha, apesar de que as três emoções pareciam presentes. Havia um brilho no rosto da mulher, como se acabasse de experimentar o orgasmo mais intenso de toda sua vida. Isto, decidiu Lissa, misturado com a dor óbvio, fruto dos açoites que acabava de receber, era o que

provocava na modelo essa expressão radiante, quase transcendente. Não recordava o nome do quadro, nem do artista, mas quando Colin se deteve naquela página, ela se havia sentido estimulada pela imagem, e sua lembrança era ainda mais intensa agora, enquanto seu amante levantava a mão no ar para deixá-la cair sobre sua pele incendiada pela segunda vez consecutiva.

— Dois — disse ela com voz rouca, seu corpo tenso como um cabo elétrico. Esta vez se comportaria bem, disse-se, chegaria aos vinte, não falharia.

Sentiu-se segura de sua decisão, até que de repente os dedos do Colin se afundaram entre suas coxas para comprovar a doce umidade que ali aguardava. Deslizaram-se entre os lábios de seu sexo e começaram a desenhar um simples círculo ao redor do clitóris. Uma rotação, dois, três, dando voltas em um ritmo perfeito, justo como gostava. O prazer foi imediato, chegou muito dentro dela e rebateu a dor e a humilhação de ser retida sobre o regaço de um homem como se fosse uma menina travessa. Todas estas emoções fluíram juntas enquanto ele a tocava, percorreram seu corpo como se fossem as poderosas ondas do mar. As pontas dos dedos de Colin estavam ligeiramente endurecidas, e essa aspereza contra as zonas mais sensíveis de seu corpo fez romper ondas ainda mais intensas, mais úmidas, contra seu sexo, e a alagaram de prazer.

— OH, Deus. — As palavras escaparam de sua boca antes de que pudesse as reter. — OH, por favor...

— Por favor, o que? — perguntou ele com voz serena.

Não existia forma possível de expressar com palavras o que Lissa queria. Nem sequer ela mesma sabia. Algo, o que fosse. Tudo.

— Por favor, o que? — repetiu Colin, detendo o movimento de seus dedos na metade de uma rotação.

Agora Lissa sim sabia o que dizer.

— Não — sussurrou, sua voz de algum modo mais melódica pela súplica. — Por favor, não pare.

Ele continuou com o movimento de seus dedos e o corpo de Lissa se esticou, confundido. Deixaria que gozasse? De ser assim, seria uma violação de suas próprias normas. Colin raramente lhe permitia chegar ao orgasmo, não até que tivesse acabado com a parte do castigo de cada sessão. Lissa se deu conta, quase sem fôlego, de que estava a ponto de alcançar o clímax e, justo nesse mesmo instante, ele retirou a mão de entre suas pernas e lhe deu um novo açoite, muito forte, mantendo-a no limite, como sempre, sem saber o que esperar depois.

— Minha menina má — lhe disse Colin brandamente, quase como se estivesse orgulhoso de que se comportasse mal — Por que te comporta sempre como uma menina má, Lissa?

Não tinha a resposta àquela pergunta. Mas à medida que a dor se estendia por seu corpo, queimando-a por dentro, recordou de novo aquele retrato erótico e entendeu de repente por que Colin lhe tinha mostrado aquela imagem. Era sua forma de dizer o que lhe esperava, em um futuro muito próximo. Naquele momento, naquela mesma noite, Colin estava recriando a imagem do quadro com ela no papel da modelo.

PRIMEIRO LIVRO - ADULTÉRIOS DA ARTE

Roupas que flutuam soltas, cabelo também livre,
tal doce descuido me conquista mais
que todas as falsidades da arte:
chegam aos olhos, mas não ao coração.

Ben JONSON

Capítulo Um

O homem nu pendurava de barriga para baixo desde o segundo andar do museu. Seu corpo não se movia pelo efeito do vento, e tampouco parecia que a suave garoa lhe afetasse. Detrás dele, em um rincão do mesmo andar, uma escultura de mármore observava o pátio do alto com olhar pétreo, como se seguisse com os olhos os movimentos da mulher loira e magra que havia mais abaixo.

Apesar de que o pátio do museu estava repleto de turistas, Lissa era facilmente distinguível entre a multidão, de pé sob uma cornija para resguardar-se da chuva. Tinha posto seu casaco favorito, até os tornozelos e fabricado em tecido de uma cor vermelha intensa, com uma fileira de botões negros e brilhantes percorrendo todo o frontal. Aquele não era, certamente, o traje mais apropriado para o tempo que fazia, mas Lissa não tinha planejado estar ao ar livre mais tempo do estritamente necessário. Suas botas de pele, montadas sobre saltos de dez centímetros, convertiam-na em uma mulher de quase um metro e oitenta e faziam que sua cabeça e seus ombros ficassem por cima dos jovens estudantes que se amontoavam no átrio como patinhos, seguindo ao professor em duas filas perfeitamente ordenadas. Observou-os com atenção, percebendo sua energia, seu entusiasmo, a forma em que se apressavam atrás de seu professor. Sua visão lhe fez sorrir e esquecer por um momento a razão pela qual estava ali.

— Estas estátuas foram criadas por um artista local — disse o professor a seus alunos. — Pode alguém me dizer o que representa a obra?

Lissa escutou algumas das curiosas respostas e transladou seu olhar de novo à estátua suspensa cabeça abaixo. Sentia-se seduzida por suas formas, mas inclusive estas não foram suficiente para manter sua atenção.

Onde estava Colin?

Lentamente começou a caminhar ao redor do perímetro do pátio, passando junto a outras figuras humanas parecidas com a que pendurava suspensa no ar, sem ser muito consciente de suas escuras formas e sim daqueles que as observavam. Devia reunir-se com o Colin no museu, mas aquela exposição tinha atraído a mais turistas do que oesperado. «*Deve estar escondido em algum lugar*», disse-se. Certamente nesse mesmo instante a estava observando enquanto ela escaneava a multidão de guarda-chuva e casacos de cor negra e canela em busca daqueles que sabia que pertenciam ao Colin. Era incapaz de lhe localizar, apesar de que seu cabelo, de uma cor vermelha brilhante, estava acostumado a atrair sua atenção como se fosse um farol. Não significava que não estivesse ali, mas sim estava bem escondido. Gostava de jogar gato e rato, e lhe dava muito bem, enquanto que ela sempre acabava confusa e aturdida, perdida em busca de pistas.

Enquanto lhe buscava entre a multidão, entre aqueles homens que enfrentavam às inclemências do tempo providos sob capas e capas de roupa especialmente desenhada para a chuva, Lissa se deu conta de que conhecia melhor a roupa de casaco do Colin que a que levava debaixo dela. E isto era como consequência de que sua relação se desenvolvia em Londres. Setivessem se conhecido na Califórnia, onde vivia Lissa, teria memorizado todas suas calças curtas e suas

camisetas, seus trajes de banho ou aquelas camisas texanas ou caqui que tanto êxito pareciam ter, inclusive para ir comer em algum restaurante de moda.

Ali estava. Lissa lhe espiou enquanto ele permanecia na esquina de um dos edifícios, escondido entre as sombras justo como tinha suspeitado que faria. Harmonizava à perfeição com as figuras de ferro fundido, com tal inocência que parecia como se o mesmo artista lhe tivesse colocado ali. «*estive aqui todo o tempo — parecia dizer com aquela postura — te observando enquanto não me via.*» Lissa avançou para ele, mas Colin negou com a cabeça, só uma vez, e ela se deteve imediatamente, exposta agora sob a inclemência dos elementos. A chuva, quase uma ligeira bruma, decorou sua juba loira com diminutas gotas brilhantes e cristalinas.

Lissa tinha se detido junto a uma das figuras em descida, assim tratou de atuar como se tivesse se aproximado daquele ponto para admirar a obra, um estranho conjunto de formas de ferro, idêntico ao que pendurava da saliente janela sobre sua cabeça.

O que esperava que fizesse agora?, perguntou-se Lissa. Sabia que devia obedecer à silenciosa ordem do Colin e esperar a seguinte. Mas se não permitia que se aproximasse dele, como podia saber o que desejava dela? Os olhos cinzas de Lissa se moviam de um lado para outro, dos estudantes, agora em semicírculo ao redor das esculturas no pátio principal, ao Colin, que não deixava de olhá-la. Sentia que estava a ponto de romper a chorar em qualquer momento, embora sabia por experiência própria que fazê-lo não lhe seria de ajuda, não lhe atrairia até seu lado e possivelmente o único conseguiria com isso seria que Colin partisse. O que queria dela?

Lissa podia ver, através das janelas do edifício, aos trabalhadores nos escritórios do museu. Não se sentiam intimidados por todas aquelas obras a seu redor. Certamente tinham se acostumado. Lissa o entendia, embora sempre se surpreendia da rapidez com a que alguém se volta imune à arte. A exposição atual lhe parecia inquietante, como se tratasse dos restos metálicos de um campo de batalha, cheio de figuras disformes, algumas retorcidas em posição fetal.

Ela mesma tinha estado em uma posição similar não fazia muito, na habitação do Colin, encolhida com os joelhos contra as bochechas. Seu pálido corpo tinha tremido sob o olhar do Colin, que a observava da mesma maneira em que o fazia agora mesmo, vigiando-a mas sem deixar entrever em nenhum momento quais eram seus pensamentos. Olhadas vazias de toda emoção. Entretanto, Colin era perfeitamente capaz de mostrar suas emoções, das exercer sobre ela. Quando isto ocorria, Lissa sempre se surpreendia da profundidade desses sentimentos, da forma em que ele conseguia expressar-se quando assim o desejava. Apesar de que sabia como esconder suas emoções até quase comportar-se como um robô, também sabia expressar dor, desejo e ira.

Estaria agora furioso?

Talvez lhe tivesse feito zangar ao dirigir-se para ele tão decididamente, com a cabeça erguida e os saltos de agulha ressonando sobre o atalho de pedra. Sua atitude tinha sido a de alguém segura de si mesmo, quase desafiante. Essas não eram qualidades que Colin apreciava em sua relação com ela, e Lissa, apesar de todas as lições que tinha recebido prostrada a seus pés, submissa e obediente, tinha sido incapaz de reprimir esse aspecto de seu caráter. Ou talvez Colin sim apreciava essa parte de sua personalidade porque lhe permitiria olhá-la fixamente com gesto reprovatório, chamá-la sua pequena rebelde, sua menina insolente, e castigá-la por isso. Se Lissa não se comportasse mau, ele não teria razões para castigá-la.

Mas seria capaz de fazê-lo ali, em público? Seu corpo se estremeceu involuntariamente ante a idéia. Não seria a primeira vez que Colin a educava em um lugar público, mas nunca antes o tinha feito em um tão concorrido. De fato, sempre escolhia a convocação em função de sua tranquilidade. Mesmo assim, Lissa tinha aprendido a não lhe subestimar, por isso em seguida a assaltou a dúvida: o que pensava fazer com ela agora?

Em lugar de procurar Colin com o olhar, Lissa fixou sua atenção na figura que tinha mais

perto, no chão, com a cabeça inclinada para trás e as pernas contra o peito. Se perguntou o que era que o artista pretendia expressar com aquela exposição e, enquanto tratava de decifrar seu significado, notou imediatamente como seu nervosismo desaparecia, mesmo que não fosse capaz de adivinhar as intenções do artista de forma imediata. Acaso o autor queria dizer que o mundo é como um campo de batalha? Ou talvez tratava de falar das misérias da guerra? Eram aquelas explicações muito simples ou não o suficiente?

Depois de tantos anos estudando história da arte, diseccionar muitas das obras mais importantes da história era para a Lissa algo natural. Com a arte moderna, entretanto, tudo era mais difícil. Uma obra prima se podia estudar através de um livro, ou de uma pessoa, ou das visões de todos aqueles cujas valorações podiam ser destiladas com o fim de conseguir uma interpretação única e pessoal. Com as criações mais recentes Lissa se sentia como se avançasse a provas. Ocorria-lhe o mesmo quando tentava adivinhar os sentimentos do Colin, como se tratasse de arrancar dos objetos sua verdade. Uma simples pincelada sobre o tecido podia conter muitos significados ou nenhum absolutamente.

Marcus era incapaz de entendê-lo. Sentia que nada que pudesse criar com suas próprias mãos merecia ser considerada arte. *«Olhe, isto sim que é um quadro — estava acostumado a dizer enquanto assinalava um retrato do Rembrandt ou de Vermeer, lhe mostrando com arrogância as luzes e as sombras, mesmo que ela conhecesse aquelas obras muito melhor que ele — Mas isso. — continuava, referindo-se a outra obra de estilo vanguardista — isso não é mais que lixo.»* Então lhe dava as costas e se negava a escutá-la enquanto lhe explicava a importância dos artistas modernos. Ou por que qualquer tipo de arte vale a pena só com que chegue a uma só pessoa. Ou por que gente como Rauschenberg ou Warhol ou Mapplethorpe tinham sido capazes de expor em salas fechadas até então à arte moderna. Tinham sido exploradores no mundo da arte. Riscaram mapas e aprenderam novos idiomas.

Lissa sacudiu a cabeça para afugentar de sua mente as lembranças de suas contínuas discussões com o Marcus.

Aquelas brigas formavam parte do passado, quase dez anos atrás, desde que se conheceram na universidade. Agora devia concentrar-se unicamente no Colin. Se não deixava que se aproximasse dele, certamente era porque tinha outros planos em mente. Colin sempre tinha planos. Lissa olhou a seu redor, tratando de pensar como ele o faria, algo que nunca lhe resultava fácil. Sempre tinha sido incapaz de controlar suas emoções. Quando queria algo, lutava até consegui-lo. E quando sentia algo, era incapaz de esconder seus sentimentos. Marcus freqüentemente se burlava dela porque não podia jogar pôquer. Não importava se suas cartas eram boas ou más, porque seu rosto nunca mentia.

Olhou em direção ao Colin. Já não estava de pé junto a aquela esquina. A teria deixado sozinha? Desesperada, deu uma volta sobre si mesma, lhe buscando com o olhar, e quase golpeando a um dos estudantes que havia a seu redor. Onde teria se metido? Sabia que estava se pondo nervosa sem motivo. Talvez tivesse se resguardado sob uma marquise para proteger-se da chuva. Ou pode que se moveu a outro ponto do pátio do museu. Girou sobre si mesma de novo, rapidamente, e então ouviu sua risada detrás dela. Colin sempre adivinhava seus movimentos, era capaz de saber o que pensava fazer inclusive antes de que ela mesma soubesse.

Era assim como ele tinha sabido que teriam uma aventura, e assim o disse o dia em que se conheceram, na Feira do Livro de Frankfurt. Colin se aproximou da barraca em que ela promovava seu último livro de arte e, depois de situar-se furtivamente a suas costas, pressionou seus lábios contra a orelha dela.

— Esta noite estará em minha cama.

Ela se voltou para lhe olhar, para lhe golpear por sua ousadia, mas ao ver a expressão de seu rosto pensou melhor. Certamente a tinha confundido com outra pessoa. E, para sua surpresa, Lissa

não se sentiu ofendida por suas palavras. A aparência daquele homem, com o cabelo da cor do fogo tão bem penteado e uns pequenos óculos de tartaruga marinha sobre o nariz, recordava-lhe mais a um professor que a um porco luxurioso. Vestia traje negro. A camisa e a gravata também eram negras, e o alfinete com o que sujeitava esta última era parecido a um que tinha seu marido, de que estava separada. Por alguma estranha razão, esta pequena conexão com um objeto que lhe resultava familiar fez que se sentisse mais confortável em sua presença.

Durante os poucos segundos nos que Lissa lhe observou atentamente, tratando de formar uma opinião acertada dele, Colin permaneceu em silêncio. Por sua aparência, resultava evidente que procurava a outra pessoa, que a tinha confundido com uma amante. Sabia tudo a respeito das aventuras que se produziam durante uma feira de livros. Muita gente conectava durante os sete dias que durava o evento, encontravam um refúgio seguro longe das responsabilidades daquele imenso mercado do livro. Aquele homem podia ser perfeitamente uma daquelas pessoas. Além disso, havia outras mulheres trabalhando em sua barraca, jovens e atrativas. Talvez a tinha confundido com Enjoe. Ambas eram loiras e magras.

— Sinto-o — lhe disse, em lugar de « Desculpe? ».

— É obvio que o sente — respondeu ele. — Essa é sua forma de ser.

Aquele encontro a fez sentir-se confusa e, horas mais tarde, quando se encontrou em sua cama, no hotel mais luxuoso da cidade, com uma garrafa de champanha caro, duas taças sobre a mesa e o chão coberto de pétalas de rosa, recordou o que lhe havia dito.

— Por que? — perguntou-lhe, sem estar segura de querer saber a resposta — Por que disse que essa era minha forma de ser?

Tinha os pulsos atados por cima da cabeça com a gravata de seda negra e o corpo apenas coberto com um lençol branco. Colin estava sentado na beira da cama e observava seu corpo miniatado, admirando suas curvas, com a cabeça ligeiramente inclinada. Lissa reconhecia o olhar em seus olhos, tinha-o visto freqüentemente em museus e galerias. Aquela era uma expressão internacional. Olhava-a com a fascinação com a que se admira uma obra de arte.

— Porque o é. E não pode evitá-lo. Qualquer reconheceria sua vontade de submissão. Desculpou-se por algo que nem sequer tinha feito, disse que o sentia quando não tinha feito nada errado. Fui eu o que se comportou de uma forma grosseira contigo, que se aproximou por detrás, que te falou descaradamente, com insolência. Deveria me haver esbofetado.

— E pensei em fazê-lo.

Aquele comentário lhe fez sorrir. E estando naquela situação, com os pulsos atados com força e sem possibilidade de escapar, Colin se inclinou sobre ela e a golpeou na bochecha direita com tanta força que Lissa caiu sobre os travesseiros. Suspirou. Outra surpresa. Entretanto, em seus olhos não havia lágrimas. Tinha gostado, porque se sentiu molhada de novo, preparada para lhe receber entre suas pernas, apesar de que acabavam de fazeramor pela segunda vez. Nada daquilo parecia ter sentido.

Como tampouco tinha tido sentido quando a tinha rodeado com seus braços no pátio do museu, sujeitando-a com força durante um instante antes de lhe dar uma nova ordem. Pressionou os lábios contra sua orelha e lhe disse com voz doce que fosse ao restaurante que havia na esquina, que pedisse duas taças de vinho, uma para cada um, e que lhe esperasse ali. Em outro tempo, em outro lugar, a pessoa que estava acostumada a ser teria perguntado por que. Mas aquilo era parte do passado. As lições tinham sido dolorosas e ela tinha aprendido.

Colin observou a Lissa enquanto abandonava o pátio do museu, escutou o som de seus saltos, daquelas botas que ele mesmo lhe tinha comprado, contra o chão sujo e escorregadio. Não era perfeita, ainda não. Mas o seria. Lissa tinha mais potencial que qualquer das outras. Quando se deu meia volta para lhe olhar, ele tinha o sobrececho franzido.

Deus, como a conhecia. Todos e cada um de seus movimentos.

Capítulo Dois

Lissa pediu o vinho, mas não bebeu. Quando Colin se reunisse com ela, ambos levantariam suas taças juntos. Enquanto isso tratou de apartar as preocupações de sua mente observando a decoração do restaurante. Das paredes penduravam lâminas do pintor americano Maxfield Parrish, com sua coleção de mulheres exóticas tendidas ao bordo de escarpados, junto a fontes e baixo céus da cor do ouro. Lissa se sentiu melhor, mais tranqüila, rodeada por todas aquelas imagens cheias de colorido. A arte do Parrish tinha como objetivo acalmar ao espectador, e inclusive depois de tantos anos, suas pinturas conseguiam precisamente esse efeito sobre ela.

Logo deixou de observar os quadros para fixar-se nos casais que tinha a seu redor. Frequentemente se perguntava se haveria mais gente com relações parecidas com a sua com o Colin. Fixou sua atenção em uma garota morena e muito bonita que levava um pulôver de pescoço alto de cor carmesim. Acaso seria como Lissa? Estaria nervosa, preparada para receber a seu amante em um encontro secreto? E se era assim, o fazia seu amante as coisas que Colinfazia a ela? Açoitava-a? Atava-a? Atormentava-a com os métodos mais decadentes imagináveis?

«O mais provável é que não», disse-se Lissa olhando a seu redor. O mais provável é que o resto dos clientes fossem empregados das lojas da zona que passavam uns minutos de descanso com um sanduíche vegetariano ou de frango e uma boa revista. Lissa observou sua própria imagem no espelho que havia sobre a barra do bar. Ninguém aparentava o nervosismo e a falta de segurança que ela sentia. A chuva tinha despenteado sua juba e criado pequenos cachos. Suas bochechas tinham avermelhado, como se já tivesse apurado a taça de Merlot.

Apesar de que o ambiente na cafeteria era agradável, Lissa apenas se sentia mais cômoda que no museu. Colin estava zangado com ela e, sabendo-o, não conseguia relaxar por completo. Quanto tempo pensava fazê-la esperar? A idéia de encontrar-se no museu tinha sido dela. Lhe tinha ocorrido depois de ler um artigo sobre a exposição. Pensou que só encontrariam a uns poucos atrasados e não a horda escolar que alagavam o pátio do museu. Pela crítica que tinha lido, aquela exposição parecia pouco apropriada para meninos. Nunca teria imaginado que um professor a escolheria para uma excursão uma quarta-feira pela tarde.

Contudo, Colin gostava dos lugares públicos e tocava a Lissa escolher um. Gostavam especialmente dos lugares onde alguém pudesse descobri-los. Adorava empurrá-la contra o frio muro de pedra de algum edifício com trezentos anos de antigüidade, beijá-la na boca até lhe deixar os lábios inchados, com as mãos sob sua blusa, lhe beliscando os mamilos, cravando as unhas em seu ventre liso. Tinham-no feito sob pontes, com o ruído ensurdecedor de carros sobre suas cabeças, ou a meia-noite em um escuro beco perto do apartamento. Mas como era um médico de reconhecido prestígio, Colin devia controlar seus impulsos e não mostrar-se em público como o exibicionista que Lissa sabia que era. Normalmente era ele o que escolhia as convocações para seus jogos, já que conhecia a cidade muito melhor que ela e era capaz de encontrar becos e parques desertos com facilidade. Ela não estava acostumada ter a mesma sorte.

— Toca-te — lhe dizia com um meio sorriso de suficiência nos lábios — Encontra um lugar e me diga quando nos vemos ali.

Com aquela simples petição, Lissa era presa de um estado de nervosismo contínuo. Folheava guias de viagens em busca do lugar ideal, perguntava a alguns de seus conhecidos em Londres, sempre tratando de dissimular para que ninguém descobrisse suas verdadeiras intenções. Não podia expressar abertamente «*Preciso encontrar um lugar um pouco afastado para que meu namorado me foda*». Colin, evidentemente, era consciente da dificuldade de seus encargos e parecia desfrutar com o nervosismo de Lissa quase tanto como desfrutava com o ato em si quando finalmente ela encontrava um lugar adequado.

O lugar escolhido para hoje não tinha resultado uma boa eleição e por isso Lissa se sentiu ainda mais insegura ao ver Colin entrando no restaurante. A próxima vez se esforçaria mais. Tinha várias possibilidades em mente: o terraço do edifício no que viviam, os banhos de seu restaurante favorito... Hoje tinha tentado ser original e olhe o que tinha conseguido.

Observou ao Colin enquanto deixava o guarda-chuva no parapinos de porcelana branca e azul que havia junto à porta e logo se dirigia lentamente para a mesa. Seu rosto mostrava uma daquelas expressões indecifráveis. Lissa não sabia se estava aborrecido com ela, embora lhe conhecia o suficiente para pensar que assim era. Sentiu que a percorria por dentro aquela umidade tão familiar e apertou as coxas fortemente baixo a ajustada saia negra, como tratando de evitar um acidente. Às vezes, antes de um de seus encontros, e com o que aquela palavra podia chegar a significar, sentia aquela sensação entre as pernas. Esta vez, com seus frios olhos verdes sobre ela, pôde visualizá-lo, o atoleiro formando-se debaixo de sua cadeira, sobre o brilhante chão de madeira, e a forma em que Colin ria ao sabê-la envergonhada. Ele desfrutava com seu desconforto e assim o fez saber uma vez. «*Parece tão segura — lhe havia dito — guiando às pessoas pelas salas de um museu, lhes explicando os pensamentos mais íntimos do artista. Mas é tão fácil te fazer perder o equilíbrio... Um simples sopro e se derruba.*»

Seus olhos, em calma como a superfície de um lago, piscaram por um instante, enquanto se sentava, como se lhe enviassem uma mensagem. Lissa tratou de decifrá-lo sem êxito. Estava zangado? Ou talvez não? Antes de lhe dirigir a palavra levantou sua taça e tomou um sorvo de vinho. Depois, para surpresa e alívio de Lissa, sorriu; um sorriso que se contagiou primeiro a seus olhos e logo a seus lábios, e lhe imitou, pensando inocentemente que tudo ia bem.

Colin escolheu esse momento para inclinar-se sobre a mesa e sussurrar, como quem transmite uma mensagem secreta:

— Foste uma menina muito má, Lissa. Parece que você gosta dos castigos. Deve desfrutar com eles.

O sorriso da Lissa desapareceu imediatamente. A cor rosada que até esse momento tingia suas bochechas se converteu de repente em um vermelho intenso. Em um gesto de puro nervosismo, levou uma mão tremente ao pescoço, sobre o vazio que se formava entre as clavículas, e sentiu o batimento agitado de seu coração.

— Recorda o que acontece com as meninas más? — perguntou Colin. Sem lhe dar tempo a responder, continuou — Seguro que o recorda, Lissa. Não aconteceu tanto tempo da última vez que te tive sobre meu regaço, verdade?

Ela assentiu instintivamente para logo negar com a cabeça. Qual era a resposta correta? Sim? Não? Não estava segura. Nunca o estava. Quão único tinha sabor de ciência certa era que Colin desfrutava atormentando-a, que jogava com ela, burlava-se e sempre se saía com a sua.

Continuou mofando-se dela com um fio de voz, quase como se queria tranquilizá-la. Não em vão estava acostumado a tratar com seus pacientes, e era algo que lhe dava muito bem.

— O que acontece com as meninas más, Lissa? — perguntou. E, ainda com maior doçura, assegurando-se de que ninguém mais lhe ouvisse, acrescentou. — O que acontece com minha pequena menina má?

Lissa suspirou. Não queria responder a sua pergunta. Dizer aquelas palavras em voz alta sempre fazia que parecessem mais reais que quando unicamente revoavam em sua cabeça.

— Me diga — insistiu, e sua voz descendeu outro nível mais, trocando de tom, deixando claro que esperava uma resposta. Imediatamente.

— As meninas más são castigadas — respondeu ela, rezando em silêncio, desejando que suas palavras fossem suficiente. Mas não o eram. Do mesmo modo que sua natureza a levava a submeter-se a sua vontade, a do Colin sempre queria mais dela, empurrava-a até a borda do precipício, mantinha-a em um precário equilíbrio.

— Como? — perguntou ele.

Ela agachou a cabeça e desejou que estivessem em seu apartamento, que ele não se sentisse tão cativado pela idéia de jogar em lugares públicos. Sim, punha-lhe quente a idéia de que a olhassem, de estar exposta, mas o ato em si lhe resultava muito difícil. encontrou-se de novo com o reflexo de seu rosto, esta vez cabeça baixa em uma colher de prata, e pôde distinguir o reflexo púrpura de suas bochechas. Sua pele era tão fina que quando se ruborizava as marcas lhe percorriam o rosto até a linha do decote.

— Açoitará-me — respondeu ela, falando ainda em voz baixa.

— Me fale mais disso — exigiu Colin, desfrutando abertamente da situação. Tomou outro sorvo de vinho e se recostou ligeiramente sobre o respaldo da cadeira, de modo que ela soubesse por aquele gesto que esperava ouvi-la falar em um tom mais razoável. Lissa já tinha passado por aquilo antes, mas mesmo assim nunca lhe resultava fácil.

— Levará-me de volta ao apartamento — continuou, o que tão somente era uma esperança, porque em ocasiões a tinha açoitado em público, mas além de ameaçá-la fazendo-o, estava acostumado a desfrutar daqueles prazeres unicamente de noite. — Me dirá que tire a calcinha e logo me dará uns açoites.

— Com o que?

As lágrimas se acumulavam nos olhos da Lissa.

— Sinto-o — se desculpou, incapaz de controlar-se.

— Não o sinta — respondeu ele. — Sabe que não me importa que chore.

Inclinou-se de novo sobre a mesa para apanhar uma lágrima antes de que rodasse pela bochecha da Lissa. Recordava lhe haver ouvido dizer que as lágrimas realçavam sua beleza, antes de aparecer e quando já eram reais e se deslizavam por seu rosto. Tinha-lhe explicado que gostava daquela expressão em seus olhos anterior ao choro, mas que preferia as lágrimas fruto da dor que lhe infligia. Aquelas, segundo Colin, eram as mais sinceras porque as tinha ganho.

— O que utilizarei para te açoitar? — continuou ele, retomando o fio da conversação.

Lissa suspirou de novo, profundamente, e o ar tremeu em seus lábios.

Resultava-lhe quase impossível falar abertamente de suas necessidades e de seus desejos. Sim, tinha escrito suas fantasias sexuais em um diário, mas era incapaz de deixar-se levar mais à frente. Jamais tinha considerado sequer a possibilidade de dizer ao Marcus o que queria que lhe fizesse. Só a idéia lhe resultava humilhante.

Por culpa de seu acanhamento, Lissa logo que havia sentido um orgasmo antes de sua relação com o Colin, ao menos não da forma em que as atrizes pareciam os ter na grande tela, gemendo, suspirando, com as bochechas rosadas. O único que lhe tinha proporcionado um prazer similar era a arte, e por isso, como historiadora que era, passava horas percorrendo museus e galerias, sempre desejando descobrir uma nova obra prima.

E Colin a tratava como se ela fosse a obra prima.

Era estranha a forma em que ele sempre parecia adivinhar seus desejos, algo que quisesse. Encarregava-se de tudo, consciente como era de que seus desejos sempre superavam os seus medos.

Lissa queria revelar seus segredos, ser má, ser decadente. E com o Colin era capaz de entregar-se por completo, como ele queria que fizesse naquele preciso momento.

— Com o que? — perguntou ele.

— Com uma pá¹ — respondeu ela em voz baixa, brincando incontrolável com os dedos sobre a saia, com o queixo quase tocando o peito.

— Com sua pá especial — replicou ele, e em sua voz se adivinhava um sorriso, mais sinistro ainda que o que lhe tinha devotado a sua chegada ao restaurante.

Lissa retorceu a aliança de platina que levava no dedo anelar sem deixar de observá-la, como se despertasse nela uma fascinação especial, incapaz de lhe olhar aos olhos.



Capítulo Três

Para quando apuraram as taças de vinho, o céu se havia coberto de nuvens cinzas e nas calçadas haviam muitos guarda-chuva negros.

— Iremos de metro — disse Colin, dirigindo-se para a estação mais próxima. Protegida sob seu guarda-chuva e com seu braço ao redor da cintura, Lissa se sentia imensamente segura, até sabendo o que lhe esperava quando chegassem ao apartamento e apesar de que a idéia a fazia baixar o olhar, envergonhada, como se o resto dos pedestres pudessem lhe ler a mente e saber que assim que chegassem a casa seu namorado a açoitaria colocando-a sobre seus joelhos e com a bunda ao ar.

Como sempre estava acostumado a ocorrer, Colin parecia estar dentro de sua cabeça.

— Recorda a primeira vez que recebeu uns açoites, verdade?

Uma mulher corpulenta, de média idade, ouviu o comentário e se voltou para lançar ao Colin um olhar scandalizado que ele simplesmente ignorou. Não lhe importavam o mais mínimo os complexos alheios, enquanto que Lissa odiava ser julgada, embora quem o fizesse fossem estranhos. Contudo, conseguiu assentir com a cabeça a modo de resposta. Aquela lembrança tinha ficado gravado a fogo em sua memória, permanente e indelével.

— Pois aquilo parecerá um simples jogo de meninos comparado com o que te espera esta noite. — deteve-se, a expressão em seu rosto era de uma placidez absoluta, como se estivessem falando do tempo. E grande previsão era aquela, pensou Lissa: esperam-se choros desconsolados com uma inesperada onda de calor deslocando-se para a parte inferior de minha anatomia.

O metro bulia com a atividade normal de qualquer dia de trabalho pela tarde. Colin encontrou um assento para Lissa e depois se colocou frente a ela, bloqueando-a com seu corpo, o

pênis justo à altura de sua boca. Baixou o olhar até encontrar-se com o da Lissa e lhe piscou um olho com gesto lascivo, para logo inclinar-se e lhe sussurrar ao ouvido:

— Quero que pense na primeira vez. — lhe disse — Quero querecorde tudo.

Ela esperou se por acaso Colin lhe dava novas instruções, mas ele se limitou a pôr uma mão sobre seu ombro, como se quisesse reconfortá-la, e logo apartou o olhar.

Foi fácil para Lissa recordar a primeira vez. Sua doutrinação no mundo do castigo físico entendido como prazer sexual tinha sido em Frankfurt, em sua segunda noite juntos. Lissa fechou os olhos enquanto o suave estalo continuado do vagão balançava seu corpo, e se deixou levar brandamente pelas lembranças daquela noite de fazia já um mês.

Depois de jantar em um restaurante no que, segundo Colin, havia o pior ambiente de toda Frankfurt mas a melhor comida, retiraram-se de novo à habitação do hotel. Lissa pensava que, assim que chegassem, fariam amor de novo, como o tinham feito a noite anterior, equilibrando sobre o outro, arrancando a roupa com uma ansia tal que suas meias estavam cheias de marcas e tinha perdido um dos botões do pulôver. Colin, entretanto, surpreendeu-a de novo.

Sentado ao bordo da enorme cama, observava-a, esperando. Aquele olhar fazia que Lissa, de pé junto à porta, sentisse-se de repente nua, mesmo que seu corpo estava coberto por uma saia negra e uma blusa de seda de cor lilás. Recolheu a loira juba em um coque francês e seu pescoço, de formas delicadas, ficava assim ao descoberto. Tinha escolhido as jóias com supremo cuidado: tão somente levava uns diminutos brincos de aro e uma fina corrente. Queria dar um toque de classe a seu vestuário porque se precaveu, a noite anterior, do bem que vestia ele. Toda sua roupa era sóbria, mas das melhores marca do mercado.

Entretanto, de pé frente a ele, Lissa sentia que seu traje não era o apropriado, mesmo que Colin parecia lhe haver dado o visto bom a sua chegada ao restaurante. Ficava a blusa muito ajustada? Ou talvez a saia era muito curta? Pelo olhar em seus olhos verde escuro soube que tinha feito algo mal. Ao fim, quando já não era capaz de suportar aquele silêncio durante mais tempo, perguntou-lhe, gaguejando:

— Algo não vai bem, Colin?

Silêncio.

— Está zangado?

Ele negou com a cabeça, mas sem lhe sorrir. As mãos de Lissa tinham começado a mover-se de forma incontrollável, uma sobre a outra, como se toda aquela energia e todo o nervosismo estivessem concentrados nas pontas de seus dedos.

De volta no metro, suas mãos imitaram de novo aquela mesma reação e, quando abriu os olhos e olhou ao Colin, lhe sorriu, como se soubesse exatamente no que estava pensando.

Sem emitir som algum, Colin formou as palavras com seus lábios, e Lissa pôde ler naquele gesto exagerado: «Garota má.»

Ele apartou o olhar para concentrar-se no jornal que sustentava entre suas mãos o homem que tinha em pé junto a ele. Lissa entendeu aquele gesto como um sinal de que voltasse para seus próprios pensamentos. De novo, fechou os olhos.

Naquela segunda noite em Frankfurt, ela apertou as mãos uma contra a outra para deter o tremor incessante. Colin, ao dar-se conta, riu abertamente dela.

— Está nervosa — Lhe disse com um sorriso brincando em seus lábios. Não era um sorriso amistoso, a não ser um que Lissa foi incapaz de decifrar. (Agora sabia o que significava aquela expressão. Naquele tempo, naquele tempo, tinha-a atemorizado ainda mais que seus silêncios.)

Lissa sabia, obviamente, que podia partir se assim o queria, dar meia volta e sair da habitação do hotel do Colin e também de sua vida. Muitos dos casos que começavam em Frankfurt acabavam em Frankfurt. Não havia necessidade de seguir com isso uma vez tivesse finalizado a feira. Não ao

menos até o ano seguinte, quando aparecesse de novo a possibilidade de um novo encontro.

Mas Lissa não queria ir. Queria saber o que tinha feito para que Colin a olhasse daquela maneira. E também queria experimentar outra noite de paixão indescritível como a que tinham compartilhado no dia anterior. Sentindo-se incômoda, fixou o olhar no chão, concentrando-se nas pontas de seus sapatos enquanto tratava de decidir o que fazer. Sentia-se como uma menina no colégio a que o diretor chama a seu escritório para ralar por seu mau comportamento. O silêncio que reinava na habitação lhe resultava entristecedor. Ao fim, Lissa levantou a vista do chão e passeou o olhar por toda a habitação, evitando sempre o rosto do Colin: o típico quadro de flores que pendurava da parede; o pesado edredom sobre a cama, decorado com enormes raia de cor vermelha; o espelho pendurado sobre o travesseiro...

Seus olhos posaram por último no alfinete da gravata do Colin, o mesmo que levava a noite anterior. Era um dragão esculpido em platina. depois de esclarecer a garganta, perguntou:

— Foi à universidade nos Estados Unidos? — Não era mais que um tema de conversação corriqueira, mas ao menos estava falando. Algo era melhor que seguir apanhada naquele silêncio estranho e gélido.

Colin ignorou a pergunta e em seu lugar disse:

— Por que está tão nervosa?

— Quero dizer — continuou Lissa com voz tremendo — conheço duas pessoas que têm alfinetes parecidos com o teu. Era o símbolo de uma espécie de clube ao que pertenciam. — Tanto Marcus como seu antigo namorado Beau tinham sido membros de uma fraternidade, o qual tinha resultado bastante incômodo quando seu marido e ela começaram a sair, Mas ao acabar os estudos perderam a pista do Beau, de modo que aquela embaraçosa sensação desapareceu. Deu-se conta de que estava contando tudo isto ao Colin, pensando que talvez se continuava com aquela banal conversação lhe sorria. Mas não foi assim.

— Quando te fizer uma pergunta, espero que me responda.

Aquela era a norma número um. Assim o recordaria Lissa mais adiante, pela forma em que tinha pronunciado essas palavras, como se ela devesse prestar o maior dos cuidados ao que lhe dizia. Como se nunca devesse lhe defraudar.

— Não sei — respondeu Lissa. — Talvez seja pela forma em que me olha.

Sua resposta foi foto instantânea.

— E como lhe olho?

Lissapensou durante um instante, tratando de encontrar a forma de expressar seus sentimentos com palavras, consciente dos batimentos de seu coração. O som retumbava com tanta força em seus ouvidos, como o estrondo de um tambor ou uma companhia de soldados partindo, que se perguntou se talvez poderia ouvi-lo de onde a observava sentado.

— Olha-me como se eu... — Deixou a frase suspensa no ar.

— Como se...?

— Como se tivesse sido má.

Aparentemente aquela era a resposta correta. Ou, ao menos, a que Colin tinha estado esperando, porque necessitou tão somente um segundo para reagir e aproximar-se dela, movendo-se ágil, com rapidez. Lissa se deu conta, em algum lugar de sua mente, de que apesar de que lhe tinha por um intelectual, possivelmente também fosse um magnífico atleta. Era um homem ágil, que se movia com a suavidade de um gato; e ali estava, junto a ela, dominando. Com um tom de voz que jamais tinha usado com ela, sussurrou-lhe:

— Foste má, Lissa? Foste uma menina muito, muito má?

Não estava preparada para a resposta de seu corpo ante aquelas perguntas. Tremiam-lhe as pernas. Pensou que Colin a sujeitaria, que a rodearia com seus fortes braços e lhe dissesse que tudo

ia bem. Mas também se deu conta de que sua calcinha estava molhada — empapadas, de fato — e de que se ele queria fazer algo com seu corpo poderia fazê-lo, sem mais preliminares, sem nenhum tipo de lubrificação extra. Sabia que estava empapada inclusive antes que Colin se ajoelhasse frente a ela, levantasse-lhe a saia e lhe baixasse a calcinha.

— Está pronta para mim — lhe disse brandamente enquanto a acariciava com dois dedos. — A ideia de ser má te põe fogosa, verdade?

Não a tocou com delicadeza. Em seu lugar, colocou-lhe os dedos com mais força da que qualquer de seus outros amantes tivesse utilizado nunca, e aquilo fez que se molhasse mais ainda. Então, sem prévio aviso, trocou a forma em que a estava tocando e começou a lhe acariciar os lábios com dois dedos, lentamente, para logo separá-los com o polegar e o índice e deixar assim o clitóris ao descoberto. Por um momento simplesmente a observou, como quem olha uma obra de arte de uma beleza extrema. Logo voltou a acariciá-la, com o polegar entre os lábios e sobre o botão rosado que lhe proporcionava tanto prazer.

— Você adora a ideia de ser suja, verdade?

Lissa assentiu, com os olhos fechados, desfrutando. O suceder dos acontecimentos a tinha confundido, mas mesmo assim não era capaz de conter a reação de seu corpo ante o tato das mãos do Colin. Este, entretanto, contrariado ao não receber resposta alguma, retirou os dedos rapidamente.

— Quão mínimo espero é que responda a minhas perguntas. Não lhe direi isso uma segunda vez sem que receba o castigo que merece por romper esta norma.

Castigo. Seu corpo se estremeceu ao ouvir a palavra, e quando os dedos do Colin voltaram a acariciá-la entre as pernas, não pôde reprimir um gemido, sem saber se era fruto do prazer ou da ameaça. Como pensaria castigá-la? E por que aquele pensamento a intrigava e a excitava a partes iguais? Pensou por um momento em ser má, em lhe levar a contrariar só para saber no que consistiria o castigo. Seria capaz de fazer algo assim? Não. Era muito covarde para lhe pôr a prova.

— Sim — respondeu Lissa em voz baixa, quase rouca — A ideia de ser má me põe quente.

— Me fale disso.

— Não sei se...

— me explique mais, Lissa.

Sua voz era como uma melodia doce e aveludada que emanava de seus lábios, a tão somente uns centímetros dos lábios de seu sexo. Notou a calidez de seu fôlego em sua pele e se sentiu desfalecer. Se aproximava mais sua língua, se explorasse seu interior com ela, derramaria-se sobre o chão em um atoleiro de prazer.

— Pode me contar todos seus segredos — continuou Colin, e sua voz era já tão suave, quase inaudível, que Lissa teve que esforçar-se para lhe entender — cada uma de suas fantasias mais secretas.

Estas palavras provocaram nela uma sensação de liberação que jamais tinha experimentado, e aquilo a surpreendeu. Realmente podia contar-lhe era certo. E se o fazia, se se encolhia junto a ele naquela cama enorme e lhe sussurrava ao ouvido todas as fantasias retorcidas, todas as perversões com as que se masturbou ao longo de sua vida, talvez ele as levasse a prática. Possivelmente assumisse como sua a missão de converter todas e cada uma daquelas fantasias em realidade.

Soube ao baixar o olhar e encontrar-se com os olhos do Colin, mais verdes que nunca sob a luz de um único abajur. Era como se brilhassem, como os olhos de um gato na escuridão.

— Me diga, Lissa — continuou — qual é sua fantasia secreta?

Antes de que tivesse tempo de responder, Colin se aproximou ainda mais e Lissa soube que ia lhe lambe o clitóris um segundo antes que o fizesse. Deus, que sensação. O tato, a umidade cálida de sua boca contra o templo sagrado entre suas pernas. Começou a provocá-la com a língua, primeiro

serpenteando com a ponta entre os lábios de seu sexo, logo lambendo em círculos com traços planos e grossos.

No metrô, de volta à realidade, Lissa fechava os olhos enquanto recordava com tal intensidade que lhe escapou um gemido involuntário. Colin, que estava de pé junto a ela, observando-a, rindo a gargalhadas. E quando elacobriu a boca com a mão, horrorizada por ter perdido o controle de si mesma, embora só tivesse sido por um instante, fez-lhe um leve gesto com a cabeça e lhe sorriu, como se soubesse exatamente que parte da lembrança estava revivendo, agradado por aquela excursão pelos atalhos da memória.

Lissa, envergonhada, consultou o mapa que havia frente a ela para saber quantas paradas ficavam para a sua. surpreendeu-se ao descobrir que passaram da parada. Colin se limitou a encolher-se de ombros e inclinar-se para lhe sussurrar ao ouvido.

— Não temos pressa. Continua recordando aquela primeira vez. Quero que esteja preparada para mim quando chegarmos em casa. Quero poder retorcer sua calcinha e ver como o líquido goteja sobre o chão.

Lissa lhe obedeceu imediatamente e fechou os olhos de novo. Foi quase como se voltasse a entrar em uma sala de cinema, rodeada pela mais absoluta escuridão, onde o filme já tinha começado a projetar-se sobre a tela de sua mente.

Recordou a sensação da língua do Colin contra a zona mais sensível de seu corpo. Tremeram-lhe as pernas de novo, mas agora por outra razão totalmente distinta. Colin tinha beijado seus clitoris durante um instante, justo antes de retirar-se e repetir a pergunta. Enquanto falava, seus dedos se deslizaram até onde tinha estado sua língua. Aquilo lhe dava bem, muito bem. Sabia exatamente como tocá-la, quanta pressão era capaz de suportar, se devia ir mais rápido ou mais lento, como se estivesse sincronizado com suas necessidades.

— Me conte, Lissa — insistiu de novo, antes de voltar para seus lânguidos movimentos.

Sentiu como a língua do Colin lhe roçava o clitoris, em um leve contato que foi suficiente para que tivesse que agarrar-se a seus ombros se quizesse manter-se em pé. Ele se aproximou ainda mais a seu corpo e ela sentiu como sua suave cabeleira lhe acariciava a parte interna das coxas, e suspirou ao notar o tato áspero de suas costeletas. Ambas as sensações eram deliciosas, e quando ele acrescentou a terceira, fechando os lábios ao redor do clitoris, Lissa gemeu de novo. Não pensava em que Colin lhe tinha feito uma pergunta, que esperava uma resposta e que, com o simples ato de responder ao prazer que lhe estava proporcionando, já tinha quebrado a regra número um.

Durante muitos minutos, Colin a acariciou com a língua, criando formas com a ponta, acima e abaixo, dentro e fora. Parecia desfrutar com aquela parte de sua rotina amorosa, porque trabalhava sem pressas, tomando o tempo necessário para encontrar todas as formas em que Lissa queria que a tocasse. Então, como se de repente tivesse entendido exatamente o que ela era capaz de agüentar antes de gozar, ficou de pé, agarrou-a nos braços e a levou a cama.

— Ponha as mãos por cima da cabeça — lhe disse — as junte. Não quero que as separe. — Lissa obedeceu imediatamente enquanto observava como Colin tiravaprimeiro a jaqueta, logo a camisa, e se dirigia ao lavabo. Ouviu como fazia ruído com algo na outra habitação, mas não se moveu. Não queria lhe desobedecer. Ainda não. Quando Colin retornou de novo à cama, levava umas tesouras chapeadas na mão. Não disse nenhuma só palavra enquanto lhe rasgava a blusa com elas, e Lissa, embora em sua mente queria protestar, não lhe deteve.

Quando chegou ao sutiã, cortou a banda que unia as duas taças e logo separou a seda branca em dois. Beijou a suave pele de seus peitos antes de concentrar-se nos mamilos, primeiro um, depois outro, para logo beliscá-los entre o polegar e o índice. Lissa arqueou as costas e um suave ronrono escapou de entre seus lábios enquanto Colin a beijava, cada vez mais abaixo, até a cintura. Ao chegar à saia, agarrou as tesouras de novo e deixou que Lissa sentisse o frio metal em sua pele nua

enquanto cortava o fino tecido.

Uma idéia revoava sem cessar pela mente da Lissa. O que se supunha que ia se pôr quando se fossem do hotel? Uma das toalhas brancas que havia no banheiro? A bata vermelha do Colin? Mas em seguida ele apagou aquela preocupação substituindo-a com outra nova.

— Me conte a primeira fantasia que te venha à cabeça — lhe disse — E logo darei a este traseiro incrivelmente bonito que tem os açoites que merece.

Capítulo Quatro

Colín acariciou a bochecha de Lissa e ela abriu os olhos. Estava-a olhando com uma expressão doce no rosto e não pôde evitar lhe sorrir. Em ocasiões a tocava com tanto cuidado que ela se sentia como se fosse feita de porcelana fina. Como se se rompesse com facilidade.

— Nos vamos descer aqui e agarraremos o próximo metrô de volta a nossa parada.

Assentiu com a cabeça, um pouco aturdida. Colin a guiou entre a multidão de viajantes para a plataforma. Logo, situado detrás dela, rodeou sua cintura com os braços e atraiu seu corpo para si. Lissa sentiu o contato de seu pênis ereto, e aquilo a fez excitar-se ainda mais do que as lembranças o tinham feito. Quando Colin estava excitado, algo podia passar. Lissa olhou a seu redor, tratando de encontrar alguma escura esquina a que Colin talvez a arrastasse, ou uma coluna detrás da qual esconder-se. Sempre ia ao menos um passo por diante dela, o qual não significava que ela não pudesse tratar de adivinhar o que lhe esperava. Fariam-no em público, só para provar que ele podia ter êxito onde ela tinha falhado?

Não. O metrô se aproximou e ambos entraram no vagão. Esta vez encontraram dois assentos livres, um ao lado do outro, ao final de tudo. Ele a olhou com ar peralta e de novo ela se perguntou o que pensava fazer.

Não demorou muito em descobrir. Assim que o metrô começou a mover-se, Colin deslizou uma mão por debaixo do casaco vermelho da Lissa. Rapidamente procurou entre suas pernas e, na mais absoluta clandestinidade, começou a acariciá-la, acima e abaixo, através do tecido da saia, seus furtivos movimentos perfeitamente dissimulados pelo casaco. Logo se inclinou para ela e lhe sussurrou brandamente:

— Recorda, Lissa. Como foi a primeira vez que te pus sobre meu regaço?

Ela respirou profundamente enquanto retornava de novo ao poço de suas lembranças, como se saltasse do trampolim às frias e azuis águas do passado.

Ser açoitada. Como se ele tivesse sabido do primeiro momento que aquilo era o que Lissa mais desejava. Abriu ainda mais os olhos, mas Colin não a estava olhando, muito concentrado em cortar o custoso tecido de sua saia de seda negra. Ao chegar à calcinha, fez um pequeno corte na parte superior, deixou as tesouras a um lado e acabou de rasgar com as mãos, arrancando a de seu corpo feito farrapos. Lissa se sentiu mais exposta por aquela forma de despi-la, mais que se lhe tivesse pedido quetirasse a roupa ela mesma.

— É tão bonita... — disse-lhe Colin observando-a com expressão de reverência.

Lissa seguiu seu olhar e viu os farrapos nos que se converteu sua roupa. Levantou a vista de novo e observou ao Colin enquanto ele convertia suas preciosas meias em tiras. De novo se encontrou a si mesma perguntando-se o que ficaria para retornar a seu hotel. Mas o mais importante era o que pensava fazer agora Colin.

Deveria ter adivinhado, porque sabia, enquanto lhe atava os pulsos com as partes de tecido molhado que tinham sido sua calcinha. Quis lhe dizer que manteria as mãos unidas sem necessidade de ataduras, mas assim que ele voltou a lhe comer o sexo, deu-se conta de que não fazia mais que enganar-se. Queria alargar os braços e lhe acariciar o cabelo, fino e da cor do fogo, afundar os dedos nele, lhe sujeitar ainda mais forte contra seu corpo. As ataduras tinham impedido que o fizesse, tinham-lhe recordado que tinha que comportar-se bem.

Comportar-se bem. As palavras ressonaram em sua cabeça. Colin ia açoitá-la porque não se levou bem e agora, queria não lhe desobedecer pela segunda vez, tinha que lhe contar uma fantasia.

— Ou pararei — lhe advertiu Colin, levantando a cabeça de entre suas pernas, com os lábios molhados e brilhantes pelo doce líquido de seu prazer. — Não te farei nada mais.

Tinha que continuar, não podia ser de outra maneira, de modo que Lissa tratou de pensar em algo que pudesse lhe contar. Se lhe houvesse dito que queria ser açoitada, certamente não tivesse acreditado, como tampouco que era algo que lhe tinha rondado a mente desde muito antes que ele o propusesse. Apesar de que era a verdade. Embora tivesse fantasiado com a ideia muitos anos antes de conhecer o Colin, antes inclusive de conhecer o Marcus ou a seu ex-namorado Beau. Tinha escrito sobre isso em seu diário eletrônico quando ainda era aquela garota virgem de dezoito anos que sabia o que queria, mas que não tinha nem a mais remota ideia de como pedi-lo.

Não sabia muito bem por que gostava de receber açoites. Não lhe ocorria nenhuma razão que o explicasse, como não fora que, para ela, era o mais parecido a deixar-se levar, a perder o controle. Quando um homem a colocava sobre seus joelhos e lhe pegava no traseiro, Lissa sentia que estava a sua mercê, e aquele era um sentimento tentador. Sabia, pela forma em que Colin a olhava, que ele a entendia. Queria dela algo distinto, algo mais.

De modo que, o que podia lhe dizer? Resultava-lhe cada vez mais difícil concentrar-se com o Colin brincando com a língua entre suas pernas. Deus, a sensação era incrível. Não tivesse sido capaz de lhe guiar para que o fizesse melhor. Era como se ele soubesse quando ser mais suave ou quando aumentar a velocidade. Com cada movimento da língua, Lissa avançava ainda mais para a linha de meta, com o que já era quase impossível obedecer suas ordens e compartilhar uma de suas fantasias sexuais com ele. Mas aquele era, e Lissa estava segura disso, seu objetivo. Queria ficar o difícil da forma mais erótica imaginável.

— Quero... — começou Lissa ao fim, antes inclusive de saber o que ia dizer, pensando que se começava a falar lhe ocorreria algo.

— Sim...? — interrompeu-a Colin, e suas palavras vibraram contra a tenra pele de seu sexo. Não deteve o que estava fazendo, por isso Lissa lhe estava tremendamente agradecida.

— Sempre quis... — começou de novo, reformulando a resposta, consciente de que Colin esperava uma continuação. Os movimentos de sua língua começaram a ser cada vez mais lentos e mais suaves, justo quando ela necessitava que fossem mais rápidos e contundentes. Estava jogando com ela, pondo-a a prova, e Lissa entendeu que tinha que lhe dar uma resposta se queria conseguir o que mais desejava. Desfilaram por sua mente multidão de fantasias e duvidou entre umas e outras antes de decidir-se — Sempre quis fazê-lo em público — respondeu finalmente.

Colin levantou a cabeça para olhá-la aos olhos.

— Fazer o que?

Não ia deixar que se livrasse tão facilmente.

— Transar — acrescentou Lissa, em lugar de «fazeramor», que era o que tinha estado a ponto de dizer. — Sempre quis transar onde todo mundo pudesse ver.

— Isso não é uma fantasia. Isso é um desejo. Me conte como fantasia com isso. Me dê até o detalhe mais insignificante.

Lissa fechou os olhos e tratou de visualizar a imagem. A primeira vez que teve aquela fantasia estava em seu segundo ano de universidade, na Califórnia. Era outono e os Jacarandas estavam em flor. Suas pétalas, de uma exuberante cor púrpura, criavam um grosso tapete violácea sobre os caminhos e a grama do campus. Na mente da Lissa, aquela era uma terra de sonho, quase muito perfeita, pensou, o dia que descobriu a um casal beijando-se sobre a erva do jardim das estátuas. Tinham estendido uma manta de quadros brancos e vermelhos junto a uma de suas estátuas preferidas, a de uma mulher nua de pé com os braços sobre seus peitos, e pareciam absortos naquela demonstração pública de afeto, sem que aparentemente lhes importasse ser observados. Lissa, que estava desenhando uma das estátuas, decidiu permanecer onde se encontrava e desenhá-los.

Aquela mesma noite, de volta a sua habitação, esperou presa da impaciência a que sua companheira dormisse. Com o som dos roncamentos de Catherine de fundo, Lissa se masturbou pensando naquele casal de amantes. Aquele era o cenário que escolheu paradescrever ao Colin.

— Esteve na Universidade de Califórnia? — perguntou, sem saber se Colin entendia suas palavras. Sua própria voz lhe resultava ser reconhecível. Ele estava a ponto de fazê-la chegar ao clímax.

— Em um seminário — respondeu ele retirando a boca dos lábios de seu sexo o tempo justo para responder.

Com saudade na voz, Lissa lhe explicou a primeira parte da história e lhe descreveu detalhes como a época do ano ou a beleza do jardim das esculturas sob a luz do crepúsculo.

— Mas o que mais eu gostei — confessou — foi o fato de que parecia não lhes importar que as pessoas os olhasse.

De novo Colin apartou a boca de entre suas pernas, esta vez para lhe sorrir, para lhe fazer saber que a entendia. No lugar da língua pôs seus dedos e massageou brandamente o clitóris e toda a zona ao redor dele, mantendo-a assim no mais alto, mas sem lhe permitir alcançar a cúpula. Deus, lhe dava tão bem aquilo... Era muito bom. Era como se tivesse um manual sobre como tocá-la, como lhe dar o máximo prazer imaginável.

— Masturbou-te pensando neles? — perguntou Colin, observando-a como se já conhecesse a resposta.

— Imaginei eu mesma no lugar da garota, eno do menino pus a um estudante de último curso de uma de minhas classes de arte. Imaginei nos arrancando a roupa e fodendo sobre a manta. — Fodendo. Havia-o dito de novo. E esta vez tinha sido muito mais fácil uma vez tinha começado a falar. perguntou-se o que outras coisas acabariam lhe resultando mais singelas com o tempo.

Colin assentiu, como se aquilo fosse exatamente o que esperava ouvir. E agora que finalmente Lissa lhe tinha dado o que queria, lhe daria o que mais necessitava. Cortou as ataduras que

mantinham seus pulsos prisioneiras e a pôs rapidamente sobre seus joelhos, com o traseiro preparado e esperando o contato com sua mão. Moveu-se com tanta rapidez que Lissa não tinha tido tempo de queixar-se, embora, estava no certo, possivelmente tampouco queria protestar.

Imóvel sobre o regaço de Colin, sua mente ficou em branco. Quão único era capaz de entender era o seguinte: Colin ia lhe dar uns açoites. Aquele pensamento irrompeu de repente através de sua consciência, do mesmo modo que a mão dele entrou em contato com a pele nua de seu traseiro. Ia açoita-la, e era precisamente isso o que ia fazer quegozasse.

Capítulo Cinco

Colin seguiu acariciando brandamente a Lissa através da saia. Gostava da sensação de provocá-la naquele abarrotado vagão de metro, notando o estalo continuado enquanto avançavam sob a superfície e com a sensação de estar fazendo algo indecente em público. Seu pênis ereto esticava o tecido da calça, mas ele tratou de ignorá-lo. Pospor o momento em que finalmente faria amor a Lissa era um de seus prazeres favoritos. Deste modo, as preliminares podiam durar horas, inclusive dias. Aquela noite, entretanto, tinha planejado ocupar-se tanto de suas próprias necessidades como das dela antes de que amanhecesse.

Olhou a Lissa e viu que tinha os olhos fechados e que se mordia o lábio inferior. Estava tão quente como ele. Para ele, a excitação nascia do fato de que ambos estavam em meio de um vagão cheio de passageiros e que aquelas pessoas não tinham nem ideia do que estava ocorrendo justo diante de seus narizes. A maioria não conhecia o mundo que os rodeava. E era triste, disse-se Colin, viver a vida em semelhante estado de inconsciência, embora no fundo lhe beneficiasse.

Faltavam ainda duas paradas. Durante uns minutos Colin se permitiu o prazer decadente de recordar aquele primeiro lucro com a Lissa.

Descobrir se realmente eram compatíveis foi um momento crucial para ele. As palavras da Lissa, pronunciadas em voz fraca, com um matiz de medo, tinham-lhe convencido.

Estava claro que a fantasia que lhe tinha contado logo que tinha despertado o interesse do Colin. Foder em público era fantástico, isso era evidente, algo com o que ele mesmo desfrutava, mas tampouco era nada inovador. Muitas pessoas compartilhavam essa mesma fantasia. Só teria que abrir uma revista que contivesse as mais íntimas confissões de seus leitores para comprovar que

muitos deles sonhavam fazendo em público. Não, o que mais lhe tinha gostado da fantasia da Lissa era que se masturbou pensando nela enquanto sua companheira de habitação dormia placidamente a tão somente uns metros de sua cama. Aquilo significava que sua nova companheira de jogos tinha sido incapaz de controlar seus impulsos e, para ele, isso era indicativo de que perseguia seus desejos. O que tivesse passado se a companheira de habitação despertasse e tivesse visto o que Lissa estava fazendo? Não parecia o tipo de garota que albergasse necessidades sexuais tão urgentes, e Colin desfrutou descobrindo aquele tipo de sexualidade sob sua aparência de mulher formal.

Sabia o difícil que era para ela expressar seus desejos em voz alta, mas o simples feito de que os tivesse lhe levou a imaginar possibilidades infinitas. Juntos podiam conseguir que se deixasse levar por completo, e a isso a obrigava sempre que podia, como aquela noite na cafeteria em que lhe fez falar quando ela se sentia incapaz de fazê-lo e a pressionou embora ela pensasse que tinha chegado ao limite do precipício.

O mais importante era não ter pressa. A primeira vez que a açoitou tratou de não ser muito severo. Queria introduzi-la no mundo dos prazeres que lhe esperavam no futuro. Não se tratava de assustá-la, de fazer que fugisse dele: lhe dando a provar o mel do futuro sabia que a faria dele.

Os açoites tinham sido quase rotina, como uma definição de dicionário — um único golpe sobre a pele nua administrado com a mão. — Mais adiante provariam com a pá, com o cinturão de couro negro que tanto gostava, com a vara. Havia, entretanto, algo sensual na ideia de pele contra pele, em notar o calor cada vez mais intenso contra a palma da mão.

E, de fato, cada nova companheira de castigos contribuía algo novo à experiência. Com a Lissa era a forma em que tratava de manter o corpo rígido ou como tentava controlar-se quando a sensação de dor começava a percorrer todo seu corpo. Era aquela uma doçura acrescentada que ele não esperava. A algumas de suas amantes as tinha que sujeitar, com firmeza, do primeiro momento. Assim é como devia ser se queriam que funcionasse. Lissa parecia mais preocupada em controlar-se, em tratar de lhe agradar até o último momento.

Não a tinha feito chorar ainda, o qual tinha sido premeditado por sua parte. Chorar nessa situação implicava uma sensação de liberação muito especial. E, embora desejava que chegasse o dia em que visse seu precioso rosto coberto pelas lágrimas, tinha decidido reservar o momento para mais adiante, quando estivessem de volta a Londres. Em Frankfurt se limitou a lhe abrir o apetite para o festim de prazeres que os esperava.

Quando chegaram a seguinte parada, Colin soube que Lissa estava a ponto de gozar. Perfeito. Assim estaria ainda mais faminta para o que tinha planejado para a noite. Sem lhe dizer nada, agarrou sua mão e a guiou fora do vagão e pelas escadas de cimento para a luz.

Capítulo Seis

Lissa estremeceu. A temperatura dentro do apartamento parecia ainda mais baixa que a do exterior. Ao avançar pelo corredor em direção à sala de estar, soube por que Colin tinha deixado as janelas abertas, e as delicadas cortinas de cor branca ondeavam dentro da estadia empurradas pela brisa. A chuva já tinha cessado, mas apesar disso a água brilhava no batente e sobre o chão de madeira no que se formou um pequeno atoleiro prateado. Era como um diminuto lago que tivesse emanado no meio do apartamento, e a Lissa recordou uma das pinturas de Parrish que tinha visto aquela tarde na cafeteria.

Tirou o casaco, pendurou-o no armário e logo se dirigiu para as janelas para as fechar. Colin a deteve.

— As deixe abertas.

Esteve a ponto de lhe perguntar por que, mas se conteve antes que as palavras chegassem a seus lábios. Colin não gostava que lhe fizessem muitas perguntas. Sempre lhe dizia que lhe daria respostas quando estivesse preparado, se é que para então ela não as tinha encontrado por si mesmo. *«É uma garota pronta — dizia sempre. — Em seguida o entenderá tudo. E se não, darei-te uma pista.»* Suas pistas não estavam acostumadas a ser agradáveis porque sempre comportavam algum tipo de dor. Claro que, pensou Lissa, acabava de descobrir sua afinidade com a dor, de modo que em certa maneira sim eram agradáveis.

Agora, vendo como arrastava uma pesada cadeira de pele até o centro da habitação, pôde

responder à pergunta por si mesmo. Várias das plantas do edifício que havia ao outro lado da rua eram escritórios. Em que ficava justo ao mesmo nível que a sua havia uma sala de reunião, com uma moderna janela de cristal justo em frente da janela aberta. Enquanto lhe observava, Colin abriu as cortinas para que tudo o que estivesse naquele momento no escritório tivesse uma vista perfeita da sala de estar. A sala de reuniões estava vazia, mas por quanto tempo? Naquela empresa — recém estabelecida e dedicada a algum produto de Internet — freqüentemente se celebravam reuniões até altas horas da noite. Colin não lhe permitiu seguir absorta naquele pensamento. Com apenas um olhar em sua direção, disse-lhe:

— Vá procurar a pá, Lissa.

Ela se moveu sem logo que pensar no que fazia, seguindo a ordem como um autômato. Agradeceu o fato de que suas mãos e seus pés ainda se movessem, enquanto que sua mente permanecia totalmente em branco. Era como se se ativasse um piloto automático em sua mente. Podia fazer que seu corpo avançasse pelo corredor até a gaveta da habitação no que Colin guardava seus brinquedos. Logo lhe ordenava que voltasse, os saltos repicando contra o chão de madeira, para lhe entregar a pá e esperar a seguinte ordem.

Mas essa nova ordem não chegou. Em seu lugar, Colin tomou assento na cadeira — escolhida por sua robustez e por não ter braços — e fez que Lissa se colocasse sobre seus joelhos. Não lhe disse que se despisse primeiro, não lhe pediu quetirasse as meias ou a roupa interior. Lissa sabia que ele desfrutava tendo-a em brasas. Seu cérebro tratava de processar o que estava ocorrendo, mas seu coração pulsava com tanta força em seus ouvidos que se sentiu confundida. Em realidade, não é que houvesse muita informação que processar. Colin iaproporcionar-lhe uma palmadas. E ia ser doloroso.

O tato de suas mãos sob a saia a fez estremecer. Avançou por debaixo do apertado tecido até chegar à cintura de sua calcinha de cor azul cobalto. Atirou delas com força até que se deslizaram por suas pernas e ficaram penduradas nos tornozelos. Levava meias de cor cinza pérola e um ligueiro a jogo, como Colin sempre lhe exigia, pois eram muito mais práticas para suas intenções. A calcinha se deslizou por cima do ligueiro, de modo que deixou as meias naquelas esbeltas pernas. Atirou do rico tecido da saia até que esta esteve enrolada ao redor de seu quadril, revelando seu precioso traseiro, perfeitamente emoldurado pelo encaixe cinza do ligueiro, perfeitamente emoldurado para a pá.

Tinham comprado aquela lingerie os dois juntos. Colin escolheu diferentes conjuntos e logo Lissa fingiu um desfile de modelos para ele nos provadores. Com cada mudança de vestuário, ela se excitava mais e mais, cobrindo-se com aqueles objetos que no passado teria rechaçado por muito frívolas. Agora entendia o atrativo que exerciam sobre os homens. Quem podia não sentir-se desejada levando semelhantes modelitos — saltos de cama quase transparentes fabricados em marabá, ligueiros cobertos de fitas de cetim, meia com tiras de encaixe — que só a um amante estaria permitido ver?

Apesar de que não se permitia o acesso de homens à parte traseira da loja, onde estavam os provadores, o dono tinha feito uma exceção com o Colin por ser um de seus melhores clientes. Lissa ficou pálida ao ver a soma que acabavam de gastar em toda aquela lingerie, transformando mentalmente as libras em dólares. Colin, entretanto, pareceu não lhe dar importância.

Agora, de barriga para baixo sobre seu regaço e levando o ligueiro de cor cinza pérola, Lissa pensou que havia um momento, justo antes de que a golpeasse, que sempre lhe parecia pior que o próprio açoite. A espera. Sabia do que se tratava, entendia-o, mas nunca conseguiria acostumar-se a isso. Pensar na dor o fazia sopesar a possibilidade de lhe pedir, de lhe suplicar, que a perdoasse. Mas o que teria que perdoar? Não tinha cometido uma indiscrição ou um engano, nem sequer tinha dado um passo em falso. Tudo se reduzia ao prazer que Colin sentia ao lhe dar uns açoites, a que ele ficava fogo e ela molhava a calcinha, e por muito que implorasse não conseguiria trocar nada.

Como sempre ocorria, algo em sua mente trocou com o primeiro golpe. A expectativa, a antecipação não eram nada comparadas com o açoite em si mesmo. A ardência que a pá deixou sobre sua pele fez que seus olhos se alagassem de lágrimas. Aquilo era muito, muito pior que a espera. Esses eram os pensamentos que se repetiam em sua mente, uma e outra vez, cada vez que Colin a açoitava, embora ele sempre era capaz de desintegrá-los com outro golpe, e outro, e outro, caindo primeiro sobre a nádega direita e logo sobre a esquerda.

Lissa começou a retorcer-se. Colin a reteve aprisionando suas pernas entre as suas, fortes e poderosas. Sujeitou-a melhor pela cintura e começou a golpeá-la ainda com mais força. Colocou-se de cara ao edifício de escritórios e disse a Lissa que mantivesse a cabeça abaixada, que não apartasse a vista do chão de madeira, enquanto lhe descrevia o que ocorria na sala de reuniões, justo ao outro lado da rua.

— Que você não possa vê-los não significa que eles não possam ver a ti — disse Colin entre açoite e açoite. — É tão bonita que os quatro executivos que acabam de chegar não podem acreditar na sua sorte. Ah, espera — lhe deu três açoites seguidos e logo continuou — acaba-se de unir a eles uma ruiva adorável. Parece bastante jovem. Está te olhando, Lissa. Arrumado a que gostaria de estar aqui, junto a você, talvez inclusive fazer fila esperando seu turno.

Lissa imaginou a cena em sua cabeça: os homens colocando as cadeiras frente à janela para poder ver o espetáculo; a garota, magra como um esqueleto, tremendo detrás deles. Acrescentou detalhes à imagem, pôs sobre o corpo daquela desconhecida um elegante traje de cor azul clara que ficava precioso sob a curta juba mogno. Aos homens imaginou altos e atléticos (fanáticos do esporte, sem dúvida) e não os típicos executivos gorduchos e de meia idade que poderiam estar ali, sentados, vendo como recebia aqueles açoites. Quase riu de si mesma ante a estupidez daquela imagem mental. Colin, enquanto isso, estava-lhe infligindo muito dor como para que ficassem vontades de emitir a mais leve das gargalhadas.

— A garota parece sentir pena por você — disse, descrevendo a cena enquanto descansava depois de uma série de golpes. — Certamente sabe o que se sente. Aposto o que queira a que esteve sobre o regaço de algum de seus robustos namorados para receber umas boas palmadas no traseiro. É evidente por como rétorce as pernas cada vez que te golpeio. Certamente resiste tanto como você.

Aquela história, urdida de um nada, não era mais que uma invenção. O escritório ao outro lado da rua seguia vazio. Entretanto, não importava que as palavras do Colin fossem certas ou não, porque para a Lissa o eram.

— É uma garota má — lhe disse, sem poder reprimir um sorriso para ouvir como Lissa retinha o fôlego ante suas palavras. Não tinha nem voz nem voto e tampouco forma de fazer que se detivesse — Muito, muito má, Lissa. Oxalá pudesse ver como nos observa a ruiva. — Duvidou um instante — Sabe?, acredito que me equivocava com ela. Não é o tipo de garota que faria fila para ficar sobre meus joelhos. — deteve-se de novo. — Pelo olhar faminto de seus olhos, acredito que esperaria para ter a você sobre seus joelhos. Parece forte. Poderia te dirigir. Não sente a mais mínima pena por você.

A Lissa não importava. Sentia suficiente pena por si mesma. As lágrimas lhe percorriam o rosto em dois sulcos paralelos. Tinha conseguido conter os soluços, mas as lágrimas se precipitavam sobre a madeira. Pensou que talvez Colin as ouvia, entre golpe e golpe, cair e estalar contra o chão. Pequenos e melancólicos tinidos sobre a dura madeira.

Perguntou-se se a faria chorar até formar um pequeno atoleiro antes de acabar com ela.

Capítulo Sete

Colin era capaz de imaginar a expressão no rosto de Lissa inclusive quando quão único podia ver era sua alvoroçada juba loira. A transformação era de uma beleza incrível, a forma em que seu rosto trocava com a primeira faísca de dor. Seus olhos se voltavam quentes, como se dentro deles ardesse uma fonte de calor mágica. O lábio inferior se adiantava formando uma panela, e Colin desejava poder mordê-lo. Forte.

Não sem esforço, deteve os açoites de novo o tempo justo para permitir-se admirar sua beleza ao completo. Enquanto desfrutava da visão do traseiro de Lissa, teve, sem saber, exatamente os mesmos pensamentos que ela tinha considerado tão somente uns segundos antes. O que era melhor, a espera do que estava a ponto de ocorrer ou o fato em si mesmo? Antes de uma de suas sessões, Colin sempre se sentia como um menino na manhã do dia de Natal, desejando saber o que lhe trouxe Papai Noel. Seria carvão ou talvez uma montanha de brinquedos? Ou melhor ainda, uma mulher travessa para tombá-la sobre seus joelhos e atormentá-la.

Às vezes, quando Lissa suplicava, Colin lhe punha ainda mais duro que com os açoites. Escutar todas aquelas desculpas enquanto golpeava a pá de couro contra a palma da mão era quase mais doce que colocá-la sobre seu regaço e golpeá-la com aquele instrumento de tortura. Mas ao final, como sempre ocorria, acabava decidindo que preferia os açoites. Gostava da cor que a pá deixava sobre a pálida pele de Lissa, uma matiz rosa intenso que se obscurecia naquelas zonas nas que golpeava mais repetidamente.

Mas já era hora de voltar para o trabalho que tinha entre mãos. Colin lhe deu uma série de açoites fortes e rápidos. O som era como o de um aplauso, agradável tanto pelo ritmo como pelo volume. Aquela noite tinha decidido utilizar uma pá comprada em uma viagem a Amsterdam, depois de visitar uns quantos sex-shops antes de encontrar um exemplar que fora de seu agrado. A pá tinha o peso exato e, a diferença de outros artigos mais baratos que tinha visto nas lojas, podia golpear com ela durante muito tempo sem provocar nenhuma ferida na pele. Não era sua intenção lhe fazer dano. Embora ele fosse o que a castigava, era ao mesmo tempo seu protetor.

De repente Lissa se retorceu em seu regaço, lhe golpeando entre as pernas e fazendo que tivesse que reprimir um gemido de dor. Devia evitar por todos os meios que soubesse quanto poder tinha sobre ele. Ao fim e ao cabo, ele era o dominante naquela relação e era sua obrigação que tudo saísse bem.

— Fique quieta — lhe disse, sujeitando-a com mais força. Gostava, entretanto, da forma em que os quadris de Lissa se esfregavam contra sua entreperna uns quantos açoites mais e estaria preparado para fode-la. Preparou a pá de novo, mas deteve o movimento no ar. Tinha um traseiro perfeito. As cores que ele mesmo tinha criado nele foram agora do rosa à arroxeadado.

Colocou uma mão sobre as nádegas para sentir o calor. Uma vez que tivesse acabado com ela, passaria mal cada vez que se sentasse. Não importava.

Segundo seus planos-para aquela noite, Lissa teria que estar de pé.

Capítulo Oito

De pé, sobre uns saltos do verniz mais brilhante que tivesse visto em sua vida, Lissa se mantinha erguida graças a uma grossa corrente de metal unida às algemas que lhe aprisionavam os pulsos. Colin tinha enganchado a corrente a uma argola que pendurava do teto para tal propósito. Custava-lhe manter-se em pé, sujeita como estava pelos pulsos e ligeiramente tremente sobre aqueles saltosagulha. A corrente tinha sido comprada em uma loja de ferragens normal de corrente, mas as algemas eram especiais, das que Colin se apaixonou uma vez em Nova Iorque.

Durante aquela viagem, um dos dois que lhe tinham separado da Lissa, deu-se conta de quão ligado se sentia a ela. Tinha passado aqueles dias julgando-a de menos, planejando o que lhe faria quando retornasse e chamando-a em horas inoportunas empurrado pela necessidade de ouvir sua voz. Depois de comprar as algemas, colocou uma em seu próprio pulso e logo se masturbou enquanto Lissa lhe descrevia por telefone como tinha sido a primeira vez que a açoitou em público. As algemas lhe haviam custado quase tanto como as duas noites naquele hotel de luxo, mas não lhe importava esbanjar o dinheiro. Só teve que imaginar a Lissa com o metal ao redor dos pulsos para que tudo valesse a pena.

Agora Colin estava sentado na mesa, frente a ela, com um enorme álbum de fotos entre as mãos. Uma atadura mantinha a Lissa em trevas, literalmente, mas lhe descrevia com todo luxo de detalhes o que estava vendo. Disse-lhe:

— Tenho aqui uma preciosa foto tua nessa mesma postura.

Lissa tratou de entender o que Colin lhe dizia. A mordaca, em forma de bola vermelha, lhe

impedia de fazer qualquer pergunta e, com isso, evitava-lhe receber outra palmadas. O explicaria tudo, seguro. Entretanto, não podia deixar de perguntar-se o que queria dizer com aquelas palavras. Sem contar umas quantas fotos eróticas que fez com seu namorado Beau muito antes de estar casada, nunca tinha posado nua para uma câmara. E aquelas imagens não eram nada em comparação com a posição em que Colin a tinha; eram simples nus que então lhe tinham parecido incrivelmente eróticos, mas que agora resultavam menos reveladores que o desply da revista Playboy.

Não podia imaginar a si mesma sendo atada pelo Marcus. Ele nunca tinha tempo para aquele tipo de coisas. Gostava de estar sempre em movimento, preparado para o que pudesse vir. Nunca queria fazer amor com ela aos sábados ou aos domingos pela manhã porque sempre tinha ficado com alguém para jogar a raquetebol e queria estar em forma. «*O sexo me volta lento — lhe disse uma vez depois que lhe insistisse — Passarei toda a manhã pensando em nossa transa matutina e a bolinha azul acabará me dando na cabeça. E você não quer ser responsável pela morte de seu marido, verdade?*» Não, não queria lhe matar. Só queria deitar-se com ele. De noite estava acostumado a encontrar tempo para ela, mas sempre nas mesmas posturas: o missionário ou de lado. Nunca nada mais atrevido. E aquele foi precisamente um dos motivos pelos que Lissa quis separar-se dele. De alguma forma sabia que havia mais vida — e mais amor — além das portas de seu dormitório.

— O único problema é seu cabelo — continuou Colin — Amanhã iremos a uma loja de perucas e procuraremos uma que te sente bem.

A atadura desapareceu de seus olhos e com ela todos os pensamentos sobre seu antigo companheiro. Colin estava de pé frente a ela, sustentando um grosso livro de fotografias dos cinquenta em que aparecia Bettie Page² em uma postura similar à sua, cativa, algemada. Mordança de bola, felpa imitação de pele de leopardo e saltos. Lissa já tinha visto aquele livro antes, em uma loja em Londres, com aquelas letras de cor rosa na capa e a imagem de Bettie na praia. A coleção de fotos lhe tinha parecido interessante, mas mesmo assim não o tinha comprado. Uma parte dela, a mais pomposa, não o considerava um livro de arte. Agora já não estava tão segura disso.

— Olhe — disse Colin sorrindo — poderia ser sua irmã gêmea.

Lissa não entendia nada. O sabor da borracha que a mordança tinha deixado em sua boca era azedo e desagradável. Preferiu concentrar-se nele. Ia Colincastigá-la ainda mais do que já o tinha feito? Ainda lhe ardia o traseiro, mas ainda não o tinham feito e normalmente ele precisava açoiá-la para conseguir uma ereção. Era algo que tinha aprendido durante a primeira semana que passaram juntos. O sexo entre eles nunca era doce, o qual não deixava de ser um alívio para a Lissa. Já tinha tido suficientes carícias para o resto de seus dias.

— É para minha coleção — continuou Colin — Eu gosto de levar a arte à vida real.

Lissa lhe olhou fixamente, lhe interrogando. Estava falando de algo que lhe interessava. A arte era uma parte fundamental de seu mundo. Sempre era capaz de encontrar uma obra que representasse cada uma das etapas de sua vida. E não importava se estava feliz ou triste, zangada, furiosa ou excitada. Sempre havia uma escultura, uma pintura, um College, uma coleção, que expressasse suas emoções. Sentiria Colin o mesmo?

— Tem perguntas que me fazer — disse Colin, ainda com um sorriso nos lábios. — Sempre as

² Bettie Page (Gretchen Mol) nasceu numa família interiorana, muito religiosa. Decidida a mudar de vida, a jovem partiu rumo à Nova York. Um dia, passeando pela praia, encontrou um fotógrafo amador e aceitou fazer algumas poses despretenciosas. Sua beleza e sensualidade chamaram atenção e Bettie iniciou uma carreira de modelo fotográfica. Rapidamente tornou-se uma das mais famosas pin-up's do país, esbanjando alegria e erotismo. Mas, em 1955, um senador americano iniciou uma dura investigação sobre a influência da pornografia na juventude do país. E Bettie acabou sendo transformada num exemplo de imoralidade.

noto. Brilham em seus olhos, sem resposta. Mas se te leva bem e as guardas para você mesma, como uma menina boa, tirarei-te a mordança. Eu gosto mais das preciosas linhas de sua boca sem ela.

Assentiu para lhe fazer saber que obedeceria. Colin lhe tirou a mordança e a deixou sobre a mesa, brilhante junto ao livro de fotos. Toda a coleção estava dedicada a Bettie Page, agora o via claramente. De modo que o comentário sobre a peruca significava que lhe compraria uma de cabelo escuro. Uma juba larga e morena caindo em cascata sobre suas costas nua. A imagem se formou rapidamente em sua cabeça. Mas por que?

Colin a deixou com os braços por cima da cabeça. Lissa, muito concentrada no que ele fazia, quase tinha esquecido a estranha postura de seu corpo. Aproximou o livro para ela e começou a passar as páginas. — Vê estas posturas? — disse Colin assinalando varias, todas elas com a Bettie escravizada de uma ou outra forma. — Quero as recriar. Parece-se bastante a Bettie, exceto pelo cabelo, como já disse. Pensei que eu gostaria de te fotografar em cada uma destas posturas.

Seus dedos assinalaram as distintas imagens. Bettie atada a uma árvore. Bettie vestida como uma escrava sexual e sorrindo à câmara. Bettie nua, com algemas ao redor de seus pulsos, olhando para a câmara com insolência. Colin continuou passando páginas até chegar a uma imagem em que Bettie aparecia sobre os joelhos de outra mulher. Lissa tragou saliva e se ruborizou. Ele a observou atentamente, e a expressão em seu rosto lhe fez rir. Era uma mescla entre medo e desejo, ambas as emoções enfrentadas em dura batalha. Tinha os olhos muito abertos, como se lhe assustasse aquela ideia. Sua boca estava entreaberta ante a perspectiva de se deixar cair sobre os joelhos de outra mulher.

— Todas — disse Colin de novo, enfatizando a palavra — Procurarei outra garota, uma que seja apropriada, e começaremos por esta foto.

É obvio que lhe faria começar pela mais difícil. Sempre a punha a prova. Mas quanto mais falhava naqueles exames, mais parecia passá-los. Aquilo a confundia porque não tinha sentido algum. Mesmo assim sabia que Colin desfrutava vendo como ela se cambaleava, como as lágrimas se formavam em seus olhos e se deslizavam por suas bochechas. Se o fazia tudo bem, então não tinha motivos para castigá-la. E nesse caso, onde estariam então?

Lissa fixou primeiro a vista no livro e depois no rosto do Colin. Logo baixou a cabeça. Os músculos dos braços começavam a lhe doer.

— Tão somente uns minutos mais — disse ele, desabotoando o botão de suas calças e deixando seu pênis ao descoberto. Estava duro. Acariciou-o descuidadamente com uma mão enquanto continuava lhe explicando seus planos — Quero ver essa preciosa expressão de tortura em seu rosto enquanto me masturbo.

Não ia deixar que elagozasse, não aquela noite. Lhe olhou com olhos de animal indefeso, o mais parecido a uma súplica que era capaz de aparentar depois da ferocidade daquela noite de açoites, mas ele se limitou a lhe dar um tapinha e começou a mover a mão com mais velocidade.

— A vida imita à arte — lhe disse docemente, enquanto sua mão se agitava com movimentos rítmicos acima e abaixo, seus olhos fixos no rosto de Lissa. — Recorda-o — continuou, sorrindo. É das perguntas que seguro que se repetem mais adiante.

Colin tinha planejado para aquela noite ocupar-se unicamente de suas próprias necessidades, deixar a Lissa pedindo mais.

Mas ela parecia derrotada e ele se sentia generoso, de modo que se colocou detrás dela e lhe tirou o pouco tecido que lhe cobria o corpo deslizando além da cintura. Assim poderia penetrá-la desde atrás. Sujitou-a com força. Seu corpo, flexível e turgente, retorceu-se sob a força de suas mãos. Seus pulsos seguiam encadeadas e esteve a ponto de perder o equilíbrio montada sobre aqueles saltos. Colin deslizou o membro entre as coxas de Lissa sem encontrar oposição e a penetrou, lhe dando assim o que ela mais ansiava.

Tinha-a depilado por completo com suas próprias mãos aquela mesma manhã, de modo que sentiu o suave tato de sua pele nua contra a sua enquanto introduzia o pênis entre os lábios de seu sexo. Recordou-a no chão do lavabo, nua sobre o capacho da ducha, enquanto ele passava lentamente a bucha por aquela pele tão delicada. Enquanto a barbeava, ela tinha ido ficando mais e mais quente, e seu próprio lubrificante se mesclou com a espuma de barbear.

— Você gosta — lhe havia dito — está toda molhada e ela simplesmente tinha suspirado, incapaz de dizer uma só palavra.

Tinha-a acariciado com a broxa de barbear, lhe fazendo cócegas nos lábios internos com ela, para logo separá-los com dois dedos e deslizar a broxa acima e abaixo sobre o clitóris, até que alcançou o clímax. Agora estava recolhendo os frutos da aventura daquela manhã. Sua pele era tão suave que era quase como esfregar-se contra um rico tecido, convertendo-a em um pacote feito de seda ou cetim.

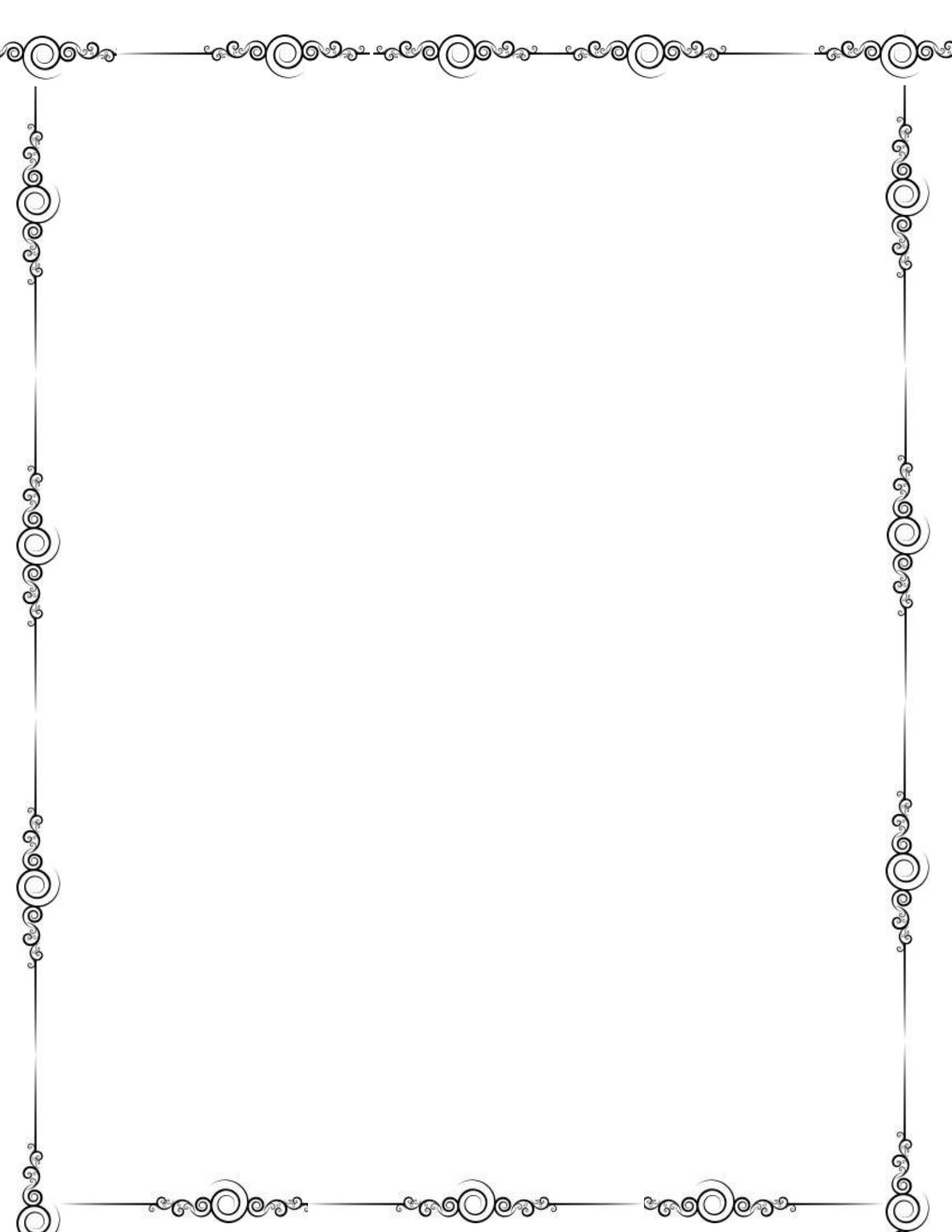
Enquanto fodiam, perdeu-se em pensamentos sobre o decadente daquele trato, no que tinha uma modelo a sua inteira disposição para vesti-la, atormentá-la, lhe fazer o amor como e quando quisesse. E além disso era perfeito que gostassem das mesmas coisas. Nenhuma de suas outras amantes se adaptou com tanta precisão a ele, a suas necessidades, a suas fantasias. Aos pensamentos escuros e retorcidos que lhe catapultavam ao orgasmo. Lissa, em troca, era como ele. Mesmo que ela nem sequer soubesse.

E quando lhe comprasse a peruca, quando a convertesse naquela beleza, em sua própria criação... Porra, não podia nem imaginar quanto desfrutaria disso.

A força dos empurrões do Colin fez que Lissa estivesse a ponto de perder o equilíbrio, e ele não fez nada para ajudá-la. Em vez disso, deixou que sentisse que iacair, até que seus pulsos esticaram a corrente ao máximo. Seu corpo se retorceu no ar e uma exclamação de terror escapou de entre seus lábios. Nesse momento Colin a sujeitou da cintura com uma mão para estabilizá-la. Logo penetrou de novo em seu corpo, muito dentro, para que sentisse a envergadura de seu pênis em seu interior, pressionando todos aqueles lugares sagrados. Provocou-a sem descanso, acariciando-a por dentro e por fora, antes de lhe dar tão somente a ponta de seu membro. Balançou-o contra a boca de sua vagina até que Lissa suplicou mais. Queria que lhe pedisse, que lhe rogasse que a fizesse dela. Quando o fizesse, poderia fode-la sem parar, penetrá-la com tanta força que sentiria suas bolas golpear sua doce pele.

Com apenas a ponta de seu membro dentro, Lissa não tinha suficiente, necessitava mais, e Colin se sentiu triunfante quando os gemidos se voltaram gemidos de prazer.

Sabia como ser doce. A sua própria maneira, isso sim, mas sabia como fazê-lo.



SEGUNDO LIVRO - O CÚMPLICE

A arte é cúmplice do amor. Sem amor já não há arte.

REMY DO GOURMONT

Capítulo Nove

O mecenas recebeu as primeiras fotografias por correio aéreo. Sabia o que eram, tinha estado esperando sua chegada com impaciência, e mesmo assim deixou todos os envelopes de lado para abrir o último. Observou o pacote marrom com a direção elegantemente escrita à mão e decidiu tomar uma taça antes, um bom gole de algo, antes de descobrir os mistérios que se escondiam dentro daquele envelope acolchoado.

Procurou entre as bebidas do móvel bar algo que valesse a pena. Havia vinho tinto, Amaretto, Campari. Mas não gostava. Queria algo que lhe adormecesse, que lhe levasse longe dali. Encontrou uma garrafa de uísque de dezoito anos presente de algum cliente satisfeito. Aquilo era exatamente o que necessitava. Saber o que podia esperar daquele envelope fez que de algum modo fosse ainda mais difícil encontrar o valor para abri-lo. Tinha pensado que o contrário poderia ser igualmente certo.

Tomou uma primeira taça, e logo uma segunda. Depois de caminhar acima e abaixo pelo escritório até que pôde ver as marcas de seus sapatos de pele sobre o grosso tapete de cor vermelha, finalmente agarrou o abre cartas, deu-lhe a volta ao envelope e viu que na lapela, em grandes letras negras, o remetente tinha escrito «A ARTE É VISÃO». Não se incomodou em pensar o que queria dizer aquilo. Rompeu o selo e esvaziou o conteúdo sobre a mesa.

E ali estava ela.

Bela, como Colin tinha prometido que seria.

Deslumbrante, vestida com um diminuto conjunto que parecia ter sido criado pensando nela. Seus peitos, embora pequenos, eram amadurecidos e turgentes, realçados ainda mais graças ao sutiã.

Era aquele um artefato engenhoso, com aberturas para os mamilos. Não pôde evitar imaginar a si mesmo chupando deles, atraindo o corpo daquela mulher para o seu e fechando os lábios ao redor do mamilo direito primeiro, do esquerdo depois, lambendo a pele ao redor lentamente, com a ponta da língua, antes de atraí-los para sua boca e chupar. Manteria-os firmes, eretos, como se fossem pequenas jóias. Beliscaria-os com os dentes até fazê-la gemer.

Apesar de que a foto era em branco e preto, imaginou a cor rosada de sua carne. Na segunda imagem, o traseiro aparecia enfocado para a câmara; acreditou distinguir as linhas carmesins que cobriam suas nádegas e suas coxas.

Tinha sido uma garota má, seguro. Justo como Colin havia dito.

Seu pênis cobrou vida dentro dos largos limites de seus bóxers de seda cor ébano. Pensou em procurar alívio, estendendo as fotos de barriga para cima sobre a pesada mesa de carvalho, com o membro em uma mão. Podia visualizar a imagem facilmente, seu sêmen sobre a brilhante superfície das fotos, que mais tarde queimaria com ajuda de seu antigo acendedor de prata. Mas aquilo não era o que realmente queria, ou talvez sim? Uma festa em solitário? Não. Não era o que tinha em mente.

Colocou as fotos sobre a mesa. Ficavam muitas dentro do envelope, junto com uma carta de Colin escrita à mão. O mecenas registrou aquele detalhe, mas não fez nenhum movimento para tirar o resto das fotos. Teria tempo suficiente para isso mais adiante. Por agora o que precisava era outra taça.

E a necessitava já.

Capítulo Dez

Era um sonho. Tinha que ser. Lissa sabia, mas não fez nada por despertar. Estava atada a uma cama, com os pulsos sujeitos por cima da cabeça, mas esta vez sem algemas. Havia algo contra sua carne, algo metálico e frio. Tratou de averiguar o que era, mas se deu conta de que sua visão estava bloqueada.

Não, não era um sonho. Estava acordada. Podia cheirar a loção de barbear do Colin, um perfume exótico e especiado, e também sentia seus olhos fixos nela, observando-a. Muito devagar, voltou o rosto para a janela e notou a luz que entrava através das cortinas. Certamente, aquilo não era um sonho, e tampouco sabia exatamente o que estava passando.

— É hora de despertar, Bela Adormecida — disse Colin com suavidade.

Seus dedos liberaram os pulsos da Lissa e perambularam sobre sua pele nua, ao longo dos flancos e logo para os peitos. Ali era onde tinha notado a sensação de frio, a que a tinha despertado de seu sonho.

De repente as cortinas se abriram de par em par e Lissa teve que piscar rapidamente até que seus olhos se acostumaram à luz. Colin estava sentado na borda da cama e a olhava com uma estranha expressão no rosto. Lissa baixou o olhar para encontrar a resposta ao mistério do frio e

descobriu que lhe tinha colocado umas pequenas pinças³ chapeadas nos mamilos. Uma fina corrente unia as duas pinças. Colin a tinha sujeita entre dois dedos e atirava dela com cuidado.

— Você gosta? — perguntou, atirando ainda do diminuto cordão de metal.

Como podia não haver despertado enquanto lhe colocava aquele artefato? Os últimos dias tinham sido um torvelinho de atividade. Depois da primeira sessão de fotos, tinha-a levado, tal e como lhe tinha prometido, a uma loja de perucas, onde tinham comprado vários modelos distintos. Mais tarde tinham vindo toda uma série de atividades intensamente planejadas, cada uma delas impulsionada pelo desejo do Colin de unir a arte com a vida real. Apesar de que não tinha introduzido a outra garota na relação, juntos recriaram várias das fotografias do livro de Bettie Page. A essa altura não deveria surpreender-se por nada que Colin fizesse. Mesmo assim...

— Responde, Lissa, você gosta?

Assentiu com a cabeça, porque, embora nunca antes tivesse contemplado a possibilidade de utilizar aquelas pinças ou não, se perguntou como seria as levar ou se desfrutaria com elas postas, seu corpo estava respondendo como sempre lhe ocorria ante as propostas sexuais do Colin. Estava molhada, notava-o em seus lábios internos. Se ele tivesse levantado os lençóis de algodão para escapular-se entre suas pernas, poderia ter saboreado sua essência entre suas coxas.

Faria-o?

Arqueou o quadril contra o lençol, suplicando em silêncio com seu corpo para que lhe desse alívio. De algum modo sabia pelo olhar do Colin que não o faria. Aquele não era mais que o primeiro passo em outro de seus elaborados planos.

— Eu adoro que assim seja — continuou ele enquanto ficava de pé e começava a vestir-se. — Porque quero que as leve todo o dia.

«*Não pode estar falando sério*», pensou Lissa, aturdida. E um segundo depois, com a mesma rapidez, entendeu que é obvio sim que falava a sério. Colin nunca brincava com coisas como aquela. As pinças tinham um dispositivo para as apertar, como o dos brincos antigos que ela usava para disfarçar-se quando era pequena. Colin o tinha apertado o suficiente como para que se mantivesse firme mas não resultasse doloroso. Sim, podia as levar. Mas como conseguiria concentrar-se no trabalho?

— Vemo-nos no museu — disse Colin.

Conhecia a perfeição seus horários, sabia exatamente onde tinha planejado passar o dia. Lissa lhe observou enquanto abotoava os botões da camisa azul, colocava sua gravata favorita, uma de cor azul marinho com um discreto toque de brilho, antes de procurar na pequena caixa de couro do penteadeira um alfinete para a gravata. Adorava lhe olhar enquanto se vestia. Tinha um sentido do estilo que nunca variava. Inclusive quando utilizava roupa informal, havia algo em sua aparência, uma pincelada de autêntica classe, que não se encontrava em muitos homens.

— Lavabos do terceiro andar.

Ajustou-se o cinturão negro de pele sem olhá-la, e Lissa ficou vermelha ao lhe ver acariciar a fivela chapeada. Era um gesto quase inconsciente por sua parte, suficiente para despertar todo tipo de emoções nela.

Conhecia o tato daquele couro contra sua pele. Não o tinha utilizado com ela muito freqüentemente, mas as poucas vezes que o tinha feito as marcas não tinham aparecido em seu



corpo, a não ser em sua mente.

— À uma em ponto. — repetiu — E espero que sigam em seu lugar.

Assentiu enquanto ele saía pela porta. Ficou na cama, imóvel, escutando seus movimentos no despacho que tinha na habitação contigua. Estava comprovando seu correio eletrônico. Podia ouvir o zumbido do modem e logo o som de seus dedos sobre o teclado enquanto escrevia uma resposta. Logo, quando Colin se despediu dela e fechou a porta do apartamento, levantou-se da cama e abriu a gaveta de roupa interior para vestir-se. O peso das pinças em seus mamilos não lhe deixava pensar em nada, e o som da minúscula corrente era como música para seus ouvidos.

Como arrumaria para as levar todo o dia? Não o faria. Meteria-as na bolsa e logo as poria de novo justo antes de encontrar-se com o Colin. Dispôs-se a tirar-lhe com uma mão, mas se deteve. Ele se daria conta. De algum modo saberia o que tinha feito, estava segura. Sentou-se na borda da cama, pensativa. De novo seus dedos se dirigiram para as pinças, mas esta vez para apertar as porcas um pouco mais.

OH, Deus, como gostava. estirou-se sobre a cama desfeita e seus dedos se escorregaram rapidamente entre suas pernas. Só necessitava umas quantas carícias, certas e calculadas, e chegaria ao clímax. Lhe dava especialmente bem. Sabia muito bem como se tocar para liberá-lo mais rapidamente possível. Um círculo apertando, logo outro mais suave, um movimento rápido com o polegar sobre o clitóris. As pontas de seus dedos revoaram com rapidez sobre os lábios...

Mas então se deteve de novo. Colin também se daria conta. Tinha um sexto sentido para aquelas coisas e, pelo olhar que lhe tinha jogado antes de ir, sabia que não gostaria. Acaso queria ela pôr a prova sua ira? Não, ao menos hoje não. Respirou profundamente e logo ficou em pé, foi até o armário e procurou uma coisa apropriada para vestir. Faria o que Colin lhe tinha pedido, levaria as pinças postas todo o dia. E não daria prazer a si mesma sem pedir antes permissão. Sabia, isso sim, que aquela seria uma jornada de trabalho inútil.

Não havia forma de colocar um sutiã em cima das pinças, de modo que decidiu prescindir dele. Não tinha muito peito, mas tinha se acostumado a levá-lo. Apesar de que em um museu pudesse encontrar-se arte vanguardista, muitos de seus empregados tendiam a ser bastante conservadores. Lissa sempre se vestia com recato. A idéia de estar nua sob a blusa era nova para ela, e ao mesmo tempo excitante.

Depois de revisar todo seu vestuário, escolheu uma blusa que era o bastante folgada como para que as pinças não se marcassem. Colocou o ligueiro favorito do Colin, uma saia negra e uns sapatos de salto. As pinças em seus mamilos faziam que se sentisse mais sexy que nunca e, quando se olhou no espelho justo antes de sair, viu aquela cor em suas bochechas, que unicamente aparecia depois de fazer amor.

Não pôde tirar ao Colin da cabeça em todo o trajeto até o museu. Uma das coisas que mais gostava dele, pensou no ônibus, era que lhe falava.

E o fazia de verdade. Antes de separar-se, Marcus parecia não ter nunca tempo para manter uma conversação com ela, como se cinco anos de matrimônio tivessem acabado com toda necessidade de comunicação, tivessem secado o poço da conversação corriqueira, ou o da educação, ou o que fosse que a gente fazia enquanto tomava o café da manhã ou na sobremesa depois de comer. Nos meses anteriores a que Lissa lhe deixasse tinha estado especialmente silencioso, a menos que tivesse algum fantástico caso novo que gostasse de discutir.

Mas Colin parecia desfrutar falando com ela. depois de passar horas atormentando-a com qualquer de seus métodos, liberava-a, apartava-lhe o cabelo do rosto e lhe dava um beijo. Inclusive com os olhos fechados depois de uma atadura, Lissa sabia que estava pensando em algo.

E aquele algo, pelo geral, pilhava-a por surpresa. Justo quando estava preparada para suportar outra diatribe sobre seu mau comportamento, sobre a suja e quão pecaminosa era, lhe

falava sobre uma nova exposição no Soho e lhe dizia que talvez deveriam agarrar um avião a Nova Iorque e ir ver .

A relação com o Colin era mais parecida com a que tinha tido com seu namorado Beau, o homem com o que tinha saído antes do Marcus. Beau tinha um lado selvagem que lhe recordava o do Colin. Precisava pôr a prova os limites e, se podia, rompê-los. Mas naquele tempo Lissa não tinha estado preparada para ele. Era muito jovem para deixar-se levar, para desfrutar das coisas que Beau sugeria que fizessem. Agora sim estava preparada.

Adorava aconchegar-se na cama com o Colin e ver a chuva empapando as ruas, ou o amanhecer, enquanto falavam da peça de teatro que tinham ido ver a noite anterior, antes de leva-la de volta ao apartamento para pendurá-la do teto e utilizar o cinturão para lhe decorar as coxas e as nádegas, com o cabelo caindo sobre seu rosto, sobre o chão, com a estranha sensação de não pesar nada, deliciosa e terrorífica ao mesmo tempo. Sempre a obrigava a agüentar em uma posição mais tempo do que ela se acreditava capaz. Conhecia seus limites e se negava a aceitá-los. E isso era exatamente o que ela esperava dele.

«*O melhor dos dois mundos*», pensou enquanto recolhia suas coisas e se preparava para descer do ônibus em sua parada. Ao descender os degraus a corrente ricocheteou contra sua pele e de repente soube que estava molhada de novo. E que não seria capaz de aguentar tanto tempo.

Capítulo Onze

Colin retornou de sua reunião da manhã um pouco antes de meio-dia. Tirou a jaqueta e se dirigiu à outra habitação do apartamento, muito menor, onde tinha instalado um pequeno despacho. Ligou o computador e afrouxou o nó da gravata enquanto esperava que a máquina comesse a funcionar. Queria reler um dos e-mails do mecenas⁴ antes de encontrar-se com Lissa no museu.

A tela cobrou vida e Colin pressionou umas quantas teclas com impaciência para introduzir sua contra-senha no equipamento. Tinha várias mensagens novas, mas as ignorou. Em seu lugar, abriu a pasta onde guardava o «*correio antigo*» e leu o último de AMANTE DA ARTE com tanta concentração em seu rosto que Lissa se assustou de lhe ver.

O mecenasinha gostado do primeiro envio de fotos, as imagens da Lissa com os pulsos encadeadas ao teto do apartamento, recreando velhas fotos instantâneas da famosa série de Bettie Page realizada pelo Bunny Yeager. Agora queria algo que demonstrasse que tinham explorado o mundo exterior, provas de que Lissa estava expandindo seus horizontes, que não só podiam jogar e divertir-se em privado.

⁴ Patrono

Aquilo era parte da missão que Colin devia cumprir: investigar quais eram os pensamentos da Lissa, suas fantasias, suas experiências. E quando AMANTE DA ARTE lhe pedia algo, ele se limitava a entregar-lhe. Esse era o trato, e por alguma razão Colin desfrutava com os encargos mais que se tivesse uma relação normal com a Lissa. Tão «normal» ao menos como qualquer de suas relações pudesse ser. (perguntou-se o que significava exatamente «normal». Seguro que não era o único que necessitava jogos de dominação e submissão para alcançar o clímax. Ou talvez sim?) Gostava da intriga que supunha aquela terceira parte, aquele terceiro sujeito envolto na relação. E seus encargos conseguiam que sua mente e seu libido trabalhassem a todas as horas.

Hoje Colin tinha decidido levar a Lissa ao entorno no que se sentia mais a gosto: o mundo da arte. Sim, ia além do que o mecenas lhe tinha pedido, mas ao fim e ao cabo ele sempre queria ser mais que outros.

Capítulo Doze

Lissa despertou estirando os braços por cima da cabeça e olhou o enorme relógio que pendurava da parede da biblioteca. Já quase era uma. Seu coração começou a pulsar com força pensando no que lhe esperava, mas se obrigou a manter a calma. Durante uns minutos, e só para demonstrar a si mesma que ainda tinha o controle sobre seus próprios atos, continuou estudando as notas que tinha pulverizadas desordenadamente sobre a mesa.

A quem acreditava que estava enganando?

Olhou de novo o relógio e começou a recolher os papéis. Só tinha cinco minutos para guardá-los tudo e correr até os lavabos do terceiro andar. Não tinha sentido fazer esperar ao Colin e pôr a prova sua ira.

A biblioteca estava situada na planta baixa do museu e só tinham acesso os empregados do edifício e aqueles que tivessem um passe especial, como Lissa. Sobre a mesa descansava um grosso livro de arte italiana aberta pela metade. Fechou-o e o colocou em uma pilha onde descansavam várias das obras que levava toda a manhã tratando de ler. Tal e como tinha suposto, virtualmente não tinha avançado nada em sua investigação, muito absorvida pelo Colin e seus planos.

Lissa tinha viajado a Londres para realizar a investigação de seu novo livro, e para isso tomou um ano sabático de seu trabalho no ART (o Instituto Tecnológico de Investigação Artística).

Dedicava-se em corpo e alma ao projeto, um estudo sobre novos artistas emergentes e suas fontes de inspiração clássicas. submetia a si mesma a uma disciplina férrea. Dedicava parte de seu tempo a visitar galerias e o resto o investia em museus e bibliotecas. E é que não podia trabalhar de outra maneira, já que se não planejava seu tempo devidamente, o livro nunca veria a luz. Havia muitas coisas em Londres, muitas reclamações, com os que distrair-se.

Como Colin.

Guardou os apontamentos em sua mochila de pele negra, enquanto se repreendia por não ter aproveitado mais a manhã. Embora em realidade não tinha sido culpa dela, mas sim do Colin. Era ele o que tinha monopolizado seus pensamentos enquanto deveria ter estado investigando sobre famosos pintores renascentistas. Normalmente, e a pesar do tempo que passavam juntos e de seus joguinhos, o livro avançava a bom ritmo. Talvez ajudasse que sua vida amorosa lhe resultasse tão satisfatória. Tinha descoberto que, enquanto estava na biblioteca investigando, era capaz de desconectar de seu lado mais sexual. Quase sempre, ao menos. Mas hoje seus intentos tinham sido em vão. As palavras se voltavam imprecisas ante seus olhos e as imagens que conhecia de cor eram impossíveis de decifrar.

Passou a mão pelo cabelo para pôr ordem em sua loira juba. O movimento fez que as pinças se esticassem sobre seus mamilos e um suspiro escapasse de entre seus lábios sem poder fazer nada para evitá-lo.

Envergonhada, recolheu rapidamente a mochila. Como tinha sabido Colin que gostaria daquele novo joguinho? É que acaso aparentava ser o tipo de mulher que desfrutava levando pinças nos mamilos? Ou algemas, ou qualquer dos objetos que utilizavam quando estavam juntos?

Saiu da sala principal da biblioteca ainda com aqueles pensamentos em sua cabeça e começou a subir as escadas que levavam ao segundo andar. As obras que penduravam das paredes do museu eram uma seleção de vários artistas locais. Lissa já as tinha visto em sua primeira visita ao museu e agora passou junto a elas sem nem sequer dar-se conta. Em lugar disso, viu sua imagem refletida no cristal de uma janela e comprovou com alívio que parecia tranquila, como sempre. Ninguém poderia imaginar que sua calcinha já estava empapada só ante a ideia do que Colin e ela estavam a ponto de fazer.

Embora em realidade não sabia o que tinha planejado Colin para ela. A infinidade de possibilidades era o que mais a excitava. Com ele tinha aprendido que algo era possível. E era importante não tratar nunca de adiantar-se a seus planos. Sempre tinha a capacidade de surpreendê-la.

Deslizou os dedos pelo corrimão de madeira das escadas enquanto subia os degraus que a levariam ao terceiro andar. Cruzou com um trabalhador do museu, que a saudou com um gesto da cabeça. Lhe devolveu a saudação, embora sua mente estava centrada no Colin. Teria chegado já? Faria-a esperar, passeando acima e abaixo e desejando que ninguém mais entrasse nos lavabos?

Não. Lissa empurrou a porta dos serviços e lhe viu ali, de pé, esperando-a. Sem mediar palavra, fechou a porta detrás dela e a obrigou a inclinar-se sobre o lavabo. Com um rápido movimento lhe subiu a saia até a cintura e, ao ver a mancha de umidade em seus calcinha, sorriu ao reflexo da Lissa no espelho. Tinha estado toda a manhã pensando nele, imaginando, molhando-se. Em lugar de lhe baixar a calcinha, apartou-as a um lado.

Lissa pensou que a faria sua ali mesmo, mas não foi assim, ficou de joelhos detrás dela, separou as nádegas com as mãos e introduziu a língua entre elas, inclinando-se mais para poder lhe lamben os lábios. Lissa gemeu de prazer e se sujeitou com força à fria porcelana da pilha. Colin apertava o rosto contra seu corpo. Podia sentir a calidez de seu fôlego, de sua língua movendo-se adiante e atrás, lhe lambendo primeiro o clitóris para logo desaparecer nas profundidades de seu corpo. Estava-a fodendo com a língua, e a sensação era incrível.

Mas desejava mais, muito mais.

— Por favor, Colin — suplicou, dando-se conta, enquanto as palavras saíam de sua boca, de que ele raramente escutava seus rogos. Preferia fazer as coisas a sua maneira, a seu ritmo. Mas às vezes sim fazia o que lhe pedia, e naquele momento Lissa era incapaz de guardar silêncio. As pinças ainda penduravam de seus mamilos. Tinha-as levado toda a manhã, suficientes preliminares para ela. Agora o que queria, o que mais desejava, era sentir o tato de seu pênis dentro dela. — Necessito...

Ele se apartou o suficiente para poder perguntar. — O que necessita, preciosa? me diga o que é o que quer que faça.

Era estranho. Colin podia comportar-se como o amante mais refinado que jamais tivesse tido, e ao mesmo tempo era capaz de transformar-se em alguém mais parecido ao James Dean⁵, um tipo jovem e curtido que desejava fazer-se responsável dela, cuidá-la, de todas as formas imagináveis.

Podia ser duro. Lascivo. Sujo.

Observou o reflexo de seu rosto no espelho enquanto pronunciava as palavras em voz alta, incapaz de reconhecer-se no desejo que seus olhos desprendiam.

— Necessito que me foda.

Colin ficou em pé. Em um segundo tinha liberado seu pênis e o sustentava com uma mão, despreocupadamente, como se queria lhe demonstrar quão preparado estava para ela. Penetrou-a sem lhe dar tempo a reagir, com movimentos lentos, para que sentisse como a carne se fechava a seu redor enquanto seus lábios se abriam como as pétalas de uma flor. Logo começou a fode-la, profunda e lentamente, tal e como ela desejava. Rasgou a blusa até que seus peitos ficaram ao descoberto e atirou da delicada corrente chapeada que unia as pequenas pinças, enquanto lhe sussurrava ao ouvido.

— Esteve pensando em mim toda a manhã, verdade?

Ela assentiu. Era certo. Não tinha dedicado nem um só pensamento a nada que não fosse o que lhe ia fazer e quanto tempo teria que esperar para que aquilo passasse.

— Responde — exigiu Colin enquanto lhe acariciava a nuca com os lábios e logo a beijava.

— Não podia ficar quieta — respondeu Lissa olhando a imagem do Colin refletida no espelho. Sua aparência sofisticada se transformava cada vez que aparecia aquele brilho de luxúria em seu olhar. Parecia estar tão faminto como ela, assim pensou que talvez gostaria de saber o que era o que a excitava mais daquela escapada. — É tão pecaminoso foder enquanto isso arte...

Gostava, Lissa o podia ver em seus olhos. Colin puxou a corrente, esta vez mais forte, obrigando-a a inclinar-se ainda mais. Naquela posição, com as costas arqueada de forma que os quadris pressionassem contra seu corpo, podia sentir a envergadura de seu pênis muito dentro dela. Desejava gritar, deixar-se levar completamente. Oxalá pudessem ter o museu para eles sozinhos. Estenderiam uma manta sob sua peça favorita e foderiam como animais, embora civilizados, com as paredes cobertas de arte a seu redor.

— Me fale, Lissa — ordenou Colin. — Diga-me o que sente.

Sentiu a lamina de seus afiados olhos verdes e baixou o olhar do espelho. Fixou-a em seu lugar nos grifos e nas diminutas gotas de água que se escorriam pelo lavabo de porcelana. Colin sempre tratava de lhe fazer dizer coisas sujas, mas ela nunca o obtinha. Podia ouvir todas aquelas palavras dentro de sua cabeça, conhecia sua sonoridade, e entretanto era incapaz de fazer que sua boca se movesse, não sabia como as forçar a sair de seus lábios. Tivesse-lhe encantado poder lhe

⁵ **James Byron Dean** (Marion, Indiana, 8 de Fevereiro de 1931 - Salinas, Califórnia, 30 de Setembro de 1955) foi um ator estadunidense. É considerado por muitos como um ícone cultural, como a melhor personificação da rebeldia e angústias próprias da juventude da década de 1950.

descrever a sensação de seu pênis pulsando em seu interior, tão poderoso, chegando aos lugares mais secretos de sua feminilidade, acariciando-a languidamente, para logo acelerar o ritmo justo quando o necessitava. Que liberador teria sido poder dizer que aquele era seu brinquedo favorito, por cima das pinças, e das algemas, e do cinturão. Só sua carne muito dentro dela. Mas não sabia como dizer todas aquelas coisas. Não importava quanto insistisse ele, ou tratasse de convencê-la, ou inclusive a ameaçasse. Ao final sempre era Colin o que acabava falando pelos dois.

— Nenhuma só das peças deste museu pode competir contigo — lhe sussurrou ao ouvido justo antes de gozar.

Mais tarde Lissa se perguntaria por que conhecia Colin aqueles lavabos, como sabia onde estavam quando ninguém mais parecia conhecer sua existência. Não se preocupou muito por isso, do mesmo modo que tampouco se preocupou com as marcas escuras que lhe saíram nos mamilos ou pela dor nos peitos que durou até dois dias depois daquele encontro.

Colocar um sutiã se converteu depois daquele dia em uma experiência evocadora que lhe recordava o encontro nos lavabos do museu, e o roce dos mamilos nus contra o tecido lhe provocava uma reação imediata entre as pernas. Colin ficava observando seu peito com um sorriso nos lábios, como se lesse seus pensamentos e se sentisse satisfeito.

Capítulo Treze

Esta vez era uma fita. O mecenas soube ao apalpar com os dedos as bordas do pacote. Abriu o envelope e a fita caiu sobre a mesa, junto com uma pequena parte de papel no que se podia ler: A ARTE É SOM.

Colin estava se voltando cada vez mais imaginativo. O mecenas fechou os olhos e tratou de imaginar o que ouviria quando pusesse a fita no reproduutor. Esta vez preferiu não entreter-se. Agarrou a fita e se apressou para seu estudo, onde tinha um aparelho de som muito completo. Introduziu a a casete na portinha, agarrou os auriculares e pulsou o botão de reprodução.

Ficou imóvel, de pé frente ao equipamento, compreendendo o que estava escutando, mas sem uma imagem visual para acompanhá-lo.

Ouviam-se gemidos e reverberações, como se Colinhouvesse fodido a Lissa em uma habitação com eco. Fechou os olhos e tratou de imaginar o que estava escutando. Lissa suspirou e logo começou a dizer algo, mas se deteve. O mecenas rebobinou a fita para reproduzi-la de novo desde o começo. Não queria perder nenhuma palavra.

«Por favor — dizia a voz de Lissa. Retrocedeu de novo e escutou — : Por favor...» Deus, o som daquela súplica o pôs duro imediatamente. Oxalá estivesse ali para ouvi-lo. Se era sincero consigo mesmo, devia admitir queteria gostado de estar no lugar do Colin, penetrando-a muito dentro,

fazendo-a gemer de prazer, suplicar mais quando só lhe desse a ponta. Lissa a queria inteira, só para ela, era uma menina suja e má, queria sentir a envergadura de seu membro pulsando em seu interior.

Colin lhe dava instruções, lhe ordenando que lhe dissesse sujeiras, mas embora lhe tivesse encantado poder as ouvir, Lissa não obedecia. E em realidade não passava nada se não o fazia. Tinha tempo de sobra para aprender, para ampliar seu repertório. Muito tempo.

O mecenas escutou com atenção os dez minutos de fita antes de rebobiná-la até o princípio e escutá-la de novo. Na segunda audição se masturbou com o som da voz de Lissa.

Era como uma melodia recorrente. Perguntou-se, justo antes de gozar, quando seria convidado a escutar o concerto ao vivo.

Capítulo Quatorze

Algumas tardes, tinha avançado com o livro o suficiente, Lissa terminava de trabalhar logo e passava a tarde no apartamento de Colin. Escutava seus cds, procurava entre seus livros e provava os distintos licores que havia em seu bar móvel. Às vezes caminhava lentamente pelo corredor, como se fosse a primeira vez que estava ali, admirando as fotografias que penduravam das paredes. Eram imagens em branco e negro de uma erótica muito sutil, subgerentes mais pelo que se insinuava que pelo que realmente chegava a mostrar. Em uma delas se via uma mulher envolta em um tecido semitransparente, de modo que o espectador só podia apreciar as formas de seu corpo. Em outra apareciam as pernas de uma mulher, o objetivo da câmara tinha sido a costura negra que percorria suas meias.

Levava vários meses vivendo ali e, entretanto, seguia sentindo-se como uma convidada. Mas não era uma sensação desagradável. Podia utilizar todas suas posses, seus móveis de desenho, seu equipamento de música e sua biblioteca. Era um pouco parecido como se sentiu naquele hotel caro de Frankfurt. Não tinha comprado nenhum dos objetos daquela casa, e precisamente por isso lhe resultavam todos interessantes.

Uma vez acabada a feira, Colin a convenceu para que fosse viver com ele. Deu-lhe uma chave do andar, esvaziou a metade dos armários para que pudesse guardar suas coisas e lhe disse

querelaxasse. Podia utilizar seu notebook e suas notas uma pequena mesa que havia no despacho. Também havia estantes, um escritório antigo e mais textos médicos dos que Lissa jamais teria imaginado. Era importante, explicou-lhe Colin, estar ao dia dos últimos descobrimentos de seu campo.

Na última estante era onde Colin guardava seus livros eróticos, da coleção completa das obras do marquês de Sade até novelas eróticas como História de O e recopilações como Penthouse Letters. Pelo visto também considerava importante estar ao dia naquele outro tipo, bem distinto, de livros. As obras estavam ordenadas alfabeticamente. Lissa tinha permissão para folhear o que quisesse, e nem sequer estava obrigada a devolver cada livro a seu lugar original. Colin mantinha tudo em ordem para seu próprio benefício, mas em troca não era nada puntilioso quando se tratava de Lissa. A única regra que regia obrigatoriamente naquele despacho fazia referência ao computador.

— Estou seguro de que valora a privacidade — lhe disse o dia em que Lissa se mudou ao apartamento. Ela assentiu, embora não considerava a si mesma uma pessoa ciumenta de sua intimidade. O certo era que nunca tinha acreditado ter segredos que valesse a pena guardar, além de suas fantasias sexuais, das que deixava escrita em seu diário eletrônico, que nem sequer Marcus conhecia. — Eu também a valoro — continuou Colin, como se Lissa tivesse respondido a sua afirmação. — E embora meus arquivos não fariam mais que te aborrecer soberanamente, prefiro que não toque no computador.

Lissa respondeu assentindo de novo. Por que queria ela ler arquivos médicos? E, além disso, quando teria tempo para isso? Estava muito ocupada com seu próprio projeto.

Uma tarde, na biblioteca, o portátil de Lissa se desligou sem motivo aparente. De volta no apartamento, conectou-o à rede e mesmo assim se negou a responder. Era evidente que algo grave ocorria à máquina.

— Merda. — Era precisamente o que necessitava. Parecia ter se quebrado, e lhe havia levado muito dinheiro. Olhou a hora: quase as cinco. Colin ainda não havia retornado do trabalho. Também eletomou um ano sabático⁶ no hospital, mas mesmo assim mantinha o contato com vários de seus colegas e lhes dava seu conselho profissional quando o necessitavam. A nota que lhe tinha deixado dizia que voltaria lá pela sete.

Aquele era o momento perfeito para trabalhar em seu livro, mas necessitava um computador. Olhou primeiro a caixa em que guardava os cds, logo o portátil inutilizado. Finalmente agarrou um cd e suas notas e se dirigiu ao despacho do Colin.

Ao fim e ao cabo eram circunstâncias especiais. Não tinha interesse algum em seus arquivos

⁶ As empresas tiveram suas primeiras experiências com o sabático nos anos 50, quando algumas adotaram esse *programa* para motivar funcionários que se mostravam abatidos e sem perspectiva - dessa forma as companhias acabaram descobrindo que depois de liberarem seus profissionais para a realização de algum projeto pessoal eles voltavam bem mais motivados.

peçoais. Limitaria-se a abrir um de seus documentos e teclaria nele algumas nota. Tomou assento no escritório e se dispôs a trabalhar.

Apertou o botão de aceso do computador. Enquanto inseria o cd na unidade leitora e começava a estruturar mentalmente o capítulo dedicado ao uso do mármore na Antiguidade, seus olhos se fixaram em um dos ícones da tela. Era o servidor de correio eletrônico. Por um momento Lissa pensou em fazer clique sobre ele e ler seu correio. Certamente seriam mensagens de seus colegas médicos. Sem dúvida seriam aborrecidos, nada que ela tivesse interesse em ler. Entretanto...

Fazia muitos anos, quando ainda ia ao instituto, encontrou o diário pessoal de sua irmã. Então tinha tido exatamente as mesmas dúvidas que agora: vergonha por expor sequer a possibilidade de ler os pensamentos mais privados de sua irmã Julianne, mas ao mesmo tempo excitação ante a idéia de conhecer os segredos de outra pessoa. Julianne descobriu tudo e lhe retirou a palavra durante meses. Deveria ter aprendido a lição então.

Mas...

Decidiu que leria o correio do Colin. Ao fim e ao cabo, agora que conhecia sua existência, acabaria fazendo-o cedo ou tarde, e enquanto isso seria incapaz de avançar com o livro. Emocionada pelo que pudesse encontrar, fez clique sobre o ícone mas, em lugar de abrir o programa, o computador lhe pediu a contra-senha.

É obvio. Deveria havê-lo imaginado. Muito próprio do Colin. Provou com todas as palavras mais óbvias que foi capaz de imaginar — menina má, açoite, pá — , mas nenhuma delas lhe abriu as portas daquele outro mundo eletrônico.

Seu livro lhe parecia agora muito menos interessante. Já não tinha vontade de trabalhar nele, nem de escutar cd, nem sequer de ler nada do contrabando do Colin. Ficou observando o ícone em silencio durante vários minutos e ao final desligou o computador.

O apartamento lhe parecia agora menor. Não importava aonde ia, seu olhar sempre acabava fixo na porta do despacho. Finalmente colocou um pulôver, agarrou as chaves e saiu pela porta. Quando já estava no patamar, deu-se conta de que não tinha aonde ir.

Estava a ponto de voltar para dentro quando as escadas que levavam ao terraço do edifício chamaram sua atenção. Nunca tinha subido ali. Correu escada acima e empurrou a porta, ignorando o pôster de «*Proibido a passagem*».

Fora, o contato com o frio vento da tarde fez que se sentisse melhor. Não tinha motivos para alterar-se por aquela contra-senha, disse-se. Percorreu o perímetro do edifício, aparecendo de vez em quando para observar as ruas, e ficou extasiada com uma das gárgula que serviam como canalização dos canos de deságue.

Podia simplesmente perguntar ao Colin o que havia naqueles e-mais. Ao fim e ao cabo não havia segredos entre eles. Estava segura de que sua política de privacidade não era mais que isso,

uma simples política. Se de verdade queria saber o que escondia no computador, ele mesmo lhe daria as chaves.

Seguro?

Capítulo Quinze

Aquela noite Lissa se preparou para enfrentar ao Colin e lhe perguntar pelos e-mails. Ela tinha compartilhado tudo sobre sua vida, não deveria fazer ele o mesmo? Esclareceu garganta, disposta a fazer a pergunta, mas assim que se sentaram para jantar na diminuta sala de jantar do apartamento, Colin apagou todos aqueles pensamentos com uma só frase.

— Planejei uma pequena escapada.

Lissa lhe olhou fixamente, com os olhos muito abertos.

— Nada muito importante. Três dias, duas noites.

Iriam viajar! Imediatamente a mente de Lissa se encheu de fantasias a partir daquela simples

afirmação. Uma onda de felicidade percorreu todo seu corpo e teve que esforçar-se para apagar um sorriso estúpido de seus lábios. Tinha que emprestar atenção ao que lhe estava dizendo porque aquilo podia ser algo mais que uma simples escapadinha. Com o Colin sabia por experiência que sempre havia mais.

— Quero te mostrar a beleza da velha Inglaterra — continuou ele, como se fosse o guia turístico que Lissa tinha lido no avião de caminho a Europa dos Anjos. — Londres não é tudo, sabe? — deteve-se e em silêncio estendeu lentamente manteiga sobre uma fatia de pão, antes de perguntar — Você gostaria?

A ideia de viajar com Colin lhe parecia das mais excitantes. Os dois meses que tinham passado desde seu primeiro encontro em Frankfurt tinham estado em Londres. Lissa não estava ligada a umas horas de trabalho fixas, de modo que podia ir a qualquer parte sem necessidade de consultá-lo com um chefe ou planejar com a família.

— Eu adoraria — respondeu. Talvez a levasse a uma daquelas pequena-pensão, embora sinceramente não imaginava Colin em um lugar assim. Talvez a uma cabana de caça, ou a um spa. Possivelmente agarrariam o carro e iriam a Beth. Fascinava-lhe a história daquela cidade.

Os olhos de Colin seguiam fixos em Lissa, de modo que rapidamente tratou de centrar sua atenção de novo nele. Tinha aprendido a decifrar muitas de suas expressões e reconhecia à perfeição a que agora via em seu rosto.

Havia um preço que pagar. Sempre o havia.

— E é óbvio — disse Colin — espero que me pague adiantado. — Lissa trágou com força o nó que acabava de formar-se em sua garganta. Pensava castigá-la? Não tinha feito nada mau, ao menos nada que ele soubesse. Era impossível que soubesse que tinha estado farejando em seu computador.

— Como? — perguntou ela gaguejando, incapaz de seguir calada.

Por uma vez Colin não pareceu aborrecido porque se atrevesse a lhe perguntar.

— Toca-te escolher um lugar para jogar — respondeu com suavidade, e de novo teve Lissa que esforçar-se por não sorrir bobamente. Pela primeira vez desde que estavam juntos pensou que superaria a prova. Não como no museu, com todos aqueles estudantes e turistas a seu redor arruinando seus planos.

— Está preparado? — perguntou Lissa.

O rosto do Colin mostrava uma estranha reação para ser ele: surpresa.

— Agora? — perguntou.

Ela assentiu e, sem mediar mais palavras e com os pratos do jantar ainda sobre a mesa, agarrou-lhe a mão e lhe guiou para a porta. Colin se deixou levar, sem fazer mais perguntas, mas

levantando suas ruivas sobrancelhas em um gesto inquisitivo. Era evidente que não esperava ver Lissa tão preparada para aquela prova.

Quando chegaram à altura do armário que havia junto à porta, Colin se deteve, pensando que Lissa talvez agarraria seu casaco ou um guarda-chuva. Não o fez, assim que ele tampouco agarrou nada. Uma vez no patamar, dirigiu-se para as escadas que levavam a rua, mas Lissa negou com a cabeça. Desfrutava estar no comando da situação, embora só fosse durante um instante.

Subiram as escadas para o terraço e ela abriu a porta. Fora caía uma suave chuva. Olhou-lhe, mas ele nem sequer vacilou, entendendo finalmente o que Lissa tinha em mente e recuperando com rapidez o controle da situação. A porta ainda não tinha acabado de fechar e Colin já estava tirando as calças e fazendo gestos a Lissa para que se despisse.

— Tire a roupa — ordenou — quero ver suas preciosas curvas.

Ela tinha imaginado que talvez fariam amor com a roupa ao meio tirar, mas Colin negou com a cabeça e insistiu em que se despisessem. Parecia contente com aquele achado de Lissa e não deixou de lhe sorrir enquanto tirava o vestido.

— Quanto tempo levava pensando neste lugar? — perguntou-lhe, observando-a enquanto deslizava a calcinha pelas coxas.

Ela não respondeu. Ele não era o único que sabia como jogar a agarrar ao outro de surpresa. Só que lhe dava muito melhor, pensou Lissa enquanto Colin a fazia esperar antes de aproximar-se dela, enquanto lhe indicava com um gesto da mão que tirasse o sutiã, o ligueiro e as meias.

Normalmente ao Colin gostava de fazer amor enquanto ela ainda levava postas as meias e os sapatos de salto, e se fazia estranho estar nua de tudo. Às vezes ele escolhia objetos que queria que ela levasse enquanto fodiam, peças que ele sempre acabava tirando. Muito devagar, foi liberando as meias do ligueiro e logo as deslizou por suas pernas até os tornozelos. Podia sentir seus olhos cravados nela enquanto desabotoava o cinturão do ligueiro com supremo cuidado e o deixava no chão, junto a seus pés. O sutiã era o único que lhe faltava retirar e o sujeitou entre suas mãos durante um instante antes de deixá-lo cair e revelar a beleza de seus seios. Era aquele, o da nudez total, um sentimento totalmente distinto, como se não só tivesse despido sua pele, mas também sua alma.

— É preciosa — disse Colin enquanto a observava.

Lissa tremeu sob o frio tato da chuva. Ele, entretanto, parecia insensível à temperatura enquanto caminhava a seu redor. Deteve-se, observando-a como se fosse uma estátua posta ali para seu próprio deleite. Logo, depois de analisar o resto do terraço e escolher um lugar, fez-lhe pôr as mãos plainas sobre o corrimão de tijolo que rodeava o perímetro do terraço, com as costas arqueada e o traseiro para ele.

Sem prévio aviso introduziu seu pênis. Separou as nádegas e avançou, a arredondada ponta de seu membro deslizando-se entre os lábios, sondando, acariciando-a muito dentro. A mescla de

sensações era indescritível, como se tudo aquilo fosse um sonho. O frio concreto sob as palmas de suas mãos. As luzes da cidade a seu redor criando um resplendor quase mágico. Inclusive os elementos se aliaram com eles para criar aquele entorno ideal. A chuva caía sobre sua pele nua em um ritmo incessante. Seu corpo se acostumou já ao frio e a chuva era como música de fundo enquanto faziam amor.

Colin empurrou ainda mais e Lissa pensou que estava chegando a lugares inexplorados de sua feminilidade. Podia sentir como seus músculos se fechavam ao redor dele, sem que pudesse fazer nada para evitá-lo, como se queria lhe arrastar ainda mais dentro. Seu corpo tinha vontade própria e, embora a tormenta era cada vez mais forte, uma calidez infinita a percorria. Arqueou as costas para que Colin pudesse penetrá-la mais dentro. Ele emitiu um som, algo a meio caminho entre um grunhido animal e um gemido de prazer. Gostava de fazê-lo naquela posição, desde atrás, fazia aflorar o animal que tinha dentro. Entretanto, era normalmente bastante silencioso quando faziam amor. Aquela noite, no terraço, enquanto a seu redor a tormenta era cada vez mais forte, ele se voltou cada vez mais ruidoso.

A mente de Lissa funcionava a toda velocidade enquanto fodiam. Cinco andares mais abaixo, a rua estava cheia de gente. Se olhavam para o terraço, poderiam ver seus peitos nus, sua juba alvoroçada emoldurando seu rosto, sua boca entreaberta de puro prazer. Mas ninguém levantou a vista, e Lissa pensou que, escondidos sob seu guarda-chuva, ninguém tinha motivo algum para olhar para cima, para o chuvoso céu noturno. O vento era cada vez mais forte e arrastava consigo os gemidos do Colin. Mas ninguém parecia interessado em procurar sua procedência. Lissa se sentiu mais tranquila e suas próprias inibições foram desaparecendo pouco a pouco.

«Tome e nos convertamos em um só — pensou. — Se Crave mais dentro. Me atravesse.»

A chuva se deslizava por suas bochechas como lágrimas. Seu cabelo se agitava em um selvagem baile com o vento. E, enquanto Colin caía sobre ela uma e outra vez, Lissa respondia a suas investidas, inclinando a cabeça para trás e gritando. Gostava de fazer daquela forma. Nunca havia sentido uma liberação como aquela. Colin alcançou o clímax e, levado pela paixão do momento, fincou os dentes no ombro de Lissa com a força suficiente para deixar marcas profundas. A dor se mesclou com o prazer e Lissa gozou com ele, tremendo enquanto as contrações percorriam seu corpo. Fechou os olhos e Colin a abraçou com força, mantendo seus dois corpos juntos.

O frio penetrou em sua consciência rapidamente e Lissa teve que esfregar os braços para manter-se quente. Colin se separou dela, recolheu seu vestido debaixo da cornija e a ajudou a vesti-lo. O fino tecido se aderiu a sua pele molhada e não ajudou a proteger seu corpo o mais mínimo. Sem mediar palavra, os amantes correram de volta ao apartamento, molhando as escadas em sua carreira.

— Ducha — disse Colin, só uma palavra. Lissa lhe seguiu até o banho, entrou na ducha com ele e esperou, os dentes tocando castanholas, a que abrisse o grifo.

Alternaram-se sob o jorro de água quente. Lissa girou sobre si mesma, com os olhos

fechados, e deixou a água empapar seu comprido cabelo. Colin a rodeou pela cintura e a atraiu para si.

Estava de novo excitado. Lissa jamais teria imaginado que seria capaz de fazer amor outra vez, tão logo, e sentiu que lhe fraquejavam as pernas enquanto Colin a penetrava desde atrás. Ainda estava molhada por seu encontro no terraço, seu sexo depravado e maleável como se estivesse fabricado em cera temperada.

Esta vez Colin decidiu fazê-lo mais lentamente. Esfregou seu corpo contra a pele saponácea de Lissa e a empurrou contra as paredes da ducha. Procurou com as mãos seus peitos, arranhou seus mamilos, beliscou-os com força até que ela pensou que já não podia suportar mais prazer.

— Você gosta — disse Colin com um sorriso nos lábios, enunciando o que era óbvio — Seu corpo me diz exatamente o que quer. — Agarrou um sabonete e o deslizou sobre a pele nua de Lissa, entre as costelas, sobre seu ventre plano e até seu sexo. Apertou com força a barra contra seus clitóris enquanto continuava penetrando-a desde atrás. Lissa estava a ponto de gozar, sabia, e se surpreendeu ao pensar que estava se limpando enquanto fazia uma coisa tão suja.

Colin deixou cair o sabonete e em seu lugar utilizou os dedos. Pôs o polegar e o índice um a cada lado do clitóris e logo o beliscou. Tinha os dedos escorregadios pelo sabão, a água e outros fluídos, mas aquilo não fez mais que jogar a favor de Lissa. Enquanto tratava de encontrar um ponto ao que agarrar-se, seus dedos continuaram lhe apertando os lábios e roçando o clitóris, provocando com isso pequenas explosões de prazer.

Seguiu penetrando-a enquanto com uma mão a masturbava. Lissa desfrutava ao mesmo tempo das duas sensações que mais ansiava experimentar. Cheia de sua enorme virilidade e acariciada por aqueles dedos tão sábios. Cada vez que acreditava ter chegado a seu limite, Colin se retirava sutilmente, deixando-a ao bordo do clímax durante o que pareciam ser horas.

Ao fim Colin lhe sussurrou ao ouvido:

— Agora. Goza agora para mim!

Os gemidos de ambos ressonaram entre as paredes de azulejos do banho. Lissa gozou e um segundo depois rompeu a chorar. Sentia como se seu corpo tivesse sido pulverizado, golpeado pela chuva e o frio do terraço e logo esquentado sob a calidez da ducha para, finalmente, ser enrolado de novo pela paixão do Colin.

As duas sessões, no telhado e na ducha, tinham sido muito distintas, e em ambas tinha alcançado o orgasmo. Se tivesse tido que escolher qual tinha gostado mais, não teria sabido o que dizer.

Capítulo Dezesseis

Durante todo o dia seguinte a seu encontro no terraço, Lissa luziu um sorriso bobo nos lábios. Podia sentir o calor nas bochechas cada vez que recordava aquela aventura ao ar livre. E o mesmo ocorria com o que Colin lhe havia dito no jantar, os planos para sair de viagem os dois juntos. Assim quando lhe comunicou que havia uma mudança de planos, não pôde guardar o sentimento de decepção para ela.

— Mas me prometeu isso — se queixou com a voz quebrada pela emoção. Sua boca adotou aquela forma de careta tão característica nela e seus olhos se cravaram no chão. Sabia que estava se comportando como uma menina de quatro anos, mas era tudo o que podia fazer se não queria dar um coice contra o chão e encenar uma autêntica palhaçada. Não pensou que Colin se dava conta de quão emocionada estava ante a ideia de escapar um fim de semana.

— Parece uma menina mimada — se burlou ele entre risadas — De verdade crê que penso te

recompensar por me fazer caretas? Se for assim, é que não esteve emprestando atenção nas aulas.

Sim, claro que tinha estado atenta. E evidentemente não esperava nenhuma recompensa. Mas não podia evitar reagir daquela maneira. Negou-se a levantar os olhos do chão, algo que sabia de sobra que não agradava ao Colin. Quando falava com ela, queria que olhasse aos olhos.

— É uma mudança de planos necessária — continuou sem dar mais explicações — Deveria entender.

Estava se referindo ao sentido da responsabilidade de Lissa, que às vezes arruinava tudo: estava acostumado a negar-se a cancelar uma entrevista prévia se lhe pedia que comessem juntos; era incapaz de falhar a alguém a quem tivesse dado sua palavra. Mas em realidade se tratava precisamente disso mesmo. Ele tinha feito uma promessa a ela e agora se estava jogando atrás.

— Discutiremos mais tarde — lhe assegurou Colin, tratando de evitar ter o tipo de conversa que ela queria. Sem mediar mais palavras, devolveu sua atenção ao computador para revisar o correio.

Lissa suspirou e se sentou frente a ele, em sua mesa. Tentou concentrar-se no trabalho, mas embora lesse suas notas uma e outra vez, não via nada. Finalmente decidiu recolher os papéis e guardá-los cada um em sua pasta, segundo o capítulo ao que pertencessem, consciente de que aquela noite não conseguiria avançar com o livro, não depois de semelhante desilusão. Passados uns minutos, retirou-se à habitação.

Pensou que talvez ele a seguisse, mas não o fez. escovou os dentes, despiu-se e vestiu uma camisola de cor carne. Seguiu sem ouvir nenhum ruído procedente da outra habitação. Em todo o tempo que levavam juntos nunca se deitou estando zangada com ele e se deu conta, desesperada, do muito que desejava que se reunisse com ela. Muitas coincidências com sua vida de casada e com as razões pelas que tinha fugido dela. Largos silêncios. Raiva nos olhos.

Suspirou profundamente, quase com um toque dramático, desejando que Colin a ouvisse e aparecesse de repente na habitação para falar com ela. Entretanto, não houve resposta. Lissa se meteu entre os lençóis, apagou a luz da mesinha e fechou os olhos.

Não o teria acreditado possível, mas em seguida sentiu como o sono se apoderava rapidamente dela. Não se tinha dado conta de quão cansada estava até que notou o tato fofo do travesseiro sob a cabeça. Os suaves lençóis de algodão envolveram seu corpo como se fosse um casulo e sentiu como aquela desagradável sensação de aborrecimento desaparecia quanto mais perto estava do mundo dos sonhos. Deslizou uma mão por debaixo das mantas e se acariciou lentamente por cima da calcinha. Às vezes, quando estava a ponto de ficar adormecida, jogava consigo mesma. Era sua forma de garantir uma travessia segura para uma noite cheia de sonhos prazerosos.

Começou, como estava acostumada a fazer, com uma fantasia, estimulada por aquilo que

Colin a tinha chamado: menina mimada. Havia-lhe dito que nunca premiava às meninas que se comportavam mau, mas o certo era que as poucas vezes que de maneira intencionada se comportou como uma mucosa ele a tinha tratado como tal, castigando-a de maneiras deliciosamente dolorosas. Em sua fantasia se imaginou ao Colin lhe dizendo que vestisse sua saia favorita, uma mini de quadros escoceses vermelhos e negros. Levava também sapatos de verniz, meias três-quartos brancos e uma camisa da mesma cor. Obrigava-a a ficar de pé em uma esquina e logo a tocár as pontas dos pés enquanto lhe levantava a minúscula saia por detrás e lhe baixava as calcinha brancas. Esta vez utilizaria uma regra para castigá-la, algo que nunca tinha ocorrido na vida real. Seguiu acariciando o clitóris com os dedos, cada vez mais perto de alcançar o clímax. Fechou os olhos com força, tratando de que aquela sensação indescritível durasse mais. Viu si mesma agarrando os tornozelos, tratando de manter-se em pé enquanto Colin enchia a pele de suas nádegas de marcas. Era uma fantasia, de modo que podia ver ângulos que normalmente não estavam a seu alcance. Imaginou ao Colin fazendo estalar a régua contra sua carne, visualizou as marcas que a régua de madeira deixaria sobre sua pele.

E então, quando lágrimas de fantasia começavam a rodar por suas bochechas, Colin abria o zíper de suas calças e repousava o pênis sobre sua carne machucada. Como sempre ocorria, não a avisou antes de penetrá-la: separou as coxas com as mãos e logo deslizou a ponta de seu pênis entre suas pernas. Lissa estava molhada e ele a penetrou muito dentro, explorando seu interior enquanto ainda seguia açoitando-a, agora com a palma da mão contra a pele nua de suas nádegas.

Estava a ponto de gozar. Seus dedos começaram a mover-se com maior intensidade, acima e abaixo. Deixou que seu dedo do meio se deslizasse ainda mais, empapando-se nos líquidos que emanavam de seu sexo. Se Colin não estivesse zangado com ela... Desejou lhe ter ali a seu lado, na cama, para poder lhe contar sua fantasia. Podia lhe ouvir na outra habitação revolvendo papéis e pensou em lhe chamar, em lhe pedir que se unisse a ela.

Não, já era uma menina grande, podia cuidar de si mesma. Com umas quantas carícias mais, cada vez mais intensas, coroou a cúpula do prazer, mordeu o lábio inferior enquanto seu corpo se estremecia, mas seguiu tocando-se, mais brandamente agora, durante uns segundos.

Agora o sono estava tão somente a uns passos dela. Pôde sentir como seu corpo se deixava arrastar. Antes de fechar os olhos pela última vez, seus últimos pensamentos foram para o Colin. Faria as pazes com ele pela manhã. Sim. Não tinha sentido preocupar-se com isso...

Um ruído despertou a Lissa do profundo sonho no que estava sumida. Sobressaltada, tratou de voltar-se para averiguar o que estava passando e se deu conta de que não podia mover-se, o que a assustou ainda mais que o próprio ruído. Seu corpo estava firmemente amarrado.

— Menina má — disse Colin em voz baixa — Não quis confiar em mim.

Lissa abriu a boca, entendendo de repente o que tinha passado e desejando poder explicar-se. Entretanto, já lhe tinha abafado a boca com uma mordaça, tão pouco lhe interessava o que tivesse que dizer.

— Não te disse que fosse cancelar a viagem. Te disse que tinha havido uma mudança de planos. Entende a diferença?

Não podia responder, de modo que assentiu com a cabeça enquanto a larga juba lhe acariciava as bochechas. Não apartou seus olhos dele, esperando a seguinte pergunta. Sua mente, enquanto isso, apressava-se para encontrar uma explicação a todo aquilo. Deu-se conta de que Colin tinha tirado o lençol e a tinha amarrado com ele à estrutura da cama, com os pulsos por cima da cabeça e as pernas abertas. Voltou-se e comprovou que eram mais de três da madrugada. Tinha esperado que dormisse profundamente antes de levar a cabo aquela loucura. Gostava de criar cenários perfeitos para suas aventuras enquanto ela dormia, e assim o tinha demonstrado a manhã em que lhe pôs as pinças nos mamilos. Mas aquilo não tinha sido mais que um divertimento. Esta vez Colin parecia muito sério.

— Não vamos passar um fim de semana em uma hospedaria de povo ou em uma pensão. Vamos fazer uma viagem tal e como eu o planejei, e terá que confiar em mim. Não aceitarei mais perguntas. — deteve-se um instante antes de perguntar — O entende?

Lissa assentiu de novo. Não lhe surpreendeu ver a vara trançada de cor negra em sua mão. Entretanto, a visão lhe produziu um estremecimento de puro terror que lhe percorreu o corpo, e ao mesmo tempo uma quebra de onda de excitação que irradiava de entre suas pernas e se estendia até as pontas dos dedos. Ambas as sensações, em claro conflito, faziam que lhe resultasse difícil concentrar-se nas palavras do Colin ou simplesmente lembrar-se de como respirar. Sabia que tinha que prestar atenção. Naqueles jogos tudo girava ao redor das regras.

Sem nem sequer saber, já tinha quebrado duas inclusive antes de começar.

Capítulo Dezessete

Lissa dormiu até bem a entrada da tarde e, quando finalmente despertou, viu Colin de pé, vestido, que deixava cair uma gasta mala de pele sobre a cama. Débil e cansada depois de uma noite repleta de orgasmos, esperou alguma informação adicional sobre a viagem, instruções como sempre estava acostumado a lhe dar. Mas ele se limitou a olhá-la.

— Faz a mala para três dias. Eu me ocuparei do resto.

Colin se negou inclusive a lhe dizer que tipo de roupa devia levar, embora por própria experiência podia imaginar. Ouviu ruídos na cozinha até que um suave aroma de café alagou o apartamento. Lissatomou seu tempo para preparar a mala, deslizando os dedos sobre o tecido de seus objetos mais novos, toda aquela roupa comprada com ou para o Colin.

— Tem um corpo tão bonito... — havia-lhe dito uma vez — por que não tratá-lo como se merece?

Seus dedos se entretiveram na coleção de ligueiros de cetim e nos brilhantes pares de meias que tinha comprado em três tons distintos. A roupa interior era agora tão importante, ou mais, que a exterior. Ao Marcus nunca tinha gostado daquele tipo de lingerie, e por isso Lissa se conformou sempre levando sutiães e calcinha de algodão. Agora, em troca, duvidava ante aquela montanha de delicados objetos, sem saber qual escolher. Um sutiã sem suspensórios de cor cereja que em sua anterior vida teria descartado por frívolo. Um espartilho com ligueiro incorporado de veludo negro que nem sequer sabia como utilizar; simplesmente havia sentido o desejo de ter. E logo estavam os sapatos. Acostumada a calçados cômodos, levar saltos era para ela toda uma experiência, um tanto decadente, mas muito, muito sensual.

Colin entrou na habitação com uma xícara de café na mão para ela e se sentou na borda da cama a ler o jornal, observando-a dissimuladamente enquanto fazia a mala. Lissa sentiu seus olhos sobre ela, levantou o olhar e sorriu.

Ele lhe devolveu o sorriso e Lissa pôde relaxar ao fim. Não sabia aonde iam, nem o que fariam, mas seguro que tudo estaria bem. Estavam juntos. Era tudo o que importava.

Capítulo Dezoito

Lissa não tinha nem a mais remota ideia de aonde iam até que chegaram ao aeroporto de Heathrow. Ali tomaram um avião a Hamburgo, mas Colin se negou a lhe desvelar nenhum outro detalhe mais enquanto voavam, assim teve que conformar-se bebendo uma taça de champanha atrás de outra e tratar de adivinhar. A ele gostava de fazer as coisas assim, sempre deixando-a com a dúvida, sempre um passo por diante dela. E conseguiu-lo não lhe resultava muito difícil. Ao fim e ao cabo, todo aquele mundo era novo para ela, enquanto que ele tinha tido tempo mais que suficiente para acostumar-se.

Colin notou que Lissa se movia em seu assento e lhe tocava o rosto delicadamente com a ponta dos dedos. Agarrou sua mão na sua e a apertou, mas não abriu os olhos. Sabia o que acontecia a sua mente. Foderiam no avião? Não. Às vezes não deixava quegozasse durante dias, mantendo-a assim ao bordo do precipício antes de empurrá-la ao vazio. Depois daqueles períodos de abstinência, seus orgasmos eram incrivelmente intensos. Seu corpo se sacudia com tal intensidade que ele mesmo era incapaz de controlá-la, e sempre acabava gozando ao mesmo tempo que ela, estivesse preparado ou não. Lissa conseguia tirar a superfície aspectos de si mesma que não conhecia, e não sabia como o fazia. Fosse como fosse, gostava.

Depois do vôo recolheram um carro de aluguel e Colin conduziu para Reeperbahn sem nem sequer parar para registrar-se no hotel. Reeperbahn era o distrito vermelho mais famoso, e infame, de toda Hamburgo, embora Lissa nunca tinha ouvido falar daquele lugar.

— Alguma vez vê documentários de viagens? — perguntou Colin enquanto ela observava com os olhos muito abertos tudo o que a rodeava. Negou com a cabeça. Quando via a televisão, coisa estranha nela, estava acostumada a escolher programas sobre história da arte ou reportagens sobre algum artista. Nada surpreendente.

Enquanto procuravam lugar para estacionar, Colin lhe explicou que aquela era uma versão mais completa do Sunset Strip, em Hollywood. No Sunset podia encontrar uma prostituta se a buscava. No Reeperbahn as prostitutas buscavam você, que na opinião do Colin era muito mais civilizado. Ali havia inclusive uma rua, fechada com um muro, proibida às mulheres, pela que só os homens podiam transitar.

— Mas o que há detrás desse muro? — quis saber ela.

— Mulheres.

Lissa não o entendia.

— Encerram às mulheres ali?

— As putas se sentam em suas janelas olhando para a rua. Os homens percorrem a rua acima e abaixo, olhando às janelas e decidindo com qual delas querem passar um bom momento.

— Mas por que o resto das mulheres não podem olhar? — A Lissa parecia que havia algo sinistro naquela norma, naquele lugar proibido às mulheres.

— Às putas não gostam da competência — explicou Colin — Como se sentiria se estivesse tentando vender seu corpo e outra pessoa desse de presente o seu grátis?

— E o que passa se uma mulher trata de ir além desse muro?

— Atiram-lhe coisas. Água ou lixo.

— Esteve nessa rua? — perguntou Lissa.

Colin fez ver que não a tinha ouvido e tratou de dissimular exclamando que ao fim tinha encontrado um estacionamento livre. Lissa pensou em repetir a pergunta, mas não o fez. Se lhe respondia que sim, sentiria-se mal consigo mesma. Sim, em troca, dizia-lhe que não, provavelmente não acreditaria.

Observou-lhe enquanto fechava as malas no porta-malas, todas menos sua bolsa de pele, e logo tirava o guarda-chuva que havia trazido consigo. Resguardados da chuva, Colin guiou a Lissa para a rua principal.

— Ali está a rua da que te falava — lhe disse ele — A verdade é que quão único faz o muro é dar um halo de mistério às mulheres que estão detrás dele continuou — , porque há prostitutas por toda esta parte da cidade. Não é necessário procurar muito para as encontrar.

Lissa se deu conta de que Colin a estava preparando para o que lhe esperava à volta da esquina. A um lado da rua havia uma fila de prostitutas. Enquanto se aproximavam delas, lhe explicou que sempre estavam ali, em fila, a qualquer hora e fizesse o tempo que fizesse. Todas vestiam de forma parecida, observou Lissa quando duas delas se adiantaram para falar com o Colin. A forma em que abordavam aos homens resultava estranha. Não seria melhor deixar que eles se aproximassem delas? Era como se acreditassem que um homem não se dava conta do que gostava até que se aproximavam dele e lhe faziam proposições. Como se então ele fosse dizer: *«Pois sim, é exatamente o que gosta de agora. Uma transa rápida.»*

Todas levavam calças negras ajustadas e jaquetas curtas de várias cores: vermelho, violeta, fúcsia. Eram tantos os matizes como os de um campo de flores, um sopro de alegria junto à monotonia do muro que tinham a suas costas. A maioria eram loiras, com largas jubas lisas ou frisadas. Na distância pareciam idênticas, mas vistas de perto se podiam distinguir as diferenças na forma do rosto ou na cor dos olhos. Talvez era aquela expressão — como se estivessem preparadas, desejosas — a que as fazia parecer tão iguais. Algumas se comportavam com mais descaramento que outras e se aproximavam do Colin tanto como podiam, sem lhes importar que ela estivesse ali.

A mente de Lissa se bloqueou, incapaz de processar tanta informação e perguntando-se se talvez Colin pensaria pagar a uma daquelas garotas para compartilhá-la com ela. Sabia que, vindo dele, não era tão desatinado. De fato lhe tinha falado daquela fantasia em numerosas ocasiões.

— Uma garota — lhe tinha sussurrado ao ouvido — uma putinha doce e entregue que ponha a língua justo aqui, em seus clitóris, onde mais você gosta.

Lissa se tinha negado aquele dia, havia-lhe dito que não com a cabeça em um movimento quase frenético. Ele tinha utilizado a língua naquele mesmo ponto até que um suspiro escapou de entre os lábios de Lissa. Lambeu e chupou durante um instante, antes de continuar com sua fantasia. Nunca tinha estado com uma mulher, nem sequer tinha tomado parte em nenhuma daquelas explorações por debaixo das mantas que segundo Colin todas as garotas de sua idade tinham feito alguma vez em sua vida, sobre tudo durante os anos de universidade.

—Masvocê gostaria... — tinha continuado Colin, com a cabeça ainda entre suas pernas, primeiro com os dedos e logo com a língua, impedindo que se concentrasse em suas perguntas. Quando praticavam sexo oral, Lissa era incapaz de pensar com clareza. Deixava-se levar muito por aquela sensação de cócegas em seu interior.

— Não sei — respondeu ela, convertendo as palavras em um gemido. Mas atrás dessa sugestão do Colin, Lissa se deu conta de que ela olhava às mulheres de outra maneira. Duvidando. Colin sempre lhe dizia que aquela era uma das coisas que mais gostava dela, e é que sempre estava aberta a sugestões. Algo que saísse de seus lábios se convertia imediatamente em uma nova

possibilidade. Só tinha que lhe mostrar uma imagem de Bettie Page sendo açoitada por uma beleza loira e em seguida se excitava. Seu corpo nunca mentia. O mesmo tinha descoberto o efeito daquela fotografia ao deslizar um dedo entre os lábios de seu sexo para estender os fluidos sobre seus próprios lábios e logo compartilhá-los com um beijo.

Quando passavam frente a um clube de striptease especialmente iluminado, um homem lhes disse algo em alemão, enquanto com um gesto os convidava a passar.

— O que diz? — sussurrou Lissa enquanto avançavam para o homem apostado nas portas do clube.

Colin escutou e logo traduziu.

— Diz que as garotas são todas muito jovens. Que estão depiladas, assim embora tenham dezoito aparentam menos.

Lissa, escandalizada ante aquelas palavras, voltou a cabeça para olhar ao homem enquanto Colin seguia avançando. O tipo lhe sorriu, piscou um olho e logo continuou com seu discurso. E parecia que funcionava, porque enquanto Lissa lhe olhava, vários homens jovens e bem vestidos entraram no clube, na aparência menos preocupados com ser politicamente corretos que ela.

— Possivelmente te raspe esta noite — acrescentou Colin, e a Lissa de repente já não pareceu tão importante o que era correto e que não o era, excitada pelas consequências daquelas palavras. Já a tinha raspado antes e naquela ocasião só tinha deixado uma fina banda de cabelo loiro. Qual devia ser a sensação de estar completamente depilada? Colin a olhou aos olhos e sorriu, ao parecer adivinhando sem problemas o que estava pensando. Não era assim sempre? Lissa considerou a possibilidade de lhe perguntar aonde iam. Parecia estar de muito bom humor, talvez não se incomodasse. Mas por que lhe desafiar? guardou suas perguntas para si e em questão de minutos descobriu as respostas.

Quando chegaram à rua principal, Colin pôs dois dedos debaixo do queixo de Lissa para levantar seu olhar do chão. De onde estavam podiam ver os brilhantes néons vermelhos. Em grandes letras se lia Museu de Arte Erótica de Hamburgo. Quando Lissa viu o letreiro, suspirou, aliviada.

Capítulo Dezenove

Acreditava que Colin a tinha levado até aquele museu porque era historiadora da arte.

Relaxou ao descobrir aonde iam e ele o podia ler nas reações de seu corpo. Quis lhe recordar que não lhe subestimasse, mas preferiu não dizer nada. Não era necessário révelar suas cartas, ao menos não tão cedo. Que pensasse o que quisesse.

A seu redor, Reeperbahn pulsava mais vivo que nunca. Havia uma feira em uma das pequenas avenidas e seus visitantes foram desembocando na rua principal. Muitos tinham bebido além de seus limites e se comunicavam entre si a gritos, até estando um ao lado do outro. Todas as noites passava o mesmo, e é que tinham bebido durante horas. Já quase era meia-noite.

Lissa se aconchegou junto ao Colin e ele passou um braço protetor ao redor de seus ombros. Que estranho era tudo aquilo. Ele era o que a castigava, que a atormentava, e entretanto se aconchegava a seu lado em busca de amparo cada vez que se sentia insegura. Agora, enquanto caminhavam entre as pessoas que estavam a festejar e as prostitutas, Lissa deslizou sua mão

enlurada na dele. Havia uma ternura naquele gesto que fez que algo se rompesse dentro do Colin. Ia ser tão difícil deixá-la partir... Sacudiu a cabeça para afugentar aqueles pensamentos, como se pudesse desfazer-se deles tão facilmente. Lissa lhe pertencia durante seis meses. Ainda não tinha que pensar na despedida. E já tinham chegado ao museu.

— Está fechado? — perguntou Lissa, um pouco decepcionada. Era certo que as luzes estavam apagadas. Niles lhe tinha feito o favor de fechar um pouco antes do habitual. Colin colocou a mão no bolso e tirou uma chave.

— Não para nós — respondeu, lhe mostrando as escadas de acesso e logo fechando a porta a suas costas. Havia uma nota pegada ao cabo que Colin se apressou em ler. Lissa tratou de ver o que dizia por cima do ombro, mas estava escrita em alemão e só pôde ver o desenho de um peixe ou um lagarto junto à assinatura. Antes de que pudesse perguntar, Colin a fez entrar no museu e guardou a nota no bolso traseiro de suas calças.

Na primeira sala estava a loja de presentes. Havia pôsters eróticos, livros, manuais e todo tipo de objetos sexuais. Colin guiou a Lissa através da estadia, sem permitir que parasse a olhar, para a escada de caracol de ferro forjado que havia na parede do fundo. Com um gesto da cabeça, ordenou-lhe que subisse.

— Está escuro — objetou ela, sentindo-se ainda insegura frente ao que lhe esperava. Colin apertou um interruptor e as escadas se encheram de luz.

— Não se preocupe tanto — lhe disse em voz baixa, com uma certa severidade — , e não pergunte mais. Confia em mim, sei o que estou fazendo.

Lissa, sabendo-se bronca, inclinou a cabeça. Bastava com que Colin utilizasse certo tom de voz para que ela reagisse daquela maneira e lhe demonstrasse só com sua linguagem corporal que estava preparada para ser disciplinada, para receber o castigo que merecia. E castigar a Lissa era muito divertido. Era seu estudo rápido do domínio e a submissão erótica, mas não pensava deixar-se levar ainda, embora o que mais desejasse fosse tirar as algemas, encadeá-la ao corrimão de ferro das escadas e tirar o cinturão para açoitá-la por duvidar de suas palavras. A só ideia lhe provocou uma ereção, e sabia que se acariciava a fivela metálica do cinto com a ponta dos dedos Lissa também se excitaria. Como o cão do Pavlov. Fazia um grande trabalho com ela. Entretanto, não queria danificá-la tudo. Tinha que seguir o plano até o último detalhe. Sabia que, chegado o momento, valeria a pena.

Colin a empurrou com suavidade de novo para que subisse as escadas. Lissa se voltou e obedeceu. Subiu uma planta, guiada pelas flechas chapeadas com forma de espermatozóide que alguém tinha pintado no chão. Detrás dela, Colin observava como seu corpo rebojava por debaixo da roupa. Ele mesmo a tinha comprado, e teve que reconhecer que as elegantes calças negras e o pulôver de cachemira a jogo a convertiam em uma espécie deluva branca incrivelmente atrativa. O detalhe das botas de ponta trocava ligeiramente o look do conjunto, lhe dando um ar de dominadora. Só um ar. Ao fim e ao cabo, Lissa nunca estava ao comando.

Chegaram ao ponto no que começava a exposição e algo na Lissa trocou imediatamente. Colin podia senti-lo. Dentro de um museu se encontrava em seu elemento natural. Relaxava-se, como quem respira profundamente depois de ter estado sob a água. A arte, inclusive o erótico, embora não fosse sua especialidade, ajudava-a a encontrar o equilíbrio. Lissa tinha tratado de explicar-lhe no passado e ele a tinha escutado com atenção, mas sem acabar de entendê-la até esse momento. A arte era seu alimento, seu oxigênio para poder respirar, algo que necessitava para subsistir. Respirava-o enquanto caminhava de uma pintura a outra, de uma parede a seguinte, observando cada uma das obras, detendo-se admirar as diminutas esculturas de marfim do centro da sala, os desenhos. Parecia não lembrar-se de que estava ali com o Colin, que ele o tinha planejado tudo e que era seguro que tinha outros planos em mente.

Colin a observou com atenção. Em lugar de admirar as obras de arte, preferiu admirá-la. Queria ver o momento em que se desse conta de por que estavam ali, do significado daquela visita. Conhecendo a Lissa, não demoraria muito mais tempo. Por muito infantil que fosse, sempre entendia tudo com bastante rapidez. O tinha demonstrado em numerosas circunstâncias de sua vida amorosa em comum, lhe agradando com sua capacidade para aceitar quase qualquer possibilidade, por estranha que pudesse lhe parecer. Aquela noite, entretanto, desfrutou com a espera. A expectativa do que estava por vir era um de seus afrodisíacos preferidos e, embora seu pênis se esticasse cada vez mais contra o tecido das calças, manteve-se em silêncio em uma esquina da sala e observou.

Lissa analisou as primeiras pinturas da exposição. O delegado tinha querido demonstrar ao visitante o poder da arte erótica de forma gradual. Em lugar de começar com peças mais marcadamente sexuais, a primeira sala continha obras mais doces que sensuais. Lissa assentiu para si enquanto observava as obras como se pensasse que aquela era a forma em que ela mesma tivesse preparado a exposição, provocando ao espectador ao princípio e logo lhe levando lentamente ao clímax.

Voltou-se para o Colin como se queria dizer algo, mas seus olhos se encontraram com outra pintura. E então ficou sem fôlego. Tinha encontrado uma das peças favoritas do Colin, um retrato de grande formato realizado em branco e negro. Tinha visitado o museu o dia em que inauguraram a exposição e recordava à perfeição seu primeiro encontro com aquela obra, como se havia sentido hipnotizado pela simplicidade do desenho, que mostrava a uma garota vestida tão somente com um ligueiro e uns sapatos de salto. Foi seu primeiro encontro real com a força da arte e aquela sensação não lhe abandonou em semanas.

Pelo visto tinha provocado a mesma reação na Lissa. Olhou o quadro extasiada, com a boca aberta, e logo se voltou para olhar ao Colin. Havia entendimento em seus olhos e suas bochechas estavam vermelhas.

Sabia.

Colin sorriu e começou a desfazer a bolsa.

Capítulo Vinte

Quando o cenário esteve preparado, Colin tirou a câmara e colocou o trípé em seu lugar. Era um equipamento muito caro e tinha procurado muito antes de comprá-lo. Tinha tirado fotos instantâneas por todo mundo e, embora para ele só se tratava de um hobby, os resultados eram melhores que os de um simples fotógrafo aficionado. Centrou-se em montar o equipamento, sem logo que olhar a Lissa. Sim, tinha visto aquele olhar de pânico em seus olhos, mas dado que não havia dito nada, não tinha motivos para responder. E de todas formas não o teria feito. Aquela era uma dessas situações nas que Colin preferia que suas ações falassem por ele, em lugar de utilizar palavras. Não passava nada por que Lissa estivesse preocupada ou assustada. Em questão de minutos tudo estaria claro e sabia que assim que o entendesse se acalmaria. Até então, não podia entreter-se com mímicos ou bajulações; não lhe interessavam o mais mínimo.

Embora é obvio não pensava explicar-lhe tudo aquela noite. Não queria compartilhar cada coisa que passava por sua cabeça com ela. Havia coisas que não devia conhecer, ao menos não de momento. Coisas que fariam que se sentisse mau. Melhor mais adiante, com o passar dos meses.

Colin trabalhava com uma intensidade que Lissa raramente tinha visto nele. Era sua forma de atuar na sala de operações. Concentrado, preciso, certo. Estava nervoso, mas sabia que ela era incapaz de captar aquele matiz nele. Contido, como sempre, continuou com o que estava fazendo; não olharia a Lissa até que os preparativos estivessem preparados.

Ela observou com os olhos muito abertos enquanto Colin instalava o equipamento fotográfico. Tinha acreditado que simplesmente a faria vestir-se como no quadro e que logo foderiam. Preparou-se mentalmente para isso. A câmera, entretanto, significava que Colin tinha planos muito distintos para ela. «*Nunca me subestime*», dizia-lhe frequentemente, e mesmo assim o tinha feito de novo. A emoção daquela viagem juntos a tinha deixado aturdida. Se não tivessem saído do apartamento, seguro que a essas alturas já conheceria todo os sinais.

— Confia em mim — lhe disse Colin de novo, e Lissa fechou os olhos com força e tratou de apaziguar seus medos.

Tinha-lhe feito fotos antes, no apartamento. Aquilo não podia ser tão diferente. Tratou de confiar em suas próprias palavras, mas foi incapaz de enganar a si mesma. A situação era muito distinta: estavam em meio de um museu, longe da segurança do apartamento. Graças a Deus estava fechado ao público e não havia ninguém mais que eles, mas isso não era suficiente para apagar suas preocupações. O que aconteceria se alguém os pilhava em flagrante? Não teve tempo de imaginar o que aconteceria em tal caso porque uma nova possibilidade tinha surgido em sua mente. E se Colin tinha convidado a mais gente para que se unissem a eles?

Agora que já não estava tão segura de quais eram suas motivações, sua mente a arrastou em uma fantástica viagem por outros cenários, cada um deles mais perturbador que o anterior. Sabia que Colin era aficionado a praticar sexo em lugares públicos. Talvez pensava convidar a uma nutrida audiência procedente de Reeperbahn para apresentar seu próprio espetáculo de arte em movimento. Seria capaz de suportá-lo? Não estava muito segura disso. Entretanto, não pediu ao Colin que apaziguasse seus temores. Ele não pensava lhe explicar nada até que estivesse preparado para isso, sabia. De modo que preferiu ficar completamente imóvel, tal e como lhe tinha pedido. Esta vez não lhe defraudaria.

«*Minha pobre menina — pensou Colin — Se esforça tanto...*»

Se olhava a Lissa e logo ao quadro, mal era capaz de distinguir as diferenças. Levava meias negras, como a modelo, e sapatos de verniz com uma tira sobre o pé, de aspecto inocente se não fosse pelos saltos quadrados de dez centímetros. Colin os tinha comprado em um catálogo de venda por correio. Ao vê-los, soube exatamente como sentariam a Lissa. Inclusive a tinha penteado e maquiado ele mesmo a imagem e semelhança da mulher do quadro, apartando o cabelo de sua testa e recolhendo-o em um rabo-de-cavalo ao estilo Barbie. Gostava de ter o controle total sobre sua aparência, desde como vestia até o toque picante que o batom cor cereja dava a sua boca. Em silêncio, observou-a durante um instante.

A única diferença evidente entre a Lissa e a modelo era que a primeira evitava lhe olhar aos olhos. No quadro, a garota olhava ao espectador com descaramento. O olhar de Lissa, entretanto, estava muito ocupado estudando até o mais pequeno detalhe do chão. Colin preferia aquela expressão ausente a do olhar direto da modelo, mas para tomar a foto necessitava que Lissa olhasse aos olhos.

— Não tem por que te envergonhar de nada — lhe disse — Isto é algo entre você e eu.

Seus olhos piscaram um segundo para a câmera e Colin entendeu o que acontecia.

—Você, eu e uma Nikon — corrigiu. — Te dá medo a câmera? Por isso treme?

Lissa não respondeu a sua pergunta e ele tampouco quis pressioná-la. Podia imaginar o que era que mais a preocupava. Ela tinha visto a coleção de brinquedos que levava em uma dessas necessaires nos que as mulheres estavam acostumadas guardar as jóias quando viajavam, com cada uma das gavetas fabricada em vinil. Sabia que Lissa tinha visto as pinças chapeadas para os mamilos com suas finas correntes, os brinquedos anais de vários tamanhos, as algemas e as ataduras de pele. Colin se perguntou se teria visto a sala contigua a que estavam, a S&M ou sadomasoquismo, como ele estava acostumado a chamá-la. Aquela foto era o mais singelo de tudo o que tinha planejado para aquela noite. A intenção era que quando fossem avançando pelas distintas estadias do museu progredissem pouco a pouco. Para frente, em sua opinião. Certamente para trás, segundo a de Lissa.

Enquanto preparava a câmera, pensou qual seria a seguinte peça de arte pornográfica que recreariam. Estava aquela da garota pony da década de 1950, vestida tão somente com um arnês e uns sapatos de salto, e de cujo traseiro se sobressaía uma rabo-de-cavalo⁷. Colin se imaginou de joelhos detrás de Lissa, separando com as mãos suas preciosas e redondas nádegas, utilizando sua língua a modo de lubrificante antes de lhe introduzir um daqueles consoladores que incorporavam um grosso rabo-de-cavalo. Não tinham praticado muitos jogos anais. Lissa era incapaz de lhe pedir que a penetrasse por detrás por muito que ele insistisse em que o pedisse em voz alta. Queria ouvir aquelas sujas palavras de sua boca, mas ainda não o tinha conseguido. De novo, a garota boa ganhava da má.

Desde o começo soube que necessitariam algo mais que uns poucos meses para romper todas suas inibições. Mas não era aquilo precisamente parte da diversão?



Capítulo Vinte e Um

Lissa, caracterizada como garota pony, já nem sequer se sentia ela mesma. Foram pela quarta fotografia e Colin tinha sido tão amável de lhe passar uma pequena cigarreira que continha uísque antes de ficar com a foto. O licor fez rapidamente seu efeito: esquentou seu corpo e em princípio mitigou seus medos. Podia senti-lo em suas veias, percorrendo-o, das pontas dos dedos até as pontas de seus mamilos eretos.

O álcool fez que se sentisse um pouco mais audaz do habitual, o qual podia lhe trazer problemas. Se o licor lhe soltava a língua e o fazia esquecer qual era seu lugar, podia desafiar ao Colin de algum jeito e provocar sua ira. Por sorte, uns quantos goles não foram suficientes para embebedá-la, mas sim para querelaxasse enquanto lhe ordenava que se inclinasse e lhe punha a rabo-de-cavalo.

— Perfeito — disse Colin, como se falasse consigo mesmo.

Era tão estranha a sensação de ter uma coisa metida aí... Que estúpida, arreganhou-se mentalmente. Nem sequer dentro de sua cabeça era capaz de chamar as coisas por seu nome. Uma coisa metida no cú.

Assim estava melhor. Fechou os olhos enquanto o rubor lhe cobria de novo as bochechas. Sabia que seu rosto estava aceso, mas não podia evitar. Colin a tinha feito inclinar-se sobre o

respaldo de uma cadeira e lhe tinha separado as nádegas. Logo havia sentido a calidez de sua língua. Quis lhe dizer que parasse, mas não pôde. A sensação era incrível. Ligeiramente lasciva, ligeiramente suja, mas lhe tinha provocado espasmos entre as pernas. Perguntou-se se iam fazer o... por aí.

Sacudiu de novo a cabeça e sua larga juba loira se agitou no ar. Foderia pelo cu, por que era incapaz de dizer? Tinham-no tentado várias vezes no apartamento, mas não tinha conseguido superar o sentimento de vergonha o suficiente para começar a desfrutar. No museu, apertando aos braços de uma cadeira, pensou que gostaria que Colin lhe colocasse o pênis por — outra vez teve que esforçar-se para dizê-lo — o cu.

Mas não o fez.

Em seu lugar, tinha utilizado um consolador de plástico, tinha-o introduzido pouco a pouco até que Lissa se sentiu cheia por completo, e logo o atou ao arnês de couro e metal que rodeava sua esbelta cintura. Viu sua imagem refletida no cristal de um dos quadros e foi incapaz de reconhecer-se. A visão daquela Lissa com uma rabo-de-cavalo saindo de suas nádegas quase a fez rir. Mas quando olhou por cima do ombro e viu a expressão no rosto do Colin a risada morreu repentinamente em sua garganta. Olhava-a com o cenho franzido, a intensidade refletida em seus olhos; passeou seu olhar do quadro a ela, tratando de descobrir o que era o que lhe escapava, o que tinha que lhe fazer para que fosse igual à visão da pintura.

O cu da garota da imagem estava cheio de marcas infligidas com uma vara. Lissa se deu conta do detalhe justo no mesmo momento em que Colin reparou também nele. A modelo tinha atirado da carruagem de seu amo, que a tinha açoitado para que gozasse mais depressa. Ao menos assim imaginou Lissa, era o que o quadro lhe tinha contado. Açoitaria-a Colin para conseguir que tivesse o mesmo aspecto que a mulher da foto? Estava segura de que sim, embora ainda não parecia preparado para fazê-lo. E ela tampouco pensava pedir-lhe de repente o entendeu tudo. Se a açoitava, então teria que lhe fazer amor, e aquilo significaria pôr ponto e final à representação. Sabia que era capaz de fazê-lo várias vezes em uma mesma noite, como sabia que gostava de pospor o clímax inicial. Teriam que esperar tanto como ele pudesse aguentar-se. Nada que Lissa fizesse ou dissesse poderia lhe convencer se ainda não estava preparado. Ao menos assim o tinha aprendido durante as lições.

Sempre em silêncio, Colin lhe pôs outro par de sapatos distintos. Seu amante tinha vindo bem preparado para tão curta viagem. Perguntou-se quantas vezes teria estado naquele museu para admirar suas obras, quanto tempo tinha necessitado para preparar tudo. Teria compartilhado esses mesmos estranhos preliminares com outras mulheres antes que com ela? Pensou em perguntar-lhe mas se deteve. Talvez responderia a sua pergunta, mas não queria saber a resposta. Por que não imaginar que ela era a única com a que tinha jogado, que era realmente especial para ele?

Colin, como sempre ocorria, leu as perguntas em seus olhos antes de que chegassem a seus lábios e lhe sussurrou ao ouvido:

— Sempre quis fazer isto, Lissa. É a modelo perfeita. — Deu-lhe um forte açoite com a mão

aberta sobre a pele nua e o rabo-de-cavalo se agitou no ar com um movimento perfeito.

Capítulo Vinte e Dois

Depois de fotografar a Lissa disfarçada de garota pony, Colin decidiu que as preliminares tinham chegado a seu fim. Necessitava fode-la já, antes que subissem pelas escadas de ferro até o seguinte nível do museu, onde as coisas talvez se descontrolassem. Especialmente se não se permitia ao menos um orgasmo para acalmar-se. Sabia que Lissa não se deu conta de quão excitado estava. Parecia o mesmo de sempre, controlando tudo. Entretanto, por dentro se sentia como um menino no primeiro dia de férias, preparado para deixar-se levar por uma explosão de emoção contida.

Lissa, montada em uns muito altos saltos nos que logo que conseguia manter o equilíbrio, esperava obediente uma nova ordem. Em lugar de dar-lhe Colin tomou outra foto, um primeiro plano. Durante uns segundos a luz branca do flash a deixou cega, como sabia que ocorreria. Colin se aproximou dela rapidamente enquanto Lissa ainda piscava, pôs-la sobre seus joelhos e lhe deu uns açoites. Não se preocupou de lhe tirar primeiro o rabo-de-cavalo. Gostava da forma em que se movia cada vez que castigava sua carne nua.

Os açoites não tinham sido premeditados e nada tinham que ver com a foto que acabavam de recriar. Sabia que as marcas do quadro tinham sido feitas com uma vara, mas não queria ir tão depressa. Além disso, era difícil fazer-se com uma boa vara. Teria que encontrar o tipo de árvore adequada, dar com um ramo o suficientemente fino, cortar os nós... Pás, varas ou inclusive seu próprio cinturão eram melhores ferramentas, muito mais efetivas. Mas ainda não estava preparado

para administrar aquele tipo de dor. O que queria era fazer o precioso cu de Lissa, e sabia que para que ela desfrutasse da experiência tinha que fazer que estivesse empapada. Gostava mais quando se deixava levar ao mesmo tempo que ele.

Supôs que as suas não eram as formas mais habituais em um dominante. Sabia de outros, tinha falado com eles, aos que não lhes preocupava o mais mínimo se seu casal alcançava o orgasmo ou não. Nunca. Colin, em troca, pensava que se sua amante gozava ao mesmo tempo que ele, ou ao menos se aproximava, todas as perversões que imaginava e punha em cena funcionavam com seu casal tão bem como com ele. E isso era precisamente o que mais queria.

Em uma das esquinas da sala havia uma cadeira alta de pele. Agarrou a Lissa, quase no ar por culpa dos sapatos, e a levou para ali para ficarem mais cômodos. Antes de seguir açoitando-a, fez girar o consolador dentro de seu ânus. Ela gemeu e Colin não pôde reprimir um sorriso. Realmente queria fazê-lo por detrás, deveria havê-lo suposto antes. Agora ambos conseguiriam o que tanto desejavam, mas não sem antes acabar com os preparativos.

Levantou com uma mão a grossa cauda de crina e com a outra a golpeou, mais abaixo e mais forte, em uma sucessão de golpes que fizeram que Lissa se retorcesse sobre seu regaço. Gostava que tratasse de escapar. O roce sobre sua entreperna era uma sensação incrível e ele continuava lhe dando açoites só para poder desfrutar do contato de seu quadril. Perguntou-se se seria capaz de levá-la ao orgasmo daquela maneira, se podia limitar-se a lhe pegar até gozar sobre seu ventre. Por um momento considerou seriamente a possibilidade, mas decidiu que seria uma lástima desperdiçar uma oportunidade assim. Não era o que queria nem muito menos.

Só se deteve quando a pele de Lissa alcançou uma cor rosa intenso. Seria mais duro com ela quando chegasse o momento, por agora só queria lhe dar uma amostra, um pequeno aperitivo antes de ficar sérios. Com um gesto brusco, fez-a cair de seus joelhos e lhe ordenou:

— Ponha as mãos contra a parede — e assinalou um espaço vazio entre dois enormes quadros. As imagens eram perfeitas para o que estava a ponto de fazer a Lissa. Na da esquerda, uma loira exuberante posava com o traseiro para a câmera e as mãos ao redor dos tornozelos, enquanto observava ao espectador com o rosto pego a uma de suas pernas. A da direita, pertencente à série de garotas pony, mostrava a duas mulheres muito belas puxando de uma carreta e a uma terceira sendo açoitada por seu amo com um largo rabo-de-cavalo. Colin tomaria a Lissa entre aquelas duas obras primas do erotismo.

— Te incline até o nível da cintura e fica quieta — lhe ordenou. Sua voz era apenas audível, mas sabia que ela podia lhe ouvir.

Lissa obedeceu imediatamente, sem pôr em dúvida sua autoridade. Apressou-se para o lugar e fez o que lhe tinha ordenado. Ele a fez esperar deliberadamente enquanto tirava da bolsa um pote de lubrificante e uma toalha que havia trazido de casa e que estenderia no chão. A coisa podia complicar-se e, embora tinham o museu para eles sozinhos toda a noite, não queria deixar tudo cheio de restos.

Seu traseiro estava precioso agora que lhe tinha dado um toque de cor. E, com a cauda aparecendo entre as nádegas, Lissa se parecia ainda mais a uma daquelas míticas garotas pony. A ideia lhe fez sorrir. Aquela noite estava sendo a melhor de todas as que tinham passado juntos. Enquanto desabotoava as calças e agarrava o pênis com a mão, perguntou-se por que tudo aquilo o fazia desfrutar tanto. Justo quando penetrava seu corpo e uma suave calidez se fechava a seu redor, entendeu.

Lissa tinha trocado. Tinha-a transformado em uma visão que ele mesmo tinha criado.

Capítulo Vinte e Três

— Me diga que o quer — disse Colin entre ofegos, seu corpo nu sobre o dela. Tinha a pele úmida e escorregadia, e quando tratou de sujeitá-la pelos braços, não pôde.

Aguentando a respiração, Lissa tratou de lhe obedecer, mas se deu conta de que não podia. Era muito difícil.

— Diga-me isso Lissa — exigiu Colin de novo, mais sério esta vez. Perguntou-se que mais podia lhe fazer que não lhe tivesse feito já. Cada parte de seu corpo estava usada, distorcida, como se já não pertencesse a ela. Não podia acreditar que estivessem fodendo outra vez. E seu corpo seguia respondendo como sempre, desejando sentir seu tato, alcançar a mágica linha de meta junto a ele, chegar ao topo daquele lugar que até então só tinha existido em sua imaginação.

— Quero-o — respondeu Lissa ao fim, sentindo seu pênis em seu interior, penetrando justo onde mais molhada e preparada para lhe receber estava.

— O que é o que quer?

Sabia o que queria dizer, mas logo que ouviu as palavras formando-se em sua mente não pôde acreditar que estivesse a ponto de dizer em voz alta. Colin queria ouvir o que já sabia. Mas como fazê-lo?

Ela já tinha certo poder sobre ele, assim, apesar do que Colin pudesse pensar, tinha as qualidades necessárias para jogar a aquele jogo.

As investidas eram largas e profundas. Haviam fodido duas vezes no museu depois de fazê-lo por detrás, depois de fotografá-la rostocterizada em todos os estilos que era capaz de imaginar. Depois, totalmente desorientados, com a roupa desalinhada e despenteados, registraram-se no hotel, tomaram banho e se colocaram na cama, onde o tinham feito outra vez. Agora era o turno de Lissa para surpreender.

— Quero me provar sobre sua pele — disse em voz baixa. Colin se deteve em seco. — O que quer dizer?

— Quero te chupar o pau e limpar meus sucos dele.

—É uma putinha — grunhiu Colin. É uma fodida putinha.

Era evidente que estava surpreso, nem tanto pelas palavras como pelo fato de que estava utilizando aquele tipo de vocabulário. Nunca lhe tinha ouvido dizer palavrões em voz alta porque nunca tinha sido capaz de deixar-se levar até esse ponto. E isso que Colin tinha estado insistindo durante meses. Mas aquela noite a tinha transformado. Tinha-a obrigado a adotar posturas das que ela nem sequer tinha ouvido falar, tinha-a utilizado para recrear imagens que só tinha visto na galeria de sua mente. Por que seguir com aquele papel de garota envergonhada? Sabia como ser suja se o propunha.

Entretanto, suas bochechas estavam ardendo quando Colin se separou dela para que se voltasse. Sujeitou-a pelos ombros e ela se ajoelhou a seus pés com a boca aberta, preparada para lhe receber.

— Sabia que ao final afloraria — murmurou Colin enquanto a língua de Lissa aparecia entre seus lábios e lhe lambia as bolas —Sabia.



TERCEIRO LIVRO - MAS É ARTE?

O diabo sussurrou entre as folhas: «É bonito, mas é arte?»

RUDYARD KIPLING

Capítulo Vinte e Quatro

De volta a Londres, depois de três dias desexo tão selvagem que logo que podia andar e muito menos centrar-se, Lissa se sentia como se acabasse de despertar de um estranho sonho. Como em uma versão porno da Alicia no país das maravilhas, tinha caído na toca do coelho e tinha visitado um lugar que trocava sua perspectiva ante a vida. E não queria dizer que os meses anteriores com o Colin não a tivessem feito trocar também, porque tinham sido parte primitiva naquela transformação.

Entretanto, algo incrível tinha ocorrido na Alemanha e agora, quando olhava ao Colin, via nele a uma pessoa distinta. Não só ao amante que satisfazia seus desejos mais inomináveis, mas também, também ao intelectual que entendia a arte como ela o fazia e que lhe tinha ensinado a olhar ele de uma maneira distinta, que era a capacidade mais apreciada que um historiador da arte podia possuir.

Recordou as fotografias que penduravam das paredes do apartamento do Colin. Tinha gostado desde o começo. Eram imagens em branco e preto, sutilmente eróticas, que insinuavam mais por aquilo que não mostravam que pelo que sim. Agora sabia que Colin era o autor daquelas fotos e lhe respeitava ainda mais por isso, como também sentia uma sede renovada em seus encontros.

No vôo de volta de Hamburgo, Colin lhe tinha explicado seu objetivo: recriar aquelas obras de arte que mais tinham influenciado nele. Fotografias que gostava especialmente, esculturas que lhe excitavam. Depois daquela conversa, Lissa tinha começado a pensar naquelas obras de arte que, a

seu parecer, resultavam mais sugerentes. Havia algumas fotografias do Mapplethorpe que gostava muito, e outras do Man Ray⁸ que, apesar de não ser estritamente pornográficas, resultavam-lhe atrativas. Imaginou a si mesma nua, de costas à câmara, naquela fotografia do Man Ray em que uma mulher se transformava em um instrumento musical. Os contornos de seu corpo, o arco de suas costas...

Mas enquanto aquelas imagens passavam por sua mente, Lissa sabia que o mais provável era que jamais se fizessem realidade. Além dos deveres que lhe punha de vez em quando, Colin nem sempre contava com ela na hora de planejar seus jogos.

Não, esperaria que lhe perguntasse. Enquanto isso, era um presente ficar completamente em suas mãos, ver com que nova ideia a surpreendia. Uma das coisas que mais gostava nele era sua falta de pudor quando se tratava de arte. Algumas pessoas, sabendo que Lissa estava doutorada em história da arte, eram incapazes de falar do tema com naturalidade. Simplesmente ficavam petrificados.

No passado, seu antigo eu possivelmente tivesse feito distinções sobre a arte erótica, perguntando-se se de verdade lhe podia denominar arte. Tinha desfrutado com algumas das fotografias da Olivia, e das Garotas Varga nos anos quarenta, e entretanto teria classificado aquelas obras em uma categoria inferior a das peças que se podiam encontrar em seus museus favoritos. Colin tinha aberto sua mente ao encanto das artes sexuais. E como sempre havia dito, se uma imagem era capaz de emocionar a uma só pessoa, então já merecia o qualificativo de arte.

O mecenas sim se sentia emocionado, sentado na cama e rodeado de fotos de Lissa pulverizadas sobre os lençóis de cetim. Não precisou perguntar-se nem por um momento se aquelas imagens eram arte ou não. Não lhe importava o mais mínimo. Ele que sim era importante era o que as fotografias despertavam nele. E despertavam muito. Seu pênis tinha cobrado vida própria e necessitava seus cuidados. Mesmo assim, tomou seu tempo. Não queria apressar-se, ainda não havia necessidade de passar a seguinte fase. Olhou as fotos e desejou que Lissa estivesse ali, recriando junto a ele todas aquelas posturas.

Começariam com a trilogia da garota pony, simplesmente porque aquela era uma idéia que jamais lhe tinha passado pela cabeça: uma garota vestida tão somente com uma brida e um bocado pronta para puxar uma carruagem. Seguiriam com a foto em que apareceu caracterizada como uma dominadora. É obvio, sabia que não era mais que uma mera ilusão, posto que Lissa era do tipo submissa, mas imaginou a si mesmo gozando sobre aquela roupa de couro negro e de brilhante verniz, visualizou as gotas de sêmen deslizando-se pelo corpo da garota. Pensou que gostaria de ter uma foto dela vestindo um daqueles trajes ajustados de verniz. O pediria ao Colin. Acaso não lhe

⁸ **Man Ray (Emanuel Rudzitsky, Filadélfia, 27 de Agosto de 1890 - Paris, 18 de Novembro de 1976)** foi um fotógrafo, pintor e anarquista norte-americano.

tinha prometido que faria algo que lhe pedisse? Se a promessa era certa, disse-se o mecenas, devia aproveitar-se dela tanto como pudesse.

Ao fundo do pacote, envoltas na nota escrita à mão do Colin, havia uma calcinha de Lissa. A nota dizia: A ARTE É ESSÊNCIA. O mecenas acariciou o tecido entre seus dedos antes de procurar entre aquela fotos em que aparecesse com elas postas. Uniforme escolar, calcinha branca debaixo de uma saia vincada de colegial.

Levou a calcinha ao rosto e inspirou profundamente. Lissa era incrível. Podia imaginar a si mesmo com a cabeça enterrada entre suas pernas e lambendo-a, lentamente, introduzindo a língua entre seus lábios até encontrar o clitóris e chupando-o até que estivesse tão excitada como ele o estava agora.

Considerou a possibilidade de ir procurar a fita que Colin tinha gravado para ele e escutar sua doce voz, ver seu corpo indescritível, beber de sua fragrância, tudo ao mesmo tempo. Com a calcinha ainda em uma mão, procurou sua favorita entre todas as fotos, uma em que Lissa olhava diretamente à câmara.

Deteve-se. Antes de entregar-se a uma noite de prazer solitário, ligou o portátil e escreveu um correio eletrônico breve, no que se detalhava o novo encargo. Sorriu enquanto introduzia as primeiras linhas de texto, pensando que Colin agradeceria sua criatividade. De fato, surpreenderam-lhe suas próprias fantasias. Agora que conhecia o potencial de ambos, sua imaginação voava quase fora de controle. Uma fantasia levava a outra mais retorcida, que a sua vez engendrava outra ainda melhor.

Olhou a hora no relógio da mesinha. Eram quase as três da madrugada em Londres. Colin e Lissa estariam profundamente adormecidos, aconchegados um contra o outro, pele contra pele.

«Não, não pense nisso agora — disse-se — Se concentre.» A imagem dos dois amantes abraçados não gostava. Dirigiu o olhar de novo para as fotografias e sorriu. Sim, sabia exatamente o que pôr naquele correio. Que agradável saber que quando Colin se levantasse suas palavras lhe estariam esperando na bandeja de entrada de seu computador. As possibilidades da mensagem eletrônica eram quase aditivas.

Por último, depois de desconectar o modem e desligar o computador, o mecenas agarrou seu membro entre as mãos e, literal e figuradamente, resolveu seus negócios mais urgentes.

Capítulo Vinte e Cinco

Colin estava sentado em seu escritório comprovando o correio enquanto Lissa lia um livro sentada a sua mesa. Não era algo que fizesse muito frequentemente, mas essa vez estava seguro de que ela não podia ler na tela do computador, não de onde estava sentada. Podia notar, entretanto, seu olhar fixo nele por cima de um grosso volume sobre pintores franceses no que Lissa fingia ler.

Tratou de atuar com normalidade. Não queria que sua linguagem corporal delatasse suas emoções, mas sabia que a tensão com que se continha não devia parecer nada normal a olhos de outras pessoas. Com os ombros para trás, devia parecer aguem a ponto de iniciar uma briga.

— Relaxe-se — disse — atua com naturalidade enquanto Lissa estejapresente. — Podia notar o peso de seu olhar fixo na nuca. Respirou profundamente e leu de novo o email.

O AMANTE DA ARTE tinha gostadomuito da calcinha, as fotos, a fita. Mas ainda queria algo mais. Colin tinha suposto que algo assim passaria, e estava preparado para isso. Mas não pôde evitar o sentimento de ódio que percorreu seu corpo. Faziam um trato e pelo visto AMANTE DA ARTE tinha muita pressa. Deveria ter crédulo no Colin para fazer o correto, para tomar as decisões apropriadas em cada momento.

Sentiu vontades de afundar um punho no gesso da parede, de atirar o computador ao chão de um golpe e ver como se fazia pedacinhos. Entretanto, limitou-se a reclinar-se na cadeira e olhar fixamente a tela. Não podia deixar que suas emoções aflorassem, não com a Lissa na mesma

habitação fazendo ver que trabalhava em seu livro. Estava-lhe observando, notava-o, assim apagou o servidor do primeiro correio e logo o computador. Tinha que fazer uma chamada, em privado. Com a Lissa no apartamento era mais que impossível, de modo que inventou uma reunião imaginária. Chamaria a Jackie do celular. No vestibulo poderia pôr o plano em funcionamento sem que Lissa ouvisse nada e lhe perguntasse o que estava passando.

Inclinou-se sobre ela e as palavras «te quero» trataram de penetrar entre seus lábios. conteve-se. Teria sido uma afirmação vazia, quase automática, que nunca antes havia dito e que nem sequer sabia se era certa... Além disso, o que houvesse dito Lissa ante aquelas palavras?

Caminhou em direção à porta com o cenho franzido. O que lhe estava passando?

Uns segundos mais tarde, Lissa cruzou a habitação e se sentou frente ao computador. Era como se a máquina exercesse uma atração magnética sobre ela, obrigando-a a fazer coisas contra sua vontade. Apertou o botão de ligar enquanto em sua mente passava uma série de possibilidades. Além de tratar de imaginar o que encontraria, também pensou no que lhe faria Colin se a pilhava pinçando em seu computador. Como a castigaria? Ficava acaso algum método que não tivessem provado já? Conhecia o tato de seu cinturão, da vara e da pá. Tinha anulado seus sentidos fechando-encerrando em uma habitação escura, sem ruídos, sem poder falar. Que mais havia? Aqueles pensamentos, em lugar de persuadi-la para que não tocasse o computador, excitaram-na ainda mais.

Sentada ao bordo da cadeira, introduziu todos os códigos que lhe ocorreram. Aquilo era uma loucura. Quem acreditava que era? Um dos personagens de Missão impossível? Ou miss Marple, que recentemente se converteu na protagonista de um filme porno de incerteza que faria que a muito mesmo Agatha Christie se revolvesse na tumba?

Mas não importava quem acreditava ser. Era incapaz de controlar-se. Cada vez que ficava sozinha no apartamento, era-lhe impossível concentrar-se no trabalho.

«*Garota má*», pensou. Assim era como ele a chamava. Estaria vivendo unicamente de suas expectativas? Passou a seguinte hora provando contra-senhas. Introduziu um código detrás de outro sem êxito. O dia de seu aniversário. Nada. Seu número favorito. Nada. As palavras que melhor definiam sua relação. Nada. D-O-R. A-Ç-O-I-T-E. O-B-E-D-I-E-N-C-I-A. S-U-B-M-I-S-S-Ã-O.

Estava-se levando mau, sabia. Mas era tal sua excitação que foi incapaz de deter-se.

Jackie não estava em casa e Colin teve que esperar a que Lissa se fosse ao museu a trabalhar antes de tratar de contatar de novo com seu amigo. Tomou assento ante seu escritório e cravou os olhos na parede enquanto formulava mentalmente a pergunta. Queria explicar-se bem e sabia que Jackie, como parte de seu círculo mais próximo, entenderia-o, embora não fosse muito rápido. Colin tratou de simplificar as coisas.

Marcou o prefixo internacional e logo o número da Jackie. Enquanto esperava o sinal, jogou uma olhada às fotos de Hamburgo que estavam em uma pasta aberta sobre sua mesa. Lissa, com sua

expressão mais submissa, olhava-lhe desde sua fotografia favorita. Estava preciosa, cada parte dela, cada insignificante matiz. Deixou o auricular em seu lugar antes de que Jackie agarrasse o telefone.

Faria-o a sua maneira. AMANTE DA ARTE não tinha direito a coreografar cada cena de sua relação. Já era hora de que Colin se fizesse cargo da forma em que estavam acontecendo as coisas.

Capítulo Vinte e Seis

A solução chegou de uma forma inesperada. Colin se tinha conectado ao servidor para ler o correio, mas ainda não tinha pulsado a tecla «entro» quando o telefone soou. Preferiu agarrar a chamada na habitação, e Lissa, ao passar frente à porta do despacho, viu que o computador estava ligado. O código era ilegível — uma sucessão de pontinhos indecifráveis — mas selecionou o texto e o copiou com apenas pulsar umas teclas. Não sabia que escondia aquele código, mas sim poderia reproduzi-lo no espaço reservado para a contra-senha a próxima vez que Colin deixasse o apartamento, que foi precisamente depois de pendurar o telefone.

— Tenho que ir. Estarei fora uma hora mais ou menos — lhe disse, passando junto a ela de caminho ao despacho. Ouviu como desligava o computador e logo apareceu de novo no salão com o pesado casaco negro sobre os ombros — Espero que esteja preparada para quando voltar.

Só podia tratar de adivinhar o que queria dizer com isso, mas não se surpreendeu quando se aproximou do sofá e se inclinou para beijá-la. Sua boca tinha sabor de hortelã e, enquanto se beijavam, passou-lhe o caramelo com a língua.

— Há mais na habitação — lhe disse — junto à cama. Tenha um na boca até que eu volte.

Com o caramelo na boca, seus lábios desenharam um sorriso. Queria que lhe fizesse uma pergunta com sabor a hortelã, algo sobre o que tinham estado lendo juntos em uma revista.

Supunha-se que era uma experiência alucinante, que produzia umas cócegas deliciosas. Sentiu-se excitada ante a idéia. Enquanto Colin lhe piscava o olho e logo se dava meia volta, reconsiderou seu plano para bisbilhotar no correio.

Por que queria arruinar o que havia entre os dois? Não queria, estava claro. Mas tão somente uns minutos depois de que Colin teve abandonado o apartamento, Lissa se encontrou a si mesma sentada a sua mesa, com o coração pulsando a toda velocidade. Quando era a última vez que se havia sentido assim de nervosa? Não se lembrava. As coisas que Colin e ela compartilhavam na cama faziam que se sentisse viva e cheia de desejo. Mas aquilo era algo muito distinto. Recordava um sentimento parecido. Uma vez, quando era pequena, passou-se semanas procurando seus presentes de aniversário por toda a casa. Penetrou-se com sigilo no desvão, na garagem, debaixo da cama de seus pais, e a sensação tinha sido exatamente a mesma. Uma espécie de cargo de consciência pelo que pudesse encontrar, e ao mesmo tempo uma sensação de alívio se por acaso não encontrava nada.

Pulsou as teclas para recuperar a contra-senha da memória do computador. Logo pulsou «entra» e fechou os olhos. Funcionaria? Quase imediatamente, a máquina aceitou o código. Aquele era o momento da verdade. Podia desligar o modem, contente consigo mesma por ter sido capaz de decifrar o enigma, ou podia inundar-se em uma nova faceta de sua relação com o Colin. Se lia aquela informação privada, estaria abrindo uma greta entre eles que podia crescer e converter-se em um precipício.

Desligou o computador.

O resto da tarde transcorreu a câmera lenta. Lissa tentou avançar algo em seu trabalho. Estendeu todas suas notas sobre a mesa da sala de estar e formou uma pilha com os livros a seu lado. Não podia ficar no despacho do Colin agora que sabia como acessar ao correio. Serviu-se uma taça de vinho tinto e durante mais de uma hora fingiu que lia. Mas a quem acreditava que estava enganando? Revisou suas fotografias favoritas, acariciou as páginas com as gemas dos dedos. Ao final fechou o livro e se dirigiu ao despacho.

Rapidamente, como se não queria dar-se tempo a trocar outra vez de opinião, ligou o computador e introduziu a contra-senha. Esta vez não se deteve valorar o que se dispunha a fazer e foi fazendo clique uma a uma sobre as distintas pastas nas que Colin classificava os e-mails.

Ao princípio não encontrou nada fora do comum, só correspondência sobre temas médicos que não só lhe pareceram aborrecidos, mas também além disso eram quase indecifráveis. Todos aqueles tecnicismos não tinham nenhum sentido para ela. Foi fechando, sentindo-se um pouco decepcionada por não ter descoberto nada interessante sobre seu amante, e ao mesmo tempo aliviada.

De repente apareceu na tela um pequeno ícone com forma de envelope. Colin tinha recebido um novo correio. Fez clique sobre o ícone e leu o assunto. Era uma mensagem de alguém chamado AMANTE DA ARTE.

Fechou os olhos com força, sem saber o que fazer. Lia-o? E se o fazia, seria capaz logo depois de confessar-lhe ao Colin? Quando abriu os olhos, o email seguia piscando como se fosse um letreiro de néon, lhe fazendo gestos, tratando de chamar sua atenção. Justo quando estava a ponto de abri-lo o telefone soou. Era Colin.

Sabia o que estava fazendo? Teria sido capaz de adivinhá-lo? Não. Chamava-lhe do celular para lhe dar instruções para aquela noite, uma mudança de planos. Desligou o modem e o computador, foi para a habitação e se vestiu tal e como lhe tinha ordenado. Jantariam fora.

Capítulo Vinte e Sete

Colin sorriu ao cheirar o fôlego de Lissa, que ainda desprendia aromas de hortelã. Sempre se esforçava por lhe contentar. Deslizou uma mão por suas costas até chegar à nuca e puxou com força até que esteve sobre seus joelhos. Não lhe importava o mais mínimo o que pudesse pensar o taxista. O único que lhe importava era como se sentissem ele mesmo e Lissa, e também, em um segundo lugar, o mecenas.

Mas o mecenas não tinha nada que ver com a pergunta que Lissa lhe estava fazendo na parte traseira daquele espaçoso táxi. E em realidade era precisamente por isso pelo que sorria. Algo estava trocando em sua forma de pensar. Agora separava aquilo que tinha sido coreografado pelo AMANTE DA ARTE dos encontros que eram mas bem fruto de seus gostos pessoais. Seguiu lhe mantendo informado via email, mas escolhia com supremo cuidado que histórias desejava compartilhar com ele e quais não. A daquela noite a guardaria para si.

Lissa se movia como uma profissional, lhe acariciando com os lábios pintados de um vermelho intenso enquanto percorria seu sexo acima e abaixo sem cessar. Estava orgulhoso dela. Não se tinha resistido nem tampouco pareceu envergonhada quando lhe viu baixar a cremalheira das calças. Às vezes aquele seu recatofazia aflorar o melhor dela, evitava que lhe obedecesse à primeira. Isto, é obvio, não era mais que outra desculpa para castigar sua ousadia, algo que ao Colin não importava fazer de vez em quando.

Os lábios de Lissa se fecharam ao redor de sua carne, enquanto com a língua lambia acima e

abaixo com a perícia de alguém que o tem feito toda a vida. Colin lhe tinha explicado como queria exatamente que o fizesse, e era evidente que tinha emprestado atenção a suas palavras. Com uma mão lhe acariciou os testículo. As suaves gemas de seus dedos procuraram logo a zona que havia justo debaixo, aquela parte de pele no que a sensibilidade se disparava. Colin sentiu calafrios de prazer. Sabia o que tinha que fazer para lhe voltar louco. Passaram alguns minutos até que a agarrou pelo cabelo e puxou dela. Lissa substituiu sua boca por uma mão e continuou lhe masturbando como sabia que gostava. Um golpe forte seguido por um movimento mais suave, mais lento. Que grande discípula era. Continuou com aquele movimento rítmico enquanto ele admirava a beleza daquela diminuta mão ao redor de seu pênis. Levava as unhas pintava de um branco brilhante e no dedo anelar brilhava uma aliança de bodas.

A visão lhe fez sorrir de novo e de repente perdeu as vontades de alcançar o orgasmo. Apartou a mão de Lissa e lhe olhou desconcertada. Limitou-se a lhe dar um beijo na bochecha e passar o braço ao redor de seus ombros. Não queria ter que explicar por que não queria seguir com aquilo. Quase tinham chegado ao The Marquis.

Lissa não tinha ouvido falar daquele lugar, mas sim conhecia locais parecidos. Sabia que havia dois em Nova Iorque nos que os comensais podiam escolher entre uma larga lista de aprimoramentos sexuais. Podiam escolher entre um arrumado macho dominante ou uma atrativa dominadora e ser açoitados com uma pá até romper a chorar de dor ante o resto dos assistentes.

O restaurante dos subúrbios que Colin tinha eleito para aquela noite era desse tipo. As paredes estavam decoradas com ricos detalhes em vermelho e ouro, e o conjunto tenuemente iluminado. Era o lugar ideal para desfrutar de um jantar carregado de sensualidade. Havia grandes vela, autênticas esculturas de cera, que pareciam imitar corpos de mulheres nuas convertidas em candelabros góticos. Também sobre as mesas queimavam as mesmas velas, mas de menor tamanho. Apesar de que o local podia acomodar a perto de cem pessoas, havia espaço suficiente para todos. Enquanto avançavam para sua mesa, Lissa teve a sensação de estar a sós com o Colin, em privado, apesar de que já havia outros casais sentados a suas mesas e em seus reservados.

Lissa olhou a seu redor e viu que todas as garçonetes iam vestidas de dominadora e que o homem que havia detras do bar tinha aspecto de poder romper a alguém em dois com apenas uma mão. Observou-a descaradamente enquanto Colin e ela tomavam assento em sua mesa, e Lissa teve que dizer-se a si mesmo que mais lhe valia comportar-se durante o jantar. Sabia que Colin logo que podia conter-se, embora não conhecia o porquê. Qualquer indiscrição por sua parte seria mais que suficiente para que ganhasse uma de suas reprimendas.

Mas mesmo assim lhe resultava difícil fixar a vista só nele. O barman, as garçonetes... Todos os membros do pessoal do The Marquis pareciam escolhidos por sua grande beleza. A garçonete, sem ir mais longe, era uma mulher espetacular de rasgos exóticos, com a pele da cor do caramelo e uns preciosos olhos marrons que irradiavam calidez. Ia vestida com um traje ajustado de verniz sobre cuja superfície se refletia o brilho de centenas de velas. Quando tomou nota, fixou seus olhos amendoados na Lissa e lhe sorriu, deixando entrever uns pequenos dentes mais próprios de um

animal. Lissa não pôde evitar imaginá-la sentada escarranchado sobre suas pernas, inclinando-se para morder a linha de suas clavículas e logo mais abaixo, deixando marcas de dentadas por toda sua pele.

Por que tinha imaginado aquilo? Não era próprio dela. Notou como suas bochechas se ruborizavam e baixou a vista até suas mãos, que jogavam nervosamente a envolver-se uma à outra.

— Está flertando — disse Colin enquanto servia o vinho nas taças.

Lissa estava horrorizada.

— Não... — Negou com a cabeça. Não era certo, ou talvez sim?

Ele lhe fez gesto à garçonete, que naquele momento se dirigia para uma mesa ao outro lado da sala com a grossa manga de uma pá entre as mãos. O homem que ali se sentava assinalou algo no menu e logo acrescentou que era para sua companheira de jantar, uma morena cuja despenteada juba indicava um transa ainda recente. A garçonete arrastou uma cadeira sem braços até a mesa, colocou a mulher sobre seu regaço e começou a açoitá-la com a pá. Lissa ficou sem fôlego, sem poder acreditar o que seus olhos viam. Sabia que aquilo era algo normal no The Marquis, mas ainda não estava preparada para presenciá-lo.

— Depois toca a você — disse Colin em voz baixa. Lissa apartou os olhos do espetáculo para cravá-los nos dele, desesperada-se. — Não...

— O que disse?

Mordeu-se o lábio inferior, consciente de que estava em apuros. Se lhe dizia de novo que não, Colin teria então a desculpa perfeita para açoitá-la ele mesmo. Se se calava, seria a garçonete a que se divertisse com ela. Colin saía ganhando de qualquer das maneiras, e ela perdendo. Estava pensando nisso quando se deu conta de que sua calcinha estava molhada.

— O que disse? — perguntou ele de novo com um tom mais ameaçador que o que tinha utilizado em toda a noite.

Lissa tragou saliva e fechou os olhos, tratando de decidir qual das duas opções era a menos má. Qual era a resposta correta a aquele dilema?

— Disse que não.

Colin não se entreteve, nem sequer esperou a que a dominadora se aproximasse de sua mesa para tomar nota. Um segundo foi suficiente para pôr a Lissa sobre seus joelhos. A diferença do resto dos comensais, que tinham deixado que seus casais conservassem a roupa interior posta, Colin lhe baixou a calcinha de algodão branco até os tornozelos e lhe subiu a saia. Golpeou-a uma vez com força e Lissa se queixou, mas sem mover-se. Não tentou lhe golpear ou revolver-se, não tratou de escapar dele, tampouco lhe suplicou que se detivera. Comportou-se como se tivesse sido má, como se se soubesse merecedora daquele castigo.

Flertando. Sim, tinha paquerado com a garçonete, mas não tinha sido esse o problema. Havia algo na forma de atuar de Lissa desde que tinha passado a procurá-la pelo apartamento, algo distinto, que lhe dizia que alguma coisa não ia bem. Às vezes Lissa o fazia saber que estava preparada para receber seu castigo simplesmente por como se continha, por um olhar, por uma postura.

Não estava seguro do que se tratava, mas sabia que Lissa odiava ser açoitada em público, e lhe gostava de aproveitar-se disso. A humilhação era pior que o castigo físico. A dor não fazia mais que excitá-la.

As nádegas de Lissa tremiam, avermelhadas pelos golpes. Colin se deu conta de que aquela era uma forma de expiar sua culpa por meio da dor. O que tinha feito? Não sabia, nem lhe interessava. No momento lhe daria uns açoites pelo simples prazer que sentia ao fazê-lo. Mais tarde já teria tempo para averiguar o que ia mau.

E, se era totalmente sincero consigo mesmo, tinha desejado lhe pegar até lhe fazer perder o conhecimento do momento em que tinha visto a aliança de bodas brilhando em seu dedo na parte de trás do táxi. Sim, sempre tinha levado aquele anel, desde a primeira vez que se conheceram em Frankfurt. Mas por alguma razão só aquela noite lhe tinha feito enfurecer. Canalizou a raiva nela, no peso da palma de sua mão cada vez que entrava em contato com suas nádegas nuas.

Dentro das calças negras do traje, Colin estava cada vez mais excitado. Desfrutava tomando seu tempo, procurando a postura perfeita, açoitando-a no traseiro e inclusive nas coxas.

OH, Deus, era preciosa. Sua ira remeteu enquanto admirava sua beleza desde aquela altura privilegiada. Entretanto, a intensidade dos golpes continuou sendo a mesma. A beleza de seu corpo nu, a forma em que seu corpo adotava a postura perfeita, tudo isso provocava nele o desejo de seguir lhe dando açoites cada vez mais fortes.

Lissa conteve a respiração enquanto Colin não deixava de golpeá-la. Soube que não se deteria até que seus olhos se enchessem de lágrimas. Tolerava a dor com facilidade, tanto que às vezes rompia a chorar antes pela vergonha que pelo castigo físico. Mas Colin sabia como combinar ambos os sentimentos, podia lhe deixar o traseiro em carne viva e ao mesmo tempo lhe fazer saber quão má tinha sido.

Porque tinha sido uma garota muito má. Tinha bisbilhotado em seu computador, tratando de adivinhar a contra-senha de seu correio, e finalmente se saiu com a sua, embora tudo aquilo ele não soubesse. Tentou serenar-se e aceitar aquele castigo como uma campeã, deixar-se levar pela dor.

E ao mesmo tempo deixar-se levar pelo prazer.

Capítulo vinte e oito

— Me conte coisas sobre sua vida — disse Colin. Ainda levava posta a camisa branca e a

gravata, as calças e os sapatos, mas sua jaqueta de quadros cinzas e negros pendurava do respaldo de uma cadeira. Lissa, com as mãos por cima da cabeça, nua à exceção de umas algemas chapeadas ao redor de seus pulsos, olhou-lhe e tratou de transformar sua expressão em um sorriso.

Era como estar tombada sobre o divã de um psiquiatra, só que aquele tinha uma vara em uma mão e se golpeava distraidamente na palma com o extremo de couro trançado.

— Não sei o que quer que te conte. — Tinha as pernas abertas sob os lençóis brancos, e os tornozelos atados aos postes da cama com suaves tiras de tecido. Sem lhe tirar um olho de cima, Colin levantou o lençol com a ponta da vara e se inclinou um pouco para ter uma melhor panorâmica. Lissa se sentia exposta, vendo como a observava com a cabeça inclinada e uma expressão ilegível no rosto. Não, ilegível não. Parecia o guri que penetra em um espetáculo de striptease e vê pela primeira vez o corpo de uma mulher nua.

— Quero que me fale de sua vida com seu marido. Quero que me diga por que lhe deixou.

Considerou a petição. Estava atada, completamente a sua mercê, mas aquilo não parecia ser suficiente. Queria reduzi-la a algo mais baixo ainda, pressioná-la mentalmente enquanto punha a prova sua resistência física. Guerra psicológica. E sortia efeito. perguntou-se por que de repente se sentia tão sozinha.

— As coisas não funcionaram entre nós.

Colin ficou de pé de um salto, arrancou o lençol do corpo de Lissa e disse uma única palavra enquanto a golpeava com a vara.

— Mentirosa.

Ouviu sua voz e sentiu a chicotada justo ao mesmo tempo. Baixou a vista e viu aparecer uma marca em relevo sobre sua coxa direita. Respirou profundamente.

— Como sabe? — perguntou, consciente de que não era a estratégia mais inteligente. Por que lhe levar a contrária quando estava tão irritável? por que lhe pôr a prova quando eram evidentes as vontades que tinha de castigá-la?

— Sei porque te conheço — respondeu Colin — Sempredá voltas às coisas, uma e outra vez, obceca-te com elas. Seguro que houve um milhão de razões pelas que lhe deixou, e não te ocorre nenhuma? Não me acredito.

Lissa fechou os olhos. Odiava reconhecer suas misérias. Casou-se com o homem equivocado, era tão simples como isso. Que mais queria Colin dela? Que mais podia dizer? Podia entender seu aborrecimento no restaurante ao acreditar que paquerava com a garçonete — porque, sinceramente, tinha-o feito — mas não compreendia por que mostrava tanto interesse por algo que tinha passado antes de que se conhecessem. Como podia estar ciumento de um marido ao que ela tinha deixado muito tempo antes de seu primeiro encontro?

A vara caiu de novo implacável sobre sua pele. Lissa abriu os olhos e se encontrou com os do Colin, de um verde tão profundo que quase pareciam negros.

Por que fazia aquilo? O perguntou, com apenas duas palavras, incapaz de aceitar que acreditasse uma mentirosa.

— Por que? — Sua voz era um sussurro perdido nas profundidades de sua garganta, e seus olhos viam através dele. Viu sua imagem refletida em um espelho que pendurava da parede, na parede oposta da habitação, e pensou que o cabelo solto sobre os ombros lhe dava um aspecto juvenil, longe de seus trinta anos. Tinha os olhos muito abertos, dilatados pelo agulhão da vara. Suas bochechas estavam rosadas como se tivesse estado correndo. Um rubor são. Esperou a que Colin respondesse até que se deu conta de que era ele o que esperava que olhasse aos olhos. Fez-o, e ele falou.

— Porque quero que lhe doa — disse com voz suave, levantando a vara de novo no ar e desafiando a Lissa com o olhar para que não apartasse a vista enquanto a açoitava de novo. Sentiu o golpe. E o aceitou. Uma calidez cada vez mais intensa percorria seu corpo — continuou Colin em voz baixa, enquanto se ajoelhava junto à cama e repousava a bochecha sobre a ferida que acabava de marcar a fogo em sua coxa — porque eu adoro esse olhar em seus olhos cinzas quando te dói.

A dor era infinita. Um golpe com a vara era muito mais doloroso que um com a mão, ou com a pá, ou inclusive com o cinturão. E entretanto havia algo dentro de Lissa, como uma mecha ardendo, que aceitava sua necessidade de dor. Aceitava-a e a agradecia.

Pensou no que Colin lhe acabava de dizer e com muita dificuldade pôde reprimir um sorriso.

Estava no certo. Era a essência de sua relação. Ambos eram como as peças de um quebra-cabeças que encaixam perfeitamente, as lágrimas nos olhos de Lissa e o fogo desbocado nos do Colin.

Deslizou-se para a cabeceira tudo o que pôde, apartando-se dele para poder lhe olhar à cara. Ainda de joelhos, ele observava sua obra de arte, um cardeal que se inchava por momentos e que cada vez era de uma cor vermelha mais intensa. Amanhã seria púrpura, como as ameixas amadurecidas. Enquanto, não deixava de beijar a ferida.

Queria-a. Podia senti-lo em seus beijos.

Capítulo Vinte e Nove

Colin não estava muito seguro do que era o que lhe estava passando. Fazia um trato, mas agora temia receber mais correios do AMANTE DA ARTE. Gostava de tudo de Lissa e ficava doente ante a só idéia de ter que separar-se dela. Queria-a?

Talvez sim. Sabia que ela não tinha entendido sua sanha a noite do The Marquis. Não se tratava dela, mas sim dele e do email que tinha recebido com o novo encargo.

Sacudiu a cabeça tratando de afugentar aqueles pensamentos e logo olhou a Lissa, que dormia profundamente a seu lado. Era preciosa, sem dúvida, mas isso não era o que mais gostava dela. Havia muitas outras mulheres bonitas no mundo. Não, Lissa era especial. Tinha despertado ao mundo do prazer com mais intensidade da que ele tivesse imaginado antes de conhecê-la.

Em silêncio e com muito cuidado para não despertá-la, levantou-se da cama e agarrou sua bata de seda negra que pendurava do respaldo de uma cadeira. A pôs e se dirigiu ao despacho com a intenção de responder ao último correio de AMANTE DA ARTE. Faria o que se esperava dele, é obvio. Ao fim e ao cabo, esse era o trato. Cumpriria-o ao pé da letra e além disso desfrutaria com isso. Sabia.

Mas não pôde evitar desfrutar-se na pena que ameaçava lhe afundando na mais funda das tristezas. O que passaria quando recebesse o último encargo? O que passaria quando tivesse que deixá-la ir?

Capítulo Trinta

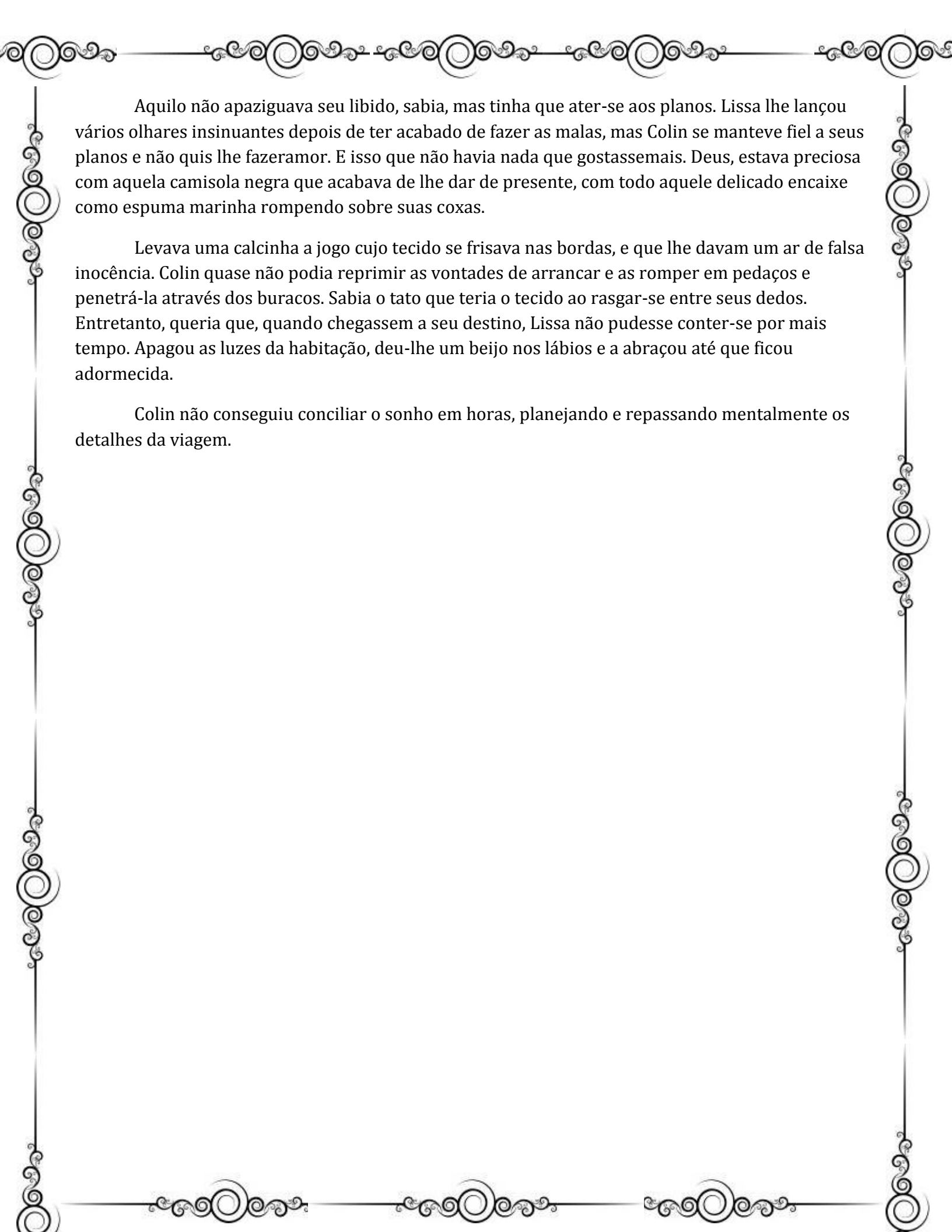
Aquela viagem resultou muito mais complicada de organizar que o anterior. Enquanto a aventura em Hamburgo só tinha necessitado de uma chamada Telefônica a um velho amigo, agora ia ser necessário pulsar mais teclas. Mas ao Colin não importava. Desfrutava com cada estágio dos preparativos, e inclusive se excitava cada vez que revisava mentalmente seus planos. Nos dias anteriores à viagem, podia fazer amor com a Lissa apaixonadamente várias vezes em uma só noite e não chegar a sentir sua sede saciada.

A ela, entretanto, todos aqueles orgasmos a deixavam destroçada. Olhava ao Colin com os olhos meios fechados e uma expressão de abandono total. Era sua forma de lhe fazer saber que já não podia mais, que precisava dormir. Mas para o Colin nunca era suficiente. A fazia rodar sobre seu próprio corpo, agarrava-a com força e a penetrava uma e outra vez, grunhindo como um animal em zelo.

Lissa, evidentemente, nunca se queixava.

Não era tão estúpida. Mas, quando terminavam, olhava-lhe desconcertada e se perguntava o que era aquilo que tinha em mente e que lhe excitava tanto. Também lhe olhou sentida saudades a noite antes da viagem, embora por razões distintas. Esse dia não foderam.

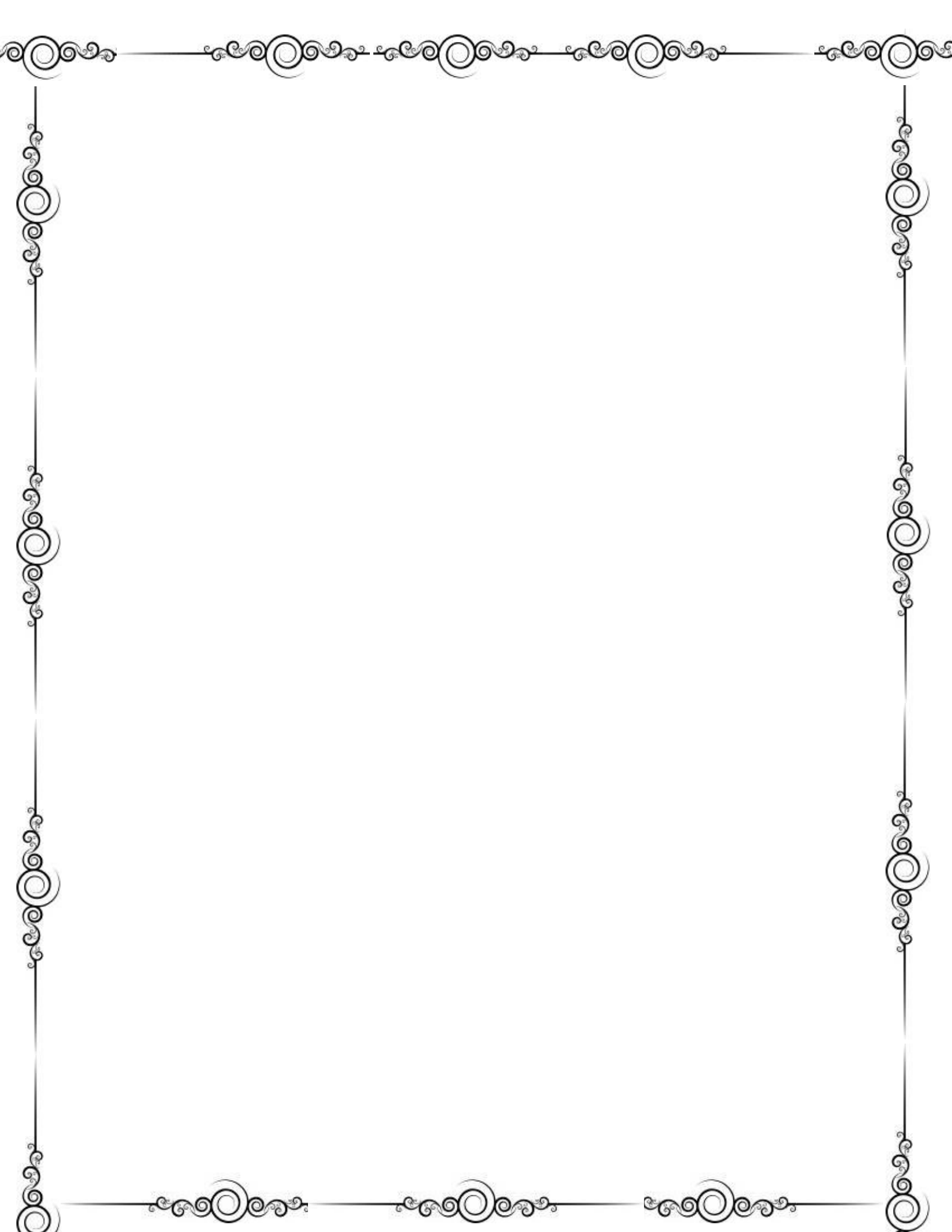
— Dorme um pouco — lhe disse ele brandamente — amanhã nos espera um dia muito comprido.



Aquilo não apaziguava seu libido, sabia, mas tinha que ater-se aos planos. Lissa lhe lançou vários olhares insinuantes depois de ter acabado de fazer as malas, mas Colin se manteve fiel a seus planos e não quis lhe fazer amor. E isso que não havia nada que gostassem mais. Deus, estava preciosa com aquela camisola negra que acabava de lhe dar de presente, com todo aquele delicado encaixe como espuma marinha rompendo sobre suas coxas.

Levava uma calcinha a jogo cujo tecido se frisava nas bordas, e que lhe davam um ar de falsa inocência. Colin quase não podia reprimir as vontades de arrancar e as romper em pedaços e penetrá-la através dos buracos. Sabia o tato que teria o tecido ao rasgar-se entre seus dedos. Entretanto, queria que, quando chegassem a seu destino, Lissa não pudesse conter-se por mais tempo. Apagou as luzes da habitação, deu-lhe um beijo nos lábios e a abraçou até que ficou adormecida.

Colin não conseguiu conciliar o sonho em horas, planejando e repassando mentalmente os detalhes da viagem.



Capítulo Trinta e Um

A viagem a Paris foi muito mais emocionante que a escapada a Hamburgo, até os últimos detalhes antes de deixar o apartamento. Pela manhã, Colin observou a Lissa da cama enquanto se vestia com uma calcinha de cetim negro, um sutiã a jogo, um elegante vestido vermelho e sua jaqueta de pele favorita. Lissa podia sentir seus olhos cravados nela. Voltou-se e adotou uma pose de modelo, com o quadril inclinado, como perguntando « *Você gosta do que vê?* ».

A diferença da maioria dos homens, que rapidamente houvessem dito que sim, ele se limitou a não apartar os olhos dela. Logo sorriu.

— É óbvio — disse — menos por um pequeno detalhe.

Lissa se olhou no espelho tratando de averiguar o que era o que tinha feito mal. Não se tinha penteado bem? marcavam-se as costuras do sutiã através do delicado tecido? Colin a deteve.

— Precisaria ter visão de raios X para adivinhar o que é o que eu não gosto.

Queria que se tirasse a calcinha. Era isso o que tratava de lhe dizer com aquele comentário, e Lissa obedeceu. Deixou que se deslizassem pelas coxas até os tornozelos e logo, de uma patada, mandou-as ao outro extremo da habitação. Ato seguido, adotou de novo a pose de modelo. O suave tato do vestido sobre a delicada pele raspada de seu sexo acentuava a sensação de nudez. Colin assentiu satisfeito e se levantou da cama. Lissa estava aprendendo. Nem sequer tinha necessitado expressá-lo com palavras, ela sozinha o tinha deduzido pela expressão de seu rosto.

Como sempre ocorria, Colin necessitou muito menos tempo que ela para vestir-se, e em questão de minutos esteve preparado para sair. Mas aonde iam? Ainda não o havia dito a Lissa e ela tampouco tinha intenção de perguntar-lhe. O diria quando estivesse preparado para fazê-lo. Ela se deixou levar pela emoção do desconhecido. A única pista que tinha era que Colin lhe havia dito que não se esquecesse do passaporte. Aquilo só podia significar que iam sair do país em direção a qualquer parte do mundo.

Quando Colin parou o táxi e ordenou ao condutor que os levasse a estação de Waterloo, Lissa se voltou para ele, desconcertada. Estava segura de que iriam ao aeroporto e isso a confundiu ainda mais. Em que parte da Inglaterra era necessário levar passaporte? Havia dito aquilo unicamente para enganá-la?

— Não se preocupe por nada — lhe disse ele, lhe acariciando o pescoço com os lábios — te

concentre em te levar bem.

Lissa ficou vermelha apesar de saber que não tinha feito nada mau — ao menos não ainda — e tratou de serenar-se. Discretamente entrelaçou os dedos e repousou as mãos sobre o regaço, o qual não fez mais que lhe recordar que não levava roupa interior. Durante o resto da viagem não fez mais que perguntar-se se talvez Colin pensava converter aquilo em uma recreação da famosa cena de Não há saída. A Lissa adorava aquela parte do filme, em que Kevin Costner e Sean Young⁹ faziam o amor na parte traseira de uma limusine. Fazê-lo no assento de trás de um dos míticos táxis negros de Londres seria quase igual de emocionante. E se não era isso o que tinha planejado, tocaria-a ao menos durante o trajeto? Deslizaria uma mão por debaixo do vestido para acariciar sua pele nua?

Não. Colin se limitou a passar um braço ao redor de seus ombros e a olhar pelo guichê. Quando chegaram à estação, agarrou as duas malas e Lissa teve que correr atrás dele. Foi incapaz de reprimir um sorriso ao ver para aonde se dirigia. O Eurostar. Iam agarrar o Chunnel, o trem que percorria o canal da Mancha sob a água, até Paris. Tinha querido viajar naquele engenho da tecnologia desde sua inauguração. Cada vez estava mais emocionada.

Enquanto subiam ao trem e avançavam em direção ao vagão de primeira classe, Lissa teve outro pensamento erótico: queria Colin manter relações enquanto viajavam, caminho a Paris, no Chunnel? Se era assim, entrariam em formar parte do seletto clube da Milha Submarina, sobre o que tinha lido em uma revista. A Milha Aérea significava fazê-lo em um avião. E logo estava o clube da Jarda, uma espécie de paródia dos anteriores, ao que só tinham acesso aqueles que mantinham relações na parte de trás de um velho Volkswagen Escaravelho. Ao clube da Milha Submarina só se podia entrar no Chunnel ou em um submarino, coisa que não era muito provável por muitos contatos que Colin tivesse.

Sentada em seu luxuoso assento de primeira classe, Lissa foi consciente de novo de que não levava roupa interior. Levava meias até as coxas e umas brilhantes liga de pele, e cada vez que cruzava as pernas se notava mais molhada. Considerou a idéia de sussurrar-lhe ao Colin ao ouvido, mas não lhe pareceu muito interessado no tema. O qual não deixava de ser estranho tendo em conta seu comportamento das últimas semanas, nas que nunca parecia ter suficiente. Algumas manhãs se levantou com dores tão intensas que se fazia difícil caminhar, devido a suas exaustivas atividades noturnas com o Colin.

Decidiu que era melhor não lhe dizer nada. Parecia ausente, como em outro planeta. Depois que a aeromoça do vagão lhes teve tomando uma taça, agarrou o Herald e começou a ler, sem lhe emprestar a mais mínima atenção. Setinha dado conta de sua excitação, dissimulava-o muito bem. Lissa suspirou com força, mas não recebeu resposta alguma. Resignada, tratou de entreter-se olhando pela janela.

⁹ - filme Sem Saída, de 1987, pág 143.

A primeira parte do trajeto, através primeiro de Londres e da campina inglesa depois, foi preciosa. Lissa bebeu de sua taça de vinho branco e admirou a beleza da paisagem que passava veloz pela janela. As imagens lhe fizeram pensar em vários artistas e em como cada um deles tivesse plasmado aquela beleza de uma forma distinta. Como sempre lhe ocorria, a arte acalmou seu espírito e por uns momentos se esqueceu de suas necessidades mais íntimas, da urgente necessidade que a tinha atormentado durante grande parte da manhã.

Colin se manteve distante até que entraram no túnel submarino que atravessava o canal e as janelas se cobriram de uma escuridão nebulosa. Como quem acorda de um transe, apartou o jornal e a olhou com uma intensidade nos olhos que ela em seguida reconheceu. Justo o que necessitava Lissa para excitar-se de novo. Aquele olhar de seus olhos verde escuro lhe provocou calafrios por todo o corpo. Apertou as pernas fortemente e sentiu aquela sensação de umidade tão familiar entre elas.

— Te reúna comigo no lavabo — disse ele enquanto ficava de pé e desaparecia em direção ao fundo do vagão. Lissa se voltou para ver como se afastava pelo corredor, como sempre, impecavelmente vestido. Observou com atenção suas formas masculinas e imaginou seu corpo nu. Não era aquilo o que os homens estavam acostumados a fazer? Despir às mulheres com os olhos? Era a prova irrefutável de quão faminta estava dele. Duvidou tão somente um segundo antes de ficar de pé e lhe seguir. Não se fixou nos olhares de nenhum dos outros passageiros. Em sua mente só cabiam pensamentos sobre o Colin e o que tinha planejado para ela.

— Sei que estiveste esperando a que lhe fodesse... — disse ele depois de fechar a porta do lavabo e correr o fecho. O compartimento era maior que o de um avião, mas não muito mais. Sim, as arrumariam, seguro, mas estariam um pouco apertados. Esse pensamento a fez sorrir. Sabia que eram capazes de adotar a postura que fizesse falta.

Quando a levantou em braços para sentá-la sobre o lavabo, Lissa abriu as pernas preparada para lhe receber. Mas Colin não fez nada. Nunca fazia o que esperava dele. A aquelas alturas deveria ter aprendido a lição.

— Mas não o vou fazer.

Em seu lugar, tirou um arnês e um pequeno vibrador do bolso das calças, deslizou as fitas ao redor de suas pernas e lhe introduziu o brinquedo erótico. O vibrador entrou com facilidade — estava muito molhada já — e Colin o sujeitou firmemente ao arnês. Logo lhe baixou a saia.

— Não vou foder-te — disse, porque te disse que queria que esperasse até que eu estivesse preparado. Entretanto, isso não significa que você não possa passar isso bem enquanto espero.

Pulsou um botão no controle remoto que guardava no bolso e o vibrador pareceu cobrar vida.

Colin deixou a Lissa só no lavabo para que arrumasse a roupa. Segundos mais tarde, ela saiu com as bochechas rosadas e lhe olhando com uma expressão que só podia significar *«Por favor, não*

me ponha em evidencia diante da aeromoça».

Lissa se sentou em seu lugar e deslizou a mão na do Colin. Em seus olhos havia um brilho de emoção. Com a mão dentro do bolso, ele acionou de novo o controle remoto, esta vez para baixar a intensidade ao mínimo. Lissa lhe sorriu e depois fechou os olhos. O vibrador era diminuto e sua intensidade mínima, mas Colin estava seguro de que para a Lissa era uma máquina poderosa. Ela tragou saliva e se sentou ainda mais erguida no assento, enquanto Colin brincava com os controles do pequeno artefato.

Ver como Lissa tratava de manter o controle sobre suas reações era um dos passatempos favoritos do Colin. Manipulou os controles até que o trem saiu do túnel e os raios do sol entraram pelas janelas. Lissa ainda não tinha alcançado o clímax, e quando o vibrador se deteve em seu interior, não pôde evitar uma sensação de decepção silenciosa.

Tinha passado de «*Não me deixe em evidencia*» a «*Por favor, deixa que goze*» em só dez minutos. Colin não poderia ter pedido mais. Beijou a Lissa na bochecha e se inclinou para ela para lhe sussurrar umas palavras de sua canção favorita do Tom Petty: «*A espera é o mais duro.*»

Capítulo Trinta e Dois

Quando o trem se deteve na plataforma de Gare du Nord, passadas as doze, Colin se negou outra vez a contar seus planos a Lissa. Recolheu a bagagem e o levou até um balcão da estação, onde uma preciosa garota parisiense tomou nota da direção a que devia ser enviado. Lissa não reconheceu o lugar, e surpreendentemente Colin tampouco deu o nome de nenhum hotel. Em vez de perguntar de novo o que se trazia entre mãos e ganhar assim outra palmadas em público, Lissa preferiu guardar silêncio.

Visualizou facilmente a cena: ela sobre um de seus joelhos, com a saia levantada e o traseiro ao ar, coberta só pela tira negra do arnês que ainda mantinha o vibrador em seu lugar. Embora a imagem era muito lhe sugiram, Lissa jogou a ser a garota submissa e silenciosa, de pé junto ao Colin, sem fazer nada que pudesse lhe incomodar.

Agarrariam o metro na estação de trens. Lissa se sentia como em uma montanha russa, todo o dia acima e abaixo. Chegou o metro e tomaram assento. Em seguida Colin começou a jogar outra vez com o mando de seu brinquedo novo, começando pela potência mínima. Ela podia ouvir o motor do artefato com clareza, mas ninguém se voltou para olhá-la. Supôs que o ruído ficava sufocado pelo estalo continuado do vagão.

Tratou de pensar em coisas que não fossem sugerentes. Beisebol. Flutuações na Bolsa. As algas de um lago. Tudo era uma questão de controle mental, ou ao menos isso era o que diziam. Não queria gozar e não o faria. Sentiu o olhar penetrante do Colin sobre ela. Desfrutava vendo como lutava consigo mesma por manter o controle. Depois de umas quantas paradas, desconectou por fim o vibrador.

— Chegamos — lhe disse, agarrando a da mão.

Aonde? Lissa olhou pelo guichê do vagão para ver o nome da parada: Blanche. Nunca tinha ouvido falar daquele lugar e soube que não estavam em nenhum dos pontos turísticos da cidade. Acaso não era próprio do Colin escolher um lugar afastado, uma eleição inesperada?

Conduziu-a pela mão entre a multidão de viajantes que iam e vinham no que a Lissa pareceu uma dança perfeitamente coreografada. Ninguém empurrava a ninguém, ninguém chocava com ninguém. Nem sequer no improvisado jogo das cadeiras, que se produzia cada vez que as portas do vagão se abriam e os novos passageiros se apressavam para conseguir uns dos poucos assentos livres, havia a brutalidade e a ira contida que Lissa tinha percebido no metro de Nova Iorque.

Deixou que Colin a guiasse pelos corredores sem emprestar atenção à direção. Fixou o olhar nos pôsters que cobriam as paredes dos túneis subterrâneos. Muitos eram de exposições de arte que não lhe tivesse importado visitar. Ao fim e ao cabo, estavam em Paris! Na Califórnia tinha que conduzir quatro horas para cruzar a fronteira ao seguinte estado. Na Europa, entretanto, com um simples trajeto em trem se podia trocar de país. E a França era um de seus favoritos.

Sabia, entretanto, que Colin já tinha feito planos e que a possibilidade de visitar o Louvre ou o Museu Picasso estava fora de toda discussão. Por isso, quando lhe disse que sim iriam a um museu, Lissa lhe olhou, surpreendida.

— O Musée de l'Erotisme — continuou ele, e tudo começou a cobrar sentido.

Primeiro a tinha levado ao museu erótico em Hamburgo e agora se propunha visitar sua versão parisiense. Queria passar talvez por todos os museus eróticos da Europa, como quem realiza uma peregrinação? Tratou de recordar seus nomes. Havia um em Berlim, disse-se, e seguro que outro em Amsterdam. De todas as cidades européias, era sem dúvida a mais apropriada. E, apesar de que os Estados Unidos era considerado um país muito mais conservador, tinha ouvido falar de um museu do sexo em Nova Iorque. Visitariam-no também? Esta vez tampouco perguntou em voz alta. Em seu lugar, e enquanto subiam o lance final de escadas que os levaria às ruas de Paris, banhadas pelos últimos raios de sol do dia, tratou de se localizar-se.

O Museu de Arte Erótica de Paris estava situado no bairro do Pigalle, uma zona que Lissa nunca tinha visitado antes. Em sua última viagem à Cidade da Luz tinha passado virtualmente todo o tempo encerrada nos museus mais famosos ou passeando pelas ruas que rodeavam o Sena e olhando as cristaleiras das diminutas galerias de arte. Deveria haver-se imaginado que em Paris também havia um bairro vermelho. E embora o lugar parecia sujo e descuidado, sobre tudo em comparação com a beleza do resto da cidade, deu-se conta de que em realidade não lhe incomodava toda aquela imundície, que não fazia a não ser despertar ainda mais sua curiosidade por saber o que viria a seguir.

O lugar recordou ao Sunset Strip, embora em realidade se parecia mais ao Reeperbahn, em Hamburgo. Era mais aberto que Hollywood, onde se podia encontrar absolutamente de tudo, mas terei que procurar primeiro. No Pigalle, as ruas estavam cheias de sex-shops sobre cujas entradas penduravam cortinas feitas de tiras de borracha negra, como em um túnel de lavagem. Cada vez que alguém entrava ou saía, Lissa podia ver estantes cheias de revistas e brinquedos sexuais em suas caixas: consoladores, vibradores, alguma boneca infláveis... Pensou em perguntar ao Colin se alguma vez tinha utilizado uma, mas como não estava muito segura de querer conhecer a resposta, não disse nada.

— Você gostaria de entrar? — perguntou ele, consciente da intensidade com a que Lissa olhava as lojas.

— Não muito — respondeu ela, sacudindo a cabeça — São todas iguais, verdade?

Os olhos do Colin brilharam para ouvir suas palavras.

— Assim já estiveste em um sex-shop antes? — perguntou. Continuaram andando e enquanto ele foi lhe perguntando os detalhes. E quando Colin queria mais informação, Lissa a dava.

Sim, tinha estado em sex-shops no passado: no Cofre do Prazer do bulevar de Santa Mónica e no Drake do Melrose. Beau, seu namorado da universidade, tinha-a levado ali para que aprendesse a deixar-se levar no sexo. «Há mais coisas na vida que a postura do missionário», havia-lhe dito assinalando um montão de algemas, colares, correntes e vestidos de vinil.

Naquela época Lissa era muito tímida para deixar-se levar. E por isso Marcus tinha suposto a mudança perfeita em sua vida. Era o tipo de homem sólido e estável com o que ela sempre tinha querido casar-se, e sua conservadora visão do sexo era idêntica a de Lissa. Te lave os dentes antes de fazê-lo. Te assegure de estar sempre perfeita e de cheirar bem. depois de dez anos de matrimônio, Lissa se tinha surpreendido a si mesmo fantasiando cada vez mais com o Beau, com sua forma de falar e com as coisas que lhe dizia. Com o tempo compreendeu que agora sim estava preparada para aquilo que a tinha assustado quando só tinha dezoito anos.

Evidentemente, ao Colin não contou nada disso. Só lhe disse que tinha estado em umas quantas daquelas lojas em Hollywood, intrigada pelo que pudesse esconder-se detrás das janelas pintadas, e que o que descobriu a tinha decepcionado.

— Não acredito que pense o mesmo do lugar ao que vamos hoje — lhe disse ele enquanto se aproximavam do edifício — Antes era um cabaré, até que faz já alguns anos o converteram em um museu.

Lissa sabia que ao Colin gostava de interpretar o papel de guia turístico. Escutou-lhe lhe dedicando só a metade de sua atenção, posto que a outra metade estava centrada na fachada do museu, onde se podia ver o retrato de uma mulher e as palavras «Musée de l'Erotisme» debaixo.

Colin abriu a porta e Lissa vacilou um instante, perguntando-se o que lhe esperava dentro. Sabia que seu amante tinha planejado algo especial, como já tinha feito em Hamburgo, mas também sabia que não teria nada que ver. Interrogou ao Colin com o olhar, mas não obteve resposta, só um sorriso vazio enquanto cruzavam a soleira da porta de mão. Pagaram duas entradas a garota de olhar aborrecido da bilheteria e logo se dirigiram para os elevadores.

Lissa voltou o olhar por cima do ombro em direção à bilheteira. Tinha visto um intercâmbio de olhares entre ela e Colin? Era aquela visita outro retiro planejado com a cumplicidade do proprietário? A garota não levantou a vista do balcão, concentrada como estava lendo uma revista. Se conhecia bem ao Colin, estava interpretando seu papel à perfeição.

— Há sete andares — explicou ele depois de puxar do pulso de Lissa para recuperar sua atenção — Agarraremos o elevador até o último andar e logo iremos baixando. É a melhor forma de vê-lo tudo.

Sete andares, pensou Lissa, ainda tentando adivinhar o que pensava fazer Colin essa vez para surpreendê-la. Não poderiam foder, ao menos isso era seguro. O museu estava aberto ao público, não como em Hamburgo. Voltou o olhar para ele. O mês de fevereiro em Paris estava sendo especialmente benévolo, sem neve nem chuvas, por isso Colin levava um suéter negro de cachemira e calças a jogo. Não levava nenhuma bolsa, assim que esta vez não haveria fotos. A menos que levasse em cima uma dessas novas minicâmaras, o bastante pequenas para as levar em um bolso. Baixou a vista até a ante perna do Colin e ficou vermelha quando ele riu dela.

— Não é momento para isso, Lissa — lhe disse, como se soubesse exatamente no que estava pensando.

Apesar de suas palavras, quando montaram no elevador Lissa se perguntou se lhe faria o amor dentro do minúsculo compartimento. Podia imaginá-lo. Empurraria-a contra o espelho que cobria a parede do fundo, arrancaria-lhe o vestido de um puxão e a penetraria enquanto o elevador se elevava para o alto do edifício.

Não passou nada daquilo, embora tampouco tivesse dado tempo. E a câmara de segurança situada em uma das esquinas do elevador, pensou Lissa, certamente tampouco era um estímulo. Uma coisa era gravar seus próprios vídeos e outra muito distinta ser gravado por um estranho.

Assim que pisaram no mármore branco e negro do sétimo andar, Lissa já não pensou mais nas intenções do Colin e deixou que seus sentidos se fizessem com o controle. Quando estava em presença de arte, fosse erótico ou convencional, sempre tratava de bloquear a parte racional de seu cérebro e deixar que as obras falassem por ela. O mais complicado era valorar uma peça sem derrubar toda a bagagem acumulada nela. Às vezes, como lhe ocorria nesse momento, era simplesmente impossível. No último andar do museu se expunha obras em três dimensões criadas a partir de tampões e calcinhas.

Lissa fez uma careta de desgosto ao ver aquilo, mas tratou de não escutar a voz dentro de sua cabeça que lhe dizia: «Isto não é arte, e nem sequer é erótico.» Era arte se chegava a alguém, inclusive se esse alguém era o próprio artista. Contudo, alegrou-se quando Colin a guiou para o seguinte andar. Aquelas obras de temática menstrual tampouco pareciam haver gostado.

Baixaram as escadas em silêncio até o sexto andar, onde havia uma exposição de fotografias de umbigos em branco e negro. A Lissa gostou dos quadros expostos, pareceram-lhe alegres, tanto que quando Colin a guiou para as escadas que levavam ao seguinte andar em seus lábios se desenhou um sorriso brincalhão. Quem haveria dito que um umbigo pudesse ser tão distinto de outro? Tivesse-lhe gostado de ler a resenha daquela exposição e ver a foto escolhida para acompanhar ao texto. Como escolher só uma delas para representar a série inteira?

No quinto andar Lissa abriu os olhos, surpreendida. Era a planta dedicada ao sexo em movimento e nela havia estátuas conectadas a motores que imitavam os movimentos coitales. Segundo o folheto explicativo, eram «esculturas interativas». A primeira que chamou sua atenção foi uma bicicleta montada por um par de pernas nuas e um precioso traseiro. Tratou de analisar a obra.

Além das pernas nuas, montar em bicicleta não lhe parecia algo especialmente erótico. Entretanto, se o espectador se situava detrás da escultura, com o traseiro em primeiro plano, o movimento das pernas resultava quase hipnótico. Talvez sortisse mais efeito em homens que em mulheres. Antes de que pudesse deixar-se levar pela obra, algo chamou sua atenção.

Outra escultura, esta sim de caráter marcadamente sexual, representava a dois amantes na cama. A mecânica da obra fazia que o homem se movesse acima e abaixo em cima de sua companheira. O corpo da mulher, entretanto, não se movia. Lissa teve a sensação de que ao artista, provavelmente uma mulher, não gostavam muito do sexo, ou ao menos não com homens. Desde não ser assim, não tivesse dotado à parte feminina da escultura de algo mais de vida?

Lissa refletiu sobre aquela obra enquanto baixavam as escadas até o quarto andar. Os saltos de suas botas ressonavam sobre o chão de mármore e de repente se deu conta de que não tinha ouvido mais pisadas que as suas desde que tinham entrado no museu. Ao parecer eram os únicos visitantes. Colin soltou sua mão e caminhou diante dela. Lissa se perguntou se havia alguma razão para aquela pressa repentina. Acaso os esperava algo em um dos andares do edifício que não tivessem descoberto ainda? Colin não lhe tinha dirigido a palavra desde que entraram pela porta, mas podia sentir seu olhar sobre ela enquanto observava as distintas obras. É que estava esperando a que Lissa descobrisse seus planos por si mesmo? Assim tinha ocorrido em Hamburgo, embora havia conseguido. Seu coração começou a pulsar com mais força ante a possibilidade de que algo lhe tivesse escapado, uma pista talvez, em um dos andares superiores. E se assim tinha sido, castigaria-a por isso? Tremaram-lhe as pernas e teve que agarrar-se com força ao frio corrimão da escada para não perder o equilíbrio.

Colin, uns passos por diante dela, voltou-se para olhá-la.

— Vem? — perguntou-lhe, lhe oferecendo uma mão. Lissa a aceitou e juntos baixaram até o quarto andar.

Capítulo Trinta e Três

— OH, Meu deus!

Lissa se deteve no centro da sala e girou sobre si mesma. Não podia acreditar o que estava vendo, todas aquelas obras que penduravam das paredes. Via-as com seus próprios olhos e, entretanto, seu cérebro era incapaz de processar seu significado por completo. Sim, sabia que Colin certamente tinha uma coisa preparada para surpreendê-la. Ao fim e ao cabo, assim era como funcionava sua relação. Mas Lissa tinha imaginado que seria uma coisa relacionado com o sexo, um novo truque pensado só para ela, um balanço pendurando do teto do museu ao que subir, umas algemas em uma estátua que logo usaria para lhe atar os pulsos. Sua meta era convertê-la em uma obra de arte, mas Lissa jamais imaginou que seria a protagonista de uma exposição.

— Você gosta? — perguntou Colin docemente. De novo a olhava, ignorando as obras que os rodeavam, como se estivesse hipnotizado pelas expressões de seu rosto. Confusão, medo, incredulidade.

Talvez estivesse alucinando, pensou Lissa. Fechou os olhos com força e os voltou a abrir. As vinte réplicas de si mesmo seguiam ali e a olhavam aos olhos com descaramento. disfarçavam-se, faziam caras e a desafiavam com olhadas impudicas. Ali estava ela fazendo de garota pony, vestida de dominadora, ou em primeiro plano depois de um orgasmo, com os olhos meio fechados e os lábios entreabertos, pedindo mais. Eram as fotos que Colin lhe tinha feito em Hamburgo, emolduradas e penduradas nas paredes da sala principal. Lissa em todas suas facetas: como uma vulgar putinha ou como a garota inocente e indefesa que não era. Inclusive caracterizada como a muito mesmo Bettie Page.

Muita informação em tão pouco tempo. Suas forças começaram a fraquejar e Colin teve que sujeitá-la pelos braços para que não caísse ao chão. Ainda não havia dito nada, não tinha perguntado o que faziam todas aquelas fotos suas ali ou por que a tinha levado às ver. Tampouco ele se ofereceu a resolver qualquer daquelas dúvidas. Em seu lugar, limitou-se a perguntar:

— Preciosa, não crê?

Lissa não respondeu. Olhou para o ponto no que começava o percurso da exposição, onde certamente encontraria uma breve biografia do artista. Entretanto, ali não havia nada mais que uma singela placa branca em que se podia ler: *«Doado por um mecenas anônimo das artes eróticas.»*

— Desde quando estão estas fotos aqui? — perguntou ela.

Colin tirou o folheto do bolso de trás de suas calças e lhe passou a parte de papel dobrado.

— É uma exposição nova — explicou, assinalando a fotografia que o museu tinha escolhido para representar a amostra. Era uma imagem de Lissa a quatro patas, vestida unicamente com um espartilho negro e uns saltos de agulha, com a cabeça inclinada para baixo, mas olhando diretamente à câmara. «Não, à câmara não — pensou ela. — Ao Colin.» Recordava quanto tinha querido lhe agradar, o muito que se tinha esforçado por recriar à perfeição as fotografias que ele tinha escolhido. No folheto apareciam também reproduções de muitas das obras originais, sem dúvida com o consentimento do museu de Hamburgo. Os delegados de ambas as exposições deviam conhecer-se. Também lhe tinham feito favores similares quando trabalhava em Getty.

Colin a devolveu de novo à realidade ao levá-la para a obra principal, a maior, de toda a exposição.

— Ninguém adivinharia que é você — lhe disse, afundando uma mão em sua larga juba e logo atirando dela para trás. O corpo de Lissa ficou tenso, em guarda, enquanto esperava seu próximo movimento — é precisamente o mais bonito, Lissa. É incrivelmente maleável. Transforma-te para a câmara — se deteve — e para mim.

Fez um gesto com a cabeça para uma das câmeras de segurança, que os vigiava da esquina mais longínqua da sala. Lissa olhou a seu redor e viu que havia uma em cada esquina.

— Está preparada? — perguntou Colin, enquanto a ajudava a tirar a jaqueta de pele e logo lhe desabotoava lentamente o vestido vermelho para deixá-lo cair ao chão. Seus dedos se posaram quentes sobre a pele nua, riscando desenhos ilegíveis do ventre até os peitos. Lissa conteve a respiração. As mãos do Colin se deslizaram até o fechamento do sutiã negro e, ao desabotoá-lo, ela começou a tremer.

— Preparada? — repetiu Lissa, totalmente imóvel.

Escutou com atenção, tratando de ouvir passos aproximando-se, mas não ouviu nada. Tinha-o preparado Colin para que, de novo, ninguém os incomodasse? com certeza que sim, pensou, mas queria ouvir ele dizer. Ele pôs dois dedos sob seu queixo e a obrigou a levantar o olhar. aproximou-se e logo se inclinou sobre ela, para beijá-la no pescoço. Deteve-se ali um instante, seus quentes lábios contra sua pele, sentindo os batimentos do coração de seu coração. Quando se separou dela, Lissa parecia aturdida, mas aquilo não a deteve e repetiu a pergunta de novo:

— Preparada? — insistiu, ansiosa por receber uma resposta.

— Está preparada para te transformar para mim de novo?

Capítulo Trinta e Quatro

Do quarto de segurança, escondido nas vísceras do museu, Jackie Miller pulsou o botão que lhe permitiria ter um primeiro plano da cena. Logo enfocou as outras três cameras e se sentou, disposto a desfrutardo espetáculo. Era parte do, trato que tinha fechado com o Colin, um pequeno pagamento adiantado. Ou, como gostava de chamá-lo, uma bonificação.

As imagens captadas pelas cameras apareciam em quatro monitores distintos. O resto das telas, repartidas pelas paredes da sala, mostravam imagens das demais planta do edifício, mas a Jackie não interessavam. Estava absorto no Colin e Lissa. Sobre tudo na Lissa.

Grande cu tinha. Colin não lhe tinha mentido quando lhe disse que era toda uma beleza. Claro que isso ele já sabia, posto que tinha sido um dos primeiros em ver a nova exposição. Mas nunca se sabe como será alguém em pessoa, sem maquiagem nem depilada. Recordou o desplay da Playboy (ou tinha sido o do Penríome?) no que aparecia Nancy Sinatra. Tinha arrancado as páginas da revista para as pendurar nas paredes de sua habitação. Essa garota sempre tinha sido uma de suas favoritas quando ele era um adolescente, com aquelas botasfeitas para caminhar, como dizia a canção. Inclusive hoje em dia ainda sentia um formigamento entre as pernas cada vez que passava uma mulher com botas altas até os joelhos, especialmente se eram brancas. E olha que, pensou a primeira vez que viu o desplay, ainda estava no canhão dos seus cinqüenta anos. Mas logo a tinha visto em um programa de entrevistas e, porra, grande decepção.

Jackie voltou para sua vigilância sexual. A camera número três enfocava o rosto de Lissa. Tinha calculado perfeitamente o ângulo, sobre a cabeça de Colin, para não perder-se nenhuma de suas expressões. Seus lábios formaram uma palavra e Jackie desejou poder saber o que estava dizendo. Mesmo assim, em silêncio, aquilo era melhor que qualquer filme porno que jamais tivesse visto, e para falar a verdade, era um bom conhecedor da indústria. Aquilo era melhor porque estava passando direto e era uma coisa privada. Havia locais naquele mesmo bairro nos que se podia ver um homem e uma mulher fazendo-o, mas sempre entre uma multidão de homens excitados. Nunca sozinho. Era quase perfeito, só superável se ele mesmo pudesse estar ali presente, com eles, para dirigir a cena pessoalmente. Tivesse sido incrível poder dizer a Lissa o que devia fazer, como devia colocar-se, situando a ela e ao Colin de uma maneira para logo provar com algo novo.

Não, aquilo tampouco tivesse sido imemorável. Faltavam umas quantas garotas mais na cena. E, evidentemente, no lugar do Colin ficaria ele mesmo. Deixou-se levar por aquelas ensinações até

que viu que Lissa se ajoelhava diante de uma das fotografias, pronta para fazer uma pergunta ao Colin. Aquilo fez que seu próprio membro ficar em alerta, embora ele era um profissional. Não pensava lhe dar ao «pequeno Jackie» sua recompensa até que a fita estivesse terminada.

Tinha-lhe prometido ao Colin que editaria o vídeo antes de entregar-lhe escolheria as melhores cenas e logo lhe levaria duas cópias a seu apartamento aquela mesma noite. Tinha que reconhecer que pelo equivalente a quinhentos dólares americanos não era um mau trato. Esforçaria-se em fazer bem seu trabalho, embora só fosse porque pensava ficar com uma cópia. Levava fazendo vídeos desde que deixou o instituto, sabia muito bem o que tinha entre mãos. Não lhe tinha importado ter que fechar o quarto andar ao resto dos visitantes. Tinha posto uns pôsteres avisando de um desvio no percurso e logo tinha subornado à garota da bilheteria e ao outro vigilante de segurança. Mais fácil do que esperava.

Jackie olhou para a camera número dois, a que enfocava o traseiro de Lissa. Fixou o plano pressionando um botão e sorriu. Ali é onde gostaria de brincar se ele fosse Colin. meteria-se no mais profundo daquela mulher, com os braços ao redor de sua cintura e a boca contra seu pescoço, lambendo, chupando, mordendo. Era sua postura favorita e sabia que também a de muitas mulheres. Inclusive às francesas gostava, e isso que tinham fama de ser mais finas que as americanas. Nunca tinha tido nenhum problema a respeito, embora talvez fosse porque as mulheres com as que saía eram de tudo menos tradicionais. Desde que trabalhava ali, no museu, tinha descoberto que suas garotas do bairro eram ainda mais selvagens que ele, e que sempre apareciam com novas idéias que a ele jamais lhe tivesse ocorrido.

O que Colin trazia entre mãos tampouco lhe tivesse ocorrido a ele, assim que talvez tivesse um problema de falta de imaginação. Se era assim, então seria melhor que emprestasse mais atenção ao casal. Possivelmente aprendesse algo.

Capítulo Trinta e Cinco

Definitivamente Colin se estava voltando cada vez mais criativo. O filme viajou pela Internet até deter-se na bandeja de entrada do mecenas. No assunto do e-mail se podia ler: «A ARTE É MOVIMENTO.» Um pequeno ícone com forma de projetor de cinema indicava que quão único tinha que fazer o espectador era fazer clique.

Ainda não eram as doze do meio-dia, mas o mecenas se serviu uma taça. Uma parte importante do ritual... Tomar um primeiro gole e logo descobrir que novas surpresas lhe esperavam. Ele mesmo o tinha sugerido ao Colin, mas mesmo assim a só a idéia de pôr por escrito uma fantasia e que Colin a convertesse em realidade lhe parecia incrível. Era como se esse homem fosse uma espécie de Papai Noel sexual.

O mecenas tomou assento no sofá de pele e pulsou o botão play em seu portátil. Ao princípio não estava muito seguro do que estava vendo. Então se deu conta de que Colin tinha levado sua petição muito além do que era seu dever. Simplesmente lhe tinha encarregado um vídeo dos dois fodendo, mas ao Colin, pelo visto, não gostava de fazer as coisas à maneira tradicional. O mecenas sabia e entretanto não conseguia identificar o lugar onde se gravou a cena.

Era um museu? Deteve o filme para abrir o arquivo anexo queacompanhava. Nele Colin lhe tinha enviado uma versão eletrônica do folheto do Musée de l'Erotisme. E entãoentendeu tudo. Aquele filme tinha sido gravado na sala em que as fotos de Lissa estavam expostas.

A camera de segurança enfocava uma fotografia de Lissa vestida como Bettie Page, mas ao parecer era uma camera sensível ao movimento, assim quando Lissa e Colin entravam na sala, enfocava seu olho vermelho neles. Na mudança de plano se podiam ver algumas das outras obras: uma Lissa imprecisa caracterizada de garota pony, de dominadora, vestida com roupas de couro e com um látigo em uma mão. Logo a camera mostrava à a Lissa real, de carne e osso, a jaqueta no chão e o vestido meio cansado.

O mecenas não pôde evitar sorrir. Quando Colin e Lissa tinham gravado a fita, para eles tinha sido tudo muito real. Haviam fodido rodeados de fotografias dela, em uma sala repleta de obras de arte. Mas, ao gravar a cena em vídeo, seu ato se converteu a sua vez em outra obra de arte, congelada para sempre no tempo, mas pronta para cobrar vida cada vez que o mecenas pulsasse o botão de play.

Na imagem, Colin tirava o sutiã de Lissa e o utilizava para lhe atar as mãos à costas. O mecenas sentiu um comichão entre as pernas. Jamais lhe tivesse ocorrido algo assim. Para ele, um sutiã não era mais que isso, um simples sutiã. inclinou-se para frente e observou a tela com atenção.

Daria algo por poder escutar o que Colin lhe estava dizendo a Lissa nas imagens.

Mas não era difícil imaginar-lhe não faziam falta subtítulos. Colin ia fodera Lissa por detrás, assim de simples. Dobrou-a para frente até que as Palmas de suas mãos descansaram sobre o chão. Sem dúvida era uma mulher com uma grande agilidade que lhe permitia retorcer-se até conseguir a posição perfeita. Logo Colin separou suas nádegas com as mãos e a olhou de acima. O mecenas desejou poder ver um plano mais de perto, e de repente aí estava. Sacudiu a cabeça, sem entender. Então se deu conta de que a gravação tinha sido editada. Devia haver várias cameras na sala, todas enfocando para os amantes. Certamente Colin tinha recolhido todas as fitas e as tinha misturado. Só lhe surpreendeu que não tivesse acrescentado som, talvez uma daquelas músicas de fundo típicas dos filmes pornô.

O mecenas tomou um gole de uísque e se inclinou para frente para ver como Colin deslizava a ponta de seu membro dentro de Lissa, tratando de provocá-la. Certamente tinha a um amigo ao cargo da camera, pensou. Como a não ser tinha sido capaz de conseguir planos tão bons? Cada vez que a camera fazia um primeiro plano as imagens se voltavam algo granuladas, enquanto que nos planos gerais eram muito mais nítidas. De todas formas, valia a pena as ver. O mecenas pôs uma mão sobre a tela do portátil, como se queria sentir o tato da pele de Lissa através dela.

Fechou os olhos e se imaginou a si mesmo no lugar do Colin. Quando abriu os olhos de novo, um primeiro plano do rosto da garota enchia a tela, como se lhe estivesse olhando diretamente aos olhos, como se soubesse quem era e o que se trazia entre mãos. Teve que sacudir a cabeça para afastar aquela imagem de sua mente.

Continuou olhando as imagens, como hipnotizado, enquanto a força de um orgasmo cobria o rosto de Lissa. Olhou aqueles fotogramas, uma e outra vez, até que também ele alcançou o clímax. Em certo modo, foi como gozar com ela.

Capítulo Trinta e Seis

Acabava de amanhecer em Paris e a Lissa a cidade recordava uma festa a que os convidados ainda não tinham chegado. Os donos das lojas tinham começado a subir as persianas que cobriam as cristaleiras, embora não fora esperava nenhum cliente. Havia pequenas mesas redondas sobre as calçadas, mas suas cadeiras permaneciam vazias, sem ninguém que tomasse um capuchino, um café com leite ou um rápido. As ruas estavam ainda molhadas pela limpeza matutina; as únicas pessoas com as que Lissa se cruzou foram alguns parisienses sonolentos que passeavam com seus cães diminutos.

Para proteger do frio da manhã, Lissa levava um pulôver de cor carmesim e pescoço em v do Colin em cima de uma camiseta branca e um jeans gasto. Em lugar de enrolar as mangas do pulôver, deixou que pendurassem até lhe cobrir as pontas dos dedos para manter assim as mãos quentes. Gostava do aroma do pulôver, que ainda conservava a fragrância da colônia do Colin e, por debaixo dela, o sutil aroma de sua pele. Era quente e de tato agradável. Cobriu-se o nariz com uma manga e continuou andando enquanto respirava profundamente.

Os acontecimentos do dia anterior a tinham deixado um pouco deslocada, assim que aquela manhã tinha decidido sair a passear bem cedo e tentar pôr ordem em seus pensamentos. Tinha deixado ao Colin dormindo no apartamento com uma nota em que lhe explicava que tinha saído a tomar um café e que voltaria logo. Sabia que não lhe importaria. Em Londres também estava acostumado a sair frequentemente a passear sozinha, muito cedo pela manhã, normalmente depois de suas noites mais extremas.

— Bonjour — saudou um lojista que estava subindo a persiana de sua loja. Pôde cheirar o aroma a baguetes recém feitas e seu estômago rugiu. Decidiu não comprar uma, ao menos não de momento. Faria-o de retorno ao apartamento, para que estivesse ainda quente quando a levasse ao Colin.

Enquanto caminhava, tratou de recordar como se havia sentido a noite anterior. Ver suas próprias fotografias expostas no Museu de Arte Erótica de Paris lhe tinha parecido então mais do que podia suportar. Tinha-lhe feito pensar que talvez não estava preparada para o Colin e seu estilo de vida. Entretanto, aquela manhã, sob a luz cinza do alvorecer, sentia-se distinta. Simplesmente por levar seu pulôver, ou por sentir-se a gosto com ele posto, soube que aquele não era o final de sua relação. Como ia ser ele, agora que lhe tinha proposto uma provocação? Encontrar algo mais impactante que o museu, inventar-se seu próprio cenário...

Lissa passeou pelo bulevar Saint Germain dê Prés sem ser muito consciente do que a

rodeava. Uma parte de seu cérebro registrava as imagens que via: o café Flor, uma velha igreja, a parada de metro do Odéon. Como lhe tinha ocorrido a noite anterior, pensou no Beau. Recordava coisas dele, daquela época na universidade, com certa nostalgia, quando então não tinham gostado. As vezes que se apresentava em sua habitação a meia-noite, sem avisar, e tratava de convencê-la para ir a Santa Mônica e fazer o amor sobre as velhas tabuas do cais. Havia-lhe dito alguma vez que sim? Suas idéias sempre lhe pareciam escandalosas, embora tivessem empalidecido ao lado de sua nova vida com o Colin.

Entre todo aquele confuso magma que eram suas lembranças, escolheu um momento de seu passado muito especial, como se pudesse tirá-lo do arquivo de sua mente. Era de dez anos atrás. Acabava de assinar o contrato de aluguel de um novo apartamento, mas os móveis ainda não tinham chegado. Beau, com a desculpa de ver seu novo alojamento, tinha-lhe pedido que lhe convidasse a entrar. Lissa lhe fez o percurso pertinente, que não durou muito porque era um desses apartamentos minúsculos de uma só habitação, e logo Beau a levou até a chaminé e lhe fez amor sobre o grosso carpete. Ficaram de maneira que podiam ver seu próprio reflexo nos painéis metálicos que havia ao redor da chaminé. Lissa nunca se viu si mesmo fazendo amor e lhe tinha parecido excitante ao princípio, embora as palavras do Beau o eram ainda mais.

— Quero te foder de todas as maneiras.

Aquelas palavras a excitaram e se surpreendeu por isso.

— Quero te foder em cima, debaixo, de lado. Quero fazer isso desde atrás.

Lissa gemeu, olhando o reflexo de seus olhos marrom escuro. Desejou encontrar as palavras perfeitas para lhe responder, mas não foi capaz de fazê-lo. Não tinha idéia do que dizer.

— Quero açoitar esse precioso cu — lhe disse Beau finalmente, e aquela imagem fez que Lissagozasse. Era a primeira vez que tinha um orgasmo sem necessidade de tocar-se, e isso a fez chorar.

Uma mulher com um cão diminuto que não deixava de ladrar apareceu de repente frente a Lissa e estiveram a ponto de chocar. O incidente despertou do transe no que estava sumida. Olhou a seu redor para se localizar-se e logo girou a sua esquerda por uma rua estreita e tortuosa para o distrito da arte. Em uma de suas viagens a Paris se apaixonou pelas pequenas galerias que enchiam as preciosas ruas ao redor do Sena. A arte lhe serviria para esclarecer seus pensamentos, como sempre.

O bulício de um mercado próximo chamou sua atenção. Passeou entre os postos cheios de flores preciosas e de produtos frescos, de pescados e de carnes. Viu as extremidades de um pato pendurando em um dos postos e se deu conta de que o lojista tinha um par expostas de patas de cada ave que vendia. Em um mercado nos Estados Unidos aquele tipo de coisas não eram comuns, mas os franceses pareciam menos apreensivos. Um americano comia a mesma carne que um europeu, mas preferia comprá-la envolta em plástico, sem que a conexão com o animal de que

procedia fosse evidente.

Passado o último posto do mercado, Lissa entrou no bairro que estava procurando. Era ali onde estavam as galerias que recordava ter visitado, com suas pequenas cristaleiras, nos que às vezes se expor verdadeiros tesouros do mundo da arte. O primeiro que viu estava cheio de paisagens. Eram pinturas bem executadas, mas pouco mais, assim Lissa não se deteve. A seguinte galeria estava cheia de objetos africanos. Parou-se para observar uma máscara esculpida em madeira. Imaginou a si mesmo levando-a enquanto Colin a fazia dele, mas a idéia lhe pareceu mais cômica que erótica. Sorriu e, ao fazê-lo, vários homens que naquele momento entravam em um banco, junto à galeria, detiveram-se para olhá-la. Um deles lhe devolveu o sorriso. Lissa se ruborizou e continuou andando.

Estava procurando uma galeria em particular. Tinha estado ali fazia já um ano para ver a obra de um amigo. Eram peças magníficas, sexuais e surpreendentes, e se perguntou o que teriam exposto ali esta vez. Sabia que o mais provável era que fosse algo totalmente distinto, mas desejou que gostasse. O que necessitava aquela manhã era justamente isso, arte. Mais que um café. Mais que um croissant. Precisava ver algo belo para sentir-se em paz consigo mesma. Já teria tempo logo para concentrar-se nos deveres que Colin lhe tinha posto.

Capítulo Trinta e Sete

Colin leu a nota que Lissa lhe tinha deixado sobre o travesseiro e se levantou da cama. Deteve-se um instante junto à janela, nu, para observar a rua. Havia meninos a caminho do colégio, acompanhados por seus pais. Gostou da cena, embora ele não sentisse o desejo de ser pai. Entretanto, aquilo não significava que não pudesse desfrutar das vistas de um mundo que nunca chegaria a entender.

Passaram uns minutos e a cena perdeu seu interesse, de modo que Colin voltou a vista para o apartamento. Gostava de um café e pensou em baixar à cafeteria da esquina, mas logo trocou de opinião. Prepararia um café ele mesmo e assim estaria preparado para quando Lissa retornasse. Ela preferia o café americano a aquela bebida cargadíssima que os parisienses estavam acostumados a tomar.

Enquanto fazia o café, Colin se vestiu e saiu ao balcão para observar o lento despertar do bairro. Aquelas eram suas horas preferidas do dia, especialmente em Paris. A luz era dourada com um toque rosado e se refletia nas janelas dos edifícios colindantes. O dia prometia ser quente, perfeito para fazer turismo com Lissa. Se tivesse chovido, a teria levado às catacumbas. Aquela aventura podia esperar até outro dia.

Sentia-se bem aquela manhã. No museu tudo tinha ido conforme o planejado, ou inclusive melhor. Depois a tinha levado a jantar perto no Palácio Real, onde tinham tomado uma taça de brandy e Lissa se acalmou. Pareceu muito impactada ao ver suas fotografias pendurando nas paredes do museu, mas se tinha recuperado rapidamente. surpreendeu-se a si mesmo desafiando-a a encontrar uma nova localização para ele. Aquilo não formava parte de seus planos, mas pelo brilho nos olhos de Lissa, soube que era uma boa idéia.

Ao outro lado da rua, em um dos apartamentos, um homem colocava um cavalete junto à janela. Colin teve uma idéia e lhe fez gestos. Tinha-lhe visto várias vezes na rua, mas nunca tinham intercambiado nada mais lá de um «olá» ou um «bom dia». Não tinham tido nada de que falar antes desse dia. Os dois edifícios estavam o suficientemente perto para poder conversar.

Em um francês perfeito, Colin chamou o homem e lhe convidou a tomar café em seu apartamento. Tinha uma proposta que lhe fazer.

Capítulo Trinta e Oito

Lentamente, Lissa passou junto à cristaleira de uma pequena galeria de arte, tratando de ver que artistas locais tinham sido os escolhidos para expor. Desejou não sentir-se decepcionada pelo que estava vendo, mas em um primeiro momento assim foi. A cristaleira estava cheia de simples esboços de nus femininos realizados ao carvão. Mulheres sentadas, recostadas, tombadas no chão. Estavam bem feitos, mas não transmitiram a Lissa a faísca que ela estava procurando. A ponto esteve de seguir caminhando enquanto se dizia que não sempre podia esperar um toque de magia. E então a viu.

Ao fundo da galeria havia uma estátua de uma mulher que chamou sua atenção o suficiente como para que se inclinasse para o cristal da cristaleira para vê-la melhor, com a frente contra o frio material. Por um instante aquela peça a tinha enganado, fazendo-se passar por uma mulher real, nua, dobrada em uma postura de ioga sobre o chão da galeria. Lissa piscou perplexa ao dar-se conta de que a mulher não respirava. Era um manequim, não uma pessoa. A obra era em tamanho natural, com uma larga juba escura que lhe caía sobre os ombros. Seu rosto estava inclinada para o chão, de modo que Lissa não podia ver sua expressão. Pensou que certamente estava realizada em cera.

Gostaria ao Colin? Veria as possibilidades de ter uma réplica de cera de si mesmo? Levantou a vista para ver o número da loja e logo olhou a seu redor para recordar onde estava. Às vezes tinha problemas para encontrar uma direção em Paris, mas se sabia onde estava o Sena, era capaz de voltar para o apartamento sem muitos problemas. Pensou o emocionante que seria levar ao Colin à galeria, uma vez tivesse aberto, para lhe mostrar seu descobrimento.

Não,-pensou, não o mostraria. Se o que ele queria era um verdadeiro desafio, se queria que lhe surpreendesse como ele a tinha surpreendido, então seria melhor que de momento não lhe contasse o que acabava de descobrir. Em vez disso, ela mesma entraria em contato com o artista.

O horário da galeria estava marcado na porta da loja. Enquanto tomava nota, Lissa viu uma mulher ao fundo da mesma; não era uma estátua, a não ser uma pessoa de carne e osso. Fez-lhe um gesto, esperando que se desse conta de sua presença. A mulher, uma ruiva com aspecto de duendete olhou-a com olhos sonolentos e se dirigiu para a porta de cristal.

Enquanto esperava, Lissa sorriu à medida que seu plano ia tomando forma lentamente em sua cabeça. O encargo de encontrar uma obra de arte que recrear tinha sido complicado, mas agora que já sabia o que queria, sentiu-se tranqüila e nervosa ao mesmo tempo ante o que lhe proporcionaria o futuro.

Lissa não estava acostumada a utilizar sua fama em benefício próprio. Entretanto, ser a autora de um livro de arte de reconhecido prestígio tinha suas vantagens. Quando lhe disse quem era à proprietária da galeria, a mulher sorriu e assinalou um exemplar do último livro de Lissa, em uma estante alta atrás do balcão.

— Assim que você é Lissa Daniels — disse a mulher.

Ela assentiu e começou a lhe explicar, em um francês entrecortado, o que queria. Imediatamente a mulher a interrompeu.

— Em inglês — disse — , acredito que meu inglês é melhor que seu francês.

Lissa ficou vermelha e começou de novo, consciente de que não ia ser fácil explicar-se, fora qual fosse o idioma.

A mulher levantou uma mão e perguntou: — Como se apelidava antes de casar-se? Lissa a olhou confundida e logo respondeu: — Aronson.

A proprietária da galeria a olhou agradada.

— Sabia que era você. Sou Gizelle Merlhou. — Lissa não soube o que responder e a mulher continuou: — Esteve uma vez em minha casa, um ano que esteve vivendo na França.

E de repente Lissa recordou. Tinha passado seu penúltimo ano de carreira em Paris, estudando na Universidade Americana. Gizelle era a ajudante de uma de suas professoras.

A mulher se tocou o cabelo.

— Antes era negro. Eu gosto de trocar de vez em quando. — Lissa assentiu e logo se fixou em seus olhos azul escuro, perfilados com um lápis de cor prata. Recordava a Gizelle e a forma em que falava com os estudantes em seu inglês hesitante. E também recordava ter estado em uma festa em sua casa o último dia de classe, rodeada de estudantes e artistas, fumando, bebendo champanha e brindando por suas respectivas obras.

Gizelle lhe explicou que tinha comprado a galeria fazia pouco a um amigo dela e que por isso não se viram no ano anterior quando ela tinha estado ali para ver uma exposição. Não obstante, agora que Lissa sabia que aquela mulher e ela se conheciam, como ia contar lhe o que queria?

Gizelle lhe fez um gesto com os dedos.

— Dizia-me...

Lissa fechou os olhos um instante, tratando de encontrar a confiança necessária para dizer as palavras em voz alta. Quando os abriu de novo, concentrou-se nos lábios de Gizelle, vermelhos, grossos e amadurecidos. Abertos. Pela expressão de seu rosto, Lissa pensou que não a estava entendendo. A mulher, entretanto, era mais viva do que ela imaginava.

— Teremos que falar com o artista, Roberto — disse — , quanto antes melhor. — Levantou o auricular do telefone — . Acredito que vai gostar da idéia. É o tipo de coisa que chama a intenção.

— Atenção — corrigiu Lissa, quase sem dar-se conta.

A mulher sorriu e assentiu com a cabeça, sem que aparentemente lhe incomodasse a correção. Marcou um número de telefone e em seguida, e em um francês muito rápido, repetiu- o encargo ao Roberto, ao outro lado da linha. Enquanto esperava, em silêncio, fez- um gesto afirmativo a Lissa. Roberto estava de acordo.

Quando pendurou o telefone, Gizelle lhe explicou como o fariam.

— Roberto e você se verão amanhã pela tarde para fazer os moldes. Passarão dois meses até que as estátuas estejam preparadas. Tempo suficiente para que possa preparar a exposição. Pode vir a qualquer hora?

Lissa assentiu.

— E estará na Europa quando as estátuas estejam acabadas?

De novo, Lissa assentiu. Pensou-o um momento antes de explicar à mulher o resto do plano. Gizelle, com os olhos brilhantes, escutou com atenção enquanto tomava notas.

Capítulo Trinta e Nove

Colin deixou as cortinas totalmente abertas. Lissa não se perguntaria a razão. Gostava que o apartamento estivesse bem iluminado. E o mais provável é que não se desse conta de que, ao outro lado da rua, as cortinas também estavam abertas. por que deveria notar esse detalhe insignificante? E se assim era, acaso lhe importaria?

Olhou de novo pela janela e viu que o pintor, André, tinha movido o cavalete de lugar. O homem assentiu em direção ao Colin e assinalou o telefone que havia a seu lado, sobre um tamborete. Colin só tinha que marcar seu número para que ficasse mãos à obra, preparado para plasmar seus movimentos sobre um tecido.

Aquilo era algo que não pensava compartilhar com AMANTE DA ARTE. Não tudo era parte de seu plano mestre. Algumas das coisas que Colin fazia pertenciam só a ele. Queria poder pendurar o quadro de Lissa em seu escritório, observar seu precioso rosto quando quisesse. Inclusive quando tivesse desaparecido de sua vida.

Lissa entrou no apartamento uns instantes mais tarde. Beijou ao Colin e lhe deu a baguete e o brioche que tinha comprado no caminho de volta. Havia algo furtivo em sua forma de mover-se e Colin pensou em perguntar o que lhe passava, mas não o fez. Sim, parecia evidente que se trazia algo entre mãos, mas deixaria que desfrutasse da sensação de acreditar-se por diante dele. Ao menos no momento. Agora estava preparado para pôr seu novo plano em marcha e aquilo requeria a máxima concentração. Tinha que colocar a Lissa frente à janela e ocupar-se de que não se desse conta do que estava passando no apartamento do outro lado da diminuta rua.

— Te senti falta— lhe disse, deixando as massas sobre a mesa e abraçando-a.

Só levava um penhoar azul de flanela, de modo que seu pênis era claramente visível através do fino tecido. Lissa sorriu e o colheu com uma mão, acariciando-o firmemente por cima do tecido. Sua mão se movia ritmicamente e a sensação foi suficiente para que Colin estivesse a ponto de ejacular ali mesmo, mas se controlou no último momento.

— Eu gosto da beleza da cidade pela manhã — disse enquanto a guiava para a janela.— Eu gostaria que desfrutasse dela enquanto te façoamor.

Fazeramor. Aquelas eram palavras mais próprias de um menino pequeno. Entretanto, assim era como se sentia, quente e ainda meio dormido, nervoso ante a perspectiva de que seus corpos ficassem plasmados sobre um tecido. Lissa foi para a habitação para deixar a bolsa e Colin aproveitou esses poucos segundos para pulsar o botão de rechamada do telefone e deixar que soasse

uma única vez no apartamento do André antes de pôr o auricular de novo em seu lugar. Tudo era perfeito.

Ao outro lado da rua, o pintor viu o Colin e a Lissa. Ao princípio só falavam, de pé um junto ao outro na sala de estar. A mulher, esbelta e de tez pálida, com uma larga juba loira platino que a fazia parecer da Noruega, contava-lhe algo. Seus movimentos eram alegres, e por um momento o pintor desejou poder escutar o que estava dizendo. De repente ela começou a tirar a roupa, algo muito mais sedutor que qualquer palavra que pudesse sair de seus lábios.

Movia-se com lentidão, como uma bailarina de strip-tease, e André a observou sem apartar os olhos dela enquanto desenhava esboços de seus movimentos, sem preocupar-se apenas de olhar o papel. Trabalhava com um lápis de carvão e de vez em quando jogava rápidos olhares aos desenhos e logo estirava as linhas com o polegar para representar mais fielmente a ação, e as espirais de seu cabelo, o gracioso arco de seus braços. Fez-lhe um gesto ao homem para que se aproximasse dela e o pintor observou a cena atentamente enquanto Colin se aproximava de Lissa. Despiria-se ele também e a faria sua ali mesmo, no balcão, como tinha planejado?

Não exatamente. Em lugar disso, Colin agarrou à mulher pelo pulso e a levou até o sofá. O pintor se aproximou ainda mais à janela, convencido de que em qualquer momento ela descobriria sua presença. Entretanto, parecia muito ocupada enquanto Colin a colocava sobre seus joelhos, com os pulsos aprisionadas com uma mão.

Colin não tinha falado de nada assim e André observou a cena, cismado. A mulher opôs resistência durante um instante, antes de deixar-se levar. Manteve-se serena enquanto o homem a açoitava. O pintor deixou de desenhar, tão impressionado pelo que estava vendo que o lápis de carvão lhe escapou de entre os dedos. Podia ouvir o som da mão daquele homem contra a pele nua do traseiro dela, e aquilo lhe excitou de uma maneira desconhecida até então.

Depois de uns quantos açoites, Colin soltou à mulher e se despiu rapidamente antes de rodeá-la entre seus braços. André agarrou o lápis do chão e esboçou aquele abraço. Seus corpos se entrelaçavam, como os das antigas estátuas de amantes do Louvre ou do Museu do Orsay. Era aquela uma postura eterna, e André passou outra página de seu caderno. Desejou poder ordenar aos modelos que mantivessem a posição. Necessitaria alguns minutos mais para captar a essência de seus corpos abraçados, suas emoções, com o lápis. Mas só tinha completado a metade do esboço quando Colin se moveu de novo.

A cena era exatamente a que lhe tinha prometido que seria: Lissa contra o balcão, olhando para a rua. As cortinas do apartamento do André estavam meio corridas e a estadia escura. Pensou que o mais seguro era que ela não pudesse lhe ver, embora parecesse quase impossível, pois a mulher olhava em sua direção e era mínima a distância que separava os dois edifícios.

Oxalá pudesse vê-la por detrás, pensou, e contemplar o aspecto de suas nádegas recém açoitadas. Mas Colin lhe tinha pedido seu rosto, de modo que procurou um lápis recém afiado e continuou desenhando rapidamente. Queria-o tudo. Colin lhe tinha encarregado algo muito

específico: a expressão de seu rosto justo quando alcançasse o clímax. Mas para poder fixar essa emoção, antes precisava familiarizar-se com suas facções, com a forma em que suas pálpebras revoavam à medida que estava mais excitada, com o carmesim de suas bochechas que indicava uma calidez que André desejou poder sentir contra a palma de sua mão.

Enquanto gozava, Lissa emitiu um som parecido ao de uma pomba, uma espécie de arrulho que despertou no André sensações indescritíveis. Quiz deixar a um lado a caderneta e baixar as calças. Só teria necessitado uns poucos movimentos para chegar ao orgasmo. Viu-se si mesmo, de pé detras da delicada cortina, gozando sobre o fino tecido que lhe acariciava empurrada pela suave brisa da manhã.

Mas aquilo era trabalho e tinha que concentrar-se. Mais tarde já teria tempo para estender os desenhos a seu redor, no chão, e girar sobre si mesmo enquanto se tocava com a mesma determinação com a que movia o lápis sobre o papel. Essa seria sua recompensa por manter a cabeça fria. Entretanto, Lissa fez de novo aquele estranho som, um arrulho suave e distante que ela parecia sentir como alheio, e André não pôde evitar acariciar uma única vez através do grosso tecido de suas calças manchadas de pintura.

Já quase tinham acabado (aquilo não era mais que uma rápida transa) e André desenhava ainda mais de pressa até que, de repente, deteve-se e se aproximou mais ainda à janela, oculto ainda detras das finas cortinas.

Ali estava. A beleza de seu rosto enquanto gozava era sublime. Crua, ofegante, cheia de primeiro desespero e de um brilho de total satisfação depois, à medida que a onda de prazer percorria seu corpo. Não teve que desenhá-lo. Aquele rosto ficaria gravado em sua mente para sempre.

QUARTO LIVRO - ENGANO

Quando se chega ao ponto em que se engana unicamente pela beleza, então se é um artista.

Max Jacob

Capítulo Quarenta

Colin tinha dito mentir. AMANTE DA ARTE não saberia nada, ao menos não por seus e-mails, nem pelos presentes que lhe mandava por correio urgente, nem tampouco através da Internet. Colin já não se sentia ligado às regras daquele acordo. Apoiado sobre um cotovelo, observou a Lissa enquanto dormia a seu lado.

— Os planos trocam — disse a si mesmo, sem dar-se conta de que tinha pronunciado as palavras em voz alta até que Lissa se moveu na cama, levantando seu doce rosto para o seu guiada pelo som de sua voz. depois de fazeramor no balcão, deixaram-se cair sobre o sofá, enroscados um junto ao outro sob a cálida luz da manhã. Colin acariciou o cabelo de Lissa com suavidade e ela dormiu de novo.

Deus, era uma mulher preciosa. Mas aquela não era a razão pela que queria tê-la com ele. Havia algo mais profundo, uma confusão que não tinha experimentado em anos. Normalmente era capaz de controlar suas emoções com tal precisão que era como se não existissem. Agora se dava conta de que tinha estado vivendo uma mentira, de que se comportou como um autômato em suas relações, longínquo e estéril. Se não permitia que ninguém lhe aproximasse, então ninguém poderia lhe fazer danífico.

Lissa tinha conseguido superar suas barreiras, suas defesas, e não podia acreditar que estivesse perdendo o controle. Ele não. Sempre tinha tido a habilidade de manter a calma nas piores crises, uma característica de sua forma de ser que lhe tinha sido de ajuda em sua carreira como médico. De modo que como explicar agora sua falta de controle? Simplesmente, não podia.

A questão é que se sentia bem. Querendo-a. Necessitando-a. Era uma sensação incrível. Sabia que mais tarde ou mais cedo teria que pagar um preço por isso, porque sempre era assim, mas de todas as formas tinha que confiar em suas próprias emoções, e estas lhe gritavam que não a deixasse ir. De modo que, apesar de que tinha recebido um novo encargo por e-mail, ignorou-o e se centrou em seus próprios planos.

O que Lissa não sabia — embora, certamente, sabia mas bem pouco a respeito da verdade que se escondia atrás de sua relação — era que seu projeto de recrear obras de arte não era mais que isso, um projeto, algo que agradaria a sua sensibilidade artística. lhe gostavam daqueles jogos, é obvio. E a quem não? Mas havia outras coisas que lhe produziam um prazer ainda maior, outras fantasias além daquelas que tinha explorado com ela. Esse mesmo dia pensava compartilhar umas quantas com Lissa e ver como reagia.

Perguntou-se o que diria se soubesse quais eram os prazeres que a esperavam. Sorriu e a despertou com um beijo.

Lissa se surpreendeu quando Colin lhe propôs passar o dia fazendo turismo. Nunca o tinha imaginado no papel de turista e, além disso, sabia que tinha passado largas temporadas vivendo na França. Se inclusive tinha um apartamento de propriedade! por que queria então visitar os lugares mais típicos da cidade com ela? Contudo, Lissa não disse nada. Aquela manhã no balcão a tinha deixado satisfeita e pronta para algo.

Mas dado que se tratava do Colin, o tour foi algo único. Nem guia turística, nem típico traje de verão. Antes de sair do apartamento pôs a Lissa as pinças para os mamilos e apertou seus diminutos parafusos. Soube imediatamente que tinha um comprido dia de decadência por diante.

Só havia duas quadras até a parada de metro mais próxima. Passaram frente a uma floricultura e um café, onde um grupo de homens vestidos com macacões de trabalho tomavam uns expressos durante seu descanso de meia manhã. A Lissa adorava o ambiente que se respirava e entendia à perfeição por que Colin tinha escolhido ter um lugar ali. Aquele não era um bairro bom, mas a sensação de vida era mais evidente que em zonas parecidas do sul da Califórnia.

Durante o trajeto no metro trocaram duas vezes de linha, mas Lissa manteve a boca fechada e não perguntou aonde a levava. Adorava a sensação de ser pilhada despreparada. Teria escolhido um museu como o do Orsay para sua próxima visita? Talvez pensava levar à Torre Eiffel e lhe colocar a mão no elevador que subia ao alto. Visualizou aquela possibilidade muito facilmente, inclusive se imaginou fodendo na plataforma mais alta da torre. Era impossível e sabia, inclusive para alguém como Colin. Mas seria inacreditável sentir como a penetrava enquanto ela desfrutava das melhores vista sobre Paris.

Quando saíram do metro e se encontraram com o quente sol da manhã, Lissa recordou algo que incrivelmente sempre parecia esquecer-se o com o Colin as coisas nunca eram o que pareciam ser. Tinha-lhe proposto visitar os pontos marcados em um mapa turístico da cidade, certo, mas o que não era possível é que se comportassem como turistas normais. Porque ao outro lado da rua e da parada de metro havia a entrada de um cemitério. Esse era o lugar ao que Colin a levava.

Sem cruzar uma só palavra, guiou-a pelos degraus de pedra e através do cemitério. Havia muitos mausoléus, alguns com centenas de anos de antigüidade. Muitos tinham cristaleiras quebradas e barras bloqueando a porta. À medida que avançavam todos eram ainda mais antigo. Algumas tumbas tinham sido invadidas pelas árvores. Suas raízes tinham atirado várias lápides e aberto gretas na terra.

Lissa não tinha estado antes em um cemitério parisiense e observava tudo com atenção. Entretanto, ao mesmo tempo estava um pouco assustada pelo que Colin pudesse trazer-se entre mãos. Tinha que haver uma razão para levá-la ali. À medida que avançavam, o céu, que tinha estado espaçoso toda a manhã, começou a cobrir-se de nuvens. A diferença das do dia anterior, aquelas eram cinzas e pesadas, carregadas de chuva. Começaram a cair grossas gotas e Lissa desejou ter pego

um guarda-chuva. Talvez Colin desse meia volta e a levasse de novo ao metro para visitar qualquer outro lugar. Um que estivesse coberto. Entretanto, enquanto se cruzavam com outros turistas que se apressavam para a saída, com os mapas sobre a cabeça a modo de guarda-chuva, Colin sorriu e continuou puxando ela.

— Por aqui — disse, assinalando com o dedo.

Era uma tumba muito antiga, tanto que o nome gravado sobre a pedra era ilegível. Ao lado havia uma pequena construção onde familiares e amigos podiam rogar por seus seres queridos. Lissa entreabriu os olhos, tratando de decifrar o nome que havia na tumba, e de repente sentiu os braços do Colin ao redor de seu corpo, apertando-a tão fortemente contra ele que pôde sentir claramente o contorno de seu pênis dentro das calças. Lissa soube então que não importava quem estivesse enterrado sob seus pés. Averiguá-lo não era o propósito da visita. Colin ia a foder ali mesmo. Tinha encontrado um lugar no que possivelmente ninguém tivesse pensado antes e tinha conseguido que ela não intui-se nada, como sempre, até o último momento.

— Está preparada, Lissa?

Deveria ter adivinhado seus planos. Entretanto, tinha estado muito concentrada nos puxões da corrente que pendurava entre seus mamilos, ou na sensação que lhe produzia levar calças ajustadas em cima da delicada pele de suas nádegas, ainda quente pela palmadas que Colin lhe havia propinado aquela mesma manhã. Sempre era capaz de manter a incerteza. Mas agora que já tinham chegado ao pequeno edifício, e que tinha entendido os planos do Colin, deteve-se, cravando os saltos firmemente entre os paralelepípedos do chão e apartando-se dele com um tapa.

— Te resguarde da chuva — lhe ordenou ele, levantando as sobrancelhas surpreso.

— Não quero entrar aí.

— Está se molhando — continuou Colin, como se esperar a que passasse uma tormenta em um cemitério fosse a coisa mais normal do mundo.

— E estou seguro de que está molhada — repetiu de novo, esta vez com um tom de voz distinto, fazendo que Lissa se ruborizasse. Era certo, estava molhada, mas por que? Era pela perspectiva de fazê-lo em um lugar assim? Ou era um ato reflito produto da forma em que Colin a havia tocado?

Não teve muito tempo para meditá-lo. Ele a agarrou de novo da mão e a arrastou ao interior do pequeno refúgio. Um segundo depois procurou com os dedos a cintura de Lissa e puxou as calças para baixo. E de repente suas calças estavam desabotoadas e a estava penetrando por detrás. Lissa olhou para fora, ao cemitério e à chuva que caía sobre as lápides. A todo aquele cinza que os rodeava. Um quantas flores pintadas sobre o cimento foi o único vivo que lhe pareceu ver, e inclusive estas tinham perdido toda sua cor depois de anos expostas aos elementos.

Colin deslizou seu pênis dentro dela e empurrou ao ritmo das gotas que caíam sobre suas

cabeças. Sua mão procurou debaixo da camiseta a corrente que unia as pinças. OH, Deus, que bom! O puxão fez que algo pulsasse com força entre suas pernas. De repente uma idéia cruzou sua mente. Como seria levar as pinças nos lábios internos? O que sentiria se levasse uma no clitóris? Sabia que quão único tinha que fazer era dizê-lo em voz alta e Colin o faria realidade.

Não podia acreditar que o estivessem fazendo no cemitério. E, entretanto, seu corpo respondia aos estímulos, como ele certamente sabia que ocorreria. Estava molhada, e excitada, e se encontrou a si mesmo movendo-se contra o corpo do Colin, com os olhos fortemente fechados e a cabeça inclinada para trás.

Rezou para que ninguém os pilhasse, para que passassem despercebidos. E então, à medida que ele acelerava o ritmo, só desejou gozar. A magia daquela sensação, contraindo-se sobre o corpo dele ao ritmo da chuva que caía sobre o refúgio, apagou qualquer outro pensamento sobre o que estava bem ou mau, sobre o que era ou não adequado. Quão único desejava então era liberar-se.

E isso foi o que Colin fez por ela, percorrendo seu corpo com os dedos até os peitos, para puxar as correntes que pendurava entre eles, e logo abaixo, até o clitóris, descrevendo rápidos círculos uma e outra vez. Lissa se deixou levar no momento, deixou que a sensação de prazer a conduzisse a outro nível.

— OH, Deus! — gemeu com suavidade, incapaz de conter-se. — OH, sim, assim...!

Colin não respondeu com palavras, mas sim seu corpo arremeteu de novo contra o dela, lhe fazendo saber assim que lhe tinha agradado, que estavam em sintonia, física e mentalmente. Lissa se recostou sobre ele enquanto gozava e sentiu seus braços ao redor de seu corpo, abraçando-a com força.

Mais tarde, enquanto Colin a guiava de novo entre as tumbas, sua camisa molhada se pegava a sua pele e seu cabelo estava empapado. Lissa estava segura de que do cemitério iriam diretamente a casa, ao menos para deixar que se arrumasse. Mas não foi assim. Colin tinha outros planos e, como sempre, negou-se a dizê-lo até que fosse necessário.

Capítulo Quarenta e Um

A quem lhe importava o que outros pensavam? Esse era o lema do Colin. E se era suficiente para a Lissa e para ele, então não importava o que as pessoas dissesse. Estava tentado explicar a seu amante, mais com ações que com palavras. Esse era seu plano. Primeiro, fazendo amor no cemitério. E, agora, enquanto a guiava de volta à rua sobre os molhados paralelepípedos, para a seguinte parada daquele retorcido tour. Gostou de ver um certo brilho de emoção nos olhos de Lissa, de um cinza mais escuro do normal, rivalizando com a cor das pesadas nuvens que ainda ameaçavam chuva.

As emoções continuaram crescendo dentro do Colin. Nos quatro últimos meses tinha conseguido dominar a necessidade de Lissa de fazer perguntas, tinha-a moldado para que se adaptasse a suas próprias necessidades. Como ia deixá-la partir? Era seu igual, seu casal perfeito. perguntou-se quando se daria conta dela. Tomara que fosse logo.

Entretanto, em lugar de lhe fazer sentir mais confortável, a transa no cemitério lhe tinha deixado de novo ao limite, desejando ter sexo com ela outra vez. Era como se, cada vez que faziam amor, ele necessitasse sempre mais. Era fantástico. Podiam fazê-lo todo o dia se ele o quera. Sabia que Lissa nunca se atreveria a queixar-se.

Seu pênis cobrou vida nas profundidades do Levis gastos e, enquanto avançavam para a saída do Père Lachaise, sentiu a necessidade de empurrá-la contra uma das paredes do cemitério, sem lhe importar que alguém pudesse pilhá-los in fraganti. Mas o pensou melhor. Aquilo não era suficiente. Necessitava mais.

Era ele quem tinha aquelas necessidades, e não lhe bastava levando-a de volta ao apartamento e provocá-la toda a noite. Não. Tinha que satisfazer sua sede da forma mais estranha possível. Se não foram acrescentar um pouco de dor à cena, então teria que provar com outra coisa: o perigo de ser descoberto, a vergonha da exposição em público ou, segundo os planos daquela tarde, um pouco de curiosidade morbosa.

Foram para outro de seus lugares favoritos. Só de pensá-lo, lhe puseram os cabelos de ponta.

As escadas de concreto descendiam em espiral para as catacumbas. Lissa contou os degraus enquanto baixavam, consciente de que teriam que subi-los de novo se quisessem escapar daquele lugar. As paredes desprendiam um aroma rançoso, a umidade. Não era de tudo desagradável, mas sim mas bem um aroma natural, como de folhas podres, mas Lissa preferiu não respirar

profundamente para evitá-lo. Só que quando chegaram ao final das escadas já não ficava ar fresco que respirar e teve que inalar com força para não perder o fôlego. Desejou estar em outro lugar. Talvez poderiam ter visitado o Arco do Triunfo. Tinha estado ali uma vez, mas com o Colin tivesse sido distinto. Tudo era distinto com ele.

Colin pôs uma mão sobre seus ombros e assinalou com a cabeça para um grupo de turistas que havia mais adiante, aos que uma guia explicava a história das catacumbas. Lissa não entendia francês o suficientemente bem para poder seguir o que a mulher dizia, mas tampouco lhe importava porque estava muito absorta no primeiro montão de ossos para emprestar atenção a suas palavras. Colin se inclinou sobre ela para traduzir as explicações, lhe dando só os dados mais destacados, aqueles que sabia que se gravariam em sua memória. Alguns pareciam velhos contos pensados para assustar aos visitantes, mas mesmo assim lhe sussurrou a tradução ao ouvido.

— Uma vez um homem se perdeu aqui embaixo — disse a Lissa. — Tinha baixado à adega de sua casa e encontrou uma entrada aos túneis. Encontraram-lhe sete anos mais tarde. Outra pilha de ossos que somar ao resto.

Ela se estremeceu. Imaginou o que devia ser caminhar por aquele labirinto de túneis, tratando de encontrar a saída. A guia os fez girar por um estreito passadiço no que as paredes se estreitavam. Lissa sentiu claustrofobia. Diante dela, um menino se agarrou à mão de sua mãe. E ela fez o mesmo com o Colin.

Mas por que ia a ele em busca de amparo? Se ele era seu torturante, que sempre a empurrava até os limites de sua resistência. Exatamente como, uma vez mais, estava-o fazendo agora. Reteve-a até que todo o grupo os teve adiantado. Logo lhe fez um gesto com a cabeça lhe indicando que passasse por cima de uma fina corrente que separava uma das cavernas do caminho principal.

— Não acredito que devamos entrar aí — sussurrou Lissa. Colin a olhou e logo atirou dela.

— Não te perderei de vista — lhe assegurou ele — se me prometer que te levará bem.

Lissa o prometeu. Rapidamente. Não queria acabar como aquele homem cujos restos mumificados tinham sido encontrados sete anos depois de seu desaparecimento. É obvio que Colin não a perderia de vista, disso estava segura, mas mesmo assim murmurou um «Me levarei bem» com voz tremente.

Dobram uma esquina e ela começou a sentir-se cada vez mais excitada. Jamais tivesse pensado que estaria preparada para fazer amor de novo tão cedo, depois do episódio do cemitério, mas assim era. Sempre estava preparada para o Colin.

Não cruzaram nenhuma palavra enquanto avançavam pelo escuro túnel. Naquela zona não havia ossos e entendeu como alguém podia perder-se ali. Todas as cavernas pareciam iguais, escavadas na terra, com o teto tão baixo que tinha que se agachar se não queria golpeá-la cabeça.

Sabia muito bem por que tinha querido levá-la ali. Tinha visto uma imagem em um de seus

livros de um concerto interpretado nas catacumbas de Paris. As pessoas se reunia ali para celebrar festas secretas, e isso era exatamente o que Colin planejava fazer: organizar uma festa, mas a sua maneira. Por isso não se surpreendeu quando por fim Colin se deteve, empurrou-a contra a fria parede de barro e começou a lhe desabotoar a camisa, muito devagar.

Sentiu o quente contato de seus lábios sobre os mamilos, primeiro um, logo o outro. O tato de sua língua e seus dentes enquanto os mordia com suavidade foi suficiente para que Lissa começasse a gemer.

— Se deixe levar — disse ele ante o primeiro sinalque estava perdendo suas inibições. — Faz ruído.

— Não posso. — Lissa não queria atrair a atenção de ninguém. Podia imaginar as expressões horrorizadas dos turistas ao voltar a esquina e encontrar-lhe Aquilo era ainda mais estranho que a escapada ao cemitério. A quemtivesse ocorrido um lugar como aquele? Só ao Colin.

— A ninguém importa o que faça — disse ele— , a ninguém mais que a mim. Todo mundo está muito ocupado com seus próprios assuntos, com sua própria vida.

— Alguém pode-nos ouvir.

Colin tinha uma rápida solução para aquele problema. Pô-lhe uma mão sobre a boca.

— Grita agora. O som não será tão forte. Se alguém te ouvir, pensará que este lugar está encantado. — deteve-se, olhando-a, observando o medo e o desejo em seus olhos.

— E provavelmente o esteja.

Lissa não pôde pensar no que acabava de dizer porque assim que terminou voltou a beijá-la nos mamilos, a lambê-los, a beliscar com força sua pele antes de deslizar-se para o chão para lhe desabotoar as calças. Apertou a língua contra a calcinha, onde o tecido ainda estava molhado do cemitério, e Lissa pensou que ia gozarsó com aquela sensação. Sentiu que muito dentro algo pugnava por sair ao exterior. Colin ainda tinha a mão sobre sua boca, assim que o deixou fluir.

Ao princípio era um simples gemido, rouco e grave, que saía das profundidades de sua garganta.

— Mais forte — sussurrou ele enquanto percorria a fenda que se abria entre seus lábios, ainda protegida pela fina pele da calcinha. Sua língua percorria o tecido molhado e a sensação de separação, de não sentir o contato direto de sua boca, esteve a ponto de levá-la ao limite. Se a tocava, se lhe baixava a roupa interior e se afundava entre suas pernas, gritaria. Seria capaz de dizer-lhe Adivinharia-o por si mesmo?

Fez-o. Com uma mão lhe baixou a calcinha até as coxas e enterrou o rosto nela de tal maneira

que Lissa pôde sentir seu fôlego justo antes de que fechasse a boca ao redor do clitóris. Era uma sensação incrível, poder sentir seus lábios, a umidade de sua língua.

— Estou a ponto de... — murmurou ela, e Colin deslizou um dedo em seu interior, e logo outro, lhe dando algo quente e satisfatório sobre o que contrair-se.

Seus joelhos cederam sob seu peso enquanto alcançava o clímax. Colin a sujeitou entre seus braços, afogando seus gemidos contra seu ombro e abraçando-a enquanto as contrações percorriam seu corpo.

Capítulo Quarenta e Dois

Colin se sentia satisfeito. Tinha-lhe dado ao mecenas o que queria com o vídeo e também tinha podido jogar segundo suas próprias regras com Lissa. Seu novo propósito era o seguinte: em algum momento, ela teria que escolher entre ambos. Assim era como pensava tratar o tema. Queria que entendesse que partes de sua relação tinham sido orquestradas pelo mecenas e quais eram só obra dele.

O cemitério. As catacumbas. Essas eram o tipo de idéias mais próprias do Colin. E sabia que a Lissa gostava, embora ao princípio sempre se mostrasse assustada ou desconcertada.

Durante a viagem de volta a Londres, Colin não tentou nada de tipo sexual com ela. Deixou que dormisse, junto a ele, exausta depois daquele torvelinho de emoções pelo que acabava de passar. Enquanto dormia placidamente, entretanto, agarrou sua mão entre as suas e muito devagar, com muita delicadeza, tirou-lhe a aliança de platina que ainda luzia no anular.

Já era hora de virar a página.

De volta à vida normal, Lissa freqüentemente tirava o chapéu a si mesmo recordando a viagem a Paris. Ali a gente seguiria admirando suas fotos penduradas das paredes do museu. Não tinha muito claro como a fazia sentir isso. Excitada, sim. E ao mesmo tempo bela como jamais se havia sentido. Durante as horas de trabalho, freqüentemente ficava cismada, recordando, com um livro aberto diante dela do que não tinha lido nenhuma só palavra. Tinha que esforçar-se se queria concentrar-se no trabalho.

Às vezes Colin e ela trabalhavam juntos no despacho do apartamento. Uma tarde, enquanto tentava ler, Lissa lhe ouviu comprovando a entrada de seu email. O modem cobrou vida. Colin introduziu a contra-senha e começou a ler. Desde sua mesa ao outro lado da habitação, Lissa não conseguia ver de quem era o e-mail, mas Colin parecia aborrecido pelo que punha nele. Viu-lhe franzir o cenho e logo sacudir a cabeça, antes de escrever uma resposta direta e enviá-la. Logo desligou o modem, ficou de pé e avançou em direção à mesa de Lissa. Ela fingiu ler e lhe deu um beijo na nuca, o que lhe provocou um calafrio que a percorreu dos pés a cabeça. Um simples beijo bem

escolhido era mais que suficiente para que estivesse pronta para algo que ele quisesse. Perguntou-se se Colin queria fazê-lo ali mesmo, sobre a mesa, atirar os livros ao chão, levantar a saia e foder. Em lugar disso, beijou-a da nuca até a orelha direita, enquanto lhe dizia que voltaria dentro de umas horas. Tinha uma reunião aquela mesma tarde.

A porta do apartamento ainda não se fechou por completo quando Lissa já estava sentada frente ao computador do Colin. Tinha guardado a chave em uma pasta do escritório. Agora finalmente a utilizaria e descobriria todos quão segredos houvesse entre os dois.

O primeiro email era exatamente o que tinha esperado, um colega que lhe pedia conselho para um caso. Evidentemente aquilo não era o que lhe tinha posto de mau humor. Continuou com o seguinte e-mail. Um das linhas de seu agente a respeito de um acordo para reimprimir um dos livros médicos de Colin. Lissa passou ao terceiro email.

Ao princípio não entendeu nada. Estava dirigido ao CAD e era de alguém chamado AMANTE DA ARTE, com o que já se comunicou antes. Começava diretamente com o texto da mensagem, sem saudações nem cortesia alguma, com a precisão e a falta de sentimento de um telegrama.

CAD, encantou-me. Bom trabalho. Quero levar as coisas um pouco mais à frente. Confio em que entenda o que quero dizer.

AMANTE DA ARTE

Lissa leu a mensagem duas vezes antes de decidir que seguiria investigando um pouco mais. Abriu a pasta de mensagens antigas e procurou uma direção que fosse igual à do remetente. Havia um email de uma semana antes, quando Colin e ela estavam em Paris. Abriu-o e leu o seguinte:

UM vídeo. Que inteligente, CAD. Muito mais do que esperava. Por favor, continua com o plano.

AMANTE DA ARTE

Um vídeo. Enviado por e-mail via Internet. Lissa tinha visto uma coisa parecida durante a Feira de Frankfurt. Apesar de que não era de especial interesse em sua linha de trabalho, a idéia de poder enviar eletronicamente um filme lhe tinha parecido muito interessante. Por isso tinha visto na demonstração, sabia que possivelmente houvesse uma cópia no computador do Colin. Pulsou várias teclas até chegar à pasta de elementos enviados e procurou na lista um que tivesse um arquivo de vídeo anexo. Tinha sido enviado dois dias depois da aventura no Museu de Arte Erótica de Paris. Pulsou o botão de play, sabendo o que estava a ponto de ver na tela.

Ali estava ela. De costas à camera, com sua larga juba loiro platino caindo sobre a jaqueta de pele. E ali estava Colin, despindo-a lentamente. Perguntou-se como o teria feito para conseguir aquela gravação. E a quem a enviava? Para sua surpresa, não sentiu raiva, só certa comoção combinada com as vontades de averiguar o que estava passando. Acaso se estava gabando de sua conquista com algum de seus amigos, como em uma versão eletrônica do típico comportamento masculino nos vestiários de um ginásio? Não, parecia mais que isso. Pelas respostas do Colin, parecia

que exercia de agente para aquele homem, que fazia tudo aquilo que o desconhecido lhe pedia.

Onde encaixava Lissa em toda essa trama?

Fechou o arquivo de vídeo e seguiu revisando o resto dos emails de AMANTE DA ARTE. Só encontrou dois. Em um se falava de umas fotos, certamente as que Colin lhe tinha feito em Hamburgo; no outro de Frankfurt, e Lissa soube pela resposta do Colin que ele já tinha ouvido falar dela antes de que se conhecessem. Não tinha sido fruto da casualidade. Seu coração pulsava com força. Quem estava detrás de tudo aquilo?

Considerou a possibilidade de enfrentar-se ao Colin. Ficou de pé e passeou acima e abaixo pelo despacho, pensando. Mas então se deu conta de que teria que lhe explicar como tinha averiguado tudo aquilo e recordou a proibição expressa de ler seu email. Como Barbazul, pensou, que tinha advertido a suas mulheres que não abrissem a porta do armário, mas uma a uma tinham ido caindo na armadilha e morrendo assassinadas. Colin não a mataria, disso estava segura. Mas talvez sim pusesse ponto final a sua relação com ela. Valia a pena?

Só necessitou um segundo para responder a essa pergunta: não. Queria seguir com ele, continuar fazendo as coisas que faziam.

Mas também queria saber o que estava passando.

De pé, com as mãos nos quadris, tratou de decidir o que fazer. Oxalá tivesse um amigo com o que pudesse falar, ao que contar-lhe tudo e poder lhe pedir conselho. Mas não havia ninguém em Londres a quem conhecesse o bastante bem. Talvez Gizelle, a proprietária da galeria de arte... Não, ela não. Embora a tivesse conhecido melhor, a barreira do idioma seria muito difícil de superar.

Finalmente tomou uma decisão. Não diria nada ao Colin das mensagens, mas estaria mais atenta a partir de então. Jogaria de detetive e descobriria quem era esse misterioso mecenas das artes e por que se pôs em contato com o Colin para preparar todo aquele caso com ela.

A chave girou na fechadura da porta do apartamento. Lissa se apressou em voltar para sua mesa e fingiu estar lendo um grosso livro de arte. Quando Colin entrou no despacho, ela estava sentada em sua cadeira de pele, com os óculos de ler postas e uma expressão de intensa concentração.

— Já trabalhaste suficiente — lhe disse. Inclinou-se sobre ela para lhe beijar a testa com suavidade e lhe tirou os óculos, que deixou junto à caderneta de notas que havia sobre a mesa.— É hora de jogar.

Uma semana depois, Lissa ainda não tinha descoberto quem era AMANTE DA ARTE. Mas ainda não tinha posto a prova seus melhores dotes de detetive. Cada vez que Colin a deixava a sós no apartamento, olhava seus e-mails. Tinha revisado todos seus arquivos, tanto no computador como nas gavetas, em busca de mais prova. Se Colin tinha um diário, tinha-o escondido bem, para que ela não o encontrasse. Além de alguns novos brinquedos sexuais, alguns deles ainda em suas caixas, logo

que guardava nada interessante nos armários.

Antes de continuar com sua busca, Lissa se deteve em um dos brinquedos, um daqueles consoladores que se atavam ao corpo com um arnês. Esse era especialmente grande. Para que teria comprado aquilo Colin? Evidentemente não era para usá-lo com ela, e nem sequer era capaz de imaginar pedindo, ou permitindo, que ela o utilizasse com ele. Era absurdo. Devolveu o objeto a seu lugar antes de continuar procurando.

Ao mesmo tempo aproveitou para procurar sua aliança de casamento. Tinha-o perdido na última viagem a Paris e, embora Colin lhe tinha jurado que não sabia nada dele, que nem sequer se deu conta de que já não o levava, Lissa suspeitava dele.

Quando Colin chegava do trabalho, ela tratava de escutar suas conversações telefônicas. Do mesmo modo, acostumou-se a chegar a casa antes que ele para assim poder escutar as mensagens na secretária eletrônica.

Nada.

Assim quando Colin lhe disse que preparasse as malas, que iam viajar paraAmsterdam, sentiu-se aliviada. Ali averiguaria mais coisas, podia-o sentir. Era a primeira vez que lhe dizia aonde iam e se perguntou por que, embora não se incomodou em comentar nada ao Colin. Se não queria dizer-lhe não o faria, por muito que insistisse.

— Faz as malas para uma semana — lhe disse — , não estou muito seguro de quanto tempo estaremos ali, assim melhor que vamos preparados.

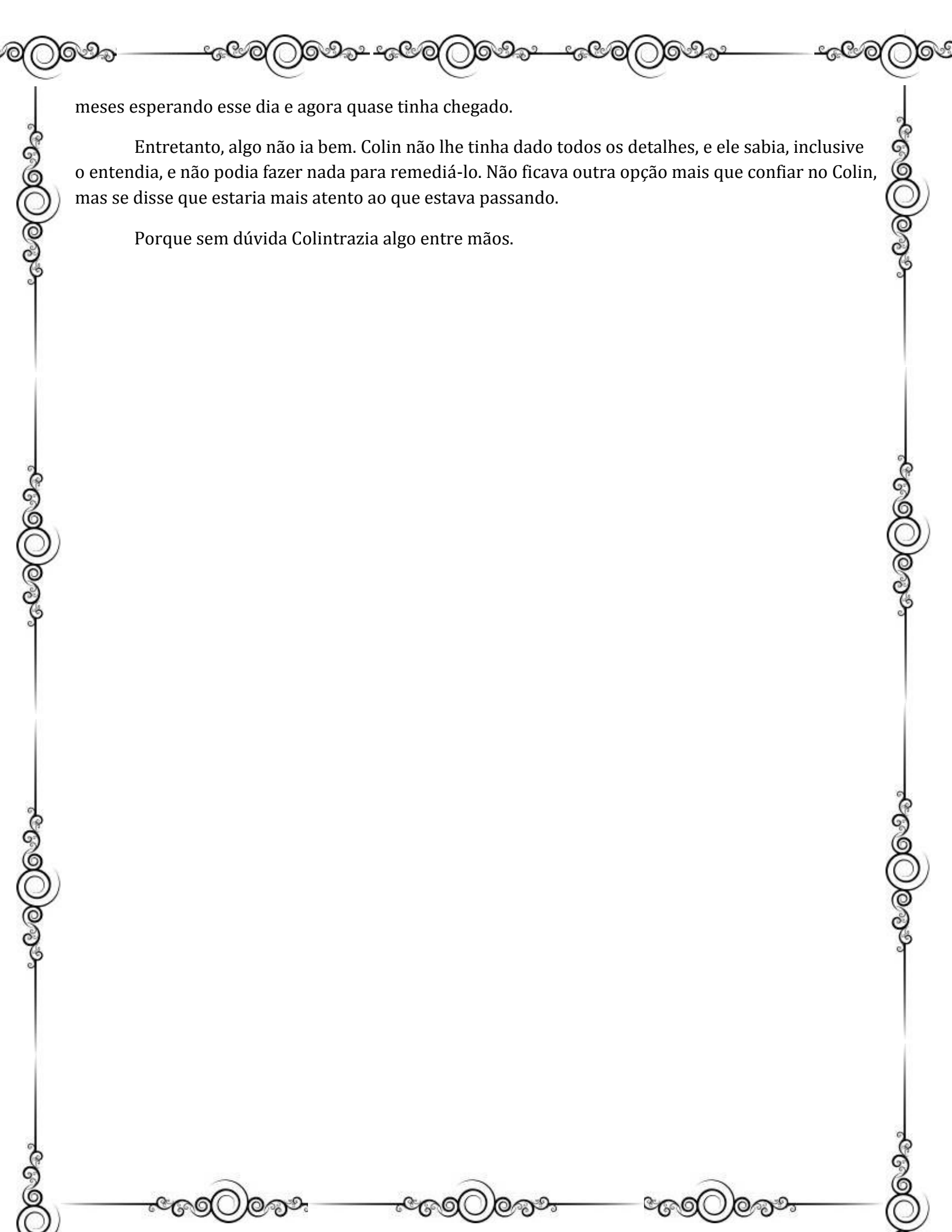
«Sim — pensou Lissa.— Sempre é melhor estar preparado.» E ela estava. Olhou-lhe com atenção, observou seu cabelo sempre perfeitamente penteado, seus óculos de tartaruga marinha sempre em seu lugar, menos quando fodiam. Sua aparência não tinha trocado o mais mínimo desde que se conheceram. Nunca deixava que lhe visse com a roupa desalinhada ou o cabelo alvoroçado.

Enquanto Colin revisava seu email, ela não deixou de lhe observar. Era reservado, sempre contido, inquebrável. Só que agora ela queria descobrir o que se escondia detrás daquela pose tão estudada. Porque por muito que se houvesse dito a si mesmo que em realidade não importavam, havia duas perguntas que a consumiam por dentro: Com quem trabalhava? E por que?

«Arte é... Lissa — dizia o e-mail.— Vêem presenciar sua transformação. Em pessoa.»

AMANTE DA ARTE ficou perplexo ante o convite do CAD. Já era hora, dizia Colin, de lhe introduzir nos prazeres da carne. Da carne de Lissa. Ao mecenas lhe pareceu bem. De fato, era o que tinha estado esperando, mas de todas formas ficou nervoso ante a idéia de estar com ela. O que aconteceria? Como reagiria Lissa?

Seus medos não lhe impediram de comprar as passagens de avião, nem fazer os preparativos necessários, nem tampouco sonhar com ela recostado em seu assento de primeira classe. Levava



meses esperando esse dia e agora quase tinha chegado.

Entretanto, algo não ia bem. Colin não lhe tinha dado todos os detalhes, e ele sabia, inclusive o entendia, e não podia fazer nada para remediá-lo. Não ficava outra opção mais que confiar no Colin, mas se disse que estaria mais atento ao que estava passando.

Porque sem dúvida Colin trazia algo entre mãos.

Capítulo Quarenta e Três

— Estou seguro de que não quereria ficar no centro da cidade — explicou Colin à medida que o táxi ziguezagueava lentamente entre o tráfico, apartando a uma multidão de pedestres e ciclistas. — Amsterdam pode chegar a ser um O.

Por isso viu seu redor, Lissa não pôde a não ser estar de acordo. Nunca antes havia visto semelhante bulício, entre pessoas e veículos. sentiu-se agradecida por estar dentro de um táxi, a salvo, com o braço do Colin rodeando seus ombros. Sem apartar a vista do guichê, perguntou-lhe onde iriam ficar. Sabia que uma vez que já tinham chegado à cidade, Colin era menos resistente a lhe dar informação sobre seus planos. E assim foi.

— reservei habitação no Princesa. É um hotel que está aos subúrbios — disse Colin, recordando por um instante suas anteriores estadias ali. Gostava especialmente da tranquilidade do lugar e o encanto do estabelecimento.

Estaria AMANTE DA ARTE ali?, perguntou-se Lissa. Sua última mensagem ao Colin confirmava que assim seria. Sentiu como os batimentos do coração de seu coração se aceleravam ante a idéia. Finalmente tinha conseguido decifrar seus sentimentos. Não se sentia furiosa com o Colin por havê-la enganado, só desejava saber quem se escondia detrás de tudo aquilo. Alguém, além do Colin e dela mesma, estava desfrutando também dos frutos de suas relações sexuais. E a idéia a excitava mais do que qualquer outra coisa o tivesse feito nunca.

Perguntou-se se talvez conheceria o misterioso mecenas. A única pessoa que poderia interessar-se por ela daquele modo era Beau, mas este, depois de escolher ao Marcus em lugar dele, tinha desaparecido de sua vida. Também era certo que ultimamente pensava nele cada vez mais freqüentemente. Como se sentiria se o mecenas resultasse ser ele? Não sabia, e assim seguiria sendo até que lhe tivesse cara a cara.

Concentrou-se de novo no caos que havia além do guichê, desejando que Colin não lesse nada em seu silêncio. As ruas eram tão estreitas que se fazia difícil imaginar toda a atividade que bulia nelas. Observou cismada a perícia com a que os ciclistas esquivavam pedestres, trilhos do bonde e buracos entre os paralelepípedos por igual. Muitas daquelas bicicletas estavam decoradas, algumas com tanta originalidade que bem poderia montar uma exposição com elas. Quase não se viam carros, embora muitas levavam a mais de uma pessoa: uma mãe com seus dois filhos ou um menino com uma garota sentada na parte traseira. Tudo parecia muito romântico até que, sem prévio aviso, apareceu um bonde de um nada abrindo-se passo entre a multidão. Involuntariamente, Lissa se refugiou nos braços do Colin. Ninguém mais pareceu exaltar-se pela proximidade do veículo, que avançava a grande velocidade. Os transeuntes e os ciclistas se limitaram a fazer-se a um lado para

logo, uma vez teve acontecido o bonde, voltar a ocupar o meio-fio.

— Toda esta confusão pode parecer divertida — explicou Colin — , mas é melhor ter um lugar mais tranquilo ao que escapar pelas noites.

Lissa assentiu e seguiu olhando pelo guichê. As vistas eram incríveis. Nunca antes tinha estado em Amsterdam, mas pelas histórias que lhe tinham contado estava segura de que adoraria. Havia um famoso museu Vão Gogh que queria visitar, e também muitas pequenas galerias conhecidas por albergar obras de grande qualidade. E, é obvio, logo estavam as histórias de sexo e pecado, das que Colin certamente se faria cargo.

Perguntou-se onde estariam as garotas das cristaleiras. No momento só tinha visto cafés, coffee shops (onde, por isso sabia, podia-se comprar maconha), lojas de lembranças, bares e clubes. Não se viam prostitutas por nenhuma parte detrás dos cristais, fazendo gestos aos viandantes.

O táxi se deteve diante de um precioso edifício de tijolo. Tinham chegado. Tal e como Colin havia dito, o hotel era pequeno e íntimo, com um bar não muito grande no primeiro andar e cinco níveis mais de habitações. Enquanto caminhavam pelo corredor da planta superior, Lissa não ouviu nem um só ruído procedente das habitações. As paredes deviam estar tiradas o som, pensou, e logo se perguntou se talvez aquela era uma das razões pelas que Colin tinha escolhido aquele lugar. Faria-lhe coisas que a fizessem gritar? voltou-se para lhe olhar, mas não encontrou respostas em seu rosto.

— Não te incomode — disse ele enquanto Lissa começava a desfazer a mala.— Faz um dia muito bonito para perder o tempo com isso. Já teremos tempo mais tarde.

Ela agarrou sua jaqueta texana e lhe seguiu fora da habitação. Enquanto esperavam o elevador, lhe agarrou a mão e, uma vez dentro, beijou-a. Os beijos do Colin sempre transformavam a Lissa. Inclusive agora que não confiava plenamente nele, seus lábios sobre os seus eram capazes de apagar qualquer outro pensamento. Fechou os olhos e ele pôs uma mão sobre seu rosto. Começou como um beijo doce, só lábio contra lábio, mas antes de que se separassem lhe mordeu o lábio inferior com força. Instintivamente, Lissa se lambeu a ferida e lhe olhou com olhos exagerados.

— Está preparada?

Pensava fazê-lo ali, no elevador? Não. Chegaram à planta baixa e Colin a guiou pelo vestíbulo do hotel para a rua.

— Está-o, Lissa? — perguntou ele de novo enquanto caminhavam por uma sinuosa rua por volta de um dos canais.

Esteve a ponto de responder: « Preparada para que?», mas era muito pronta para fazê-lo. Sabia o que ele queria que dissesse. Apertou-lhe a mão e respondeu:

— É obvio.

— Preparada para algo? — perguntou ele a seguir, assinalando para o que parecia um café

em uma esquina. Lissa sorriu. Em Amsterdam, muitos pequenos cafés eram em realidade coffee shops. Sim, vendiam café, e às vezes inclusive pão-doces ou pasteis, mas também vendiam maconha. Colin queria droga. Assim era isso o que queria dizer com «preparada para algo». Se sentiu aliviada. Nunca tinham feito algo assim juntos, mas parecia o mais apropriado estando em Amsterdam Colin a guiou para o coffee shop. E ali foi onde oficialmente começou seu tour pela cidade.

O Greenery estava dividido em um bar a um lado da sala e várias mesas de madeira e bancos ao outro. Em uma segunda sala havia sofás de veludo e travesseiros de todas as cores. O local tinha certo ar suntuoso, quase mediterrâneo, e os clientes pareciam muito relaxados, comodamente sentados nas poltronas ou tombados nos bancos. Era justo a imagem que Lissa tinha de um antro de perdição.

Colin comprou dois nêscios já atados e pediu dois rápidos.

— O primeiro para te relaxar e o segundo para despertar.

— Não acabarei justo onde comecei? — perguntou ela. — Um anulará o efeito do outro? — Não estava tentando fazê-la graciosa. Realmente queria sabê-lo.

Colin a olhou com atenção.

— Alguma vez fumaste um nêscio, verdade? — disse-lhe tranqüilamente. Avançaram entre as mesas para o sofá de dois lugares que estava livre.

— Sim que o provei -respondeu ela enquanto se sentavam— , na universidade...

Ele a olhou com ar incrédulo.

— Mas não me fez muito efeito — continuou Lissa.

— Quer dizer que não tragou a fumaça? Como seu presidente, Bill Clinton.

Lissa ficou vermelha.

— Sim que me traguei — insistiu ela. Que discussão tão curiosa. por que tentava convencer ao Colin de que tinha feito algo que era ilegal em seu país? Não estava muito segura, embora tinha claro que não queria que pensasse que não tinha vivido nenhuma experiência interessante antes de lhe conhecer. Apesar do que ele acreditasse, ela não era tão infantil. Recordava uma vez no apartamento do Beau. Ela estava sentada em um gasto sofá de pele, fumando um nêscio que ele tinha encalacrado, e lhe disse « Quando me vai fazer efeito? Não sinto nada». Ele, que era todo um perito na matéria, aconselhou-lhe que se acalmasse e deixasse que as coisas seguissem seu curso. Mas nada tinha passado.

Com o Colin foi justamente o contrário. Duas impregnadas do primeiro nêscio e começou a sentir-se cálida e maleável. Recostou-se no sofá, olhando encantada o mural de estilo marroquino que cobria a parede oposta. Estava tão relaxada que nem sequer lhe ocorreu criticá-lo. Não era mais

que algo decorativo, não se tratava de nenhuma obra de arte que tivesse que catalogar e dissecionar.

— Ainda está preparada para algo? — perguntou-lhe Colin.

Vá, vá. Apartou a vista do mural para poder ver seus olhos verdes. Estava-lhe dizendo algo, mas não sabia o que era. De repente lhe ocorreu que talvez soubesse que tinha estado bisbilhotando em suas coisas, que talvez a tinha descoberto. Seu pulso se acelerou e pensou em lhe explicar que não tinha sido sua intenção encontrar aqueles e-mails, que não tinha querido pinçar entre seus arquivos. Mas não era ele o que deveria lhe explicar a ela umas quantas coisas? Olhou-lhe de novo e soube que Colin não sabia nada. Talvez fora a erva, que trocava sua percepção da realidade e a voltava paranóica. Aspirou outra imersão, deixou sair a fumaça lentamente e logo lhe beijou e disse enquanto exalava:

— É obvio, Colin. Algo que possa me oferecer.

Capítulo Quarenta e Quatro

Colin se levantou para pedir outras duas taças de café. Enquanto, Lissa observou sua imagem refletida em um dos espelhos do local. Vestia uns jeans negros e um pulôver de pescoço alto de cor cinza pálida debaixo da jaqueta texana. Tinha as pernas cruzadas e lhe viam uns centímetros das botas de pele negras. Com o cabelo recolhido em uma rabo-de-cavalo, parecia uma universitária qualquer que tivesse ido passar uns dias de farra em Amsterdam antes de retomar as aulas. Tinha visto muitas daquelas garotas passeando pelas tortuosas ruas com o desejo de viver mil aventuras refletido em seus rostos.

— Agora sim que o sente, verdade? — perguntou-lhe Colin quando voltou para o sofá junto a ela.

Lissa assentiu e fechou os olhos.

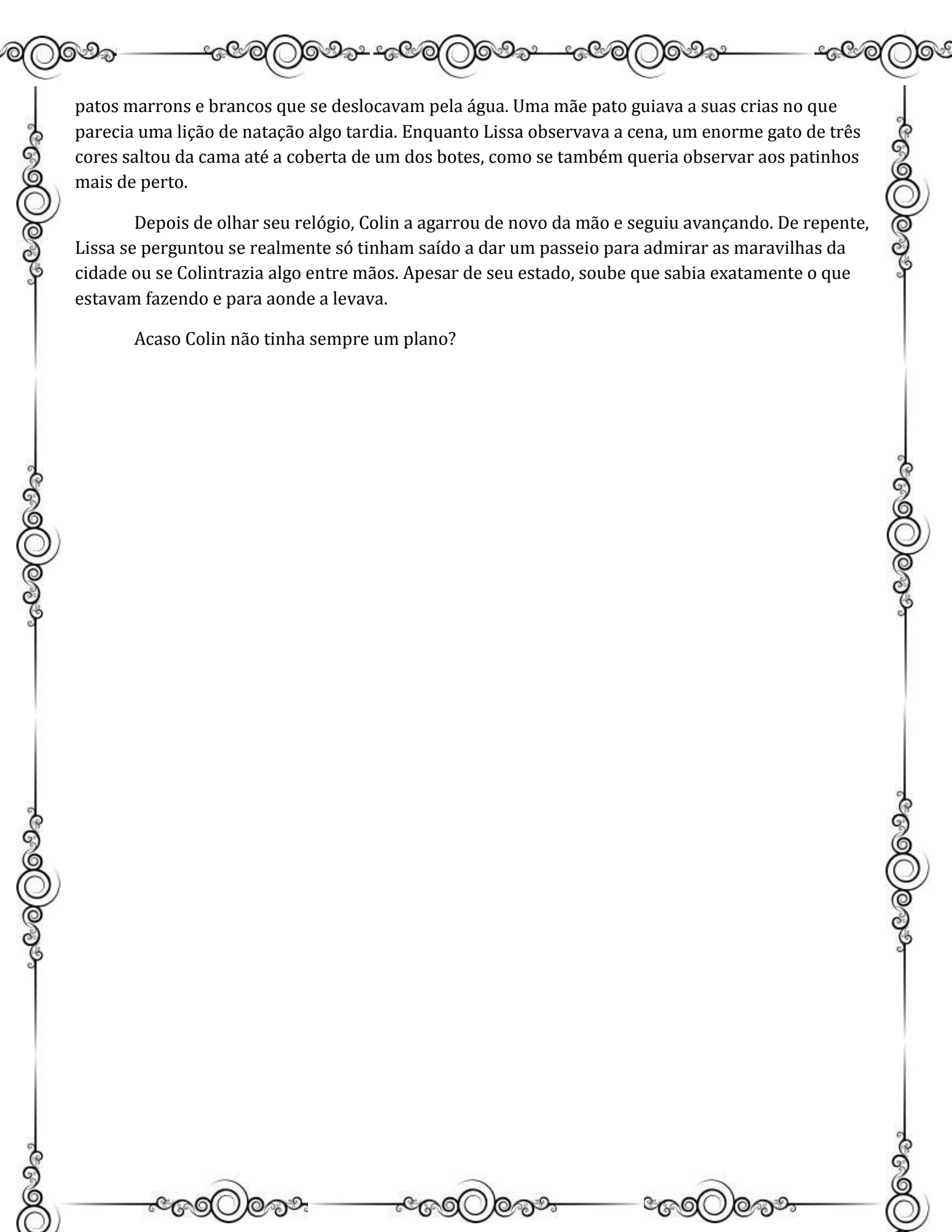
— Sobre tudo — explicou com um fio de voz — , sinto-me relaxada.

Talvez aquela fora a razão pela que a maconha não lhe tinha feito efeito na universidade. Naquela época nunca se sentia relaxada, sempre estava concentrada em seus estudos e era incapaz de deixar-se levar. Perdeu-se parte da experiência que supunham os anos de carreira, pensou, sentindo-se mais desinibida

Abriu os olhos e tomou um sorvo do café que Colin havia lhe trazido. Ele já ia pelo segundo, e ela nem sequer tinha provado o primeiro. A cafeína lhe fez efeito em seguida, mas não da forma que esperava. Seu pulso não se acelerou nem se ruborizaram suas bochechas. Sentia-se mais cheia de energia mas, entretanto, seguia sentindo-se relaxada. O que mais gostaria agora era caminhar e explorar a cidade desfrutando daquela nova consciência. Colin pareceu entender seus desejos e, logo que Lissa acabou o café, ficou de pé e lhe tendeu a mão, guiando-a para a saída.

Fora, seus sentidos seguiam alertas. Fixou-se nas cores da roupa dos ciclistas e em como as nuvens pareciam pendurar do céu a escassos metros de suas cabeças. Sentiu-se como se estivesse dentro de um quadro, experimentando as cores com a pele, com os olhos, com a boca. Era esse o efeito que a maconha tinha em todo mundo? Se era assim, então entendia por que alguns preferiam estar drogados todo o dia. Cada sensação era mais intensa e não podia deixar de olhar a seu redor. Quis ir ver um quiosque de revistas coberto de grafitis, mas quando Colin avançou em outra direção se sentiu exatamente igual de cativada pelas flores de um mercado ao ar livre.

Gostava de sentir a mão do Colin na sua, guiando-a entre a multidão. Chegaram a uma das ruas circulares que discorriam paralelas a um canal. Mais abaixo havia casas flutuantes e grupos de



patos marrons e brancos que se deslocavam pela água. Uma mãe pato guiava a suas crias no que parecia uma lição de natação algo tardia. Enquanto Lissa observava a cena, um enorme gato de três cores saltou da cama até a coberta de um dos botes, como se também queria observar aos patinhos mais de perto.

Depois de olhar seu relógio, Colin a agarrou de novo da mão e seguiu avançando. De repente, Lissa se perguntou se realmente só tinham saído a dar um passeio para admirar as maravilhas da cidade ou se Colin trazia algo entre mãos. Apesar de seu estado, soube que sabia exatamente o que estavam fazendo e para aonde a levava.

Acaso Colin não tinha sempre um plano?

Capítulo Quarenta e Cinco

O sexo sob os efeitos da maconha era mais que intenso, uma das poucas situações nas que Colin podia gozar sem necessidade de recorrer a seus métodos habituais. Agora, de volta no hotel para tomar um pequeno descanso depois de fazer tanto turismo, tinha a Lissa tombada com as pernas sobre seus ombros. Ainda sentindo-se embriagado pela erva mágica de Amsterdam, Colin se tomou seu tempo. Beijou e lambeu a Lissa entre as pernas até que saboreou os deliciosos sucos de seus lábios. Adorava aquele sabor.

— É tão doce... — murmurou sem apartar a boca de seu sexo.— Tão fodidamente doce...

Lissa sentiu a vibração daquelas palavras contra sua pele e, embora não entendeu o que Colin acabava de dizer, o prazer daquele som quase a levou até o clímax. Se continuava falando ali, entre suas pernas, gozaria imediatamente. Sentia-se algo confusa, quase entorpecida, mas de alguma forma aquele estado não fazia mais que intensificar o prazer.

Agora entendia por que seu namorado da universidade, Beau, sempre tinha querido que fizessem o amor depois de fumar uns néscios. Nunca se deram o gosto de prová-lo porque Lissa era incapaz de entender a razão pela qual fazê-lo naquelas condições supunha uma experiência totalmente distinta do sexo mais convencional. Agora sim o entendia.

— Me diga o que quer — disse Colin de repente, trazendo a de volta ao mundo real.— Diga-me no que está pensando.

Esse era seu método de tortura favorito. Não implicava dor, como ocorria com os açoites. Mas inclusive agora, depois de vários meses juntos, a Lissa ainda resultava difícil compartilhar suas fantasias. Gaguejou e ficou vermelha, incapaz de falar, tão perto do orgasmo que quase podia saboreá-lo.

— Pararei — ameaçou Colin, como sempre, sujeitando a cenoura diante de seu nariz.— . Te deixarei aqui te retorcendo, sem poder chegar ao final.

Não, Lissa não queria que passasse isso. Diria-lhe o que quisesse, recuperaria alguma outra fantasia das profundidades de sua memória e a compartilharia com ele. De repente pensou, inclusive naquele estado de ausência total, que se compartilhava outra fantasia com o Colin ele trataria de fazê-la realidade. Tinha-o feito uma e outra vez, de modo que tinha que tomar cuidado com o que pedia. Não era essa a moral de algum conto para meninos?

Tome cuidado com o que desejas, porque pode fazer-se realidade.

Colin pensou que aquela era uma fantasia perfeita. Lissa queria gozar enquanto outros a seu redor a olhavam. Tinha tirado a idéia de uma famosa fotografia em branco e preto da década de 1960. Ele tinha visto aquela mesma imagem em uma revista e a cena lhe tinha impactado.

A fotografia mostrava a uma mulher no centro de um grande tapete, rodeada por umas cordas de veludo como se fosse a obra de arte de um museu. A modelo estava nua e se masturbava. Atuava como se não se desse conta do que a rodeava, embora não estava sozinha. A seu redor, o mecenas da exposição a observavam. Eles eram a parte principal da fotografia, a mais importante. A expressão em seus rostos era do mais reveladora. Os homens a observavam com descaramento, com luxúria no olhar. As mulheres, entretanto, pareciam querer ocultar suas próprias inseguranças, e se mostravam falsamente emocionadas pelo que viam.

— Sempre me encantou essa imagem — explicou Lissa — , desde a primeira vez que a vi.

— E quer ser a garota da fotografia? — perguntou Colin.

— Para poder ter a toda essa gente ao meu redor... — deixou as palavras no ar, perguntando-se até onde chegaria Colin para converter sua fantasia em realidade.

Tinha completo com sua petição e lhe tinha confessado seus pensamentos mais íntimos, assim que ele deixou que chegasse ao orgasmo. A sensação foi mais intensa, tanto que todas as terminações nervosas de seu corpo vibraram de prazer ao unísono, como se seu corpo fosse um instrumento que Colin tocava com os dedos e com a língua. Desejou um público que presenciasse aquele concerto de sexo. Aplaudiriam depois da última nota?

Capítulo Quarenta e Seis

Aquela mesma tarde decidiram visitar o Museu Erótico, que, segundo Colin, não tinha muito que ver com o Museu do Sexo que se encontrava no centro da cidade. junto à porta havia uma fonte de mármore branco e preto com forma de pênis gigante. Lissa observou encantada como a água saía disparada pela ponta, criando um jorro que alcançava vários metros de altura.

— Só em Amsterdam — disse Colin, com um sorriso nos lábios. A ele aquela fonte parecia inoportuna, embora a Lissa parecia lhe encantar, especialmente em sua estado de alteração mental. Sabia que de não estar sob os efeitos da maconha, a escultura não tivesse sido de seu agrado. Deixou que a observasse uns minutos e logo a guiou para o interior do museu, depois de fazer um rápido gesto com a cabeça à atrativa morena que lhes vendeu as entradas na bilheteria.

Lissa se precaveu daquele intercambio de olhares, mas não tinha idéia do que podia significar. Leu o nome da jovem na placa que tinha presa no peito: Gina. Enquanto a garota contava a volta das entradas, Lissa a observou com mais parada. Tinha o cabelo comprido e castanho, recolhido com um passador prateado, e a franja curta, uso Bettie Page.

De repente Gina levantou a vista e se encontrou com os olhos de Lissa fixos nela; respondeu a seu olhar com um amplo e lento sorriso. Lissa se ruborizou e olhou rapidamente em direção aos pôsters que penduravam na parede, detrás da garota. As pessoas eram da exposição do Museu de Arte Erótica de Paris, com fotos dela mesma que lhe devolviam o olhar. Gina seguiu a trajetória de seus olhos e sorriu ainda mais abertamente.

Sabia algo, verdade?

Pensou que talvez tratava de ler mais em cada detalhe do que realmente havia. Entretanto, sabia que Colin tinha preparado algo no museu, algo que talvez superasse o de Hamburgo e inclusive o de Paris. Mas o que? Não sabia. Enquanto subiam as escadas que levavam ao primeiro andar, Lissa decidiu deixar de tentar adivinhar suas intenções.

— Tem que subir até acima de tudo e ir baixando — lhe disse Colin, lhe explicando a razão pela qual não se detinham no primeiro andar. — Como em Paris, só que aqui não há elevador.

Lissa se esqueceu da Gina e começou a observar tudo o que tinha ao redor. Aquele museu era muito distinto dos dois que tinham visitado antes. O edifício que o albergava era muito estreito, e também menor e pior cuidado que os de Paris ou Hamburgo. De fato, tudo estava em bastante mal estado. Em alguns pontos a pintura vermelha se desprendia das paredes. As escadas estavam sujas.

O lugar, em geral, transmitia uma sensação de abandono bastante desagradável. Entretanto, nada de tudo aquilo lhe subtrairia valor à experiência. O sexo podia ser sujo, Lissa sabia, e desfrutar da arte podia significar também desfrutar daquilo que o rodeava. As obras que se dispunham a ver eram talvez de um gênero mais subido de tom que as exposições dos outros dois museus.

Na planta superior, Lissa descobriu para sua surpresa que não havia nenhuma peça de arte pendurando das paredes. Em seu lugar, havia manequins vestidos com couro e vinil colocados em várias cenas. Em uma esquina, recreava-se uma relação de dominação e submissão em que uma mulher vestida com roupa de vinil se elevava sobre seu escravo masculino, quase nu e encolhido no chão. Ao outro lado da sala, um homem parecia lhe fazer proposições a uma prostituta, que alargava uma mão em espera do pagamento por seus serviços. No centro havia uma cadeira com ataduras, vazia, preparada para que algum pobre submisso fosse imobilizado nela. Lissa se deu conta daquele detalhe justo quando Colin passou um braço por sua cintura e a guiou para o centro da sala.

— Aqui não — se queixou ela, quase sem dar-se conta. Sabia que havia pessoas para visitar o museu, ela mesma a tinha visto. Essa vez não haveria forma de evitar que os interrompessem. A idéia de ser pilhados in fraganti lhe revolveu o estômago. Claro que em Paris não tinha passado nada (além do da fita de vídeo, que de todas formas tinha sido idéia do Colin). Assim que talvez ninguém os visse...

— Está desobedecendo uma ordem? — perguntou Colin, interrompendo seus pensamentos. Seus olhos verdes brilharam quando começou a despi-la.

Lissa se mordeu um lábio. Não queria lhe desobedecer, mas tampouco se sentia preparada para protagonizar uma cena em público.

— Dei-te alguma vez motivos para que não confie em mim? — quis saber ele. Falou-lhe em voz baixa e com expressão séria.

Sim, os tinha dado. Estava confabulando com outra pessoa e ela sabia. Mesmo assim, negou com a cabeça.

— Desde todas as vezes nas que estivemos juntos, em alguma te pus em perigo? — perguntou Colin.

Lissa negou de novo com a cabeça. Por isso ela sabia, não tinha havido riscos reais em nenhum de seus encontros. Todos tinham sido perfeitamente orquestrados para que ela se sentisse sempre a salvo.

— Me responda — exigiu ele. Sua voz tinha adquirido um tom severo, lhe recordando que sempre esperava uma resposta verbal a suas perguntas.

— Nunca — disse ela tremendo, enquanto Colin continuava despindo-a. Começou a sentir-se excitada, seus mamilos duros pelo contato de seus dedos sobre sua pele. Sentiu também aquela sensação entre as pernas, aquela umidade cada vez mais intensa, e se perguntou quanto teria que

esperar para que ele a penetrasse. Normalmente, quando representavam uma de suas cenas, a fazia esperar até que quase não podia conter-se. O que aconteceria se pedisse que primeiro a fedesse? Um bom orgasmo conseguiria relaxá-la e lhe ajudaria a concentrar-se em comportar-se bem para ele.

Antes de que pudesse dizer nada, Colin lhe tirou as botas e começou a lhe desabotoar os jeans. Realmente pensava despi-la ali, em público? Isso parecia, pensou enquanto lhe tirava a calça. Logo agarrou a calcinha pela cintura e começou a baixar-lhe muito devagar. Lissa fechou os olhos. Sempre lhe resultava mais fácil com os olhos fechados. Assim podia fingir que aquilo só estava passando em sua imaginação e não em um lugar público.

Ouviu o som metálico das correntes fechando-se sobre seus pulsos e sentiu as fitas de couro deslizar-se ao redor da cintura e do pescoço. A luz entrava na sala por uma clarabóia situada justo em cima dela e teve a estranha sensação de ser imensamente vulnerável durante as horas de sol.

Sentiu a ponta de seu pênis lhe roçando os lábios e imediatamente abriu a boca para recebê-lo. Puro instinto. Não necessitava uma ordem direta para chupar-lhe. Simplesmente o fez, como uma menina boa. Entretanto, em sua mente ainda se passavam as perguntas. Quando pensava lhe explicar o que queria dela? Praticariam só sexo oral enquanto estava atada à cadeira? Aquilo não parecia próprio da intensidade que sempre tinham suas relações. Se a tinha levado até Amsterdam, era porque tinha um plano mais elaborado que esse.

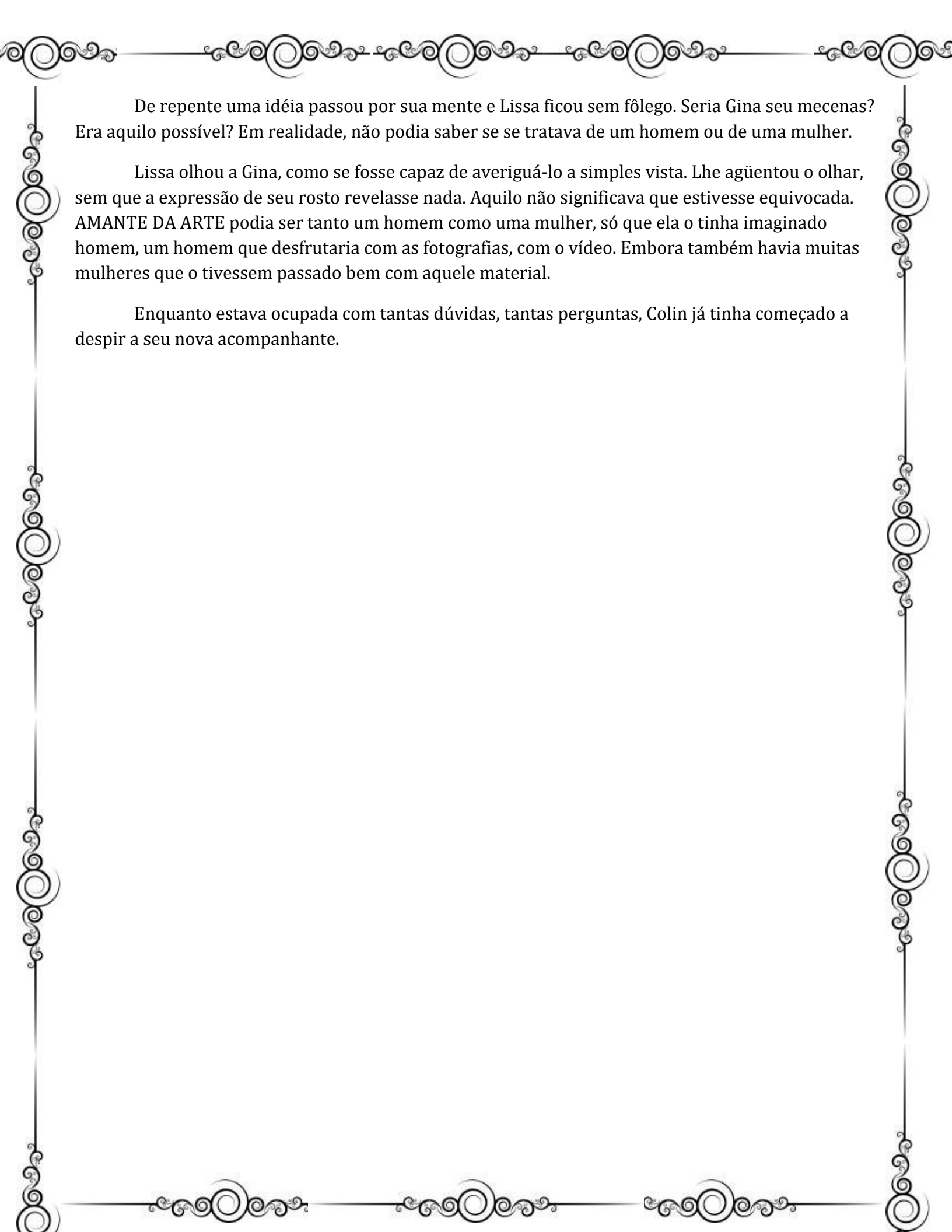
— Está preparada?

Embora aquela era a pergunta do dia do Colin, as palavras tinham sido pronunciadas por uma mulher, cuja voz parecia provir das escadas que levavam a sala. Lissa fechou os olhos ainda com mais força, tratando de evitar ver uma expressão de horror no rosto da desconhecida. Embora talvez pensasse que ela e Colin formavam parte da exposição, que aquilo era uma espécie de performance organizada pelo museu. Colin tirou o pênis de sua boca e se separou dela. Ouviu-lhe dirigir-se à mulher e sentiu que começava a relaxar-se. Aquela era uma experiência que a assustava, mas ao menos não ia passar diante de uma completa estranha. Era evidente que Colin e a mulher se conheciam.

— Gina — disse ele — , que bom que tenha decidido te unir a nós.

— Como ia rechaçar semelhante convite? — respondeu ela. Tinha um acento que Lissa não conseguiu identificar. Não era holandesa, isso estava claro. Italiana, talvez. Ao menos o parecia. Entreabriu os olhos para poder observar a cena sem ser vista. A garota levava calças de couro e uma camiseta branca que deixava ao descoberto uma tatuagem de brilhantes cores em um de seus ombros. Abriu mais os olhos, tratando de decifrar o que representava aquele desenho. Parecia um lagarto, mas não podia estar do todo segura.

Gina, ao sentir seu olhar sobre ela, deu-se meia volta e lhe sorriu. Lissa se ruborizou e desejou ter mantido os olhos fechados. Agora que os tinha aberto, pensou, resignaria-se a acatar os planos que Colin tivesse para ela.



De repente uma idéia passou por sua mente e Lissa ficou sem fôlego. Seria Gina seu mecenas? Era aquilo possível? Em realidade, não podia saber se se tratava de um homem ou de uma mulher.

Lissa olhou a Gina, como se fosse capaz de averiguá-lo a simples vista. Lhe agüentou o olhar, sem que a expressão de seu rosto revelasse nada. Aquilo não significava que estivesse equivocada. AMANTE DA ARTE podia ser tanto um homem como uma mulher, só que ela o tinha imaginado homem, um homem que desfrutaria com as fotografias, com o vídeo. Embora também havia muitas mulheres que o tivessem passado bem com aquele material.

Enquanto estava ocupada com tantas dúvidas, tantas perguntas, Colin já tinha começado a despir a seu nova acompanhante.

Capítulo Quarenta e Sete

A primeira parte daquela nova cena ideada pelo Colin foi mas difícil para a Lissa que qualquer outra coisa que tivessem feito juntos até o momento. Mais que atarde no Père Lachaise e nas catacumbas, ou no Museu Erótico de Hamburgo. Mais inclusive que o episódio do vibrador com controle remoto. Todos os pequenos passos em sua relação empalideciam junto ao que Colin tinha planejado para aquele dia. Enquanto Lissa seguia atada à cadeira, impotente e submissa, lhe destroço as calças de couro a Gina, deslizou-os por suas preciosas coxas e a penetrou. Lissa sabia que seupênis ainda estava molhado depois de ter dançado entre seus próprios lábios e não podia acreditar-se que houvesse utilizado sua boca para esquentar-se com as preliminares.

— Carinho — disse Colin em voz baixa, e Lissa não soube se se referia a ela ou a Gina — , é tão bonita... — E um segundo depois, acrescentou— : As duas são preciosas.

por queA obrigava a olhar? Aquilo era mais do que podia suportar. Sentiu que os olhos lhe enchiam de lágrimas e se poria a chorar se Colin de repente não tivesse trocado a Gina de posição, cara a cara com a Lissa, as mãos sobre os braços da robusta cadeira, seus lábios a tão somente uns centímetros dos seus. Não ia chorar enquanto aquela garota a olhasse. Nada a faria sentir pior que mostrar-se fraca diante dela.

— Beija-a — ordenou Colin, e Gina, entendendo que se dirigia a ela, obedeceu imediatamente, inclinando-se para frente e beijando a uma surpreendide Lissa nos lábios. Suas vontades de chorar desapareceram por completo e foram substituídas por uma sensação nova. Sentia os sensuais lábios da Gina sobre os seus, podia cheirar seu perfume de flores, suave e luminoso, como a lavanda.

— Lhe devolva o beijo, Lissa — ordenou Colin, enquanto ele ainda seguia penetrando a Gina detrás. Observou-a fixamente, esperando que obedecesse suas ordens. Depois de um momento de dúvida, Lissa separou os lábios sobre os da Gina e pôde sentir sua língua dentro da boca.

Era incrível. Já antes tinha pensado nisso, é obvio que sim. E Colin o tinha sugerido uma e outra vez, tinha conseguido que a idéia penetrasse em sua mente. Inclusive se tinha masturbado pensando nisso, acariciando o clitóris enquanto imaginava uma cena muito parecida com a que agora estava vivendo. Entretanto, beijar a uma mulher na vida real era uma sensação muito distinta de qualquer que tivesse podido criar em sua mente. Era a diferença entre ouvir falar de um delicioso bolo de chocolate e afundar os dentes no primeiro bocado.

De repente entendeu o que tinha querido dizer AMANTE DA ARTE em sua última mensagem. Queria que experimentasse o sexo com outra mulher. Como sabia que era algo com o que ela tinha fantasiado? Algo trocou em seus sentimentos para a pessoa que se ocultava detras do pseudônimo.

Queria que Lissa fosse feliz, que experimentasse tudo aquilo com o que alguma vez tinha sonhado. Só procurava seu prazer e Colin era a ferramenta com a que proporcionar-lhe Mas por que?

antesque pudesse seguir tratando de averiguar as motivações de AMANTE DA ARTE, sentiu as gemas dos dedos da Gina lhe acariciando os mamilos. Suas mãos cobriram seus peitos e Lissa sentiu o tato do frio metal sobre sua pele. Baixou o olhar e viu que a jovem levava vários anéis em cada mão, e estes se cravavam em sua carne enquanto a acariciava, cada vez mais abaixo, por cima das costelas, e cada vez mais perto de seu sexo.

Se não estivesse atada a aquela maldita cadeira... Poderia tocá-la, acariciar seu rosto com as mãos, beijá-la nos lábios, mordê-los, e logo percorrer seu comprido pescoço com beijos suaves até chegar ao pequeno fossa entre suas clavículas. E lambe. Perguntou-se que sabor tinha sua pele, que sons emitiria se...

— Faz que goze — disse Colin, arrancando a Lissa de suas fantasias— Acaricie-lhe o clitóris com os dedos. Círculos pequenos e rápidos. Quando estiver a ponto de chegar, faz-o mais devagar.

Sim, conhecia-a a perfeição, pensou Lissa. Sabia exatamente o que gostava. E Gina parecia uma boa estudante. Seguiu as instruções do Colin com soma precisão, descrevendo círculos sobre seus clitóris até que esteve a ponto de explodir de prazer. Embora seguia as indicações que lhe dava, também utilizava seu próprio método, provocando de uma forma sedutora, entendendo instintivamente quando Lissa estava a ponto de chegar ao orgasmo e detendo-se então para mantê-la sempre ao limite. Lissa emitiu um som, uma súplica gutural e profunda, e Gina sorriu.

— Ainda não — lhe sussurrou.— Mais devagar, vale?

Lissa assentiu.

— Sim — respondeu com voz rouca — , ok.

Uns minutos antes, não podia deixar de pensar em quão furiosa estava com o Colin por pô-la naquela situação sem nem sequer avisá-la. Sua ira, entretanto, foi-se derretendo com o passo dos minutos, de um «como atreve» a « quando me toca ?».Porque o único no que Lissa podia pensar agora era no muito que desejava gozar. Tinha chegado ao ponto no que não podia evitar suplicar, embora sabia muito bem que aquilo não estava acostumado a ser muito útil, ao menos com o Colin. Tudo passava segundo ele o tinha previsto. Mesmo assim, Lissa decidiu tentá-lo.

— Por favor... — rogou sem olhá-lo, concentrada unicamente no rosto da Gina.

— Você gosta?

— Sim — sussurrou.— Mas, por favor...

— Gozara quando eu o faça — respondeu a garota, desfrutando abertamente do poder que detinha. Com uma mão abriu os lábios de seu próprio sexo e começou a acariciar o clitóris. Atirou de algo que Lissa não conseguia ver, enquanto lhe sussurrava— : Quando me fiz o piercing no clitóris,

gozei como um rolo compressor.

Surpreendida ante aquelas palavras, Lissa ficou rígida. Ao mesmo tempo, desejou poder ver o que escondia entre as pernas. Seria um aro ou talvez uma barra? Que tipo de prazer lhe produziria se puxasse do metal com os dentes? Mil pensamentos se amontoaram em sua mente, idéias que jamais se acreditou capaz de engendrar.

— Me beije — sussurrou Gina, e Lissa obedeceu ao momento, com o coração pulsando cada vez mais rápido enquanto Colin acelerava o ritmo de suas investidas. Os círculos sobre o clitóris de Lissa foram mais e mais de pressa, até que ao fim Gina apertou seus lábios contra os dela e lhe sussurrou «agora» dentro da boca.

O clímax teve um triplo efeito, primeiro em cada um dos amantes e logo combinando-se para levar o prazer ao extremo. A sala ficou em silêncio quando os três alcançaram o orgasmo, em um instante de puro êxtase.

Capítulo Quarenta e Oito

Colin e Lissa saíram do museu e se encontraram as ruas de Amsterdam cobertas por uma ligeira chuva. A cidade inteira brilhava em cada gota e os canais eram uma sinfonia de água caindo sobre água.

— Quer que procure um táxi? — perguntou Colin.

Tinha um braço ao redor de Lissa e a calidez de seu corpo era como um bálsamo para ela. Levantou o olhar até encontrar-se com seus olhos, sorriu e negou com a cabeça. Gostava de caminhar, especialmente quando algo a preocupava, como agora. Estava segura de que o passeio de volta ao hotel lhe daria tempo para esclarecer suas idéias.

— Nos vamos empapar — disse ele com certa doçura na voz. A chuva era fina, sim, mas estavam a mais de um quilômetro e meio do hotel.

— Não me importa. Agarra um táxi você se quiser e já me reunirei contigo.

— Passa-te algo? — perguntou ele, aparentemente preocupado.

Lissa negou de novo com a cabeça.

— Nada absolutamente — respondeu ela, surpreendida pela verdade que escondiam suas palavras. Não estava aborrecida, nem sequer confundida. Só queria tempo para processar tudo o que acabava de lhe acontecer. Mas mais importante ainda, tinha o pressentimento de que se estava esquecendo de algo importante, algo crucial.

Caminharam em completo silêncio. Lissa observou a arquitetura dos edifícios, as estreitas casas pintadas de cor marrom. As ruas eram estreitas e muitas não tinham calçadas. Colin teve que levar a Lissa várias vezes até o bordo do canal para evitar os carros. Cada vez que isso passava, ela se mostrava aturdida, agradecia-lhe o gesto com um débil sorriso e logo seguia admirando as ruas pelas que avançavam.

Poderia viver ali?, perguntou-se. Havia algo mágico em Amsterdam, uma coisa muito distinto do que desprendia a outra grande cidade dos canais, Veneza. Talvez ainda fora o efeito da maconha, pensou, embora tampouco tinha fumado tanto. O que mais gostava era a sensação de liberdade. Liberdade para fumar maconha, se queria, ou para viver em um bote ancorado em um dos canais, ou para manter relações em um museu...

Colín a apartou de novo lhe puxando do braço, justo quando um pequeno carro passava a toda velocidade junto a eles. Olhou aos olhos e pôde ler a preocupação que havia neles. Sorriu. Estava bem, confusa e excitada, mas bem.

Beijou ao Colin enquanto ele deslizava os braços ao redor de seu corpo. A chuva decorava o cabelo e o rosto de Lissa com diminutas gotas que pareciam rocio. Ele lhe devolveu o beijo, abrindo-se passo entre seus lábios com a língua, mesclando-se com a dela de uma forma que recordou a Gina e seus suaves lábios contra os seus.

— Nos ficaremos aqui esta noite — propôs Colin quando chegaram ao hotel. — Te parece bem?

Ela assentiu. A idéia de ter que vestir-se para sair ou de tratar de mesclar-se com a multidão de turistas que a essas horas abarrotariam os melhores restaurantes da cidade lhe parecia algo longínquo. Seu mundo ainda girava fora de controle depois dos acontecimentos daquela tarde.

— Tome uma ducha — sugeriu Colin. — Pedirei um pouco de comida e farei que a subam à habitação.

Ainda parecia tratá-la com extremo cuidado, como se acabasse de recuperar-se de uma enfermidade ou tivesse escapado de uma situação perigosa. Lissa sabia que o que lhe preocupava era como podia sentir-se ela depois de lhe ver fazer amor a outra mulher. Mas aquela não era a imagem que a consumia por dentro. Em sua mente só havia uma coisa, e era a lembrança dos lábios da Gina contra os seus, e uma pergunta: voltaria a passar de novo?

Encerrou-se no banheiro, enorme e algo decadente, para assear-se um pouco. Tremiam-lhe as pernas e teve que apoiar-se contra uma das paredes enquanto a água se esquentava. Como tinha podido saber Colin exatamente o que queria? Como sabia quando deter-se, que ponto podia significar cruzar a raia? Acaso era tão fácil ler seus pensamentos? Estava quase segura de que não. E se o era, por que nenhum de seus antigos namorados tinha conseguido interpretar seus desejos com tanta precisão?

Talvez tudo fosse a instâncias do misterioso mecenas, em cujo caso, como podia ele, ou ela, conhecê-la tão bem?

Lissa se passou uma mão pelo cabelo e se surpreendeu ao ver quão molhada estava. Não se tinha dado apenas conta da chuva durante o passeio de volta ao hotel.

Sentiu frio. Tirou-se a roupa empapada e se apressou a meter-se na ducha.

A temperatura da água era perfeita e o efeito sobre seus doloridos músculos imemorável. Lissa girou sob o jorro de água para que chegasse a todas as curvas de seu corpo. Quem tivesse pensado que uma tarde de sexo pudesse ser tão exaustiva? Sabia que a dortinha provocado ela mesma ao lutar por desfazer-se das ataduras. Talvez essa fosse a lição diária do Colin: não resista tanto, simplesmente deixa que aconteça. Mas ao parecer ela nunca era capaz de fazê-lo. Tudo requeria de uma discussão prévia, cada momento, cada ínfimo detalhe. Toda ação precisava ser

discutida e toda sensação inesperada ser analisada.

Fechou os olhos e visualizou o que tinha passado essa tarde enquanto se ensaboava. Se o fazia difícil imaginar-se a si mesmo entre tanta decadência, como uma mais. Suas lembranças não a enganavam e passavam frente a seus olhos fechados como se fossem um filme em camera rápida. Ali estava Gina, inclinando-se para beijá-la. E ali estava Colin, detrás dela, fodendo-a e empurrando-a cada vez mais perto de Lissa com cada nova sacudida. Recordava perfeitamente o tato das mãos da Gina sobre seus peitos a primeira vez que a havia tocado...

Deus, estava-se pondo quente de novo. Sentia-se molhada e não precisamente pela água da ducha. Considerou a possibilidade de satisfazer aquela urgência ela mesma, de deslizar uma mão entre suas pernas e acariciar-se com os dedos em movimentos rápidos e circulares. Um simples roce e soube que só necessitaria uns segundos para alcançar o clímax. recreou-se por um instante naquela sensação, beliscando o clitóris entre os dedos indicadores e polegar e gemendo de prazer. Recordou as palavras da Gina sobre o piercing que levava naquele ponto tão sensível e sentiu um calafrio que lhe percorria o corpo. Era algo que a ela nem sequer lhe tinha passado nunca pela mente e, por isso, não tinha considerado jamais a possibilidade de que aquele ato de automutilação pudesse ser tão erótico. Mas o era. Apoiou-se na parede da ducha e notou o frio dos ladrilhos em suas costas. O jorro de água quente, justo diante dela, caía em cascata sobre seu estômago e suas coxas.

Onde estava? No museu com a Gina, notando o contato de sua mão sobre a pele, percorrendo seu corpo acima e abaixo. A próxima vez se asseguraria de não estar atada. Diria ao Colin que queria usar suas próprias mãos para acariciar a pele de sua companheira de jogos. As mãos, e as Palmas, e também as pontas dos dedos. Ele permitiria? Possivelmente não.

Estava a ponto de alcançar o orgasmo quando abriu os olhos e se precaveu de que a ducha incorporava um aparelho de massagem. Sopesou a possibilidade de utilizá-lo para aliviar-se. Era do tipo que se sujeitavam na mão e massageavam em rotação. Mas o que diria Colin se se inteirasse? Nunca lhe tinha ordenado que não se masturbasse. Provavelmente não lhe importasse se...

Enquanto Lissa tomava banho, Colin estendeu uma manta no chão, em meio da habitação, e colocou os pratos do jantar sobre ela. Fariam um picnic, uma coisa sem dúvida romântico. Acendeu velas de cor marfim e baixou a intensidade das luzes. A viagem a Amsterdam estava saindo segundo o previsto. propôs-se a ensinar Lissa coisas novas, abrir seus olhos, pô-la a prova, e o estava cumprindo ao pé da letra.

Havia mais naquela escapada do que ela podia entender, ao menos no momento, mas tudo estava sob controle, tal como lhe gostava. Ouviu o ruído da água da ducha no lavabo e rapidamente pinçou na bolsa da maquiagem de Lissa em busca de um de seubatom.

Vermelho. Perfeito.

Caminhou até o espelho de corpo inteiro que havia junto à cama e, estendendo o braço por cima de sua cabeça tudo o que pôde, escreveu uma frase no bordo. O lápis de lábios brilhava sobre a

superfície acristalada e não pôde evitar um sorriso ao ver o produto de seu trabalho. Talvez Lissa nem sequer se desse conta do detalhe.

Ao fim e ao cabo, ela não era a destinatária da mensagem.

Lissa despreendeu o aparelho da ducha e o pôs entre as coxas. Manipulou a pressão da água até que encontrou o ritmo perfeito. A sensação do jorro emanando diretamente sobre sua pele era incrível. Jogou com o aparelho, aproximando-lhe mais aos primeiros clitoris para logo apartá-lo no momento exato, acariciando-se com o jorro de massagem até que ouviu a voz do Colin. — Lissa!

Rapidamente deixou o aparelho em seu lugar e olhou através da porta da ducha, empanada pelo bafo, tratando de averiguar se a tinha descoberto in fraganti. Não, ali não havia rastro do Colin. Fechou o grifo, envolveu-se com uma amaciada toalha cor cereja e logo se penteou a loira juba.

Tinha as bochechas rosadas, como lhe ocorria sempre que estava a ponto de chegar ao orgasmo. Mas Colín não tinha por que sabê-lo. Pensaria que a cor de suas bochechas era produto do calor da ducha. Sorriu a sua imagem no espelho e saiu do lavabo, pronta para receber a seu homem.

Capítulo Cinquenta

— Tire a toalha — ordenou Colin justo quando entrava na habitação.

Lissa deixou que a toalha se deslizesse por seu corpo até o chão e se sentiu de repente cheia de glamour, como uma estrela de cinema da década de 1940 ou inclusive como a modelo do famoso quadro do Botticelli. O nascimento de Vênus, desembarcando na praia sobre uma concha de mar, com o cabelo revoando a seu redor e uma mão cuidadosamente situada para cobrir tanta nudez. A arte sempre em sua mente, mesclando-se com as cenas da vida cotidiana. A pele de Lissa, como a da modelo do quadro, parecia brilhar à luz das velas. Deteve-se uns passos de distância do Colin, deixando que a observasse antes de reunir-se com ele sobre a manta, no chão.

— Se aproxime mais.

Avançou uns passos e, ao girar aos pés da cama, viu que ele também estava nu. Uma vez mais foi consciente de sua beleza, de seu corpo alto e esbelto, forte e de uma vez refinado, de músculos definidos mas não muito marcados. Sempre tinha gostado dos homens de aspecto felino e Colin se adaptava perfeitamente à descrição.

O jantar estava servido, mas Lissa se deu conta de que tinha perdido o apetite. O apetite pela comida, para ser mais exatos. Estava faminta do Colin, queria fazer amor com ele com os olhos abertos, entregar-se por completo sem que nada se interpusesse entre eles. Sem ataduras que lhe tapassem os olhos. Sem ataduras que a retiveram.

A luz das velas fazia dançar sombras sobre as paredes. A do Colin se alargou ao aproximar-se dela. Lissa se aconchegou entre seus braços e sentiu o consolo de sua pele. Poucas vezes faziam amor como gente «normal». Para eles tudo girava ao redor de normas, relações de poder — sempre as dele — e a submissão de Lissa a sua vontade. Mas ali de pé frente a ele, entre seus fortes braços, sentiu que eram iguais.

Colin avançou para a cama, mas Lissa negou com a cabeça.

— Quero sentir o ar da noite — sussurrou.

As janelas do hotel davam a uma rua tranqüila. Lissa se desfez do abraço do Colin, separou as cortinas e as atou, e logo levantou o vidro da janela. As nuvens se dissiparam e podia ver-se um céu infestado de estrelas. Lissa ofereceu seu corpo ao Colin, inclinada para frente, com o torso apoiado no batente da janela. Mais abaixo, na rua, viu um casal em bicicleta, ela fortemente agarrada à

cintura dele. Observou-os enquanto se afastavam para a escuridão da rua. Giraram uma esquina, e justo esse foi o momento escolhido pelo Colin para entrar em seu corpo, separando seus lábios com o pênis para encontrar a umidade que sempre se escondia entre eles.

O suspirou de prazer e Lissa se mordeu um lábio, tratando de afogar um gemido. As mãos dele percorreram seu corpo, acariciando-a com as gemas dos dedos, lhe fazendo cócegas na nuca. Tremeu, pelo tato de suas mãos e pela suave brisa noturna que entrava pela janela. O tremor fez que seu sexo se contraísse ao redor do pênis do Colin, que gemeu de novo.

Era como uma dança, os dois movendo-se em silêncio, juntos, em um ritmo perfeito, em uma união indissolúvel. Ambos conheciam os gostos do outro e aproveitavam aquela sabedoria a cada instante. A Lissa gostava de poder fazê-lo sem dor e sem as complicações do sadomasoquismo. Quase era um alívio para ela poder deixar a um lado os jogos, sempre presentes em sua relação. Esta vez seria completo, pensou, sem nenhum acrescentado.

Até que Colin agarrou uma vela.

Em uma mesa baixa de madeira, junto à janela, havia várias velas de cor marfim. Ele se fez com a que tinha mais perto, que era alta e magra e era feita de tiras de cera enroscadas em espiral. Estava detrás dela, assim se Lissa queria ver que fazia tinha que voltar a cabeça. Viu-lhe apagar a chama com um rápido movimento de pulso. Antes que pudesse dizer nada, Colin lhe aproximou a vela à costas e deixou que a cera gotejasse lentamente ao longo da coluna. Lissa se repreendeu a si mesmo pelos pensamentos com os que se entreteve só uns momentos antes. havia-se sentido orgulhosa de que ao fim entre eles houvesse sexo «normal». Mas agora que as regras tinham trocado — outra vez —, sentiu um novo leque de sensações em seu interior.

Por que aquele afã por ser sexualmente normal?

A dor que a cera infligiu em sua pele não se parecia com nenhum outro tipo de castigo que tivesse experimentado em mãos de seu amante. A cada labareda de calor lhe seguiam o fôlego e logo a língua do Colin, para lhe refrescar a pele. Com cada gota, seu sexo se contraía quase com brutalidade ao redor de seu pênis. Era a forma em que seu corpo o fazia saber que o que mais gostavaera a dor, a faísca de algo que estava além do convencional. Mentalmente, sentia-se arrastada a um nível superior ao preparar-se para a seguinte e inevitável gota de cera ardendo, e fisicamente seu corpo se aproximava da cúpula do orgasmo de forma muito mais rápida que se Colin se limitou a esfregar-se entre suas coxas. — Você gosta, verdade, carinho?

Lissa respondeu com um som gutural procedente das profundidades de sua garganta, e desejou que Colin o entendesse como uma afirmação.

— Me diga por que você gosta.

Não tinha intenção de deixar que se livrasse tão facilmente, estava claro. Queria fazê-la falar. Cada novo encontro com ele era como um exame no que ela sempre tinha que esforçar-se ao máximo

para passar.

Os dedos do Colin percorreram as gotas de cera que já se solidificaram sobre a pele, da nuca até a base das costas. Ali se detiveram e separaram as nádegas. Lissa agüentou a respiração enquanto lhe deixava o ânus ao descoberto. Acaso pensava deixar cair cera ali também?

— me diga — insistiu Colin.

Ela respirou profundamente. O que se supunha que devia dizer? É mais, o que podia dizer? Não tinha nem idéia de por que gostava de todas aquelas coisas que faziam juntos. Do único que estava segura eraque seu corpo não mentia e sempre respondia rapidamente, e com muita força, a cada um dos joguinhos que Colin preparava para ela.

— Lissa... — disse ele, avisando-a, esperando sua resposta. No espelho de corpo inteiro que tinha a sua direita, ela pôde ver que Colinlevou a base da vela à boca e a estava chupando.

Soube o que estava a ponto de ocorrer um segundo antes de que acontecesse. Entretanto, sabê-lo não a preparou para aquela estranha sensação de intrusão. Colin foi introduzindo lentamente a vela cada vez mais dentro, com o pênis ainda em sua vagina, e logo começou a penetrá-la de novo, só que agora era como fazê-lo com dois homens de uma vez. Entrava e saía com ambos os pênis de uma vez, o natural e o artificial, e o prazer resultante era tão intenso que Lissa quis gritar sobre os telhados da cidade. Em lugar disso, mordeu-se o interior das bochechas, tratando de manter o controle sobre seus impulsos. Sabia que Colin ainda esperava uma resposta.

— Eu gosto porque... — começou com uma voz quase inaudível, um sussurro.

— Sim?

— Porque já não tenho que pensar mais. — Era isso? Quando ficava em suas mãos, suas próprias responsabilidades desapareciam. Não tinha eleição, nem voz nem voto. Ele exercia um controle total, e havia naquela pequena ditadura algo que lhe resultava imensamente satisfatório. Colin pareceu conformar-se com aquela resposta. Mais que isso, era o queesperava. Quando falou de novo, Lissa acreditou captar certo tom de suficiência em sua voz, como se em todo momento tivesse sabido o que ela ia responder.

— Se olhe — lhe disse. Por um momento, Lissa acreditou queestava advertindo que não lhe desobedecesse. Então se deu contaque queria que voltasse a cabeça para a direita, onde poderia ver sua própria imagem no espelho que pendurava da parede.

— Que bonita é — continuou ele, esta vez com um tom distinto, cheio de admiração.

Lissa observou seu reflexo enquanto lhe colocava a vela cada vez mais dentro, embora ela já se sentia cheia além dos limites. Seus músculos se contraíram ao redor daquele objeto estranho, oprimindo-o com força e logo deixando-o livre de novo, enquanto seu corpo estava cada vez mais perto do clímax. Não agüentaria muito mais. Ambas as sensações, o cilindro de cera e o pênis do

Colin, fundiam-se em uma que a levava cada vez mais perto do limite.

— Estou a ponto de... — murmurou Lissa.— OH, Deus, Colin, vou gozar.

De repente ele se separou dela, agarrou-a pela cintura e a levou para o espelho. Rapidamente lhe fez pôr as mãos sobre a fria superfície, frente a seu próprio reflexo, com aqueles brilhantes olhos verdes olhando-a diretamente. Olhos de lobo. As palavras estalaram em sua mente enquanto gozava. Quem havia dito aquilo? Quem os tinha chamado daquela maneira? Colin voltou a penetrá-la, pelos dois lugares, a um ritmo cada vez mais rápido, afastando qualquer pensamento que não tivesse que ver com o que estavam fazendo.

Enfrentada a seu próprio reflexo, a Lissa não resultava nada fácil manter os olhos abertos. Entretanto, sabia que aquilo era precisamente o que Colin queria. Tinha-lhe encomendado a missão mais complicada de todas e agora estava esperando a ver se obedecia. Lissa respirou profundamente e se concentrou em seu próprio rosto, em seus lábios abertos, em suas bochechas rosadas. Sua larga juba, ainda úmida da ducha, caía formando cachos sobre suas costas. Colin lhe sujeitou o cabelo com uma mão e puxou dele até que o queixo de Lissa se foi elevando e a imagem no espelho lhe devolveu um olhar desafiante. Está-me olhando ?,parecia dizer seu álter ego. Não há ninguém mais. Deve ser para mim a quem olha.

As velas lhe davam ao reflexo uma aparência quase mágica. A luz dourada parecia derreter-se a seu redor e Lissa tinha a sensação de estar olhando uma imagem obscurecida pela água, profunda e brilhante de uma vez. Seu próprio reflexo recordou às mulheres das pinturas pre-raphaelitas, flutuando no rio com um halo de luz que as envolvia. Para cada fase de sua vida, para cada momento, existia uma obra de arte equivalente.

— Goze para mim — ordenou Colin.—Goze gritando.

Não podia obedecer aquela ordem, não em um hotel rodeados de gente que podia ouvi-los. Não com a janela aberta. Como fazê-lo? Como podia lhe pedir algo assim?

— Já! — insistiu Colin, e Lissa, apesar de não acreditar-se capaz de obedecer, sentiu como seu corpo respondia e alcançava o orgasmo, um muito intenso, rápido e ruidoso, com os olhos fechados e a boca entreaberta, e o corpo sacudido por espasmos incríveis.

— Esta é minha garota — lhe sussurrou Colin ao ouvido. — Minha garota especial.

Capítulo Cinquenta e Um

E tanto que era especial. O mecenas esteve totalmente de acordo com o Colin. Observava, mudado, a cena que tinha lugar ante seus olhos. Olhava a Lissa, suas mãos seladas ao outro lado do espelho, seus peitos tremendo pelas sacudidas, seus mamilos rosados quase roçando a fria superfície. Levantou uma mão no ar e percorreu o contorno de seu corpo, imaginando que em realidade acariciava sua pele nua, tersa e suave. Podia imaginar seu tato, quase apalpá-la. Colocou as mãos sobre o cristal, em perfeita simetria com as Palmas dela, muito menores.

Sobre a superfície do espelho, Colin tinha escrito com batom: A ARTE É ANTECIPAÇÃO. As letras estavam escritas do reverso, mas o mecenas podia as ler perfeitamente. Outra das inteligentes ideia do Colin. As palavras não significavam nada para Lissa, mas sim para o Colin e para ele mesmo.

O mecenas a olhou de novo, concentrando toda sua atenção nela. Lissa estava a ponto de gozar. Sabia pela expressão de seu rosto, e desejou poder ouvir o que dizia ao Colin. Imaginou que falava com ele e se perguntou como lhe responderia. Seria incrível fode-la, sentir o tato de sua pele contra a sua. depois de ver as fotos, o vídeo e agora aquela representação direta, estava preparado. De fato, seu pênis estava mais que preparado. Agora tudo o que tinha que fazer era esperar a que Colin lhe desse o sinal. Aquela era a razão pela que tinha viajado a Amsterdam Colin lhe havia dito que esse era o momento para viver aquela experiência em primeira pessoa, e a ideia lhe excitava e lhe assustava de uma vez.

Olhou a Lissa diretamente aos olhos e sentiu que perdia o fôlego quando ela alcançou o clímax. Suas pálpebras tremeram em uma série de movimentos rápidos e logo se fecharam. Mordeu-se o lábio inferior com tanta força que possivelmente ficariam marcas dos dentes. O mecenas desejou poder morder aquele lábio carnudo ele mesmo e se aproximou ainda mais ao cristal, como se pudesse atravessar a superfície do espelho e apanhar o lábio de Lissa entre seus dentes.

Colin não se deteve e continuou penetrando-a, embora ela já tinha gozado. O mecenas sabia, embora em realidade de onde estava não podia ver o que fazia Colin, parafeitado atrás do corpo dela. Mas tinha visto a cena na janela e podia imaginar-se onde estava a vela e o que lhe estava fazendo com ela.

Que inteligente tinha sido por sua parte escolher aquele lugar. O hotel era um antigo bordel, com paredes tiradas o som e espelhos de duas faces na planta superior. Colin conhecia os proprietários — o qual não era nenhuma surpresa, posto que parecia ter contatos em todas partes —, e estes lhe tinham devotado aquela habitação para seu uso privado.

Lissa seguia apoiada no espelho, mas agora parecia mais relaxada. O orgasmo se estendeu por seu corpo como a pólvora, deixando-a visivelmente exausta e, também aliviada. Colin se estava movendo. O mecenas pensou que tinha que atuar com rapidez se queria converter sua fantasia em realidade. Esteve-se acariciando durante toda a cena e agora se aproximou ainda mais ao espelho. Os olhos de Lissa estavam abertos e ela também começou a mover-se.

— Não vá — murmurou o mecenas — , ainda não.

Queria ejacular em cima dela, ver seu sêmen contra sua pele. Oxalá estivesse totalmente apoiada no espelho, assim poderia gozar sobre a superfície de vidro e ver como o líquido esbranquiçado cobria todo seu corpo. Para sua decepção, Lissa se separou do espelho e o mecenas teve que conformar-se vendo como Colín a obrigava a ajoelhar-se a seus pés, ordenava-lhe que abrisse a boca e se limpava em seus lábios. Ele estava de novo excitado e Lissa parecia encantada de lhe agradecer, de tomar seu pênis ereto em sua boca e lhe dar um bom banho com a língua à antigo uso.

Aquilo era melhor que qualquer filme porno que jamais tivesse visto. A ação não parecia sujeita a um guia, nem tampouco forçada, e os atores estavam muito bem dotados. Os atores porno também o estavam, claro, mas aquele casal era real. Seu prazer era imensamente mais genuíno.

Não se acreditava capaz de agüentar muito mais sem tocá-la. Colin o tinha prometido, e seria logo. O mecenas recordou suas palavras e se acalmou. Queria que o momento durasse tanto como fora possível.

Mas quando Colin apartou o cabelo do rosto de Lissa, o mecenas pôde ver seus olhos, a profundidade que desprendiam, e isso o levou até o limite. Um olhar de satisfação, de desejo misturado com luxúria. Era quase como se estivesse olhando a ele. Ejaculou contra o espelho e as gotas do espesso líquido escorregaram pela superfície até o chão.

Capítulo Cinquenta e Dois

Amsterdam despertou muito antes de que Lissa e Colin o fizessem. Para quando estiveram preparados para enfrentar-se a um novo dia, o relógio da mesinha de noite marcava quasemeio-dia. Ele se levantou antes que ela. Lissa notou como se movia na cama e mais tarde ouviu, ainda com os olhos fechados, como chamava o serviço de quarto e encarregava café. Quando foi tomar banho, Lissa se despertou, incorporou-se na cama e tratou de pôr seu cérebro em funcionamento. Uma taça de café era justo o que necessitava, assim cobriu seu corpo nu com uma grossa bata de cor branca, serviu-se uma generosa taça e saiu ao balcão a beber-lhe

A fachada do hotel estava decorada com bandeiras de todos os países. Lissa as observou enquanto a suave brisa as fazia ondear. O tecido das bandeiras fazia um som, uma espécie de bater de asas, que resultava relaxante. Inclinou-se sobre o corrimão do balcão e justo nesse momento se ouviu o ruído da porta do balcão da habitação contigua. Tratou de ver de quem se tratava, mas não pôde. Uma espécie de biombo de madeira, coberto por uma exuberante planta trepadeira, separava um balcão do outro.

Saber que outra pessoa compartilhava suas mesmas vistas sobre a cidade fez que se sentisse um tanto incômoda, como se aquele desconhecido soubesse o que Colin e ela tinham feito a noite anterior, ou inclusive dois dias antes. Retornou ao interior da habitação com a taça de café na mão e se sentou na cama, esperando que Colin sáísse da ducha e lhe explicasse os planos do dia. Sabia que a deixaria visitar o museu Van Gogh, mas também tinha mencionado algo mais, algo que a tinha assustado, justo uns segundos antes de dormir.

Fechou os olhos e tratou de recordar suas palavras e como as havia dito. A lembrança a assaltou de novo rapidamente. Aconchegado a seu lado, com a boca sobre sua orelha, tinha sussurrado:

— Se crê que o dia de hoje esteve cheio de surpresas, então espera a manhã.

Capítulo Cinquenta e Três

A habitação estava preparada, tal e como Colin tinha ordenado. Era pequena e dava ao beco. A cama estava a uns passos da janela e as cortinas estavam corridas, deixando passar a luz cinzenta do entardecer. Sobre a mesinha de noite havia um vaso com narcisos amarelos. Um toque especial. Ele tinha pedido que o lugar fosse limpo e seguro, mas Gina não tinha podido evitar acrescentar um toque de feminidade ao lugar. Sabia que a Colin gostaria.

Sobressaltou-se ao ouvir que alguém batia na porta. Não tinha visto nem Colin nem a Lissa passar por diante da janela. Teriam chegado do outro lado da rua? A habitação estava já preparada, mas o convidado ainda não tinha chegado. Jogou uma olhada pela mira e em seguida se tranqüilizou. Ao outro lado da porta havia um homem alto de cabelo escuro, vestido com uma camisa texana e uma calça cáqui. Parecia o modelo de um catálogo de roupa de rua. Embora nunca antes lhe tinha visto, imediatamente soube que era o sócio do Colin e lhe abriu a porta.

O homem não se desculpou por ter chegado tarde. Não parecia ser alguém acostumado a desculpar-se. Em seu lugar, ofereceu-lhe uma mão e disse: « Gina? Encantado.» Tinha uma voz agradável, profunda e com um marcado acento americano. Lhe estendeu a mão a sua vez e sorriu quando ele a levou aos lábios para beijá-la. Encantador.

Era bonito, pensou, com o cabelo um pouco mais comprido na frente do que estava na moda. Ao olhá-la, teve que apartar ele do rosto com um movimento de cabeça, e esse gesto fez que Gina tivesse vontades de lhe passar os dedos pelo cabelo. Tempo ao tempo. Tinha que ser paciente.

— Tem idéia de como funcionará tudo isto? — perguntou o desconhecido enquanto olhava a seu redor.

Ela assentiu, esquecendo-se da fantasia de lhe tocar o cabelo e concentrando-se na responder à pergunta.

— Colin foi muito preciso a respeito. — Retirou sua mão da dele e avançou para as cortinas de veludo negro que escondiam um pequeno armário do resto da habitação — Esperaremos os dois aqui dentro — continuou — até que Colin nos dê o sinal.

Capítulo Cinquenta e Quatro

Colin guiou a Lissa para o que parecia ser um pequeno beco entre dois edifícios. Ao pôr o primeiro pé ali, ela se deu conta de que aquilo não era só um beco, mas também um mercado de mulheres. Esteve-se perguntando quando Colin lhe mostraria aquela parte de Amsterdã, a atração mais característica da bela cidade holandesa. Um lugar no que se podia ver mulheres expostas em vitrines, como se fossem mercadoria, e logo comprar aquela que melhor se adaptasse às necessidades de cada um. A idéia de escolher a uma mulher do outro lado do cristal lhe resultava algo desagradável, tanto como a rua do muro em Reeperbahn. Embora em realidade, agora que via as garotas mais de perto, não pôde esconder seu interesse. Uma série de enormes escadas do chão ao teto davam passo a umas pequenas habitações. Junto a cada janela havia uma porta, e dentro de cada porta uma mulher.

Apesar de que tinha uma idéia bastante formada do que estava a ponto de presenciar, a visão da primeira prostituta a surpreendeu. Encontrar-se com aquela mulher atrás do vidro de uma janela era muito mais impactante que a interminável fila de putas em Hamburgo. Aquela sensação era muito distinta. Lissa se encontrou com os olhos da primeira prostituta e rapidamente baixou o olhar ao chão. Entretanto, a imagem da mulher ficou gravada em sua mente. Aquela prostituta devia ter uns quarenta anos e um contorno mais parecido ao de uma pêra que ao de um relógio de areia.

— Pode olhar — disse Colin — não lhes importa. Para isso estão aqui. — Falava como se estivesse a ponto de tornar-se a rir.

— Para que as olhem?

— Para que as comprem. Estão acostumadas a atrair as olhadas. É parte do negócio.

Lissa teve que esforçar-se para levantar o olhar do chão. A mulher da segunda janela era mais jovem que a primeira, inclusive mais jovem que Lissa, e ia vestida com uns jeans cortados e uma diminuta regata de encaixe negro.

A terceira janela era maior que as anteriores. Nele, duas mulheres esperavam tranqüilamente, reclinadas sobre um sofá de veludo vermelho. Havia um homem justo em frente do vidro, as observando com fixidez. Parecia não dar-se conta de sua presença, não tinha olhos para nada que não fossem aquelas duas mulheres. Lissa acelerou o passo, as bochechas rosadas, e sentiu que Colin a detinha com um puxão de sua mão. Ela não queria parar, não queria sentir-se cômoda olhando junto a outra pessoa, formando parte daquela multidão de olheiros que observavam às

mulheres como se formassem parte de um espetáculo.

Ela contou a Colin ao ouvido, sussurrando, e lhe respondeu.

— É que formam parte de um espetáculo. Assim é como conseguem que a gente pague. É parte do trato.

Logo deixou que Lissa acelerasse o passo e se reuniu com ela ao final do beco, que desembocava de novo em um canal. As nuvens que durante toda a tarde haviam coberto o céu de um cinza chumbo agora ameaçavam chuva. Refugiaram-se em outro café, este dedicado à figura do Bob Marley, e pediram dois néscios, um café para cada um e uma parte de bolo de limão para compartilhar.

— Como podem suportar algo assim?

Colin não entendeu a pergunta.

— Quero dizer que já sei que essas mulheres são prostitutas... Mas como podem suportar que a gente as olhe dessa maneira?

— você gostaria que alguém te olhasse? — Perguntou Colin em voz baixa, para que só Lissa pudesse ouvir suas palavras — Se não recordar mau, uma vez me disse que algo assim te excitaria.

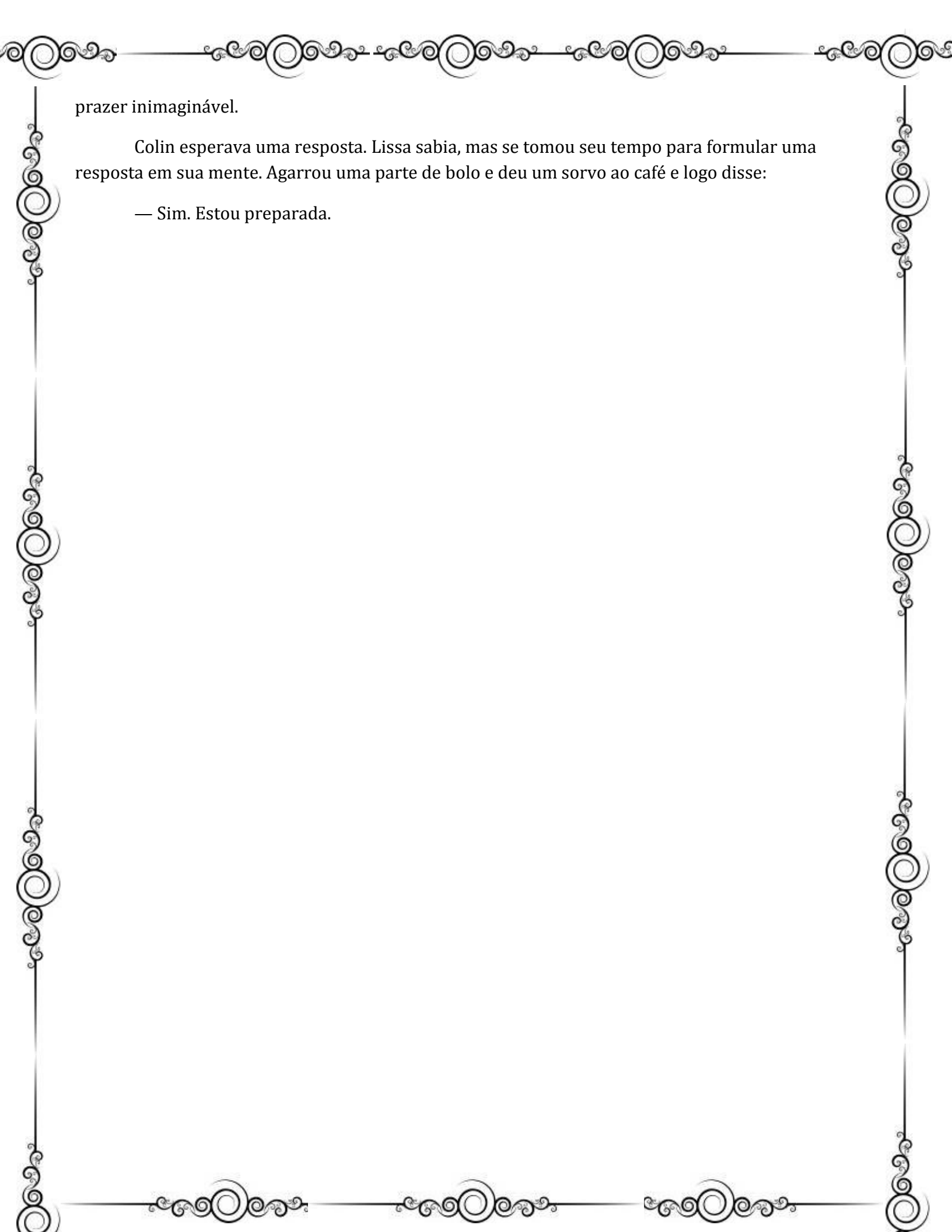
Certo, havia-o dito, e sem ir mais longe, no dia anterior, transportada a outra dimensão pelas formas abstratas que Colin tinha desenhado com a língua sobre seus clitóris. Olhou-lhe fixamente, começando a entender... depois de umas quantas impregnadas, Colin repetiu a pergunta de novo:

— Não quiseste sempre que alguém te olhasse?

O corpo de Lissa estava depravado e, ao mesmo tempo, deu-se conta de que pensava com mais clareza, como se as nuvens se dissipassem em seu cérebro. Não entendia como podia ser que a maconha pudesse ajudá-la a pensar com maior clareza, embora talvez se devesse a que já não se sentia escrava de suas inibições. Não tinha por que dizer o que era politicamente correto, mas sim podia ser honesta e dizer a verdade. Sim, sempre tinha querido que a olhassem, ter uma multidão de gente a seu redor observando-a como o homem do beco olhava às duas prostitutas. Colin sorriu abertamente.

— E está pronta para converter essa fantasia em realidade?

Ali estava, a verdadeira razão pela que a tinha levado a Ámsterdam. Lissa olhou aos olhos, tratando de averiguar se de verdade falava a sério. Admirou seu cabelo vermelho despenteado e seus olhos verdes, brilhando intensos atrás do cristal dos óculos. Não era nada habitual lhe ver assim, e a Lissa pareceu extranhamente encantador que não fizesse nenhum esforço para pentear-se. Colin tinha um meio sorriso nos lábios e, pela expressão de seu rosto, soube que o dizia a sério. Supôs que se dizianão a proposta ficaria nisso, em uma fantasia não realizada. Nunca antes a tinha obrigado a fazer algo que não quisesse. E ao menos até o momento todas suas idéias lhe tinham reportado um



prazer inimaginável.

Colin esperava uma resposta. Lissa sabia, mas se tomou seu tempo para formular uma resposta em sua mente. Agarrou uma parte de bolo e deu um sorvo ao café e logo disse:

— Sim. Estou preparada.

Capítulo Cinquenta e Cinco

A antecipação era o jogo favorito do Colin. A conversa que acabavam de manter não teve nenhuma consequência imediata. Em vez disso, levou a Lissa a uma dos numerosos sex-shops que tinham visto ao longo de todo o dia. A porta estava coberta por tiras de tecido negro que deixavam entrar e sair aos clientes e protegiam o interior de olhares curiosos. Colin não intercambiou uma só palavra com a Lissa, só a agarrou pela mão e pucou ela. Era como entrar na casa da risada, a cortina de tiras de tecido separando-se para deixá-los passar.

Não lhe explicou por que estavam ali, mas sim preferiu deixar que imaginasse e tremesse pensando o que lhe esperava mais tarde. Era tão divertido ver como seus olhos se abriam como pratos e seus lábios se separavam ligeiramente, como se fosse dizer lhe que não, que não queria...

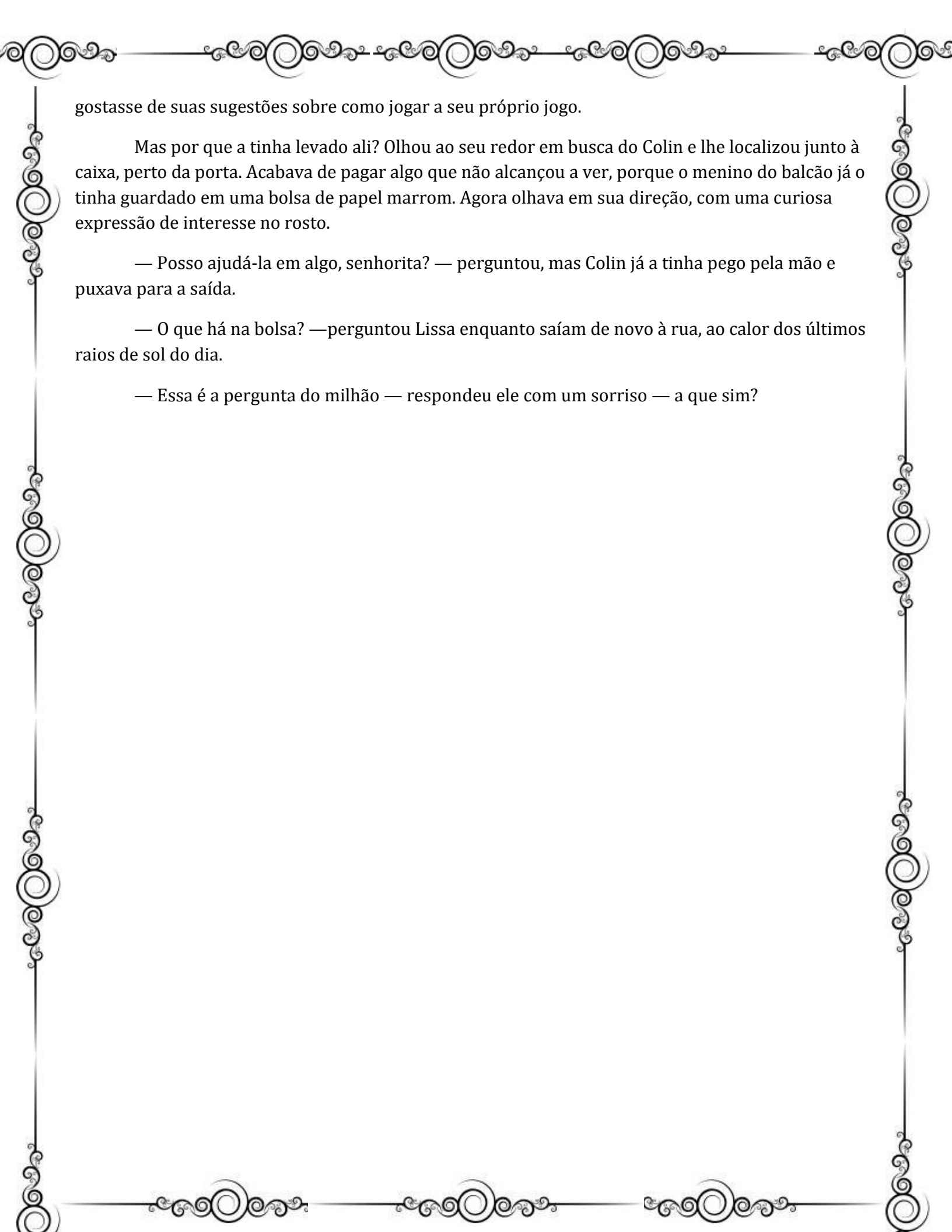
Algumas coisas as tinha feito pelo mecenas, tinham sido fruto do acordo entre ambos. Outras, entretanto, tinham sido planos ideados unicamente para seu próprio prazer. Algum dia explicaria a Lissa quais tinham sido obra dele e quais de AMANTE DA ARTE. E então ela teria que escolher entre os dois. Talvez não estivesse jogando limpo, ao seguir umas regras distintas das que tinha combinado com o mecenas. Mas às vezes os planos trocam, não é certo? No momento avançou para a porta da loja, vigiando atentamente a Lissa pela extremidade do olho.

Ela sentiu como suas bochechas avermelhavam ante o que estava vendo. Era uma boneca inflável de tamanho real que tinha sido usada para mostrar uma grande variedade dos artigos em venda. Alguém devia ter um senso de humor um tanto retorcido, porque estava sujeita com algemas, como se pudesse resistir. Uma atadura de couro negro a protegia dos olhares dos curiosos. Tinha, além disso, um vibrador na boca e outro sujeito com um arnês metido entre as pernas.

Lissa olhou para outro lado, mas o seguinte que encontrou não ajudou a que se sentisse menos incômoda. Havia uma parede inteira coberta de vibradores, cada um deles mais sofisticado que o anterior. O primeiro tinha um pequeno apêndice na base que rodava em círculos, pensado para acariciar o clitóris. Outro tinha forma de coelho e suas orelhas tinham a mesma função. Lissa viu um cujos extremos imitavam a forma de um pênis e que parecia poder dobrar-se em «U». Como se supunha que funcionava aquilo?, perguntou.

Sobre uma mesa havia uma grande variedade de lubrificantes comestíveis, calcinha com sabor a morango e pintura de chocolate para o corpo. Intrigada, estudou os distintos objetos que havia à venda. Outra sala estava cheia de roupa, a maioria fabricada em vinil, couro ou PVC. Lissa acariciou o brilhante material de um macacão ajustado de vinil e imaginou como seria se Colin ejaculasse sobre ele. Sim, era um pouco caipira, mas havia algo nele que a excitava.

Pensou em provar uma das saias vincadas de colegial que penduravam de uma das paredes, mas então caiu na conta de que não era ela a que tinha planejado aquela saída. Talvez ao Colin não



gostasse de suas sugestões sobre como jogar a seu próprio jogo.

Mas por que a tinha levado ali? Olhou ao seu redor em busca do Colin e lhe localizou junto à caixa, perto da porta. Acabava de pagar algo que não alcançou a ver, porque o menino do balcão já o tinha guardado em uma bolsa de papel marrom. Agora olhava em sua direção, com uma curiosa expressão de interesse no rosto.

— Posso ajudá-la em algo, senhorita? — perguntou, mas Colin já a tinha pego pela mão e puxava para a saída.

— O que há na bolsa? — perguntou Lissa enquanto saíam de novo à rua, ao calor dos últimos raios de sol do dia.

— Essa é a pergunta do milhão — respondeu ele com um sorriso — a que sim?

Capítulo cinquenta e seis

Colin levou a Lissa de volta ao beco das prostitutas. Esta vez se detiveram a olhar diante de cada janela. Umas eram maiores, outras mais jovens, mas Lissa não apartou os olhos nenhuma só vez quando seu olhar inquisitiva chamava a atenção de alguma daquelas mulheres. Para isso estavam ali, havia-lhe dito Colin, para que as olhassem. De modo que isso é o que ela pensava fazer.

Ele se deteve frente a uma das janelas que estava vazia, no centro do beco, e Lissa lhe observou enquanto fazia girar o pomo da porta e a abria. Fez-lhe um gesto para que entrasse e logo ele a seguiu e fechou a porta detrás deles. Ela não disse nenhuma só palavra, mas soube imediatamente que algo gordo estava a ponto de passar.

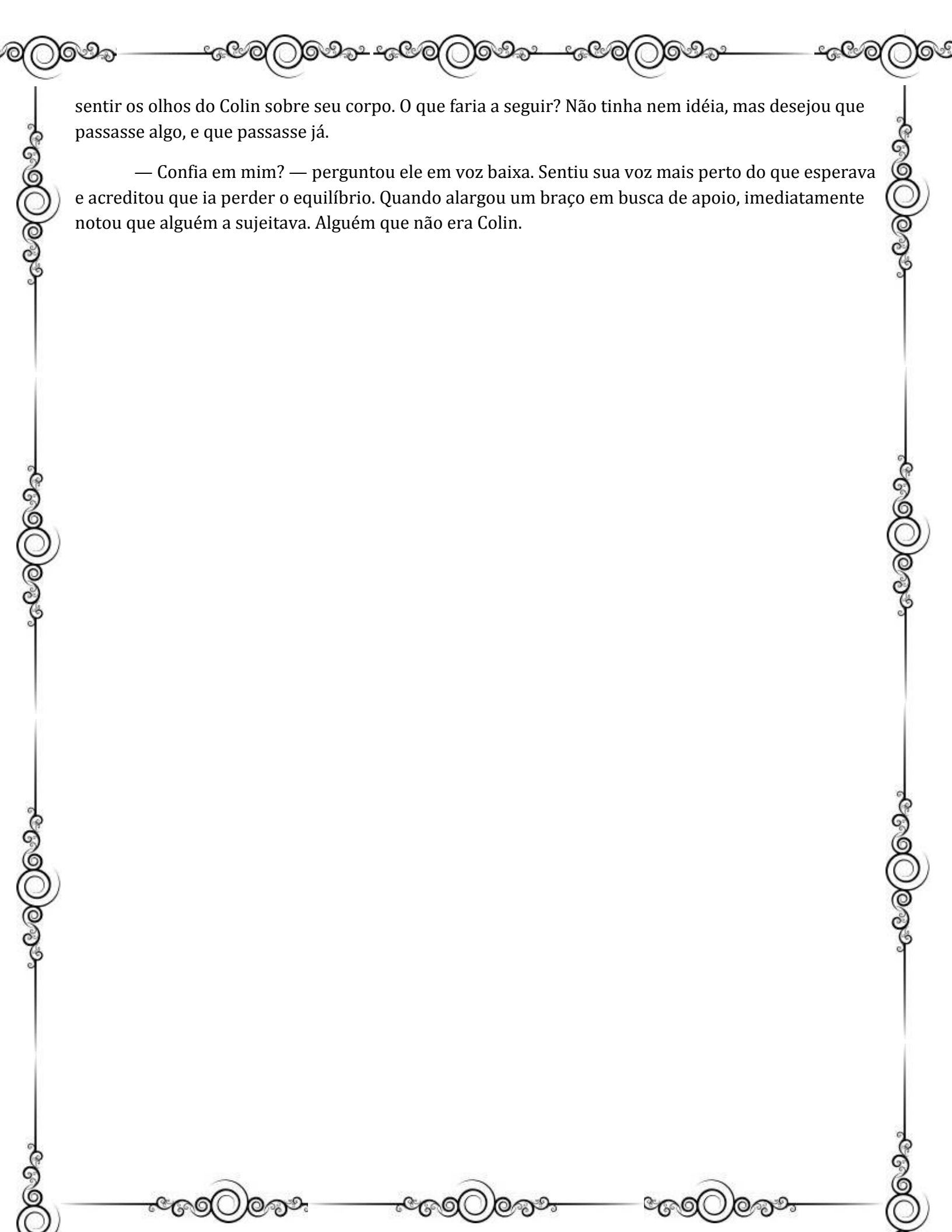
— por aqui — lhe indicou, levando-a até o centro da habitação. Não havia aonde ir. A estadia era pequena, com uma cama e uma mesinha de noite sobre a que descansava um vaso com flores. Uma porta entreaberta dava a um banho minúsculo no que Lissa só pôde ver um lavabo e uma privada.

Colin se aproximou da cama e tirou um primeiro objeto da bolsa. Era uma atadura para os olhos. É obvio, deveria haver-se imaginado que voltariam a utilizar uma. Priva-la de visão era um de seus métodos favoritos para mantê-la sob controle. Fechou os olhos e Colin os cobriu com a parte de seda negra, que lhe atou com um nó detrás da cabeça. Lissa respirou profundamente, aspirando o suave aroma de sua colônia e inclusive a essência das flores que descansavam sobre a mesinha. A privação de um de seus sentidos sempre parecia despertar com mais força o resto.

— Se dispa — lhe ordenou ele a seguir. Era sua primeira ordem direta e Lissa obedeceu imediatamente. Tirou-se o pulôver de lã e a camiseta que levava debaixo e os deixou cair sobre o chão. Logo acrescentou à pilha as botas, os jeans e as meias três-quartos. Ficou de pé frente a ele, só com o sutiã e a calcinha, esperando a seguinte ordem, que demorou para chegar. Aguardou pacientemente em silêncio, até que ao fim Colin disse — Tudo. Tire isso tudo.

Tremeram-lhe os dedos enquanto tirava o sutiã e o deixava cair. Deslizou a calcinha por suas coxas e as apartou a um lado com o pé. Logo esperou, desejando que a expressão de seu rosto mostrasse submissão e não desafio. Não podia controlar as emoções que percorrendo seu corpo: medo, excitação, nervos... Como se supunha que devia sentir-se alguém cuja fantasia sexual estava a ponto de converter-se em realidade?

Perguntou-se se já haveria gente reunida ao outro lado do cristal, na rua, observando-a. Fechou as mãos com força e as manteve a ambos os lados de seu corpo, decidida a evitar a tentação de cobrir o rosto com elas. Inclusive embora não houvesse ninguém desfrutando da cena podia



sentir os olhos do Colin sobre seu corpo. O que faria a seguir? Não tinha nem idéia, mas desejou que passasse algo, e que passasse já.

— Confia em mim? — perguntou ele em voz baixa. Sentiu sua voz mais perto do que esperava e acreditou que ia perder o equilíbrio. Quando alargou um braço em busca de apoio, imediatamente notou que alguém a sujeitava. Alguém que não era Colin.

Capítulo Cinquenta e Sete

Lissa se concentrou nas sensações. Sem a possibilidade de utilizar seu sentido da vista, anulado pela atadura que cobria seus olhos, confiou no tato, o olfato e o gosto para guiar-se. Embora ao princípio não pudesse acreditar o que seus sentidos lhe diziam.

O homem que tinha detrás não era Colin. Como podia ser? Sabia que aquilo era uma montagem orquestrada por seu amante, todo o processo de fazer que se despisse primeiro para logo mostrá-la ao público do beco. Era parte de sua própria viagem iniciática, de seu objetivo de recriar obras cúpula da arte erótica, e de recriar ela.

Entretanto, seus sentidos lhe diziam que aquele homem não era Colin. Não falava, o qual sem dúvida formava parte do engano. Limitou-se a aproximar seu corpo ao de Lissa e esfregar seu pênis contra sua pele. Envolto em uma camisinha de látex e lubrificado, deslizou-se facilmente dentro dela. A sensação era algo estranha; Colin nunca utilizava preservativos. Lissa se apertou ainda mais contra o corpo daquele desconhecido, vacilando ao princípio, tratando de conseguir uma reação. Se gemia, então poderia saber com segurança se aquele homem era Colin ou não.

Com as mãos sobre as costas dela, o desconhecido percorria a linha de sua coluna com os dedos, acima e abaixo. Um calafrio fez tremer o corpo de Lissa. O tato daquelas mãos era doce e poderoso ao mesmo tempo, parecido ao do Colin e distinto de uma vez. Esse homem era mais alto e mais corpulento, e seus músculos estavam mais desenvolvidos que os de seu amante. Respirou profundamente e lhe pareceu captar um rastro sutil da colônia do Colin, embora pensou que aquilo só seria uma artimanha mais para desconcertá-la. Não era mais que um truque. Mas como podiam acreditar que a enganariam até o ponto de que acreditasse que aquele estranho era Colin?

E justo nesse instante soube: era ele. As palavras ressonaram em sua cabeça antes de que pudesse entender seu significado. Enquanto a penetrava soube. Não era Colin, mas tampouco era um estranho, um homem qualquer escolhido ao azar entre os transeuntes. Colin não lhe faria algo assim, não a expor a semelhante risco. Não, aquele desconhecido era o mecenas, aquele que tinha falado com tanta eloquência de suas fotografias e sobre o vídeo do museu. Tinha desejado tanto lhe conhecer, e agora estava ali. Entretanto, não podia lhe confessar que conhecia seu segredo. Podia arruinar tudo se se enfrentava a ele. Além disso, como podia estar segura de que Colin não seguia ali, na habitação, com eles? E de que modo a castigaria se se inteirava de que tinha estado bisbilhotando entre suas coisas, que tinha conseguido a senha de seu computador e lido seu email?

O homem a levantou nos braços e a levou até a cama. Ela não opôs resistência. Deixou que lhe

levantasse os braços por cima da cabeça e sentiu o frio aço das algemas ao redor de seus pulsos. Logo, com tiras de couro gasto, atou-lhe as pernas aos pés da cama. Estava totalmente tombada, aberta, como se fosse uma sobremesa deliciosa. Recordou aquela primeira vez com o Colin no hotel de Frankfurt. A forma em que a tinha amarrado à cama e logo tinha ido lhe administrando pouco a pouco todas aquelas deliciosas recompensas. Seguiria o mecenas seus passos?

Não. Soube assim que sentiu a ponta de seu sexo entre seus lábios. Sentiu o sabor de seu próprio corpo, o látex da camisinha e o doce sabor do lubrificante. Era cereja, ou algo muito parecido. Lambeu-lhe por cima do preservativo, sentindo as estrias que cobriam sua superfície pensadas para dar prazer a ela, e de novo cheirou a essência do Colin. estavam-se excedendo, pensou Lissa, perfumando a aquele estranho com sua colônia só para confundi-la. Mas de repente sentiu o contato com outro pênis, preparado para penetrá-la por detrás. Assim Colin seguia ali, disse-se. Aquele era o tato inconfundível de seu membro, deslizando-se entre suas pernas por onde só uns segundos atrás o tinha feito o mecenas.

Perguntou-se por que não falavam entre si. Agora que era tão evidente que eram dois homens, que sentido tinha continuar ocultando-lhe. Podia perguntar-lhe embora obviamente não enquanto o mecenas tivesse o pênis metido em sua boca.

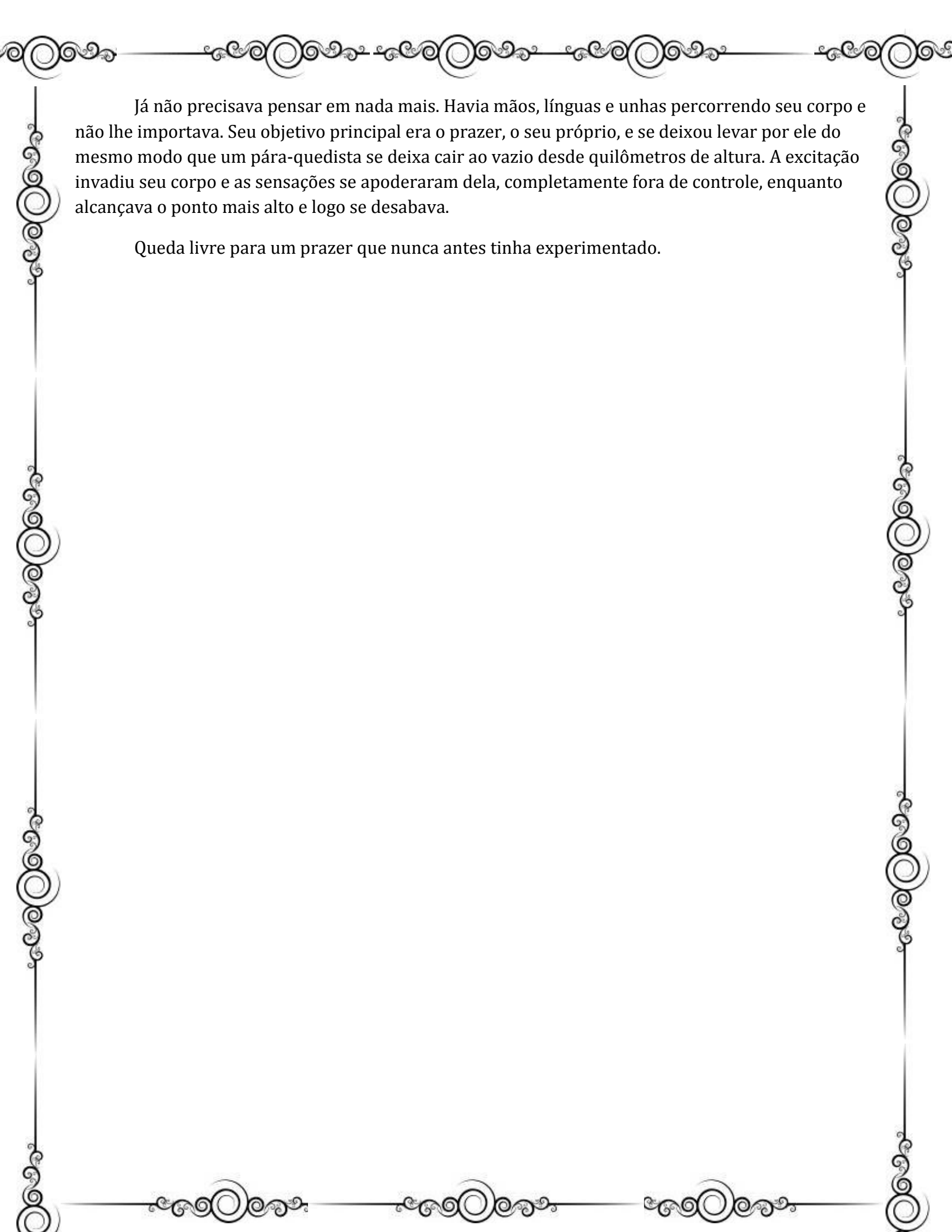
Quando sentiu um terceiro par de mãos sobre seu corpo, Lissa abandonou qualquer conjectura possível e entregou por inteiro ao prazer. Sentiu as carícias, os corpos esfregando-se contra o seu, o suor e o lubrificante mesclados gotejando sobre sua pele.

Deus, era uma mulher. Aquele terceiro par de mãos pertenciam a uma mulher. Seriam da Gina, a amiga do Colin? Gina, com sua larga juba castanha ao vento, acariciando sua pele nua. Sim, seguro que era ela, disse-se ao sentir o contato de seus frios anéis por todo o corpo. Um de prata no dedo do meio da mão esquerda e dois esmaltados no dedo anelar da direita. Sua fragrância a lavanda alagou todos seus sentidos. Sim, sem dúvida era Gina. Recordava aquele perfume do museu.

Lissa voltou para o presente, à realidade daquela orgia de sensações, quando o membro do mecenas foi substituído pelo sexo da Gina. Vacilou uns segundos, sem saber muito bem o que fazer. Nunca antes o tinha provado, nunca lhe tinha proporcionado prazer a outra mulher. Estava nervosa e emocionada ao mesmo tempo. O que aconteceria se o fazia mal? E se cometia um engano?

Mas tampouco tinha outra eleição, de modo que fez o que lhe tivesse gostado que lhe fizessem. Afundou a língua entre os lábios, separando-os até que conseguiu encontrar o clitóris.

OH, sim, definitivamente era Gina. Recordou o que lhe havia dito no museu sobre o dia em que lhe fizeram o piercing. Então Lissa quase se scandalizou. Entretanto, agora Gina emitia um estranho gemido, como o gorjeio de um pássaro, enquanto ela encontrava a pequena bola de metal e puxava dela com os dentes. Jogou com ela uns segundos só para poder ouvir aqueles sons tão doces que emitia. Logo deslizou a língua tão dentro como pôde, lhe fazendo a Gina as coisas que a ela mais prazer lhe davam.



Já não precisava pensar em nada mais. Havia mãos, línguas e unhas percorrendo seu corpo e não lhe importava. Seu objetivo principal era o prazer, o seu próprio, e se deixou levar por ele do mesmo modo que um pára-quedista se deixa cair ao vazio desde quilômetros de altura. A excitação invadiu seu corpo e as sensações se apoderaram dela, completamente fora de controle, enquanto alcançava o ponto mais alto e logo se desabava.

Queda livre para um prazer que nunca antes tinha experimentado.

Capítulo Cinquenta e Oito

O corpo de Lissa parecia feito de cera quente. Sentia uma sensação de intensa calidez nas pernas, como se fossem maleáveis. Seu quadril se movia com uma qualidade quase líquida sob o tecido de seu vestido negro, curto e ajustado. Quando Colin a rodeou entre seus braços, todo seu corpo se moldou a sua imagem e semelhança. Moviam-se como se fossem um sozinho.

A seu redor, homens e mulheres giravam ao ritmo da música. Para Lissa, no estado de relaxação no que se encontrava, quase como se estivesse drogada, aqueles bailarinos pareciam formar parte de uma coreografia movendo-se ao ritmo da música sobre a pista de baile. Com os olhos meio fechados, observou tudo o que a rodeava. A discoteca estava decorada para amoldar-se ao estado de ânimo dos presentes. As paredes cobertas de espelhos refletiam a pista de baile até o infinito. Havia garçons semidesnudos, meninos e garotas, estendendo bebidas a aqueles que preferiam desfrutando espetáculo comodamente sentados em lugar de unir-se a ele. Das paredes que não estavam cobertas de espelhos penduravam algemas que as pessoas podia utilizar livremente. Embora a maioria esperavam vazias, muitas aprisionavam já os pulsos dos pobres submissos para o desfrute de seus amos dominantes.

Lissa observou às pessoas que dançava a seu redor. O negro parecia ser a cor dominante, com alguma nota ocasional de vermelho, prateado ou dourado que rompia com a monotonia. Lissa levava um vestido negro de vinil que Colin tinha comprado para ela no sex-shop, e o tecido brilhava sob a luz estroboscópica.

— Minha menina bonita — lhe sussurrou ao ouvido para que pudesse ouvir sua voz por cima do ensurdecedor ritmo da música — Como passou isso?

Lhe sorriu, levantando o queixo para lhe dirigir um olhar coquete. Sabia muito bem como o tinha passado. Tinha estado ali, participando, presenciando as mudanças que se produziam.

— Gostou ? — continuou Colin.

Lissa se surpreendeu, não sem certo regozijo, ao detectar a preocupação em sua voz, como já tinha ocorrido no dia anterior no museu. Talvez lhe preocupasse havê-la machucado de algum jeito, ou que o que tinha acontecido aquela noite fora muito para ela. Lissa, entretanto, imaginava a si mesmo desfrutando de mais noites como aquela, desfrutando-se no prazeroso calor dos corpos. Quem houvesse dito que várias pessoas poderiam adaptar-se umas às outras com tanta facilidade, criando um autêntico quebra-cabeças de corpos humanos?

— Me responda, Lissa — exigiu Colin de repente, e embora o tom de sua voz não tinha trocado, pôde ver em seus olhos verdes a intenção de suas palavras. Uma imagem mental do que lhe ocorreria se não respondia passou fugaz por sua mente — Lhe levantaria o vestido e lhe daria uns açoites ali mesmo, à vista de todos. Não levava calcinha nem tampouco meia, a pedido do Colin. O resto dos assistentes o passariam em grande com o espetáculo, embora entre os hedonistas, os que dançavam nus e as garotas nas jaulas com grilhões nos pulsos, Colin e ela provavelmente não causassem muita comoção.

Talvez não lhe pegasse, mas sim a levaria até uma daquelas algemas que penduravam da parede e a encadearia ali. Baixaria-lhe a cremalheira do vestido até que este caísse ao chão, deixando ao descoberto a nudez de seu corpo. Então a ofereceria a todos aqueles, homem ou mulher, que queria fazer uso dela. Aquela possibilidade gostou e se perdeu entre as curvas de suas possibilidades até que Colin a devolveu de novo à realidade.

— Lissa — repetiu, e em sua voz se podia apalpar a urgência.

— Foi incrível -respondeu ela, consciente de que as palavras não podiam expressar o que sentia. Incrível era um término muito suave. Colin tinha convertido sua fantasia mais secreta em realidade. Não existiam palavras que pudessem definir o que estava experimentando, assim preferiu dançar com ele, utilizar seu corpo para expressar-se. Estava completamente alterada, como se ainda seguisse representando o papel de prostituta daquela tarde. Já não era Lissa Daniels, reputada historiadora da arte perita em esconder suas emoções. Agora era alguém mais evoluída, uma mulher que sabia o que queria e tinha o valor de ir a por isso.

Mas o que era o que queria depois?

O discjockey não deixava de cravar música que bem poderia formar parte da banda sonora particular de Lissa. Primeiro Madonna, com uma canção do disco Erótica. Julianne, sua irmã pequena, o tinha presenteado uns Natais e lhe tinha surpreso a intensidade das letras, sobre tudo o estribilho no que se falava de prazer misturado com um pouco de dor. Agora todo isso já não parecia tão alheio a ela. Rebolou seu corpo ao ritmo da música, sentindo as palavras fluir por suas veias. Trocou a música. Lissa sabia que nenhum dos temas deveria surpreendê-la. Ao fim e ao cabo, aquela era uma discoteca de ambiente sadomasoquista e as canções não tinham sido escolhidas só para ela. Mesmo assim, quando soou um tema do Nine Inch Nails e a voz do Trent Reznor cantou aquelas palavras do Hurt nas que se falava de violação e penetração, Lissa sentiu que aquele tema era só para ela.

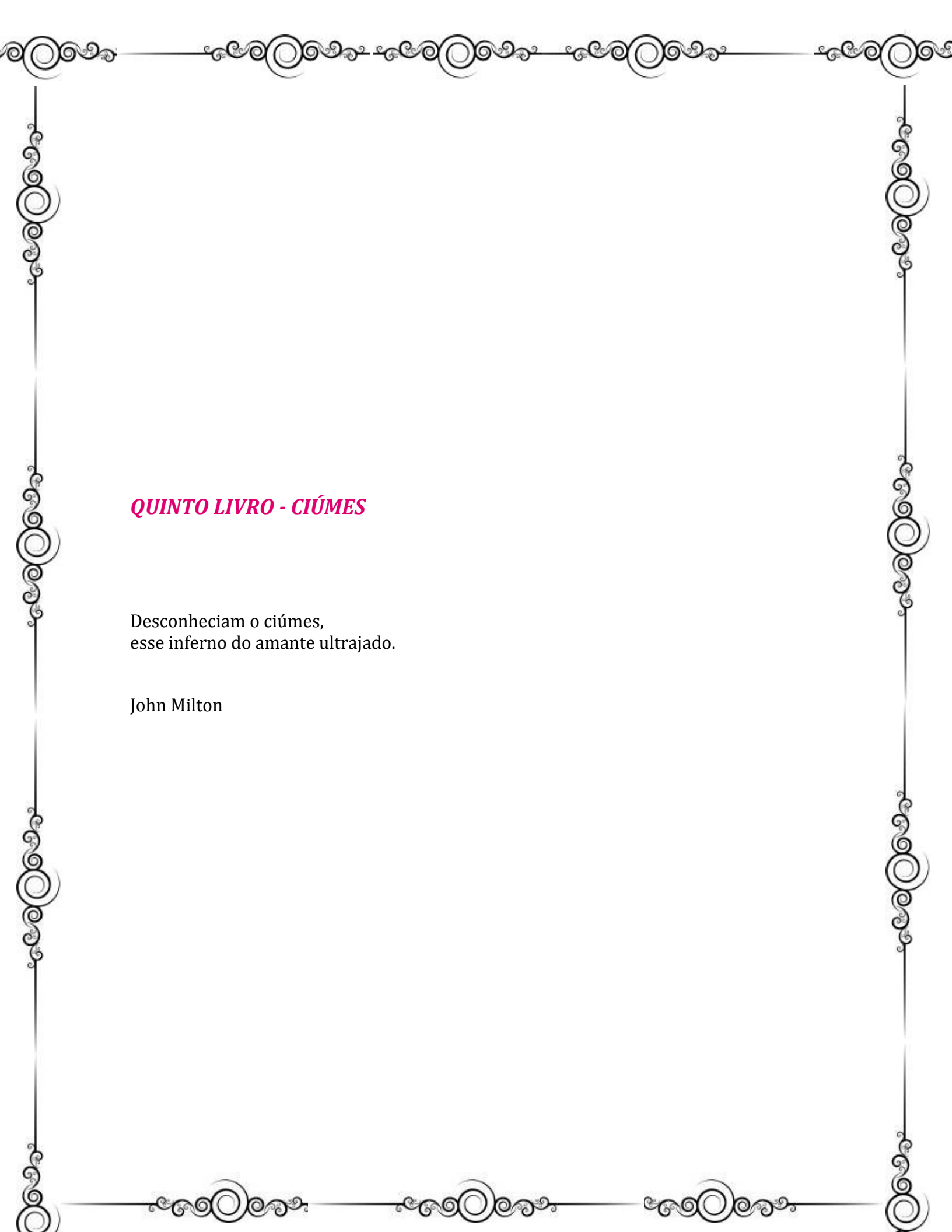
Colin pôs os lábios sobre sua orelha e Reznor e lhe cantaram o verso mais dilacerador de toda a canção: «Você permitiu que te fizesse isto.»

Assim era. O que dizia isso dela? deixou-se violar, penetrar, profanar... O som distorcido da canção rodeou seu corpo como um bálsamo. Separou-se do Colin e dançou só para si mesmo. A larga juba loira dançava ao redor de seu rosto e um intenso formigamento percorrendo seu corpo cada vez que recordava o tato daqueles desconhecidos sobre sua pele fazia tão somente umas horas antes.

Tinha permitido que Colin a convertesse em alguém que não só era capaz de falar de suas fantasias em voz alta, mas também participava delas quando cobravam vida no mundo real. Era algo bom, verdade? A sensação de liberação era maravilhosa, como se toda sua energia negativa se esfumou. Embora talvez aquele estado de consciência alterado não era mais que o fruto dos múltiplos orgasmos. E quem não se sentiria depravado depois de gozar ao redor de um pênis, uma língua e uns dedos em escassas horas?

Nos alto-falantes soava uma canção dos Rede Hot Chilli Peppers a um volume ensurdecedor. Lissa reconheceu à banda do sul da Califórnia — não havia ninguém em Los Angeles que não soubesse quem eram — inclusive sem conhecer muito sua música. Mas era como se Anthony, o líder do grupo, cujo corpo estava coberto de tatuagens, falasse só com ela. Com aquela voz sensual e profunda lhe cantou sobre o prazer salpicado de dor... Exatamente o mesmo que gostavaela. Em outro momento de sua vida, se alguém lhe tivesse sugerido uma idéia como essa, seguro que se negou a prová-la. Pode que inclusive lhe tivesse parecido desagradável. Agora já não. Entregaria-se em corpo e alma a aquelas sensações, daria-o tudo para experimentar de novo.

Sim, gostava do prazer salpicado de dor. Gostar dele? Deus, mas bem estava aprendendo a adorá-lo.



QUINTO LIVRO - CIÚMES

Desconheciam o ciúmes,
esse inferno do amante ultrajado.

John Milton

Capítulo Cinquenta e Nove

De volta a Paris, a exposição estava finalmente preparada. Lissa disse ao Colin onde se encontrariam, e o único que lhe explicou a respeito é que havia uma exposição que queria ver.

— Mas por que não vamos juntos? — perguntou ele. A diferença das perguntas que fazia ela, as dele requeriam de uma resposta.

— Confia em mim — disse Lissa, esperando que fosse suficiente para ele.

— Eu confio em você — respondeu Colin enquanto lhe apartava umas mechas de seu suave cabelo do rosto. Levava-o solto aquela tarde, o qual não era muito habitual nela. Parecia que preferia levá-lo recolhido em uma rabo-de-cavalo ou em um coque francês. Com o cabelo solto sobre os ombros parecia mais jovem e vulnerável. Gostavamuito como lhe sentava — Confio em você — repetiu com um fio de voz, quase melancólico — Mas está segura de que eu gostarei do resultado?

Lissa lhe beijou, inclinando-se sobre ele para fazê-lo. Colin percebeu o suave aroma de seu cabelo, o aroma de sua pasta de dente de hortelã que utilizava e sua verdadeira essência. Queria lhe fazer o amor agora, ali mesmo, antes de ir ver a exposição. Tudo o que tinha que fazer era agarrá-la pelos braços, atirá-la sobre a cama, subir a saia, lhe baixar a calcinha e fazê-la sua. Mas Lissa se apartou antesque ele pudesse fazer qualquer dessas coisas, antesque pudesse abraçá-la ou obrigá-la a ajoelhar-se a seus pés para meter-lhe nessa preciosa boca de brilhantes lábios vermelhos.

— Às seis em ponto — disse ela, lhe dando uma parte de papel com a direção da galeria escrita à mão — Não chegue tarde — acrescentou da segurança da porta. Saiu do apartamento e fechou atrás dela, bem a tempo para que Colin não a alcançasse e lhe desse as palmadas que se merecia por parecer tão presunçosa. Acaso lhe estava dando ordens, lhe dizendo onde devia estar e quando? Não soube muito bem como reagir.

— Às seis em ponto — murmurou. Não pensava obedecer. Apresentaria-se na galeria quando lhe parecesse bem, nem um segundo antes. Que esperasse, que se preocupasse com ele, que repensasse sobre o tom de voz que acabava de empregar.

Durante as poucas horas que teve que esperar, somente no apartamento, Colin analisou sua relação. AMANTE DA ARTE tinha viajado até Amsterdam. Ali tinha tido a oportunidade de ver a Lissa, de tocá-la, mas não a tinha levado longe dele.

O que significava aquilo? É que acaso já lhe pertencia? Tinha ganho a partida?

Recordou a pequena orgia que tinham compartilhado. O certo era que a finalidade desse encontro não era outro que ver como respondia Lissa. Comportou-se tal e como Colin tinha imaginado, obedecendo todas suas ordens até no mínimo detalhe. Não era essa a prova de que também lhe queria? Desejou poder falar com Lissa e talvez lhe explicar o plano. Se lhe mostrava os fatos com clareza, não entenderia acaso as motivações que se escondiam atrás de suas ações?

Mas não tinha sido capaz de falar com ela. Simplesmente tinha continuado com a farsa, como se suas experiências em Amsterdã tivessem sido iguais que as de Hamburgo ou Paris. Como se pudessem retomar a rotina de suas vidas e nunca mais voltar a mencionar as mudanças que neles se experimentaram, o processo de transformação compartilhado.

Talvez o contasse aquela mesma noite, porque estava seguro de que durante a noite as coisas alcançariam um ponto crítico. Ao fim e ao cabo, ele sabia mais dos planos de Lissa do que ela imaginava.

Gostou, entretanto, da sensação de assombro que se apoderou dele enquanto se servia um gole. O elemento surpresa sempre supunha uma grata recompensa. E por alguma razão que escapava a seu entendimento, estava seguro de que Lissa não lhe defraudaria. Por isso lhe tinha exposto aquela provocação.

Embora ele tinha seus próprios planos, é óbvio. Acaso não era assim sempre?

Capítulo Sessenta

Lissa sentia como se o coração queria escapar de seu peito. Nunca em sua vida tinha estado tão nervosa. Era consciente de ter provocado ao Colin com suas palavras e sabia que ele não o esqueceria tão facilmente. Entretanto, esse não era o verdadeiro motivo de seu nervosismo. Depois de seis meses de convivência, sabia como lhe tratar. Não era sua reação o que mais a preocupava.

Lissa tinha enviado um email ao mecenas lhe convidando a inauguração e não estava muito segura de como terminaria tudo aquilo. Tinha a sensação de que sua relação com o Colin, a travessia que tinham feito juntos durante os últimos seis meses, estava a ponto de chegar a seu momento gélido. E isso era o que fazia que seu coração pulsasse a mil revoluções.

Ela tinha acreditado que Colin lhe apresentaria ao mecenas antes de deixar Ámsterdam, mas não havia tornado a mencionar ao resto dos membros da orgia, além de lhe perguntar se tinham gostado das «ferramentas» que tinha conseguido para ela.

Mesmo assim, ela não tinha podido tirar a aquele desconhecido da cabeça. Quando retornaram a Londres, Lissa continuou lendo os emails eletrônicos do Colin em busca de uma resposta que esclarecesse suas dúvidas.

Ao final decidiu que ela mesma entraria em contato com o mecenas e lhe mandou um e-mail de uma de suas contas do museu. E então se precaveu de que já não lhe importava se Colin descobria que conhecia seu segredo. Ambos eram culpados de lhe ocultar coisas ao outro. Mas agora, com a confiança em si mesmo renovada graças ao despertar de quão sentidos tinha experimentado em Ámsterdam, não pôde conter-se e ficou em contato com aquele homem.

No espaço reservado ao assunto tinha escrito só duas palavras: « ARTE É»

Quando se encontrasse cara a cara com aquele desconhecido que colecionava arte inspirada em seu próprio prazer sexual, sentiria algo distinto por volta dele do que sentia agora? E como reacionária Colin quando lhe visse?

Enquanto caminhava para a galeria da parada do metro, tratou de afugentar todas essas perguntas de sua mente. Era importante concentrar-se em cada momento enquanto ainda tivesse vigência. Não tinha forma alguma de adivinhar o futuro, ou de tratar de imaginar o resultado final daquela noite, assim por que não desfrutando show enquanto os artistas estavam ainda em cena?

Cruzou a porta da galeria e se dirigiu para Gizelle, que a esperava com os braços abertos.

Roberto também estava ali, a uns quantos passos dela. Sorriu ao ver Lissa e logo se aproximou delas para ajudar com os preparativos finais da exposição.

Quando Colin chegou à galeria eram já um quarto para as oito e a sala estava cheia de gente. Alguns tinham tido que conformar-se esperando na rua e conversavam animadamente enquanto bebiam champanha e kir royales.

A multidão parecia entreter-se, e a atmosfera era cada vez mais festiva. Não era uma sensação muito distinta da que Colin tinha experimentado no Bairro francês de Nova Orleans, fazia já um ano, durante os carnavais da cidade, aos que os aldeãos chamavam Mardi Gras. As pessoas percorrendo as ruas bebendo álcool em copos de plástico e divertindo-se enquanto passeavam junto a lojas de vodu e clubes de striptease. Evidentemente, o Bairro Francês de Nova Orleans tinha um toque caipira inédito naquele pequeno bairro parisense, mas os assistentes na inauguração faziam ornamento de uma frivolidade parecida. Ainda não estavam bêbados, mas o estariam breve.

Olhando a seu redor, teve a sensação de que todas aquelas pessoas eram artistas. Sua roupa era muito mais alegre que a do meio francês. De fato, alguns pareciam haver-se decorado a si mesmos, como se seus corpos fossem obras de arte.

As cabines estavam cobertas de folhetos da exposição, que também cobriam o chão. Colin recolheu um e se surpreendeu ao reconhecer a modelo.

Abriu-se passo entre a multidão para poder entrar no interior da sala e procurar a Lissa. Não podia acreditar o que viam seus olhos.

Lissa comprovou a hora no relógio que pendurava da parede da galeria. Já eram quase as oito. Colin ainda não tinha dado sinais de vida, e tampouco o mecenas. perguntou-se se talvez tinha sido um engano entrar em contato com aquele desconhecido. Qualquer das pessoas que entravam na galeria podia ser AMANTE DA ARTE, disse-se, embora nenhum deles se correspondia com a imagem que Lissa tinha criado dele em sua mente.

Respirou aliviada ao ver Colin de pé, na rua, frente à galeria. Pela expressão de seu rosto, não parecia muito contente. Pior para ele. Tinha-lhe sugerido uma provocação e ela tinha posto nele todo seu empenho. Se não podia aceitar os resultados, esse era seu problema. Tentou liberar a tensão de seu corpo. Voltou-se e cercou conversação com as pessoas que tinha ao redor. Como sempre lhe ocorria, falar de arte fazia que se sentisse cômoda. Sabia que estava em seu elemento. Decidiu que o melhor que podia fazer era ignorar a presença do Colin.

Capítulo Sessenta e Um

Lissa estava completamente nua, de pé na vitrini da galeria. Como se atrevia?

Colin logo que podia conter-se. Seus punhos se fecharam com força a ambos os lados de seu corpo e sentiu que estava a ponto de perder o controle. Com grande esforço, tirou um cigarro, acendeu-o e aspirou a fumaça profundamente para acalmar-se. Paris era o único lugar no que fumava — era como o que terei que fazer — e agradeceu o sabor amargo de um Gauloise entre seus lábios. A baforada de fumaça que saiu de sua boca foi mais um suspiro de resignação que outra coisa. Depois de duas impregnadas, atirou o cigarro ao chão e o esmagou com o talão.

Se queria jogar, demonstraria-lhe como podia amassá-la em questão de segundos. A raiva deu passo à excitação enquanto se abria caminho a empurrões entre aquelas pessoas que pareciam não querer sentir-se ofendidas pela brutalidade de suas maneiras. Pensava tirar a Lissa da vitrini, colocá-la sobre seu regaço e lhe dar uns açoites; pegaria-lhe até que perdesse o sentido.

— Menina má — murmurou em voz baixa ao entrar na galeria — puta suja e má.

Mas quando sua mão entrou em contato com o pulso de Lissa, deu-se conta do engano. Aquela não era Lissa, a não ser uma escultura dela feita em cera, perfeita aos olhos de qualquer, mas nada mais que uma peça de arte. Retrocedeu um passo para poder observar melhor a suavidade de sua pele, a expressão de paz em seu rosto. Por um momento, sorriu ao saber-se vítima de um engano, e logo se voltou e procurou à Lissa de verdade entre a multidão.

Estava em todas partes.

Era evidente que se inspirou na exposição de Londres, embora ali as figuras eram de ferro e os personagens anônimos, sem rosto nem expressão. Seus corpos transmitiam dor, mal-estar, infelicidade. As esculturas de Lissa, entretanto, eram muito mais expressivas. Em uma delas estava dobrada sobre si mesmo, tocando-as pontas dos pés, como quem faz uma tabela de exercícios matutinos. Se o ângulo o permitia, podia admirar-se seu precioso traseiro e o espaço que se formava entre suas coxas, ao que um amigo do Colin chamava o «engano de fábrica» e que fazia alusão às garotas cujas coxas, em sua parte superior, não chegavam a tocar-se.

Em uma esquina, havia outra escultura de Lissa sentada com as pernas cruzadas, lendo uma revista. O papel era de verdade, embora de novo ela era uma boneca de cera, com sua larga juba caindo sobre os ombros, os lábios abertos e a língua aparecendo entre eles.

Ao outro lado da sala, Lissa dormia sobre um sofá cama, com os joelhos separados e um braço lhe tampando os peitos em um gesto de indulgência. Colin se imaginou a si mesmo nu, convexo junto a ela naquela cama, com a cabeça repousando na curva de seu pescoço. Em sua fantasia podia cheirá-la e beijá-la, e estava preparado para movê-la sobre um lado e penetrá-la naquela posição, com as costas dela contra seu peito. A idéia de fazeramor com uma escultura não lhe resultava desagradável. Podia imaginar-se ejaculando sobre sua suave pele de cera, as gotas do branco líquido deslizando-se por seus braços, seu ventre, entre suas pernas.

Através das pessoas ainda pôde ver outra Lissa, esta em posição desafiante, com as costas contra a parede, uma perna dobrada e fumando um cigarro. Foi incapaz de averiguar como o teria feito o artista. O charuto parecia estar aceso, a cinza em um extremo cada vez mais grossa. E de repente se deu conta de que aquela Lissa falava com as pessoas que a rodeava. Não era outra estátua de cera, a não ser o molde original.

Estava francamente impressionado. No passado a tinha desafiado a encontrar lugares novos nos que jogar e situações com as que passar um bom momento juntos. Agora, depois de seis meses de relação, a aluna tinha superado ao professor, tinha-lhe surpreendido com algo impactante e belo ao mesmo tempo. A arte e a vida entrelaçados, subre postos em perfeita sincronia.

Colin avançou para onde estava Lissa, em silêncio, para poder ouvir o que estava dizendo.

Capítulo Sessenta e Dois

Ela deixou de falar assim que viu Colin. Observava-a atentamente, sem apartar o olhar, e de repente Lissa esqueceu do que estava falando. Os que a rodeavam esperaram a que continuasse, mas ao ver que não o fazia, voltaram-se como se fossem uma só pessoa em busca daquilo que tinha chamado sua atenção tão repentinamente.

— Não queria lhes interromper — disse Colin.

Uma mulher loira e magra que estava junto a ele traduziu suas palavras ao resto dos presentes. A sala inteirificou em silêncio, observando ao Colin e a Lissa como se fossem opositores em uma partida de tênis, seguindo seus movimentos com a cabeça de um lado ao outro.

— Não sabia se chegaria a tempo — respondeu ela, olhando intencionalmente o relógio que pendurava da parede. Chegava duas horas tarde.

— Já sabe o que me passa sempre com o tempo — disse ele — que não tenho um conceito real dele.

Lissa sorriu enquanto a mulher traduzia de novo. Colin estava sendo todo o críptico que era capaz de ser, sem lhe dar pista alguma com as palavras, mas delatando-se com os olhares e as expressões de seu rosto. Tinha gostado e Lissa sabia. E mais, estava impressionado. Justo o que ela queria: lhe demonstrar que podia jogar a seu jogo ao mesmo nível que ele e que, se o propunha, podia chegar a ganhar.

Embora pela forma em que a olhava, não estava segura de que «ganhar» fosse a palavra correta. Parecia que Colin tinha seus próprios planos e nunca até então tinha adivinhado suas intenções com maior precisão. O mais inteligente era ficar calada e esperar.

Falaria com ele, explicaria-lhe como tinha organizado a exposição, os detalhes de seu trabalho com Giselle, a proprietária da galeria, e com o Roberto, o artista. Embora, pensando-o bem, o mais provável era que Colin não interessasse tudo isso. Ficava tão nervosa quando a olhava assim... agachou-se para deixar o cigarro no cinzeiro que havia sobre a mesa, junto a ela, e logo se incorporou de novo, com as costas reta, atuando com mais segurança da que realmente sentia.

Pela primeira vez em toda a tarde foi consciente de sua própria nudez. Umas horas antes, os nervos tinham despertado quão exibicionista levava dentro. Sentiu-se parte da exposição, uma escultura mais, e não um objeto sexual. Mas a forma em que Colin a olhava fazia que se sentisse confusa: era o olhar que utilizava antes de castigá-la, ante a que ela era incapaz de reagir. Deslizou as mãos pelas coxas e logo foi subindo pelas costelas antes de cruzar os braços em cima de seus peitos.

De repente desejou estar a sós com ele. O principal problema era a multidão presente na sala. Seguiam ali, observando aos amantes. Era como se intuissem que algo estava a ponto de passar, algo excitante e que valeria a pena presenciar, mais excitante inclusive que o fato de que aquela mulher, a modelo da exposição, levasse toda a tarde dando voltas pela sala completamente nua.

Colin avançou para ela e a multidão se abriu a seu passo. Uma mulher afogou um grito, como se pensasse que Colin tinha intenção de pegar a Lissa. Não o fez. Simplesmente se aproximou dela e lhe sussurrou ao ouvido:

— Estou impressionado.

Lissa não pôde evitar um sorriso.

— E já sabe quão difícil pode chegar a ser me impressionar.

Ela assentiu.

— Mas também sabe que nunca deixo que ninguém me supere.

O coração de Lissa começou a pulsar ruidosamente em seus ouvidos. Suas bochechas se ruborizaram enquanto ele riscava uma linha com os lábios que nascia entre seus peitos, baixava até o umbigo e se detinha na pequena ex-tensão de pêlo loiro que crescia entre suas pernas.

Os presente, que se tinham afastado para que Colin pudesse avançar, aproximaram-se e formaram um círculo ao redor deles. Ali estavam Giselle, a proprietária da galeria, e Roberto, o artista, de pé junto a ela. Ambos sorriam com doçura, como se estivessem acostumados a essa classe de espetáculos. Lissa, que até então não tinha estado muito segura da reação do Colin, sentiu-se aliviada por ouvir que gostava, mas sua forma de comportar-se disparou todos os alarmes. Seus lábios estavam já à altura de seu sexo e parecia que não tinha intenção de levantar-se ou de mover-se dali. Abriu-a com os dedos como se ela fosse uma flor e seus lábios umas delicadas pétalas e começou a lambar em círculos ao redor do clitóris.

Tudo tivesse sido mais fácil se Colin estivesse zangado, se a tivesse levado da mão até o fundo da sala e ali lhe tivesse dado seu castigo por ser tão descarada. Mas, ao parecer, esse não era o plano que tinha em mente. Pensava levá-la até o orgasmo em público e cumprir assim outra de suas fantasias. Lissa não sabia se poderia com aquilo.

Colin apartou a boca de seu sexo e se dirigiu à proprietária da galeria. Em um perfeito francês lhe pediu que retirasse a escultura de Lissa da vitrini. A mulher fez um gesto com a cabeça a dois homens que havia entre a multidão, que se apressaram a fazer o que lhes tinha pedido. Logo, sem intercambiar com ela nenhuma só palavra mais, Colin agarrou a Lissa nos braços e a levou para a entrada. Aqueles que olhavam da rua, pegos avitrini, aproximaram-se ainda mais, conscientes de que algo crucial estava a ponto de acontecer.

Lissa fechou os olhos enquanto Colin a colocava em posição, com as mãos sobre ovidro de

cara à multidão. Ordenou-lhe que abrisse os olhos e ela obedeceu imediatamente, tratando de evitar pôr a prova seu humor.

— Esta é minha garota — disse ele em voz baixa — Mantém-os abertos. Aconteça o que acontecer.

Lissa conseguiu responder um tímido «Sim, Colin» enquanto ele se ajoelhava de novo frente a ela e beijava os lábios de seu sexo, lentamente e com extrema delicadeza. apartou-se um instante dela, o justo para poder sussurrar algo em francês aos que estavam situados detrás de Lissa, e logo retomou as carícias. De repente, ela sentiu a pressão de várias mãos sobre seu corpo, acariciando-a por toda parte. Eram ao menos dez pessoas tocando-a de uma vez, e a sensação de seus dedos sobre a pele era eletrizante. Teve que lutar para manter os olhos abertos. As ondas de prazer que se deslocavam por seu corpo, cobrindo tudo a seu passo, faziam que fosse muito difícil obedecer aquela ordem.

Recordou um truque que tinha aprendido em um seminário sobre como falar em público. Escolhe a uma pessoa da primeira fila e a outra da última e te concentre nelas. Imagina que são amigas tuas e olha só a elas. Funcionaria em uma situação como aquela? Não tinha nada que perder, de modo que olhou para a multidão, procurando entre aqueles que estavam mais longe da janela. Seus olhos encontraram um rosto familiar. Gina estava ao outro lado da rua e a olhava com uma expressão de ânimo.

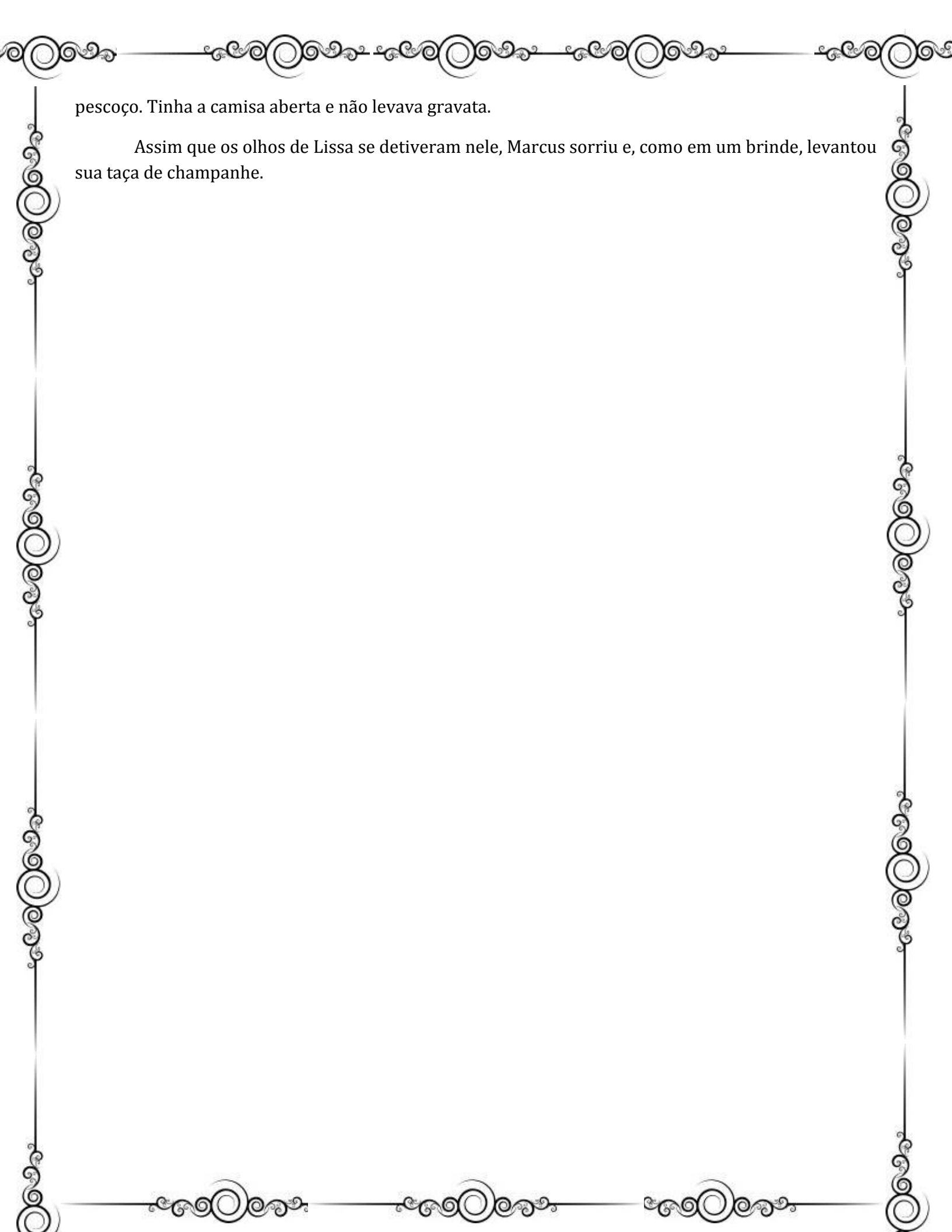
— Gina está aqui — murmurou Lissa, e Colin se deteve um instante e a olhou.

— Contei-lheda inauguração. Espero que não te importe — sussurrou. Seus lábios brilhavam, cobertos por seus sucos, e ela sacudiu a cabeça, lutando contra o impulso de lhe pedir que continuasse. Tinha estado a ponto de alcançar o clímax, mas sabia que se o dizia diminuiria o ritmo de suas carícias ainda mais. Gostava de tirar cada pequena sensação de prazer dela, fazendo que ganhasse.

Lissa respirou profundamente e olhou de novo em direção ao público. Os olhos da Gina não se apartaram dela. Tragou saliva, contente de encontrar a alguém conhecido que, além disso, aprovaria sem problemas o que Colin e ela estavam fazendo. Agora vinha a parte mais difícil: encontrar a uma pessoa na primeira fila.

Seus olhos vagaram de um rosto a outro. Um homem calvo com uma barba desalinhada a olhava com olhos frágeis. Não, ele não. A seu lado havia uma mulher alta e magra que lançava aros de fumaça de seu cigarro para o céu noturno de Paris. Tampouco ela. Finalmente, Lissa encontrou a coragem suficiente para olhar à pessoa que tinha justo diante, e ao fazê-lo perdeu o fôlego.

Ali estava Marcus, olhando-a com olhos inquisitivos, como perguntando-se quando se daria conta de sua presença. Reconheceu-lhe imediatamente, mas logo duvidou. Parecia diferente. Havia um certo abandono em sua aparência, como se enquanto tinham estado separados tivesse descoberto o lado boêmio da vida. Seu escuro cabelo tinha crescido e quase lhe chegava até o



pescoço. Tinha a camisa aberta e não levava gravata.

Assim que os olhos de Lissa se detiveram nele, Marcus sorriu e, como em um brinde, levantou sua taça de champanhe.

Capítulo Sessenta e Três

— É Marcus — conseguiu dizer Lissa. Colin deixou o que estava fazendo e a olhou. Quando seus olhos se encontraram, ela soube que havia algo que ele sabia e ela não, um segredo longamente guardado que Colin queria que decifrasse sozinha.

— Meu marido — continuou Lissa, sem saber muito bem como interpretar o olhar do Colin.

— Ex-marido — a corrigiu ele.

Aquilo parecia não lhe interessar o mais mínimo. Abriu os lábios de seu sexo de novo e colocou a língua entre eles. Acariciou com a ponta a parte mais interna e Lissa gemeu de prazer. Adorava que a beijasse dessa maneira. Seus gestos não eram delicados, mas sim mais bem pareciam imitar as investidas de seu pênis. Dentro e fora, e muito dentro, tanto que sua boca ficava selada contra os lábios. Ia conseguir quegozasse penetrando-a só com a língua. A sensação de dominação, de completa submissão a sua vontade, apagou qualquer outro pensamento de sua mente. As mãos do Colin se fecharam sobre seu cue atraíram ainda mais seu corpo. Então separou as nádegas com os dedos e, OH, Deus, quase tinha chegado...

Mas ali estava Marcus, olhando-a fixamente. Tremeram-lhe os joelhos e esteve a ponto de cair ao chão. Pôs uma mão sobre o ombro do Colin e o separou dela. Ele não opôs resistência, o qual não fez mais que pô-la mais nervosa. O que se supunha que estava passando?

— Como sabia que tinha que vir aqui? — conseguiu perguntar.

— Porque você o disse — respondeu Colin como se fosse o mais evidente do mundo.

— Que eu o disse?

— Sim — respondeu — lhe enviou um email com todos os detalhes, lhe convidando na inauguração da exposição.

De repente Lissa entendeu tudo e seu corpo tremeu. Marcus era o mecenas. Desde o começo, durante todo aquele tempo, seu marido tinha sido a pessoa na sombra, o coreógrafo de todas suas aventuras. Derreteu-se com as fotos de Hamburgo, tinha encarregado a fita de Paris, tinha estado ali, na mesma habitação com ela, Colin e Gina em Amsterdam. Sentiu-se traída e aliviada, tudo ao mesmo tempo. Era Marcus, e de alguma forma aquil trocava tudo.

Colin fez um movimento para frente, como se estivesse preparado para seguir lhe dando

prazer, mas ela se separou dele. O público a seus redor estava cada vez mais perto deles. Ao parecer, acreditavam que aquilo formava parte do drama, que era um aplique mais para seu maior entretenimento. Lissa sentia sua presença, o calor de seus corpos, mas era como se não os visse. Só tinha olhos para o Colin, de joelhos frente a ela.

Em sua mente, os pensamentos se formavam redemoinhos inverificados. Sabia que tinha bisbilhotado em seu email e se pôs em contato com o Marcus às escondidas. Sabia, e mesmo assim parecia não lhe importar.

Por que não lhe tinha ocorrido a possibilidade de que fosse Marcus? sentiu-se estúpida, embora em realidade por que deveria ter pensado em seu marido? Ele nunca se mostrou especialmente interessado por aquele tipo de relações, um pouco pervertidas. E isso era justo o que Colin e ela tinham estado fazendo todo esse tempo, explorar as perversões mais impensadas, tudo a instâncias de um misterioso mecenas.

Colin continuou, imperturbável, como se suas explicações, quaisquer que estas fossem, pudessem tranquilizá-la.

— Estava interessado. Queria ver sua transformação com seus próprios olhos.

— Minha transformação... — repetiu Lissa.

As palavras soaram vazias em sua cabeça, como se as houvesse dito em outro idioma.

— Da garota tímida e recatada com a que se casou à mulher que se deixaria foder diante de centenas de pessoas. — Colin sorriu, lhe acariciando distraidamente com os dedos o interior das coxas é o que você queria, verdade? O que mais ansiava de entre todas suas fantasias.

Lissa não deixava de tremer. As mãos que até fazia uns segundos não deixavam de acariciá-la por toda parte de repente tinham desaparecido, como se tivessem notado a mudança na interpretação. Lissa se envolveu com seus próprios braços, sentindo-se nua de novo. Desejou ter algo com o que cobrir-se, um casaco, o que fosse, um beco escuro pelo que desaparecer.

— Mas como podia sabê-lo? — murmurou — Como podia saber o que eu queria? E você como...?

— Seu diário — se antecipou Colin, sorrindo. De repente ela sentiu o desejo de lhe dar uma bofetada e apagar aquela expressão de auto-suficiência de seu rosto. Em lugar disso, deu meia volta e se abriu passo como pôde entre a multidão. Esta vez não se apartaram com tanta facilidade. Pelo visto, acreditavam que aquilo também formava parte do espetáculo, que não era mais que uma dramatização para seu puro entretenimento. Felicitavam-na por sua interpretação, por sua transparência, enquanto ela no único em que pensava era em alcançar a porta da pequena habitação que havia ao fundo da sala. Ao Colin tampouco o punham nada fácil. Paravam-lhe para lhe fazer perguntas, para lhe felicitar pela honestidade de sua atuação.

Depois do que a Lissa pareceu uma hora, embora realmente não foi mais de um minuto, conseguiu chegar à habitação. Deteve-se, exausta, sem saber muito bem o que fazer depois. Giselle, que o tinha presenciado tudo do fundo da galeria, entrou no pequeno despacho e fechou a porta detrás de si.

— Tenho que sair daqui — disse Lissa.

A proprietária da galeria assentiu com a cabeça. Parecia entender o que acabava de passar, embora em realidade não era impossível que assim fora.

— Sobe ao andar de acima, a meu apartamento. Eu me desfarei de toda esta gente.

— Não — respondeu Lissa, negando nervosamente com a cabeça — Tenho que ir. — Caminhava acima e abaixo pelo despacho como se fosse um animal enjaulado, com a larga juba loira caindo sobre seus ombros.

— Por favor — disse Giselle, lhe mostrando a porta que levava a seu apartamento — . Sobe as escadas e me espere acima. Quando estiver mais tranqüila, poderá decidir aonde quer ir.

Lissa negou de novo com a cabeça. Sua roupa seguia em meio da galeria, em um montão sobre o chão, no lugar em que se despiu aquela mesma tarde. Pareceu-lhe que aquilo pertencia a uma vida distinta. Quando estava a ponto de sair correndo, nua, para a rua, Giselle lhe deu um casaco comprido e negro que pendurava detrás da porta etirou as caras bailarinas de pele que levava.

— Volta quando te tiver acalmado — lhe disse.

Lissa cocou as bailarinas e tratou de explicar-lhe tudo, mas a mulher a deteve.

— Um triângulo amoroso — disse com seu marcado acento francês — Às vezes a gente precisa estar sozinho para decidir a quem pertence realmente seu coração.

Aquilo não se ajustava ao estado emocional de Lissa. Em realidade, sentia-se como se fosse um saco de sentimentos ao que dois boxeadores golpeavam ao mesmo tempo. Não tratou, entretanto, de explicar-se, mas sim agarrou a bolsa decima da mesa, beijou a Giselle nas bochechas e abriu a porta traseira da galeria, que dava a um estreito beco.

Podia ver o Sena de onde estava. Agachou a cabeça e pôs-se a andar em direção ao rio, consciênte de que, enquanto não se separasse de seu curso, poderia encontrar o caminho de volta na Cidade da Luz.

Capítulo Sessenta e Quatro

«*Que desastre!*», disse-se Colin enquanto caminhava lentamente de volta ao apartamento. Poderia ter pego o metro, mas preferiu aproveitar o trajeto para liberar tensões. Pela primeira vez em sua vida, os planos não tinham saído como ele esperava. Sim, sabia que Lissa tinha descoberto a existência de um mecenas. Tinha tentado ser mais ardilosa que ninguém e o tinha oculto, mas ela era como um livro aberto para ele. Sempre. A expressão de seu rosto, o olhar em seus olhos cinzas, eram detalhes que sempre a delatavam. Entretanto, ele acreditava que assim que visse de novo a seu marido se daria conta de que seu amor por ele se desvaneceu. E que agora a quem queria era a ele.

«Idiota», repreendeu-se a si mesmo. Em lugar de atrai-la para ele, tinha-a afastado bruscamente dos dois. Desde não ter sido pela mulher da galeria, tivesse podido alcançá-la no pequeno despacho e explicar-lhe tudo desde o começo. Mas quando ao fim conseguiu abrir-se passo entre aquela maré de gente, no despacho só estava Giselle, que lhe tinha olhado com uma expressão vazia nos olhos, como se não entendesse o inglês. A muito puta.

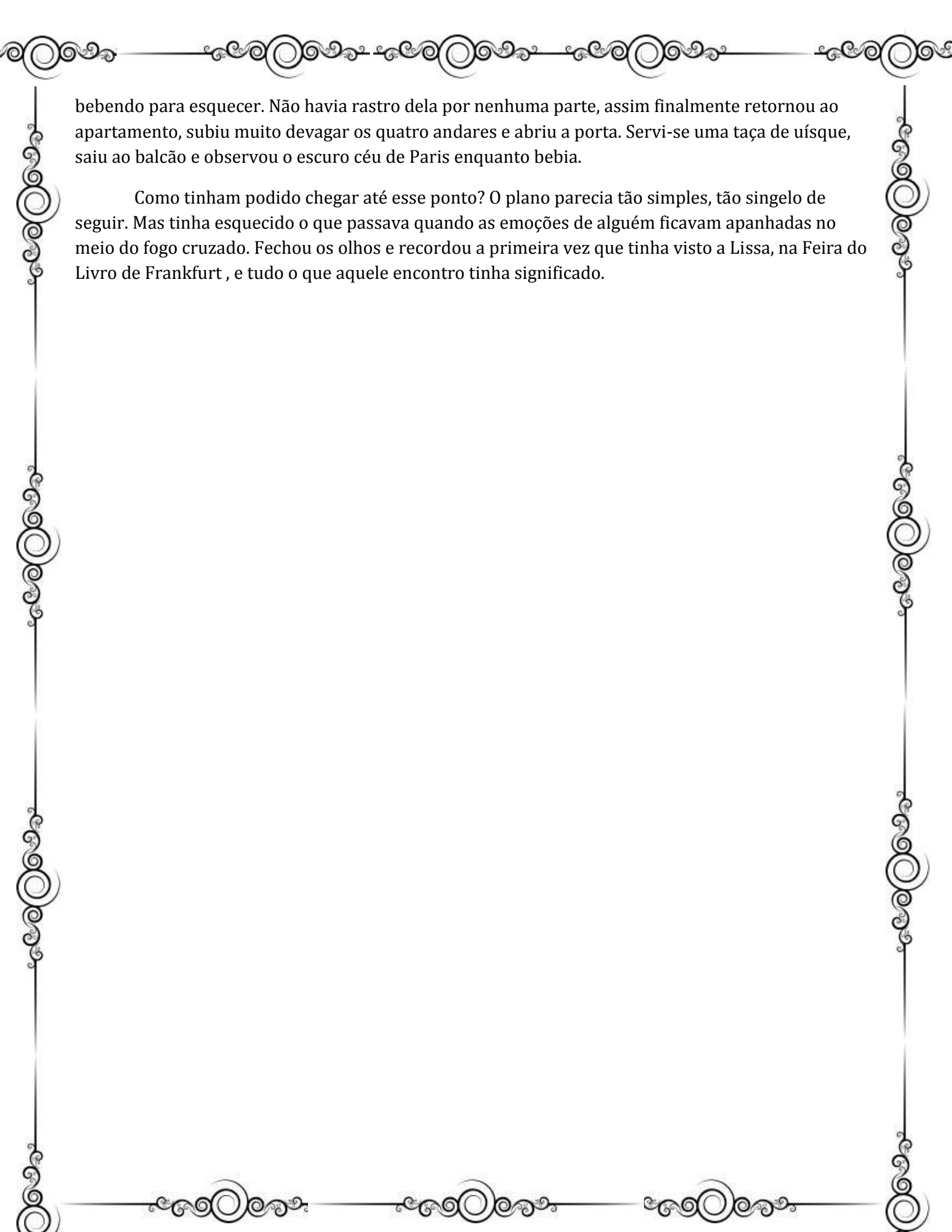
Viu sua própria imagem refletida em uma vidraça, com a luz de uma luz justo detrás dele, lhe dando um ar fantasmal, quase transparente. Assim é como se sentia. Era ao que se reduzia quando estava sem ela.

O que faria se Lissa não voltava com ele?

Deteve-se frente a um bar, considerando a possibilidade de tomar uma taça. Uísque escocês, talvez, a pau seco. Sentaria-lhe bem. Mas melhor não. Tinha que retornar ao apartamento. Talvez Lissa lhe estivesse esperando ali. Esse pensamento fez que acelerasse o passo inconscientemente. Pode que ao girar pela rue d'Italie a encontrasse ali, sentada na calçada. Imaginou a cena e lhe pareceu tão real que quase podia tocá-la. Lissa, com o cabelo solto sobre os ombros e uma expressão perdida no rosto.

Enquanto caminhava, tratou de convencer-se de que, embora não estivesse lhe esperando diante do apartamento, poderia encontrá-la. O problema era que não tinha nem a mais remota idéia de onde poderia ter ido. Marcus, que certamente a conhecia o suficiente para saber que lugar escolheria sua ex-mulher para esconder-se em uma cidade como Paris, também tinha desaparecido. Colin tinha perdido um tempo precioso buscando-o entre a multidão, acossado por várias mulheres que queriam ter sua oportunidade com ele na vitrini da galeria.

Colin se tinha desfeito delas, não sem certo asco. Não significavam nada para ele. Só queria a Lissa, e quando não a encontrou em frente ao apartamento, sentiu vontade de chorar. Deu uma volta na quadra, imaginando que talvez tivesse pensado quão mesmo ele e estivesse em algum bar da zona



bebendo para esquecer. Não havia rastro dela por nenhuma parte, assim finalmente retornou ao apartamento, subiu muito devagar os quatro andares e abriu a porta. Servi-se uma taça de uísque, saiu ao balcão e observou o escuro céu de Paris enquanto bebia.

Como tinham podido chegar até esse ponto? O plano parecia tão simples, tão singelo de seguir. Mas tinha esquecido o que passava quando as emoções de alguém ficavam apanhadas no meio do fogo cruzado. Fechou os olhos e recordou a primeira vez que tinha visto a Lissa, na Feira do Livro de Frankfurt, e tudo o que aquele encontro tinha significado.

Capítulo Sessenta e Cinco

Não pensava compadecer-se de si mesmo. Havia coisas muito piores na vida que ser enganada por um amante e por um ex-marido, havia gente para a que as coisas eram imensamente mais difíceis que para ela. Entretanto, enquanto caminhava junto ao Sena, não pôde evitar sentir-se miserável. Acaso não tinha motivos para isso? Tinha sido o peão na partida de xadrez entre os dois homens nos que mais tinha crédulo em toda sua vida. Seu marido, embora já não o fora, jamais lhe tinha mentido. E Colin... Colin. Tinha posto tudo em suas mãos. Sua alma. Seus desejos mais secretos. Seu coração.

Um pouco mais atrás, junto ao corrimão de cimento que discorria paralela à calçada, havia um casal de apaixonados fazendo-se carinhos. Voltaram-se para olhá-la e logo continuaram com o seu. Enquanto se afastava deles, pôde ouvir os gemidos da mulher. Ao fim e ao cabo, Paris era a cidade dos apaixonados.

Assim, que fazia ela ali?

Não pensava desfrutar-se em sua própria miséria. O que precisava era um plano, um sólido a partir do qual recuperar de novo as rédeas de sua vida. Ainda tinha um livro ao meio escrever, e um bom trabalho esperando-a em Califórnia. Nada tinha trocado em sua vida. Simplesmente tinha passado os últimos seis meses perdida naquela espécie de farsa romântica.

Mas como se atreveram? Justo quando começava a sentir-se bem consigo mesma e com seus desejos.

Lissa se sentou em um banco de pedra e envolveu seu corpo ainda mais com o casaco que Giselle lhe tinha emprestado. Recordou de repente que debaixo do grosso tecido estava sua pele nua, e esse pensamento fez que se sentisse mais só do que se sentiu em toda sua vida.

Capítulo Sessenta e Seis

Colin se serviu outra taça sem dar-se apenas conta do que fazia. O uísque era de uma das melhores marcas que existiam, mas bem poderia ter sido solvente, que ele não tivesse notado a diferença. Só queria apagar o rosto de Lissa de sua memória justo antes de sair correndo, aquela expressão entre asco e desconfiança. Não entendia nada. Descobrir a existência do mecenas parecia havê-la excitado ainda mais. Evidentemente era a identidade daquele misterioso personagem — descobrir que era Marcus — o que tinha provocado que se sentisse traída.

De volta ao balcão, recordou a odisséia que tinha suposto encontrar seu stand naquele enorme labirinto de corredores que era a Feira de Frankfurt. Fechou os olhos e, de novo, ali estava.

Lissa estava sentada olhando em sua direção, embora não lhe via. Detrás dela havia uma imagem de seu livro, um grosso exemplar sobre novos talentos artísticos nos Estados Unidos. Tinha passado os últimos quatro anos investigando sobre o tema, conforme lhe explicou Marcus, e o livro tinha tido uma boa acolhida, lhe proporcionando certa fama entre os assistentes à feira. Desprendia um brilho especial, ali sentada entre todos aqueles pedantes. Colin colocou uma mão em um bolso e retrocedeu uns passos, confundindo-se com a multidão para assim poder observá-la melhor. Marcus lhe tinha dado uma fotografia, mas não fazia justiça. Aquela mulher era radiante. Talvez fora a feira a que a fazia brilhar daquela maneira, embora Colin o duvidava. Havia uma luz em seus olhos com a que não contava.

Durante uma reunião da fraternidade, em que Marcus lhe tinha explicado que sua vida sexual era nula e que a energia entre sua mulher e ele se desvaneceu por completo, os dois homens riscaram aquele plano, aquela idéia insólita e genial, apoiando-se no filme de Hitchcock *Estranhos em um trem*.

— Não posso acreditar que te esteja pedindo isto — disse Marcus enquanto tomavam algo no bar do hotel.

Colin, que era quem realmente tinha proposto a idéia, de uma forma tão sutil e inteligente que Marcus tinha acabado aceitando-a como sua própria, assentiu com a cabeça.

— Tem razão, parece estranho, mas pode que funcione. Se eu fodo a sua mulher, talvez salve assim seu matrimônio.

Aquilo não era uma situação que se desse normalmente entre antigos companheiros de universidade. Mas Colin e Marcus não o eram. Ambos formavam parte de um clube — os Dragões Chapeados — uma sociedade secreta que só aceitava doze novos membros por ano. Portanto, aquilo

era algo do que um dragão podia falar abertamente com outro, sem nenhum tipo de medo.

Compartilharam brincadeiras e gargalhadas sobre o tema até que se despediram estreitando a mão. Colin esperou impaciente em sua estadia, aquela noite, pensando que talvez Marcus trocaria de idéia, chamaria-lhe e cancelaria tudo. Passeou pela estadia, excitado, da cama ao sofá e do sofá à cama, carregado de uma energia que no fundo não eram mais que nervos concentrados. Mas o telefone não soou aquela noite, e Colin reservou um vôo para Frankfurt se apresentou na feira, esperando o momento adequado para aproximar-se dela.

Agora. Não havia muita gente ao redor. Ninguém que pudesse ouvir o que pensava dizer a Lissa. Estava de costas a ele, ordenando os livros de uma estante. Colin se aproximou dela, passou os braços ao redor de sua cintura e pegou os lábios a sua orelha.

Lissa não gritou, nem sequer ficou tensa. De fato, nos poucos segundos que a teve entre seus braços, teve a sensação de que se relaxava. Seu corpo era magro, embora firme e flexível como o de uma bailarina. Gostava da sensação de tê-la entre seus braços. Quando tratou de apartar-se, de voltar-se para ver quem a sujeitava, Colin acreditou ver um olhar de esperança em seus olhos que lhe fez sentir-se ainda mais seguro de si mesmo. Todo mundo acreditava que ele era um homem com muita auto-estima. Entretanto, em ocasiões não era mais que uma fachada. Viu como nos olhos de Lissa se formavam perguntas, interrogativas que esperavam resposta e que para ele eram facilmente legíveis. E então a ouviu dizer: «Sinto muito.»

Não podia acreditar-lhe Aquilo ia ser mais fácil do que tinha imaginado, muito mais do que Marcus lhe havia dito. Colin manteve suas emoções sob controle e respondeu: «É óbvio que o sente. Essa é sua forma de ser.»

Marcus levava tempo esperando um relatório, algo que lhe dissesse como progredia o plano, um email que lhe confirmasse que tudo ia sobre rodas. «Lhe dê um pouco de emoção. Faz que desperte — havia dito o dia da reunião — Vi o desejo em seus olhos. Eu não sei como lhe dar o que quer, assim lhe dê algo no que apoiar-se, uma aventura. Logo ela e eu trabalharemos a partir disso. — deteve-se e sua voz se voltou rouca e profunda — Temos que superar este buraco. Não sei se poderia viver sem ela.»

Marcus acreditava que o romance, se é que lhe podia chamar assim, duraria só o que durasse a feira. Então Lissa voltaria para casa, com as pilhas carregadas, convertida em outra mulher, e assim ele também poderia trocar e lhe demonstrar quão selvagem podia ser. Começariam do zero, uma vez que ela se liberou de suas inibições e estivesse preparada para uma vida nova. Marcus queria que fizessem todas aquelas coisas sobre as que Lissa escrevia em seu jornal. Fazer amor nos velhos degraus do Hollywood Bowl. Esconder-se debaixo da plataforma de Santa Mónica. Unir-se ao Clube da Milha Aérea com ela em uma daquelas novas camas dupla dos vôos transoceânicos das aerolinhas Virgin.

Colin, entretanto, tinha outros planos. Uma semana? Era impossível conseguir algo em tão pouco tempo. E além disso estava a feira. As assinaturas de livros. As festas. Comidas. Os atos de

apresentação de seu livro. Não, os resultados só seriam evidentes quando se acabasse a feira e voltassem para Londres. E Colin tinha os contatos necessários, repartidos por toda a Europa.

Talvez Marcus estivesse recebendo mais do combinado. E é que em realidade já não conhecia aquele homem com o que tinha feito um trato. Colin tinha trocado muito dos tempos da faculdade de medicina. Então era o brincalhão, o mais preparado, a eminência da classe. Sua aparência física escondia ao homem que em realidade era e lhe permitia fazer coisas que ninguém tivesse esperado dele. Agora estava mais centrado, tinha um grande controle sobre si mesmo. Ainda conservava uma mente ágil, mas a usava para fins bem distintos.

Com Lissa, o objetivo final de seu plano tinha sido ficar com ela.

Agora, enquanto contemplava a cidade sob a luz da meia-noite, deu-se conta de quanto se complicaram seus planos. supunha-se que ele era a pessoa ao mando, o encarregado de sacudir seu mundo para que a relação de Lissa com seu marido renascesse de suas cinzas. Mas o poder tinha trocado de mãos. Em que momento ela se fez com o controle e tinha posto seu mundo pernas acima?

E como demônios faria para colocar as coisas de novo em seu lugar?

Capítulo Sessenta e Sete

Às três da madrugada Lissa bateu na porta traseira da galeria. Estava empapada até os ossos pela chuva que tinha começado a cair sobre a cidade tão somente uma hora antes. Desejou desesperadamente que Giselle ainda estivesse ali. Tinha deixado suas coisas dentro, embora não era isso o que havia a trazido de volta. Depois de caminhar junto ao Sena sob a chuva, tratando de decidir o que podia fazer, deu-se conta de que não tinha outro lugar ao que ir.

Giselle abriu a porta e encontrou a Lissa na rua, tremente e confundida. Tinha o cabelo alvoroçado e empapado e as bochechas rosadas.

— Roberto assegurou que voltaria — lhe disse com um sorriso cálida nos lábios — esteve esperando se por acaso necessitava ajuda. — E ambos, Giselle e Roberto, fizeram-na entrar e a conduziram ao apartamento que havia no andar superior.

— Ficaré aqui — murmurou Giselle enquanto lhe acariciava o cabelo empapado e a ajudava a tirar o casaco.

Roberto esperou junto à porta, observando a cena, hipnotizado pelas formas do corpo de Lissa. Já a havia visto nua antes, é obvio, quando tinha posado para as esculturas. Mas agora havia algo distinto nela, como se realmente fosse uma de suas estátuas que tivesse cobrado vida. Giselle acendeu várias velas, que dançaram travessas sobre as trementes curvas de Lissa. Ainda parecia aturdida pelos acontecimentos que tinha vivido aquela mesma tarde. Não tratou de cobrir sua nudez e tampouco soube o que fazer quando Giselle lhe ofereceu uma toalha.

Foi Roberto quem a agarrou e, aproximando-se muito devagar a ela, como se tivesse medo de sua reação, ajudou-a a secar-se. Começou pelos ombros e foi baixando lentamente. Esfregou-lhe braços e mãos, o ventre e as costas, as coxas e os joelhos. Logo começou a subir de novo, com a mesma lentidão nos movimentos, utilizando a toalha no rosto interna das pernas e logo sobre seu sexo.

— Melhor, verdade? — perguntou em um inglês hesitante mas perfeitamente compreensível.

Lissa lhe olhou de acima, com os olhos muito abertos. Parecia como se ainda estivesse dentro de uma daquelas estátuas que tinha criado para ela. Roberto se perguntou o que seria necessário para derreteraquela mulher. voltou-se para olhar a Giselle e lhe perguntar com o olhar o que devia fazer, se talvez devia continuar ou não.

A mulher assentiu uma única vez. Suficiente para o Roberto. Aproximou-se ainda mais ao corpo de Lissa, separou os lábios de seu sexo são uma mão e logo lhe lambeu o clitóris com a língua.

Suas costeletas acariciavam a pele de Lissa e lhe faziam cócegas. A sensação despertou de seu sonho. Pôs as mãos sobre seus ombros, como se tratasse de lhe confirmar que sim, que aquilo era exatamente o que queria.

Giselle se aproximou do casal e se situou detrás de

Lissa, apertando seu corpo contra ela. Rodeou-a com os braços e começou a lhe acariciar os peitos. Lissa suspirou e deixou cair seu peso sobre a proprietária da galeria, enquanto Roberto lhe colocava a língua e logo voltava a descrever sobre seus clitóris aqueles círculos, pequenos e rápidos, que faziam que lhe tremessem as pernas. Giselle, que era muito mais forte do que aparentava, sustentou o peso do corpo quase inerte de Lissa, que tremia de prazer sob o enfeitiço da língua do Roberto.

Aquela tarde, com o Colin, não tinha conseguido alcançar o orgasmo. Agora, entretanto, estava a ponto de gozar.

— Vamos à cama? — perguntou Roberto enquanto recuperava o fôlego. Lissa e Giselle assentiram ao unísono e os três se dirigiram à cama que havia em uma esquina do apartamento de um só ambiente. Era enorme e muito baixa, coberta por lençóis negros de cetim e um edredom de veludo. Giselle atirou do edredom até que caiu ao chão e os três se deixaram cair sobre as brilhantes e escorregadios lençóis. Lissa nunca antes tinha provado uma cama como aquela. Tudo nela era suntuoso. O colchão parecia firme e os lençóis eram tão suaves que cada vez que se movia se deslizava sobre elas. Havia também almofadas forradas em veludo, a jogo com o edredom.

A um lado da cama havia uma janela que dava a um pequeno balcão. Mais à frente, Paris e o Sena brilhavam sob a luz da lua. Ao outro lado, um espelho de corpo inteiro refletia a paixão dos três amantes. Lissa tinha aquele espelho ante seus olhos e o prazer de ver refletida a cena superava ao da orgia que tinha vivido com o Colin, em que uma atadura lhe cobria os olhos impedindo que desfrutasse com todos seus sentidos.

Com o Roberto a um lado e Giselle no outro, Lissa se deu conta de que já não precisava pensar sobre o que lhe tinha acontecido aquela tarde. Podia deixar que suas preocupações desaparecessem e emprestar toda sua atenção ao que estava vivendo nesse preciso instante, participar da ação em lugar de limitar-se a ser um simples espectador passivo.

Roberto se recostou sobre um braço e observou a Lissa intensamente, memorizando cada uma de suas curvas. Conhecia aquele corpo à perfeição, depois de ter feito os moldes de cera a partir dele, mas agora que podia tocar sua pele e afundar os dedos em sua carne, parecia extasiado, incapaz de continuar. Lissa se inclinou sobre ele e lhe beijou nos lábios, e aquilo pareceu despertar de seu devaneio e lhe devolver aonde o tinha deixado.

— Eu gosto — disse ela com suavidade, acariciando o queixo do Roberto e desfrutando da sensação de sua barba sobre a pele— Eu gosto do tato contra minha pele.

Ele sorriu e lhe devolveu o beijo, esfregando brandamente seu rosto contra a dela e fazendo-a rir. Logo desceu por seu corpo até colocar-se de novo entre suas pernas. Tinha provado seu néctar e queria mais. Assim o disse, em francês, e Lissa se tornou sobre a cama, extasiada pela combinação de palavras e ações. adorava a suavidade de seus lábios e de sua língua, em contraste com a aspereza de sua barba.

Lissa se converteu no centro de atenção. Giselle se inclinou sobre ela para concentrar-se em seus peitos. Beijou primeiro um e logo o outro, fazendo que os mamilos ficassem duros como pequenas pedras preciosas. Roberto se sentou escarranchado sobre uma de suas pernas para que assim Lissa pudesse notar a pressão de seu pênis contra ela, e logo continuou jogando esconderijo com a língua.

Durante todo o tempo que estiveram na cama, não disseram nada. Não o necessitavam. Seus corpos sabiam comunicar-se por eles. Lissa suspirou e levantou o quadril, e Roberto interpretou nesse movimento que já estava pronta para que a penetrasse. Colocou a ponta de seu pênis sobre o clitóris de Lissa e ela gemeu de prazer, um gemido gutural, proveniente do mais profundo de seu ser.

Lissa separou as pernas e Giselle se colocou junto a ela para manter os lábios de seu sexo abertos enquanto Roberto introduzia a ponta de seu membro. Havia algo incrivelmente decadente em ter ao Giselle como ajudante. Era o rol que ela mesma tivesse adotado se Colin estivesse presente. Tivesse sido o elemento subordinado do trio. Agora, entretanto, ela era a figura central, e quando sentiu os dedos de Giselle entre suas pernas teve que esforçar-se para não gozar nesse preciso instante.

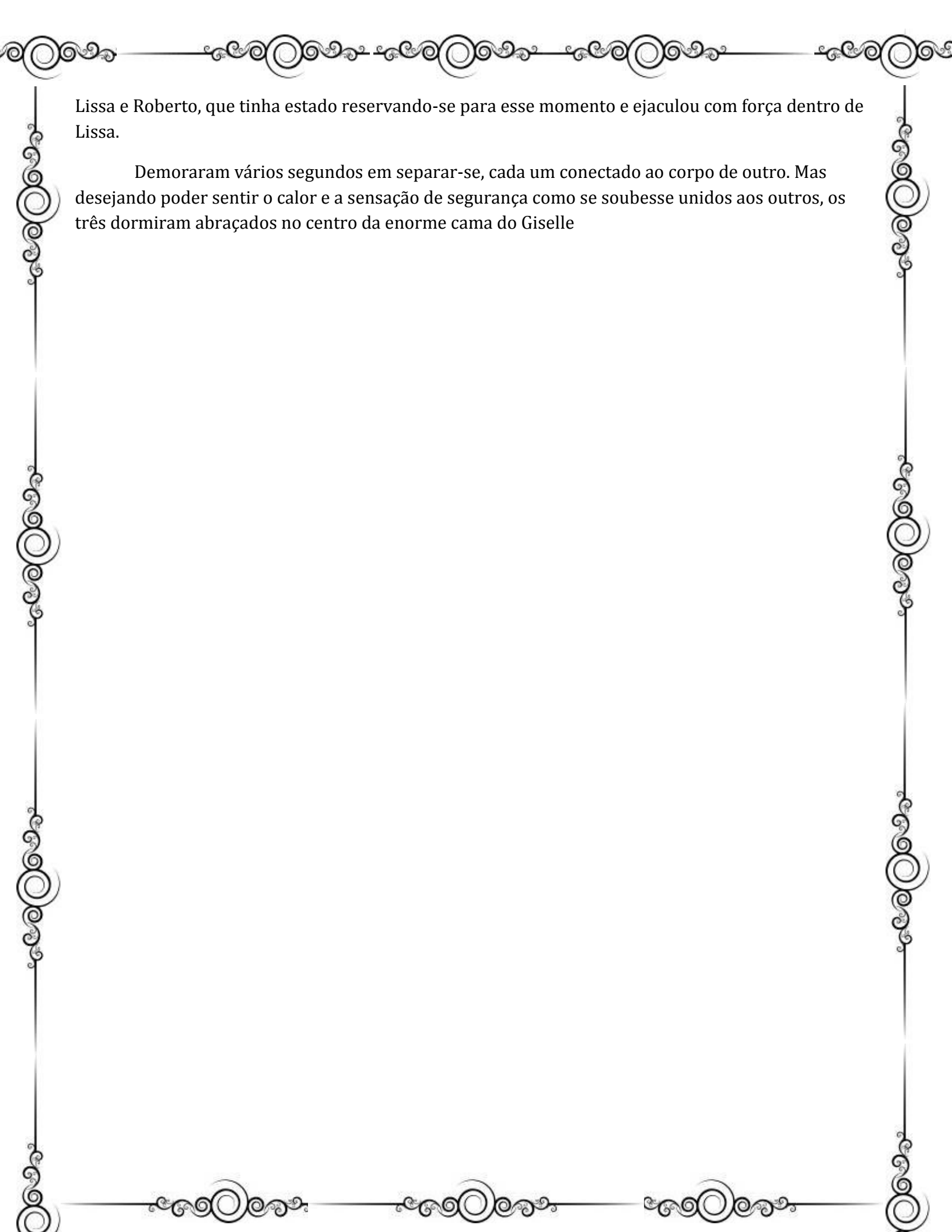
Roberto não apartava o olhar de seus olhos, criando um vínculo entre eles. Lissa tampouco tentou desviar a vista para outro lado, embora ao mesmo tempo notou como Giselle se deslizava até o bordo da cama. De repente sentiu a boca da outra mulher enquanto lhe chupava os dedos dos pés. Aquilo era algo que nunca antes tinha provado e que não tinha pensado que pudesse lhe gostar. E entretanto, a sensação da língua envolvendo cada dedo, acariciando, lambendo, era incrível. Lissa se contraía ao redor do sexo do Roberto cada vez que a língua de Giselle entrava em contato com sua pele. O escultor gemeu e começou a investir cada vez com mais força, levando a Lissa de novo até o limite.

Quando Giselle subiu por seu corpo, lambendo e acariciando o interior de suas coxas, Lissa pensou que não podia agüentar-se mais.

— vou gozar — murmurou, sujeitando ao Roberto pelos braços.

— Espera — sussurrou ele —Goze comigo.

Ela tratou de reter o orgasmo, mas quando Giselle trocou de posição e se sentou sobre o rosto de Lissa, com o sexo contra sua boca aberta, já não pôde esperar mais. Gozou contra sua carne, com os lábios fechados ao redor do clitóris do Giselle, seus gemidos perdendo-se nas profundidades de sua companheiro de jogos. A proprietária da galeria alcançou o orgasmo quase ao mesmo tempo que



Lissa e Roberto, que tinha estado reservando-se para esse momento e ejaculou com força dentro de Lissa.

Demoraram vários segundos em separar-se, cada um conectado ao corpo de outro. Mas desejando poder sentir o calor e a sensação de segurança como se soubesse unidos aos outros, os três dormiram abraçados no centro da enorme cama do Giselle

Capítulo Sessenta e Oito

A diferença do Colin, Marcus nem sequer se incomodou em procurar a sua mulher. Sabia que quando Lissa se zangava precisava estar sozinha. Era inútil tentar que passasse de um estado de ânimo a outro. Além disso, embora queria encontrá-la, como ia fazer ele em uma cidade como Paris? Havia muitos lugares nos que esconder-se, muitos artistas e colegas de profissão aos que podia chamar em busca de ajuda. Assim decidiu que o melhor que podia fazer era sentar-se frente ao portátil e ler seu diário uma vez mais.

Pensou que talvez se conseguia penetrar em seus pensamentos saberia o que fazer a seguir. Todo o experimento se apoiava unicamente em suas fantasias. Entretanto, agora que a realidade lhe tinha superado, sefazia difícil tomar decisões.

O cientista que havia nele revisou a lista. Tinha completado virtualmente todas suas fantasias, através do Colin, isso sim. Faziaamor em público, mostrou-se diante de uma multidão de espectadores, tinha conhecido o perigoso mundo do sadomasoquismo, tinha-o feito com outra mulher e se vestiu com roupa selvagem. O que ficava? Conectar com ele, com seu marido, a um nível superior. Não, naquilo era precisamente no que lhe tinha falhado a sua mulher.

Como tinha sido tão iludido?, como tinha podido pensar que se a entregava a Colin, a outro homem, conseguiria que seu amor fosse mais forte? Tentou tranquilizar-se. Aquilo tinha sido um último e desesperado esforço. De fato, quando Marcus encontrou o cd que continha seu diário eletrônico perdido no fundo de um armário, Lissa já lhe tinha deixado.

Pulsou um botão e em seu computador começou a reproduzir a gravação de Lissa e Colin no Museu de Arte Erótica de Paris. A camera tomou um primeiro plano dela, com os lábios abertos, e Marcus se deu conta de algo que até esse momento não tinha notado. Cada vez que Lissagozava, pronunciava seu nome. Viu como seus lábios formavam a palavra e pôde ouvir o som de sua voz dentro de sua cabeça.

Era o que necessitava para saber que o seu ainda podia funcionar. Se conseguia encontrá-la, então tudo se solucionaria entre ambos.

Agora só tinha que encontrar com ela.

Capítulo Sessenta e Nove

Colin supôs aonde estava passando Lissa aqueles dias, e acertou. Sabia que ainda não estaria preparada para seguir trabalhando no livro. Precisava esclarecer seus pensamentos antes de poder avançar. Entretanto, dificilmente poderia passar tanto tempo separada da arte, porque a arte era o que a ajudava a manter as peças unidas. E recordava lhe haver ouvido dizer alguma vez que o Louvre era seu museu favorito.

Esperou-a no café Marvelle, tomando um expresso detrás de outro e observando aos turistas apressando-se para a pirâmide de cristal pela que se entrava em museu. Não tinha muito claro o que lhe inspirava aquela obra, se realmente era arte ou um simples truque. A pirâmide, obra do I. M. Peri, tinha um aspecto estranho no centro da enorme praça. Mas ao menos lhe dava um ponto exato a partir do qual procurar a Lissa. Sabia que utilizaria aquela entrada em lugar das escadas rolantes que descendiam da rua até o subsolo. Gostava daquele desenho.

Ao terceiro dia de vigilância, Colin distinguiu a figura de Lissa no pátio. Ao princípio não estava muito seguro de que fosse ela. Mas sim, não havia dúvida, tratava-se de Lissa; delatava-a sua forma de andar, sempre com um objetivo em mente. Entretanto, havia algo distinto nela. Entreabriu os olhos à medida que se foi aproximando do museu e logo se repreendeu a si mesmo. É obvio que era Lissa, com óculos de sol negras e o cabelo recolhido, revelando aquele pescoço que ele adorava, a linha das clavículas que tanto desfrutava seguindo com o dedo. Levava um vestido azul céu que Colin não tinha visto nunca. Foi-se da galeria sem nada de roupa, unicamente com aquele casaco que lhe tinha emprestado a proprietária do local. Certamenteteria passado os três últimos dias de compras. Mas havia algo mais, algo diferente e mais profundo que seu traje.

Enquanto a observava, deu-se conta de que também tinha trocado outros aspectos de sua aparência. Não, não levava o cabelo recolhido, mas sim o tinha cortado, e o certo é que a mudança lhe favorecia e lhe tirava uns quantos anos de cima. Parecia uma modelo de passarela rebolando sobre seus sapatos de salto, bolsa a jogo e óculos de sol escuras, como se fosse disfarçada, o qual certamente seria certo.

Colin deixou várias moedas sobre a mesa e se levantou. Esperou que Lissa entrasse no museu e logo a seguiu. O Louvre, o maior museu do mundo, aglutinava multidão de seções distintas. a de pintura, com a Mona Lisa como jóia da Coroa, era a mais popular. Colin analisou quão planos penduravam em cima das bilheterias em busca de uma seção que se ajustasse aos gostos de Lissa e onde, portanto, pudesse encontrá-la.

Recordou um de seus primeiros fins de semana juntos, durante o qual Colin não tinha deixado de lhe fazer perguntas para conhecê-la melhor. «me diga qual é sua obra de arte favorita»,

disse-lhe. Custou-lhe muito decidir-se. Gostava de distintos tipos de arte segundo o estado de ânimo em que se encontrasse, e tratou de explicar ao Colin. Recordou-a atada à cama, com os braços por cima da cabeça e as pernas abertas. Aquela lição girava em torno da capacidade de autocontrole, assim Colin lhe passou um espanador de tirar o pó por todo o corpo, deixando que as plumas de cores roçassem ligeiramente sua pele até que as sensações foram irrefreáveis. O que mais gostava de tudo aquilo era fazê-la falar enquanto a torturava. Finalmente Lissa lhe deu uma resposta, entre risadas e gargalhadas: a Vênus de Melo, pela combinação de beleza e antigüidade.

Colin pagou a entrada e logo, uma vez dentro, avançou quase correndo pelos corredores do museu, passando por várias exposições sem parar um segundo a admirar as obras. As esculturas da antiga Grécia não lhe impressionavam o mais mínimo. Nesse instante só tinha olhos para a Lissa. Tratou de localizar seu vestido azul claro e escutou atentamente se por acaso ouvia seus passos. Buscou-a em todas as salas antes de encontrá-la justo onde sabia que estaria, frente à Vênus de Melo.

Lissa não se deu conta de sua presença. Estava muito absorta na obra, como sempre, de pé frente a ela, olhando-a como se aquela estátua fosse quão único ficasse na Terra. Para aquela Colin era o olhar de uma mulher na igreja, ajoelhada frente ao altar, em paz consigo mesma e com Deus. E precisamente por aquela santidade que desprendia o momento, preferiu não interrompê-la e esperar a que se precavesse de sua presença.

Finalmente na sala só ficaram eles dois, três, contando a estátua da Vênus. Colin não pôde resisti-lo mais. Avançou para ela e pronunciou seu nome em voz baixa. Lissa lhe ouviu e se voltou para lhe olhar.

Havia odio em seu olhar, e Colin se surpreendeu tanto que esqueceu por completo o que tinha pensado lhe dizer. Tinha reproduzido aquela mesma cena inúmeras vezes em sua imaginação, mas por alguma razão nunca tinha considerado a possibilidade de que Lissa estivesse furiosa com ele. Confundida sim, preocupada também, mas furiosa não. Podia ser que depois de tanto tempo ele fosse o mais infantil dos dois?

— O que faz aqui? — perguntou ela. Sua voz soou como um bofetão na bochecha do Colin, e teve que controlar-se para não retroceder um passo.

— vim verte — respondeu, surpreso pelo tom de sua própria voz, como se agora ele fosse o submisso do casal, que necessitava segurança, aquele ao que terei que acoitar para manter a raia. Alegrou-se de haver-se tomado seu tempo para vestir-se apropriadamente. Aquele traje escuro fazia que se sentisse mais capitalista que se só tivesse levados uns Levies e um simples pulôver .

— O que quer? — perguntou Lissa de novo. Tirou-se os óculos de sol e Colin pôde admirar a beleza de seu rosto. Era uma digna rival para qualquer das obras de arte do museu, pensou.

Conformou ficando ali de pé onde estava e olhá-la. Certo que teria preferido um tom distinto em sua voz, e não aquela frieza distante. Ao fim e ao cabo, quão único queria era agarrá-la entre seus braços e lhe prometer que seria seu para sempre. Queria lhe contar que algo tinha saído mal em seu

plano, naquele experimento dele e do Marcus, e que em lugar de avivar seu libido se ganhou seu coração.

— O que quer, Colin? — repetiu Lissa, e ele recordou todas as vezes que lhe tinha repetido uma pergunta uma e outra vez, esperando uma resposta satisfatória. Estava ela fazendo o mesmo com ele? Queria que lhe respondesse algo em particular? Pelo brilho de seus olhos soube que não. Parecia querer acabar com aquela conversa quanto antes para poder seguir admirando sua escultura favorita.

Colin pensou em dar meia volta e desaparecer. Ao menos assim era como atuava um dominante. Se queria algo dele, já sabia onde lhe encontrar. Mas não pôde. Havia tantas coisas que queria lhe explicar... Tomou ar, preparado para começar a falar, e se deu conta de que não sabia como. Aquela inquietação lhe era alheia. Onde estava sua confiança agora? Onde estava sua atitude dominante?

Menos mal quetinha escrito tudo em uma carta. aproximou-se dela e a entregou, com a sensação de que a romperia ali mesmo, diante dele. Preferiu não esperar a ver o que ocorria. Inclinou-se sobre ela, beijou-a uma única vez nos lábios e logo partiu da sala.

Capítulo Setenta

Lissalevou a carta aos jardins das Tullerías. Fazia um dia tão bonito que decidiu se sentar em um dos bancos que havia ao redor da fonte e tomar uma taça de vinho branco sob os raios do sol rodeada de turistas, artistas e algumas pessoa normais. Enquanto cruzava a rua em direção ao parque, viu que a roda já estava em funcionamento. O primeiro sino da chegada de uma nova primavera.

Sentindo-se um pouco enjoada, pagou um bilhete e entrou na atração. Do alto da roda as vistas sobre Paris eram impressionantes. Abriu a carta do Colin e a leu. Necessitou que a roda desse duas voltas completas para poder entender o significado daquelas palavras. Ao menos agora compreendia tudo e já não tinha que viver com a incerteza de não saber dos três últimos dias. Ver o Marcus ao outro lado do vidro tinha sido o pior de tudo. Colin não era mais que um simples gigolô, um assalariado, alguém contratado para reavivar a paixão e acender de novo a chama do amor.

A cabine de Lissa se deteve ao nível do chão e o homem que controlava a atração lhe fez um gesto com as sobrancelhas. Queria dar outra volta? Lissa assentiu. O ar que se respirava nas alturas, limpo e fresco, ajudava-a a esclarecer as idéias. Cansada do vinho, pensou que um uísque naqueles momentos não lhe viria nada mal.

Pareceu-lhe ver uma mancha vermelha entre a multidão reunida ao redor da fonte. Estaria Colin esperando-a? Por ela podia esperar quanto quisesse, porque não pensava ir-se com ele. Lhe acelerou o pulso e disse que ela tampouco tinha sido totalmente sincera naquela relação. Não lhe tinha contado que estava separada de seu marido, nem que sabia da existência daquele mecenas que colecionava a arte erótica que criavam entre os dois. A fim de contas, ela mesma tinha formado parte daquela farsa. E se tivesse sabido desde o começo que o mecenas era Marcus, tivesse trocado em algo sua relação com o Colin?

Não sabia. Só estava segura de duas coisas: que estava furiosa e que se sentia traída.

O código dos dois novatos da escola de medicina, membros do mesmo estúpido clube. Por que não se teria dado conta antes? Embora como poderia havê-lo feito? Marcus nunca lhe tinha mencionado que pertencia a um clube, assim Lissa não tinha por que sabê-lo. Como tivesse podido imaginar que Marcus e Colin eram amigos?

A roda continuou dando voltas e ela enterrou o rosto entre as mãos, tratando de decidir o que ia fazer. Finalmente, e tal como Colin tinha imaginado, rompeu a carta em partes e deixou que o confete escapasse entre seus dedos e caísse revoando ao chão. Não era uma decisão, mas ao menos se sentiu melhor consigo mesma.

Capítulo Setenta e Um

Talvez tivesse o notebook. Marcus não queria esvaziar seu coração em um email, mas o que outra coisa podia fazer? Nem sequer tinha forma de saber se ainda estava em Paris. Talvez houvesse retornado com o Colin e a essas alturas estivessem já em Londres, ou inclusive na Califórnia.

Mas se tinha seu computador com ela e comprovava seu email ao menos saberia que estava tratando de encontrá-la. Queria que soubesse. Perguntou-se se seus intentos por reconciliar-se com ela tinham fracassado. Tinha sido uma estupidez deixá-la nos braços de outro homem? Era um risco que acreditava ter calibrado. Agora que Lissa não estava, tinha tempo de sobra para analisar todo o ocorrido, e o que parecia óbvio era que as motivações do Colin eram muito mais profundas que o simples desejo de ajudar a um amigo.

Manteve o olhar fixo na tela durante vários minutos. O fundo de escritório era uma das fotos de Lissa no museu de Hamburgo, uma em que aparecia caracterizada de garota pone, com o olhar aceso pela paixão. Perguntou-se como seria a peça original e aquilo lhe fez recordar algo que Lissa lhe havia dito fazia já alguns anos. Se uma imagem lhe fazia querer saber mais, então tinha completado com seu objetivo. Se a obra seguia contigo uma vez abandonado o museu, o artista podia dar-se por satisfeito.

Não estava muito seguro se Lissa considerava a arte erótica comparável ao convencional, mas se alegrou ao ver que algo que lhe havia dito finalmente tinha sentido para ele. Se a convencia para que voltasse com ele, prometeu-se a si mesmo que emprestaria mais atenção a suas palavras. Escutaria-a sempre e seria um verdadeiro companheiro para ela, não só na cama.

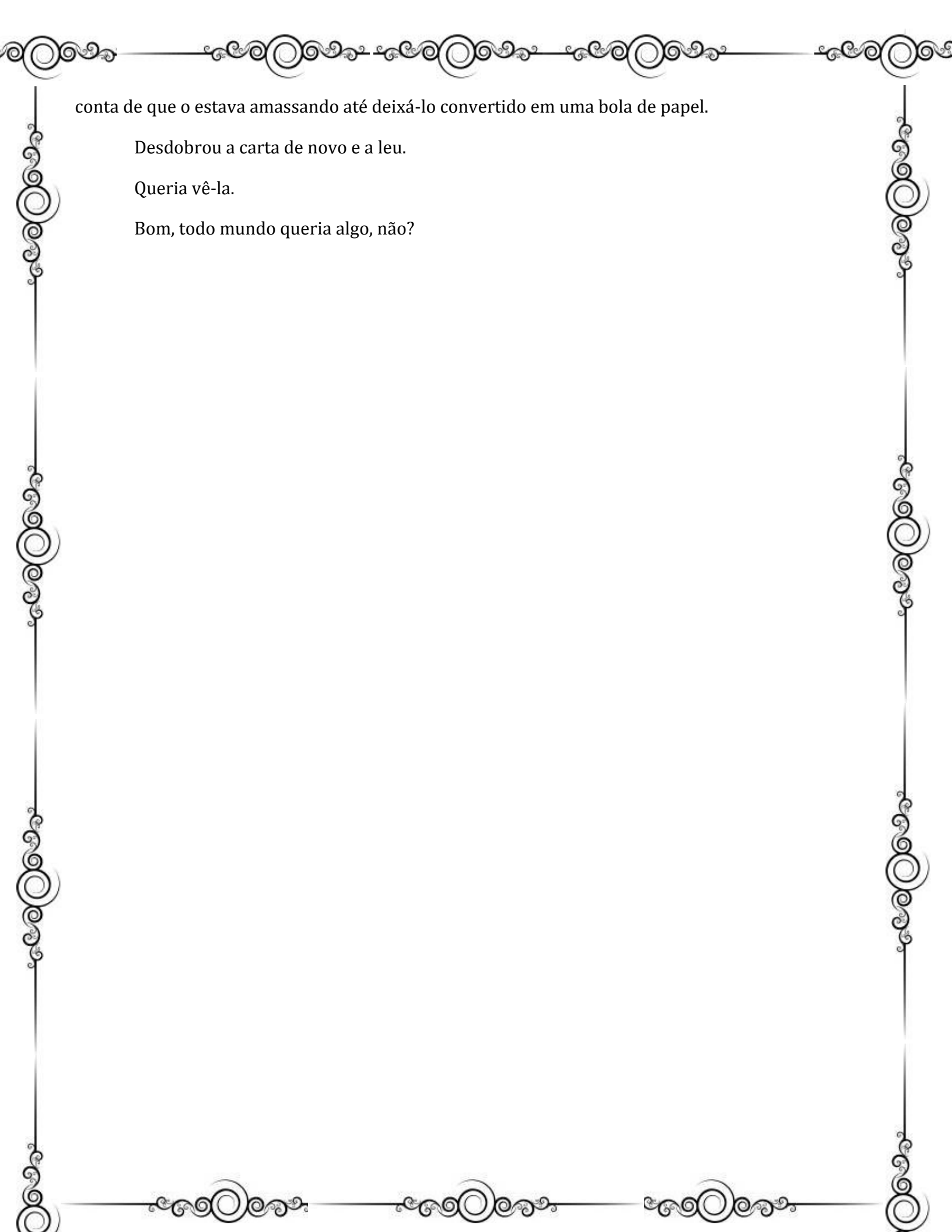
Voltaria com ele?

Tinha que lhe dar uma última oportunidade.

Lissa leu a mensagem de novo.

Era conciso, com muita menos palavrório que o do Colin. Dizia-lhe que se embarcou naquela temerosa travessia porque ela parecia infeliz. Queria que experimentasse as coisas que o mundo tinha para lhe oferecer e que logo retornasse a casa, acordada e viva. Colin pertencia ao clube, de modo que além disso estava seguro de que nada mau lhe podia passar.

Era ridículo e ao mesmo tempo parecia ter sentido. Marcus era assim, pensava assim. Encontrou o disco com seu diário pessoal cheio das fantasias sexuais que consumiam a Lissa por dentro e quis as converter em realidade. Mas por que não tinha tido as Pelotas de encarregar-se ele mesmo? Imprimiu o email no computador do Giselle e agarrou o papel com uma mão, sem dar-se



conta de que o estava amassando até deixá-lo convertido em uma bola de papel.

Desdobrou a carta de novo e a leu.

Queria vê-la.

Bom, todo mundo queria algo, não?

Capítulo setenta e dois

Giselle não queria que Lissa partisse.

— Os homens de sua vida lhe tratam como se fosse um objeto, como se formasse parte de um videogame — lhe disse. Seus olhos eram de uma cor azul mais escura do normal — Eles querem passar ao seguinte nível e que você seja o prêmio. — Sua voz se voltou mais suave e se aproximou dela para lhe sussurrar — Só uma mulher sabe como se sente outra mulher.

Lissa estava sentada no bordo da cama, sem apartar a vista de sua amiga. Quando não se maquiava, Giselle parecia muito mais jovem. Era como o tecido vazio preparado para receber o pincel do professor. Também parecia mais vulnerável, tanto que Lissa aproximou uma mão a seu rosto para lhe acariciar a bochecha e ela se apartou.

— Agradeço-te tudo o que tem feito por mim — disse Lissa brandamente, consciente de que em seu tom de voz se distinguia uma intencionalidade que nunca antes tinha escutado— mas agora mesmo tenho que pôr em ordem o resto de minha vida.

Giselle piscou com força enquanto seus olhos se alagavam de lágrimas. Deixou-se cair sobre a cama desfeita, e Lissa recordou a noite de paixão que tinha compartilhado com ela e com o Roberto, o tato dos lençóis de cetim sobre sua pele nua. Era uma lembrança muito intensa e teve que esforçar-se por afugentar de sua mente. Ficou em pé e caminhou devagar para a porta de saída. Deteve-se um instante no patamar e retornou ao lado do Giselle

— É um mundo novo para mim — lhe disse — Já não há mais ataduras e portanto tampouco há mais despedidas. Mas se me deixa, podemos nos dizer au revoir de uma forma muito especial.

Giselle levantou a cabeça do travesseiro e a olhou com olhos chorosos. Logo apartou os lençóis e recebeu de novo a Lissa em sua cama.

Aquela vez foi uma experiência totalmente distinta, única. Sim, era certo que tinha estado com a Gina duas vezes, em Amsterdam, e logo também aquela outra noite, a da inauguração, em que Roberto e Giselle lhe tinham permitido formar parte de um maravilhoso ménage À trois. Mas esta vez era ela a que estava ao mando, e esse pequeno detalhe supunha uma grande diferencia.

— Você gosta disto? — murmurou Lissa, enquanto a beijava no queixo e logo riscava uma linha imaginária sobre a suas clavículas. Giselle emitiu um gemido comprido e profundo que interpretou como uma afirmação — Diga- me o que é o que mais você gosta— continuou, e sua voz recordou a do Colin, inclusive no tom, como se exigisse em lugar de pedir.

Giselle abriu os olhos e a olhou com uma nota de surpresa flutuando sobre o profundo azul da íris. O brilho de seus olhos se voltou frágil e justo nesse instante começou a falar em francês, descrevendo para a Lissa aquelas coisas que lhe proporcionavam mais prazer.

— Touche-moi ici — sussurrou — . J'aime ça. — E Lissa imediatamente seguiu suas ordens, acariciando seu corpo com as gemas dos dedos. Passou a mão sobre a tatuagem de uma mariposa que Giselle luzia no ventre, como se pudesse sentir a destreza do artista em sua própria pele.

Lissa tratou de descobrir de onde tinha tirado as ânsias de dominação. Supôs que era porque esta vez era Giselle a que não queria que se fora. E como ela tinha esse poder, decidiu que se tomaria seu tempo. Moveu-se brandamente ao longo de seu corpo. Deteve-se nos lugares mais delicados, mais sensíveis, utilizando a ponta da língua para riscar linhas invisíveis em seu pescoço.

Lissa alcançou o umbigo e Giselle não pôde reprimir um gemido, sabendo o que vinha a seguir. Arqueou as costas, mas Lissa não necessitava ajuda. Sujitou a Giselle pelo quadril e começou a lhe comer o sexo como se estivesse dando um festim de algo líquido e açucarado, uma fruta fresca transbordante de doce néctar.

Aquilo era muito distinto de estar com Gina em Amsterdam. Fazendo amor com Giselle, Lissa sentia que não havia ninguém mais no mundo que elas duas. O fazia porque essa era sua vontade, não porque Colin ou o mecenas — Marcus — o tivessem ordenado, mas sim porque era o que ela queria, o que mais desejava.

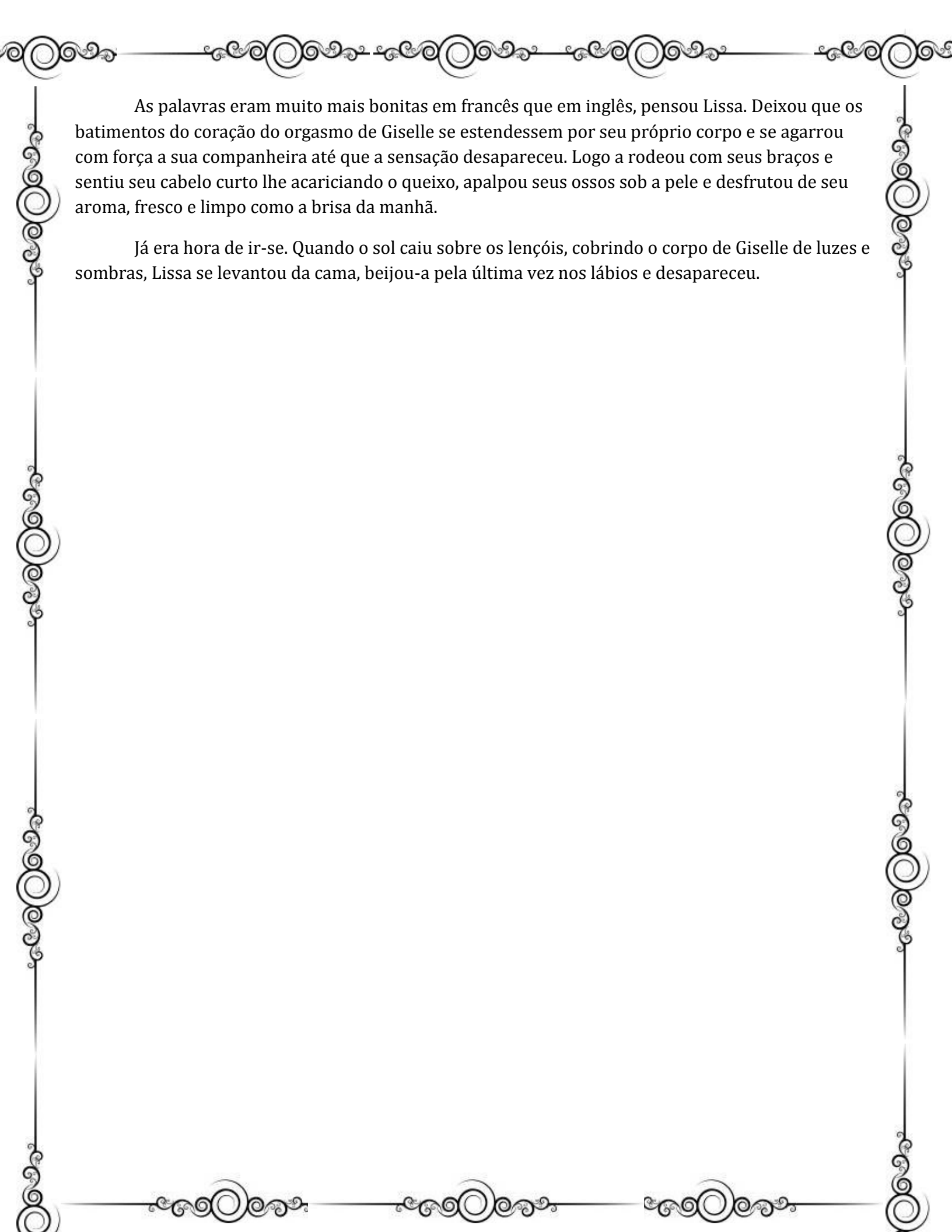
Quis sentir a boca do Giselle sobre seu sexo e inverteu a posição, formando um sessenta e nove. A proprietária da galeria não necessitou instruções em nenhum idioma, sabia exatamente o que tinha que fazer. Separou os lábios de Lissa com as mãos e logo lhe lambeu o clitóris formando pequenos círculos a seu redor. Lissa podia sentir o quente fôlego sobre sua pele. À medida que se aproximava do clímax, em sua mente apareceram imagens fugazes: fazendo amor com o Colin nas catacumbas, fodendo no museu rodeada de suas próprias fotografias, fazendo-o na janela do hotel, em Amsterdam.. Quase pôde tocar aquelas lembranças, como se pudesse revivê-los de novo. A língua de Giselle parecia ter aberto todas as barreiras de contenção e agora as emoções o alagavam tudo.

E então, justo no momento em que sentiu a iminência irrefreável do orgasmo, viu Marcus ao outro lado do cristal da galeria, brindando com uma taça de champanha na mão.

Ao recordar seu olhar, deu-se conta de que ela tinha trocado, mas ele também. Podia-o ver em seus olhos. Havia algo diferente nele, algo que recordava de fazia muitos anos, quando se conheceram no campus da universidade. Um fogo em seus olhos que ardia com força a primeira vez que a beijou, com os braços ao redor de seu corpo e sua energia transmitindo-se através de Lissa.

Giselle gozou gritando algo em francês, e Lissa sorriu ante os sons daquele idioma tão romântico.

— Jê vienês!



As palavras eram muito mais bonitas em francês que em inglês, pensou Lissa. Deixou que os batimentos do coração do orgasmo de Giselle se estendessem por seu próprio corpo e se agarrou com força a sua companheira até que a sensação desapareceu. Logo a rodeou com seus braços e sentiu seu cabelo curto lhe acariciando o queixo, apalpou seus ossos sob a pele e desfrutou de seu aroma, fresco e limpo como a brisa da manhã.

Já era hora de ir-se. Quando o sol caiu sobre os lençóis, cobrindo o corpo de Giselle de luzes e sombras, Lissa se levantou da cama, beijou-a pela última vez nos lábios e desapareceu.

SEXTO LIVRO - OBRAS DE ARTE

Uma obra de arte sempre é produto de ter estado em perigo, de ter ido até o final de uma experiência, ali onde nenhum homem pode ir mais à frente.

RAINER Maíra RILKE

Capítulo Setenta e Três

Lissa sentia que tinha o controle. Tinha tomado uma decisão e agora se sentia mais relaxada do que jamais o tinha estado. Só tinha que atar os cabos soltos. Quando isso ocorre-se, então poderia seguir com sua vida.

Quando desceu do avião que a tinha levado de Paris a Londres, sentiu que alguém a observava e se voltou esperando encontrar-se com algum dos participantes naquele jogo: Colin?, Marcus?, Gina?, Giselle? Procurou entre a multidão um rosto que lhe resultasse familiar. Ninguém. E, entretanto, pôde sentir como homens e mulheres a olhavam ao passar. Talvez fora sua recém estreada confiança a que atraísse os olhares dos estranhos.

Passou-se uma mão pelo cabelo, recém cortados, e se acariciou a nuca. Com aquele corte se sentia meio nua, sem poder esconder-se detras das grossas mechas de seu cabelo, mas era uma sensação agradável. Já não queria seguir escondendo-se. Já não queria ter que disfarçar seus desejos.

Para o encontro daquela manhã se pôs um traje negro, sóbrio e de corte masculino, e suas botas favoritas de salto alto. A altura não era algo secundário, mas sim a ajudava a controlar aquelas novas sensações que experimentava desde que tomou a decisão. Saiu do terminal do aeroporto, parou um táxi, deu a direção ao condutor e logo ficou cômoda.

Primeiro se ocuparia do Colin. Logo chegaria o turno ao Marcus.

Mais tarde já teria tempo de dormir.

Capítulo Setenta e Quatro

Quando Colin abriu a porta, Lissa deu um salto, assustada. Detrás dele, no saguão, havia uma estátua dela, uma das peças de cera. Certamente se tinha posto em contato com a galeria e Giselle a tinha enviado a Londres. Ali estava ela, dobrada em uma postura de ioga em um rincão da habitação, com o cabelo caindo sobre o rosto e o cu para a porta. Entrou no apartamento e em seguida viu a segunda escultura, aquela em que se cobria com uma manta, com um braço sobre a cabeça e os lábios abertos, placidamente dormida. Estava sobre o sofá, e a figura era o suficientemente realista como para que parecesse que era ela mesma tornando uma sesta um domingo pela tarde.

Mordeu-se o lábio inferior enquanto percorrendo a sala de estar com o olhar. Colin tinha comprado as sete versões de Lissa e as tinha repartido por toda a estadia, como se sua casa fosse a vitrini de um centro comercial. Sentiu uma sensação estranha e desagradável em seu interior.

Colin tinha estalado os dedos.

Quando lhe olhou, ele se limitou a baixar a cabeça e a olhá-la com olhos de cordeiro degolado, observando-a com os olhos entreabertos. Algo se tinha quebrado em seu interior, Lissa podia senti-lo, como também sentia que ambos sabiam que aquela visita não era mais que uma despedida.

Antes de que pudesse falar, Colin lhe fez um gesto para que avançasse e fechou a porta detrás dela. Lissa retrocedeu, com as costas contra a porta, sem querer dar nem um passo mais.

— Uma taça? — perguntou ele, dirigindo-se rapidamente para o móvel bar e lhe servindo uma antes de que tivesse tempo de reagir. Quando ela negou com a cabeça, Colin apurou a bebida de um só gole e se estremeceu pela sensação de calor em sua garganta — Tem lido minha carta? — perguntou.

Ela assentiu, encontrando finalmente sua voz.

— Sim.

— Assim que o entende tudo.

— Sim — respondeu outra vez, enquanto pela extremidade do olho se via si mesmo em posição de caminhar, como se avançasse em direção à habitação, talvez em busca da pá ou de algum vibrador. Colin havia coberto a escultura com sua roupa interior, um espartilho negro e umas meias de malha. Era estranho ver-se a si mesmo por todo o apartamento quando sabia que em realidade estava a ponto de partir para sempre. Em certo sentido, ali sempre estariam juntos.

— E retornaste...? — perguntou ele, e sua voz se quebrou em uma nota de esperança.

Lissa negou com a cabeça.

— Colin, não posso... — Queria continuar, lhe explicar suas razões e lhe pedir também algumas explicações, mas ele não a deixou.

— Então que se foda. — Não levantou a voz, mas sim o disse como se lhe estivesse desejando boa sorte. Mas então lançou o copo contra a parede com tal força que a fez tremer. As partes de cristal caíram ao chão e ali ficaram, brilhando como se fossem diamantes. Colin repetiu as palavras lentamente, como se as arrancasse de seu interior e logo as cuspiu — Que se foda.

Lissa lhe olhou, desconcertada. Nunca a tinha insultado, nem lhe tinha ouvido dizer um palavrão. Em todo o tempo que tinham passado juntos, jamais lhe tinha levantado a voz, nem sequer durante as sessões de sexo mais intensas. Agora que a insultava, as palavras soavam estranhas em sua boca. Era como ver um filme mau dublado, em que além disso era incapaz de seguir o argumento.

— Por Deus, Lissa. Não me deixe...

Aquilo não tinha nenhum sentido. Amaldiçoava-a e ao mesmo tempo queria que ficasse com ele, quando tudo o que tinha feito no passado tinha sido para afastá-la. Teve que fazer um esforço para poder mover-se e avançar para onde estava Colin, apoiado contra a parede e olhando-a com olhos chorosos. Levantou uma mão e lhe apartou uma mecha de cabelo do rosto, mas aquele era um gesto falso. Ela deveria ter sido a que chorasse e ele deveria ter atuado como o amante pormenorizado. Ao menos assim era como tinham sido sempre as coisas entre eles.

Colin apartou sua mão de um golpe.

— Por favor... — repetiu de novo, esta vez sem olhá-la aos olhos. Lissa sabia que ele era incapaz de implorar e que aquilo lhe estava matando por dentro. Entendia-o e entretanto não sentia nada a respeito.

— Não era mais que um jogo — lhe recordou Lissa — E ganhaste. Por que não pode aceitá-lo?

Colin se tampou o rosto com as mãos e se deixou cair ao chão com as costas pega à parede. Lissa, impertérrita, viu as rugas na camisa, o pescoço aberto e as calças sem engomar. Nunca antes lhe tinha visto assim. Parecia uma versão fracassada de seu antigo eu.

Detrás dele, na parede, pendurava um retrato que não tinha visto antes. Seus olhos se detiveram nele e não pôde evitar levar uma mão à boca. Era uma foto dela, em pleno clímax, com os olhos fechados e os lábios abertos. Quando tinha tomado aquela imagem? Não conseguia entender o que estava passando, mas sentiu que aquele homem não era mais que um desconhecido para ela.

— Lissa, por favor... — implorou, e de repente rompeu a chorar.

Ali estava o que tinha sido seu amo e senhor durante os últimos seis meses, chorando como um menino, o caçador caçado que se quebrava entre suas mãos como uma peça de porcelana fina. A

ironia era tão evidente que Lissa esteve a ponto de sorrir, mas se conteve.

— Por favor... — repetiu Colin de novo, e ela pôde ouvir aquelas palavras em sua própria voz, como um eco da memória, suplicando por tudo e por nada. Prazer. Alívio. Mais. Isso era o que ele tinha querido, entendeu-o perfeitamente, como se de repente tivesse sido capaz de decifrar um novo idioma. Ele não a queria. Não queria amor. Simplesmente queria mais.

— Tenho que ir— disse ela. Passou frente à réplica de si mesmo sentada à mesa de jantar. Ao menos tinha aquelas figuras para recordá-la. imaginou ao Colin esfregando-se contra a brilhante superfície de cera. Talvez gostasse da sensação de tê-la ali com ele para sempre, ou possivelmente sofresse sabendo que já não voltaria nunca. Não tinha importância. Já não queria voltar a preocupar-se com ele.

A escultura que havia junto à porta levava sua aliança de bodas posta. Surpreendida, Lissa recuperou o anel e fechou a mão a seu redor. Detrás dela, Colin emitiu um gemido, como o de um animal ferido, um som rouco e agudo que provinha das profundidades de sua garganta.

Capítulo Setenta e Cinco

Marcus esperava de pé no centro do pátio, rodeado de figuras de ferro. Em outras circunstâncias, perguntou-se qual era o significado daquela obra durante um segundo, justo antes de decidir que lhe parecia horrorosa, que não tinha nenhum sentido, não mais que um montão de brinquedos infantis pulverizados pelo chão.

Leu o folheto que tinha pego no balcão da entrada. Pelo visto, todas as figuras eram cópias do artista. Normalmente tivesse atacado ao artista por semelhante amostra de egocentrismo. Deus, como alguém podiagostar daquilo?

Entretanto, esse dia era diferente. Armado com uma nova perspectiva, esperando encontrar-se com a Lissa no lugar marcado, tratou de ver as figuras através dos olhos dela. Imaginou sua voz a partir de lembranças, de outras situações distintas. Recordou a luz que brilhava em seus olhos cinzas quando falava de suas obras favoritas. Por que alguma vez lhe tinha emprestado atenção? por que não tinha tentado aprender dela? A sua era uma mente analítica, o qual não queria dizer que tivesse que ser imune à arte.

Talvez tinha sentido medo a equivocar-se. Agora que tinha estado a ponto de perdê-la já não pensava que o medo fosse algo racional. Tinha que ir atrás daquilo que queria, sem importar o que custasse, sem importar que pudesse sentir-se como um estúpido. Ao inferno com a falsa modéstia.

Enquanto lia o folheto, imaginou que era ela a que lhe descrevia a peça. Sessenta reproduções do artista, doze formas distintas. Olhou a seu redor. Muitas das figuras masculinas penduravam de barriga para baixo do teto do museu. Gostava, por algo se começava. Não entendia a obra, mas tinha encontrado algo que gostava. Lissa sempre dizia que aquele era o primeiro passo para entender a arte: encontrar algo que lhe comova pela razão que seja e começar daí.

Os homens de ferro que descansavam sobre o chão não gostou, mas lhe ocorreu algo olhando aos que penduravam de barriga para baixo. Imaginou a Lissa suspensa pelos tornozelos, suspensa do teto de sua habitação sobre a enorme cama de matrimônio. Havia tantas coisas que podiam fazer agora os dois juntos... A porta estava totalmente aberta. Pensou nas últimas fotos que Colin lhe tinha feito chegar. Cada uma era mais obscena que a anterior, mas em sua opinião era arte, mais evocador que Monet ou Matisse. Tudo dependia do espectador, verdade? Isso também o tinha ensinado ela.

Ouviu o som de seus passos a suas costas e se voltou. Conhecia sua forma de andar, o ruído de seus saltos contra o pavimento. Algo que sempre lhe tinha cativado nela era que andava como se

sempre tivesse um objetivo. Inclusive quando passeava seguia uma linha reta e definida, com passos largos, dilatados. Adorava vê-la em movimento, mas agora, ao ver-seum ao outro, deteve-se em seco e a olhou aos olhos.

Por que não dizia nada? Acaso estava apaixonada pelo Colin? Pensava pôr ponto e final a sua relação?

Esperou. « Vêem comigo! — rogou-lhe em silêncio — Por favor. Se der um passo à frente, tudo irá bem.» Nem sequerpreendeu a si mesmo por ter suplicado. Esta vez, não.

Lissa inclinou a cabeça para frente e ele se fixou em sua postura, com a cabeça agachada, sem querer lhe olhar aos olhos.

— Lissa. — Algo na voz do Marcus fez que levantasse o olhar do chão. Em seus olhos brilhava aquela luz que fazia tanto tempo que lhes faltava — Lissa. — Repetiu seu nome de novo e ela, como se tivesse medo de que saísse correndo, deu um passo e se deixou cair entre seus braços, com a cabeça sobre seu peito, e rompeu a chorar.

— Agora não — sussurrou Marcus — Já não tem por que chorar.

Lissa se aferrava ao Marcus, sem saber muito bem como processar tantos sentimentos. Inclusive depois da estranha confrontação com o Colin, tinha ido ao encontro com seu marido sentindo-se muito segura de si mesmo. Mas agora, ao lhe ver, com a cabeça sobre seu forte peito, não pôde conter as lágrimas.

Sabia que era ele desde o começo? Talvez. Pode que uma parte de seu cérebro tivesse estado alerta, guardando o segredo intencionalmente a boa cobrança. Do encontro em Paris, tinha tratado de decifrar o planocompleto. Algumas parte tinham sentido. Tinha encontrado seu diário eletrônico e descoberto assim as fantasias que guardava em segredo desde fazia anos. Depois de saber o que queria, Marcus tinha convertido todas as fantasias em realidade, ao menos a sua maneira. Entretanto, ainda havia um milhão de perguntas sem resposta, como por quepartiu depoisde Amsterdam por que não lhe tinha revelado então sua identidade?

Levantou a cabeça para lhe olhar aos olhos, pronta para falar, mas se deteve. Percorreu o contorno de seu rosto com os dedos. Seus escuros olhos a observavam e de repente soube que já não necessitava respostas. Quão único precisava saber era que aquele encontro era o correto. Abriu a boca e pronunciou exatamente as mesmas palavras que havia dito ao Colin o dia em que se conheceram: «Sinto muito.»

Eram aquelas palavras a primeira coisa que Lissa dizia sempre? Não, Marcus recordava aquele primeiro encontro na universidade. Ele a tinha visto pelo campus, mas nunca se atreveu a lhe dizer nada, embora lhe tivesse gostado. Tinha sido ela a primeira em falar, um dia junto à biblioteca, para lhe perguntar por um sala-de-aula que não conseguia encontrar. Então também se desculpou. «Sinto muito, tem idéia de onde...?» «Sinto muito», sempre pedindo perdão por coisas que não eram

culpa dela.

Marcus a sujeitou com força entre seus braços. Quanto tinha sentido falta da sensação daquele corpo contra o seu...! Agarrou-a dos braços e a apartou um pouco para poder olhá-la. Deus, tinha sentido saudades de seu rosto, as linhas que a definiam, o brilho prateado de seus olhos. Ninguém tinha uns olhos como aqueles. Olhos de lobo. Não era assim como a chamava quando iam à universidade? por que lhe parecia que fazia tanto tempo que não se olhavam? Nesse aspecto, Colin tinha toda a razão. Às vezes sentimos falta de coisas que sempre tivemos ao alcance e não somos capazes de ver as necessidades de alguém porque damos por sentado que essa pessoa estará sempre conosco.

— Sinto muito... — repetiu Lissa de novo, e Marcus soube que estava a ponto de lhe confessar tudo o que tinha feito os últimos seis meses com o Colin. Evidentemente, ele já conhecia todos os detalhes. Não necessitava que os descrevesse, ao menos não agora. Teriam tempo de sobra para falar quando ela estivesse atada à cama e ele preparado para interpretar o papel de seu confessor. E seu carrasco.

— Lissa — lhe disse brandamente — que bonita é.

Ela tragou saliva e baixou o olhar até o chão com um gesto adorável.

— Não o sinta — continuou, olhando uma última vez para as estátuas antes de centrar-se em seus olhos. Aqueles olhos, de uma brilhante cor cinza, continham todas as promessas que necessitava e lhe faziam estar seguro de que tinha tomado a decisão correta. Beijou-a no pescoço e lhe sussurrou ao ouvido, para que Lissa soubesse que era sua para toda a vida. Daria-lhe algo que quisesse ou que necessitasse. Desde esse momento eram uma equipe.

— Não o sinta agora, Lissa — murmurou — Espera a que seja um pouco mais tarde.

Quando se separou dela, Lissa lhe estava olhando aos olhos. Em seus lábios se formou um sorriso e Marcus soube que tinha entendido perfeitamente suas palavras, que deixar Londres não era o final de sua história, a não ser só o princípio.

Fim